

Projeto Electroteen

Rotinas, reflexividade e mudança no consumo de energia associado ao uso dos media eletrónicos pelos adolescentes em tempo de escassez

Relatório científico

Ana Horta
Augusta Correia
Susana Fonseca
Nélia Nobre
Mónica Truninger

Projeto EXPL/IVC-SOC/2340/2013
2015

Copyright: Andrey Kiselev / 123RF Stock Photo

Índice

Introdução	4
Metodologia	10
Plano de investigação	11
Caracterização das amostras	14
Os media eletrónicos nos lares portugueses	18
Contexto sociotécnico	19
Evolução da posse de media eletrónicos	22
Evolução dos padrões de uso	27
Utilização dos media eletrónicos pelos adolescentes	33
Consumo doméstico de energia associado aos media eletrónicos	37
Famílias, adolescentes e energia: releitura do projeto “Net Zero Energy School”	45
Media eletrónicos e consumo de energia nas práticas quotidianas dos adolescentes	53
Integração dos media eletrónicos nas rotinas diárias	54
Envolvimento, interação social e significados associados aos media eletrónicos	60
Competências e hábitos incorporados relacionados com o consumo de energia	69
Paralelismos e desigualdades sociodemográficas	80
Conclusão	86
Referências	91
Fontes	91
Bibliografia	93
Anexos	96
Anexo I. Questionário	97
Anexo II. Principais resultados do inquérito aos alunos	102
Acesso aos media eletrónicos em casa	103
Media eletrónicos que têm em casa ou só para si próprios	103
Frequência da utilização de media eletrónicos	116
Intensidade da utilização dos media eletrónicos	122
Locais de utilização dos media eletrónicos	127
Idade de acesso à internet em casa e ao primeiro telemóvel	139
Envolvimento, interação e significados associados aos media eletrónicos	143
Competências e hábitos incorporados relacionados com o consumo de energia	158
Anexo III. Retratos sociológicos	171
1º retrato	173

2º retrato	176
3º retrato	177
4º retrato	181
5º retrato	183
6º retrato	185
7º retrato	188
8º retrato	191

Introdução

As novas tecnologias da informação e comunicação tendem a ser consideradas um símbolo do progresso e do elevado nível de desenvolvimento alcançado pelas sociedades contemporâneas. Tendem inclusivamente a ser vistas como parte da solução tecnológica para alguns problemas ambientais, como é o caso da redução de emissões de gases com efeito de estufa, ao permitirem por exemplo evitar algumas deslocações e assim reduzir o consumo de combustíveis fósseis. Muito frequentemente são também consideradas tecnologias que podem contribuir para fornecer informação (inclusivamente sobre os consumos dos seus utilizadores, através dos chamados smart meters) e promover a participação cívica relativamente à proteção do ambiente. Num relatório recente da OCDE, por exemplo, considera-se que as tecnologias da informação e comunicação são um potenciador-chave do “crescimento verde” em todos os setores da economia (OCDE, 2010).

No entanto, as tecnologias da informação e comunicação têm, na verdade, uma considerável pegada ecológica. É um facto que, em termos globais, os impactos ambientais destas tecnologias são tão complexos que ainda não foram claramente avaliados (Ropke, 2012; Malmodin et al., 2014). Contudo, tem sido observado que, desde as fases de extração e processamento de recursos minerais raros que são necessários ao fabrico destas tecnologias, à sua eliminação no final do ciclo de vida destes produtos, estas tecnologias estão associadas a níveis significativos de consumo de energia, emissões de CO₂, exposição a substâncias poluentes e perigosas para a saúde e produção de lixo eletrónico. Este contexto é ainda agravado pelo rápido ritmo de substituição destes equipamentos por modelos mais recentes, bem como pelo crescente armazenamento e circulação de dados através de centros de computação (as chamadas “nuvens”) que por sua vez exigem elevados consumos energéticos para alimentar e arrefecer os servidores (Plepys, 2002; Berkhout e Hertin, 2004; Fuchs, 2008; Ongondo et al., 2011; Williams, 2011; Ropke e Christensen, 2012; Arushanyan et al., 2014; Heddeghem et al., 2014). Embora no caso de alguns destes produtos (telemóveis, por exemplo) a maior parte do consumo de energia e emissões de CO₂ que lhes estão associados decorram sobretudo da fase de fabrico, em muitos outros casos (como o dos televisores) estes impactos ambientais decorrem principalmente da sua fase de utilização (Malmodin et al., 2010; Arushanyan et al., 2014).

Tal como referido em diversos estudos, o impacto ambiental destas tecnologias tende assim a aumentar significativamente nos próximos anos (CE, 2014a). Um estudo encomendado pela Comissão Europeia permitiu avaliar que em 2005 a utilização final dos equipamentos e serviços das tecnologias de informação e comunicação representaram 2% do total das emissões de carbono e cerca de 8% do total do consumo de eletricidade nos 25 países da União Europeia e que, num cenário de business-as-usual, em 2020 o setor destas tecnologias poderia representar 4% das emissões de CO₂ e 11% do total do consumo de eletricidade nesses 25 países da União Europeia (CE, 2008). Nas conclusões deste estudo sublinhava-se que o crescimento do número de equipamentos, bem como das infraestruturas de rede, em combinação com a sua crescente utilização, iriam conduzir a um “crescimento significativo da pegada de carbono do setor”, não obstante o desenvolvimento de tecnologias energeticamente mais eficientes e da tendência para a miniaturização destes equipamentos (CE, 2008: 7). Num relatório recente da Agência Internacional da Energia foi reafirmada a projeção de que a procura global de energia associada

O impacto ambiental das tecnologias de informação e comunicação tende a aumentar nos próximos anos.

às tecnologias de informação e comunicação irá continuar a crescer a um ritmo acelerado, tendo em 2013 representado 8% da procura de eletricidade a nível global, ultrapassando o consumo total de eletricidade de um país como a Alemanha (IEA, 2014), que é o maior consumidor de energia da União Europeia. Por outro lado, a taxa de crescimento do consumo elétrico associado às redes de comunicação, computadores pessoais e centros de dados foi estimada em 7% anuais (Heddeghem et al., 2014).

Considerando apenas o consumo de eletricidade nas habitações familiares relacionado com estas tecnologias, verifica-se não só que este tem crescido rápida e significativamente, como estima-se que venha a tornar-se parte substancial da energia consumida em casa (Crosbie, 2008; Bertoldi et al., 2012), tendo-se previsto que duplique até 2020 (IEA, 2009). Efetivamente, a eletricidade gasta só pelos computadores nas casas do Reino Unido aumentou pelo menos 60% de 1990 para 2012 (Terry e Palmer, 2015). Acresce que, se não fosse pela utilização das tecnologias, seria expectável que as tendências de consumo de eletricidade neste setor estivessem em declínio (Ropke et al., 2010; Ropke, 2012). Assim, apesar dos melhoramentos tecnológicos ao nível da eficiência energética, estas tecnologias parecem tender a tornar-se uma componente relevante do consumo elétrico nas habitações.

O aumento do consumo energético associado às tecnologias da informação e comunicação parece dever-se sobretudo ao crescimento quer da posse quer da utilização destes equipamentos, sendo que ambos tendem a acontecer de forma cumulativa, ou seja,

frequentemente a aquisição de novos aparelhos não substitui equipamentos anteriores, vindo antes juntar-se aos que estão em funcionamento. Para além disso, foi observado que outras dimensões, como as infraestruturas, o design, os fornecedores de serviços ou o marketing também encorajam práticas de utilização crescentemente intensiva destas tecnologias (Crosbie, 2008). Efetivamente, quer fatores de ordem material – como a proliferação de pequenos dispositivos auxiliares de rede como boxes de televisão, modems e routers para internet sem fios ou ainda a existência de equipamentos que não têm um botão para desligar, compelindo ao recurso ao modo standby – quer fatores de ordem social – como a preferência dos consumidores por tecnologias que permitem mais velocidade e qualidade gráfica, sendo por isso mais exigentes em termos energéticos, o recurso à utilização da internet em múltiplas atividades ou o receio de perder as programações dos equipamentos se estes forem desligados em vez de ficar em standby – parecem influenciar as dinâmicas de consumo energético associado a estes dispositivos. No entanto, embora tenha sido observado que mudanças nas práticas quotidianas relacionadas com estas tecnologias podem aumentar consideravelmente a energia consumida, as implicações em termos energéticos do uso destes equipamentos na vida quotidiana não foram ainda adequadamente estudadas (Jensen et al., 2009; Ropke e Christensen, 2013).

No que diz respeito às implicações em termos ambientais das práticas de utilização destas tecnologias, torna-se especialmente interessante conhecer como os adolescentes se relacionam com estes dispositivos, uma vez que os jovens tendem a ter uma relevância crescente enquanto consumidores. Além disso, a cultura juvenil está na vanguarda da inovação cultural e tecnológica, pelo que a sua análise pode revelar tendências de utilização que influenciem outras gerações, assim como os seus próprios hábitos no futuro (Castells et al., 2007). Embora não haja ainda investigação aprofundada sobre esta temática, foi observado que os jovens tendem a ser responsáveis por parte significativa dos consumos energéticos das famílias, em parte devido a um uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação (Gram-Hanssen, 2005; IEE, 2009). Com efeito, a utilização destas tecnologias por parte dos adolescentes implica atualmente uma maior apropriação de recursos naturais do que no passado (Christensen e Ropke, 2010), o que torna os jovens um grupo-alvo preferencial das estratégias apontadas a reduzir o consumo energético (Christensen et al., 2014). Efetivamente, a geração atual de adolescentes tende a ter um acesso generalizado e sem precedentes a estas tecnologias, a que acresce o facto de os serviços prestados pelos media eletrónicos – como sejam estabelecimento de contacto, entretenimento, informação ou mesmo construção de identidade – tenderem a assumir grande relevância na sua vida quotidiana.

Com base nestas considerações, esta investigação centrou-se na análise da utilização dos media eletrónicos pelos adolescentes. O principal objetivo consistiu em caracterizar as práticas quotidianas de utilização destas tecnologias, de modo a compreender as implicações dessas práticas no consumo de energia destas tecnologias. Tratando-se de uma investigação sociológica, não se pretendeu avaliar ou medir o impacto destas práticas no consumo energético das famílias, mas antes identificar as diferentes configurações que estas práticas podem assumir, em como o modo como o consumo de energia faz parte do quotidiano dos adolescentes, procurando explicar que conjugações de fatores contribuem para a constituição, continuidade e mudança destas práticas.

A produção deste conhecimento permitirá informar decisores políticos, a indústria e outros agentes como efetivamente os utilizadores se apropriam destas tecnologias no que diz respeito ao consumo energético. Estes resultados poderão assim dar um contributo no sentido de adaptar a regulamentação bem como o design dos produtos aos fatores mais relevantes à efetiva configuração das práticas de consumo, de modo a ser possível alcançar níveis mais elevados de eficiência energética. Com efeito, uma vez que qualquer tecnologia é apropriada pelos seus utilizadores, os designers devem ter em consideração não só as suas próprias intenções e os resultados pretendidos relativamente aos seus produtos, mas igualmente os usos a que na prática estes estão sujeitos por parte dos consumidores (Verbeek, 2005).

Neste sentido foi adotada uma abordagem teórico-metodológica que apresenta vantagens analíticas relativamente às abordagens dominantes na investigação sociológica. Tendo como base as teorias da prática (Reckwitz, 2002; Warde, 2005; Gram-Hanssen, 2011; Shove et al., 2012; Wilhite, 2013), pretendeu-se relacionar as ações da vida quotidiana realizadas pelos indivíduos com os sistemas culturais, sociotécnicos e infraestruturas materiais, de modo a compreender melhor a complexidade dos modos como se configuram as práticas da vida quotidiana. Nesta perspetiva, as atividades que implicam consumo de energia através dos media eletrónicos são analisadas como performances construídas historicamente, moldadas por infraestruturas e objetos materiais, bem como por disposições institucionais e culturais, quotidianamente apropriadas pelos indivíduos de acordo com as suas competências e interpretações do que é normal, aceitável e desejável. De modo a procurar captar a complexidade destas práticas, procurou-se combinar metodologias de carácter quantitativo e qualitativo. Isto foi feito em primeiro lugar através de um inquérito realizado junto de jovens estudantes do ensino secundário e, seguidamente, através da realização de entrevistas individuais em profundidade, complementadas com entrevistas de grupo com amigos de alguns dos jovens entrevistados individualmente.

Esta investigação, cujo trabalho de campo decorreu entre Dezembro de 2014 e Abril de 2015, desenvolveu-se num contexto de crise económica. Os resultados deste projeto irão assim contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sobre as práticas de consumo dos adolescentes em especial em contextos de escassez económica. Efetivamente, este contexto afigura-se especialmente interessante como objeto de estudo. Após duas décadas de rápida modernização e crescimento, a sociedade portuguesa confronta-se agora com acentuadas restrições económicas, políticas de austeridade duradoura e quebra nas aspirações sociais relativamente ao desenvolvimento e qualidade de vida. Neste contexto, a escassez económica é agravada por mudanças no setor energético, dada a tendência de aumento dos preços da eletricidade, gás e combustíveis num mercado liberalizado mas dominado por poucas empresas.

Apesar da relevância dos problemas relacionados com a produção e consumo de energia nas sociedades contemporâneas, as ciências sociais desvalorizaram durante muito tempo as questões energéticas (Horta et al., 2014). No entanto, diversos desafios sociais, como a necessidade de redução das emissões de gases com efeito de estufa, a mitigação das alterações climáticas ou a elevada dependência externa de energias fósseis, têm colocado as questões energéticas no centro das agendas políticas internacionais, conduzindo à adoção de compromissos europeus no sentido da promoção da eficiência energética e de uma transição para economias menos baseadas no carbono. A necessidade de mais conhecimento sobre estas questões exige mais investigação em sociologia (Spreng et al., 2012). Neste sentido, esta investigação teve como propósito contribuir para preencher lacunas no conhecimento a respeito dos desafios associados ao consumo de energia ao nível das famílias, em particular num contexto social de escassez e mudança como este em que Portugal atualmente se encontra.

Sendo ainda incipiente a investigação em ciências sociais sobre as questões energéticas de um modo geral, o desenvolvimento deste projeto beneficiou da experiência de investigação dos membros da equipa nesta área, tendo tido como ponto de partida o conhecimento produzido no âmbito de um projeto interdisciplinar no qual tinham participado três dos membros desta equipa de investigação. Este projeto, designado "Net Zero Energy School: Reaching the Community", foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (contrato MIT-Pt/SES-SUES/0037/2008) e desenvolveu-se entre 2009 e 2013, tendo-se centrado na promoção da eficiência energética numa escola e o seu impacto nas famílias dos alunos. Neste projeto observou-se que as famílias portuguesas inquiridas reconhecem a relevância do consumo doméstico de energia levado a cabo pelos adolescentes de um modo geral e, em particular, associado à sua intensa utilização dos equipamentos de informação, comunicação e

entretenimento, sobretudo devido ao forte envolvimento dos adolescentes com estas tecnologias (Schmidt et al., 2014). Inspirando-se nestes resultados e face à escassez de estudos relativamente aos jovens como consumidores de energia, foi desenvolvido o projeto de investigação cujos resultados são apresentados neste relatório.

Esta investigação, designada "Rotinas, reflexividade e mudança no consumo de energia associado ao uso dos media eletrónicos pelos adolescentes em tempo de escassez", foi igualmente financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, sob o contrato EXPL/IVC-SOC/2340/2013, no âmbito de um concurso para financiamento de projetos exploratórios em todas as áreas científicas. O projeto decorreu entre Abril de 2014 e Junho de 2015, tendo sido desenvolvido no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

No presente relatório reúnem-se os principais resultados desta investigação. No primeiro capítulo, de carácter metodológico, apresenta-se o plano de investigação e caracteriza-se as amostras de adolescentes. Segue-se um capítulo acerca da evolução dos media eletrónicos nos lares portugueses, considerando-se quer o contexto sociotécnico, quer o acesso dos portugueses a estes equipamentos, bem como os padrões de uso. Procura-se ainda caracterizar a utilização destes equipamentos pelos adolescentes. No capítulo seguinte refere-se a evolução do consumo de energia associado aos media eletrónicos. De seguida faz-se uma releitura dos resultados de um projeto de investigação anterior onde foram analisadas as atitudes e comportamentos face ao consumo de energia de famílias de adolescentes de uma escola de Lisboa. No capítulo seguinte apresentam-se os principais resultados empíricos obtidos, conjugando-se os dados das diversas técnicas utilizadas. Tratando-se de uma síntese, nos anexos estão incluídas descrições detalhadas dos resultados do inquérito e um conjunto de retratos sociológicos traçados com base nas entrevistas realizadas.

Metodologia

Tendo como objetivo central analisar as práticas de utilização dos media eletrónicos pelos adolescentes de modo a entender as implicações dessas práticas no consumo de energia destas tecnologias, foi desenvolvido um plano de investigação com vista a identificar as diferentes configurações que estas práticas podem assumir, bem como os fatores que contribuem para a sua constituição, continuidade e mudança.

Neste sentido, a investigação adotou uma perspetiva teórica inspirada nas teorias da prática (Reckwitz, 2002; Warde, 2005; Gram-Hanssen, 2011; Shove et al., 2012; Wilhite, 2013) para analisar as atividades quotidianas dos adolescentes que estão relacionadas com os media eletrónicos. Nesta perspetiva, as práticas são analisadas como estando inseridas em dinâmicas sociais e em contextos históricos e materiais específicos. Esta perspetiva teórica permite compreender a complexidade das práticas desempenhadas pelos indivíduos ao examinar como evoluem elementos tais como os materiais (tecnologias), as competências (habilidades, know-how) e os significados (normas, convenções, expectativas) que constituem essas práticas. Procura-se assim analisar de que modos são postas em ação ("enacted"), sob a forma de padrões de práticas, diferentes configurações destes elementos (Shove et al., 2012).

Ao analisar-se o conjunto das práticas focadas direta ou indiretamente nos media eletrónicos torna-se possível compreender como estes estão inseridos na vida quotidiana e são constitutivos de rotinas em culturas contemporâneas mediaticamente saturadas (Couldry, 2004). Tratando-se de práticas que são muitas vezes inconspícuas, ou seja, atividades realizadas de modo banal e mais ou menos impercetível, e simultaneamente estão associadas a equipamentos eletrónicos, têm implicações em termos de consumo de energia que podem ser inesperadas ou mesmo desconhecidas por parte dos utilizadores.

A maior parte dos estudos existentes sobre jovens e energia insere-se no âmbito da investigação sobre educação ambiental, centrando-se nas atitudes individuais e na literacia sobre questões energéticas. Nesta perspetiva, a sensibilidade dos jovens para os problemas ambientais e o seu conhecimento relativamente às questões energéticas tendem a ser considerados alavancas para o desenvolvimento da sua capacidade de ação no sentido da conservação de energia (Schmidt et al., 2014). No entanto, apesar de tenderem a exibir elevados níveis de preocupação relativamente aos problemas ambientais, tem-se verificado que os jovens revelam-se crescentemente "paralisados" e impotentes face à sua capacidade de agir no sentido da proteção ambiental (Ballantyne et al., 2006). Esta brecha entre o que se pensa e o que se faz

consiste no chamado gap entre as atitudes e os comportamentos relativamente ao ambiente que, tal como notado por Elizabeth Shove (2010), representa uma falha na maioria das políticas e modelos que atualmente visam a mudança social, uma vez que estes baseiam-se na assunção de que a adoção de comportamentos pró-ambientais depende das atitudes individuais e de escolhas racionais. A adoção da perspetiva das teorias da prática permite ultrapassar esta falha na medida em que se foca no que efetivamente é feito pelos indivíduos, sem ignorar uma multiplicidade de fatores (inclusivamente de carácter material) que contribuem para a configuração desses comportamentos.

Procurando aplicar as teorias da prática ao estudo empírico do consumo energético, Gram-Hanssen (2011) propôs considerar na análise os seguintes elementos coletivamente partilhados e que se apresentam como os mais adequados à compreensão das práticas de consumo energético dos agregados domésticos: know-how e hábitos incorporados; conhecimento institucionalizado e regras explícitas; compromissos (“engagements”); e tecnologias. Uma quinta componente que recentemente alguns autores sugeriram adicionar à análise diz respeito às interações sociais em torno das práticas, na medida em que estas contribuem para o entendimento de como as práticas evoluem (Truninger 2011; Bartiaux 2012). A inclusão desta dimensão de análise parece fazer especial sentido nesta investigação uma vez que os adolescentes se encontram num período da vida em que estão particularmente disponíveis para interagir com os seus grupos de pares, sendo aliás estas tecnologias muitas vezes utilizadas precisamente com esse propósito.

A análise de como estes elementos são correntemente apropriados e integrados pelos adolescentes na sua vida quotidiana contribuirá para compreender o consumo de eletricidade resultante das práticas de uso dos media eletrónicos. Além disso, no atual contexto de escassez económica, importa igualmente analisar se os efeitos da crise se refletem de algum modo nestas práticas e, eventualmente, na reflexividade dos jovens acerca dos seus consumos.

Plano de investigação

Tendo em conta estes objetivos e pressupostos teóricos, a investigação centrou-se na análise das práticas de utilização dos media eletrónicos por parte de adolescentes. Dado tratar-se de um projeto exploratório a desenvolver no prazo de um ano, e também devido às limitações em termos dos recursos financeiros e humanos disponíveis, a investigação circunscreveu-se à zona de Lisboa.

De forma a recrutar uma amostra de adolescentes, decidiu-se contactar as escolas com ensino secundário de Lisboa. Nos casos em que as direções das escolas estejam disponíveis para colaborar, esta opção tem não só a vantagem de permitir aceder a um grande número de jovens como facilita o contacto com os pais que, no caso dos menores de idade, devem autorizar a participação dos filhos. Esta opção era também importante para concretizar um outro objetivo do projeto, que consistia na realização de um seminário de divulgação dos resultados e sensibilização dos jovens para o tema.

Apesar de o projeto ter um carácter predominantemente qualitativo, de forma a obter informação mais rica, procurou-se incluir no plano de investigação uma abordagem extensiva, pelo que o projeto combina metodologias de carácter qualitativo e quantitativo, incluindo a aplicação de um inquérito por questionário e entrevistas, individuais e em grupo, com adolescentes.

O inquérito consistiu num questionário breve, complementar à realização de entrevistas, tendo como principais objetivos recolher informação quantitativa sobre a posse de media eletrónicos e o acesso à internet, a frequência, o tempo e os locais de utilização destas tecnologias, o envolvimento relativamente a estes dispositivos e hábitos e competências relacionados com o consumo de energia por parte destes equipamentos. Uma secção final do inquérito incluía ainda perguntas sobre a escolaridade e condição profissional dos pais, de modo a permitir uma caracterização socioeconómica dos alunos inquiridos. Uma vez que a aplicação do questionário devia ocorrer durante as aulas, e de modo a prejudicar o mínimo possível as atividades letivas, o número de perguntas foi reduzido ao essencial. A formulação das perguntas foi revista com base na realização de um pré-teste do questionário. O questionário final pode consultar-se no Anexo I. Os alunos responderam ao questionário em papel e, à exceção de poucos casos, tiveram sempre à disposição um dos membros da equipa para esclarecer eventuais dúvidas sobre as perguntas. Em média a duração da aplicação do questionário durou pouco mais de 20 minutos, tendo nalgumas turmas sido utilizado mais tempo.

As entrevistas individuais tinham como objetivo principal recolher informação em profundidade sobre um conjunto de temáticas, como a integração dos media eletrónicos na vida quotidiana dos entrevistados, incluindo a atual posse e acesso, mas também o historial de experiências e dispositivos que tiveram anteriormente, bem como as rotinas de utilização, seja em tempo de escola, seja em férias e aos fins-de-semana. Uma outra temática das entrevistas consistiu nos significados que os entrevistados associam aos media eletrónicos e no que pensam que estes representam para as gerações mais novas e mais velhas. As competências de utilização dos media eletrónicos, sobretudo as que estão mais diretamente relacionadas com o consumo de

energia foram também abordadas, tendo-se ainda procurado caracterizar as práticas familiares relacionadas com o consumo doméstico de energia. Os efeitos da crise económica e suas eventuais consequências na utilização destes equipamentos foram também abordados. Duas outras temáticas incluídas nas entrevistas diziam respeito aos riscos e problemas ambientais associados a estas tecnologias e – procurando incentivar a reflexividade dos entrevistados – sugestões que poderiam dar a outros utilizadores e a fabricantes no sentido de reduzir o consumo de energia por parte destas tecnologias. Em média as entrevistas duraram 104 minutos, tendo no máximo durado 155 e no mínimo 73 minutos.

No que diz respeito às entrevistas em grupo, após uma análise preliminar das entrevistas individuais e dos resultados do inquérito, decidiu-se centrá-las nas seguintes temáticas: opiniões sobre as formas como os adolescentes utilizam os media eletrónicos; opiniões sobre os fatores que explicam estas práticas; impacto da crise na utilização dos media eletrónicos; opiniões sobre como poderá ser a utilização dos media eletrónicos no futuro; opiniões sobre o consumo de energia associado aos media eletrónicos no futuro; e opiniões sobre a forma como as pessoas atualmente gastam energia. Estas entrevistas duraram em média 109 minutos, tendo no máximo durado 160 e no mínimo 88 minutos.

Uma vez que esta investigação diz respeito às práticas e opiniões de adolescentes, foram tomados especiais cuidados pelo facto de muitos dos indivíduos que participaram serem menores de idade. Na medida em que se recorreu a escolas secundárias como locais privilegiados para contactar e observar estes indivíduos, procurou-se agir de acordo com o estabelecido na lei. Assim, a aplicação do questionário foi previamente autorizada pela Direção Geral da Educação. Em articulação com as direções das escolas e os professores que aceitaram participar na investigação, os pais ou encarregados de educação dos alunos das turmas em que seria aplicado o inquérito foram contactados por escrito com vista a autorizarem os alunos menores de idade a responder ao inquérito. Antes da aplicação do questionário, foi igualmente solicitado o consentimento informado dos alunos, tendo-lhes sido garantido o anonimato e a confidencialidade, proteção e segurança dos dados. Os alunos que responderam ao inquérito foram convidados a participar na realização de entrevistas. Os pais dos alunos que se voluntariaram, sendo menores de idade, foram novamente contactados por escrito no sentido de serem informados e de autorizarem, caso assim entendessem, os filhos a participar. Todas as entrevistas tiveram lugar em salas de reuniões do Instituto de Ciências Sociais, à exceção das realizadas com os alunos da escola privada, que decorreram em salas da própria escola. Antes do início de cada entrevista foi solicitado o consentimento informado dos sujeitos, tendo-lhes sido garantido o anonimato e a confidencialidade, proteção e segurança dos dados.

Caracterização das amostras

De acordo com os objetivos do projeto, decidiu-se que a população alvo da investigação abrangeria os alunos a frequentar do 9º ao 12º ano de escolaridade, o que inclui jovens maioritariamente entre os 14 e os 19 anos. Este intervalo de idades parece corresponder de forma relativamente consensual ao que se considera ser a adolescência. No entanto, o facto de se ter estabelecido a frequência daqueles anos de escolaridade como critério para selecionar os indivíduos a inquirir, conduziu a que alguns indivíduos com mais de 19 anos que se encontravam a frequentar as turmas em que o inquérito foi aplicado fossem igualmente incluídos na amostra. Apesar de ser discutível se estes jovens devem ser considerados adolescentes, foi decidido manter estes casos na amostra. Sendo a adolescência uma fase da vida que consiste na transição entre a infância e a idade adulta, estes jovens não parecem encontrar-se ainda na vida adulta uma vez que continuam a estudar no ensino secundário e permanecem dependentes dos pais e a coabitar com eles. Com efeito, segundo o especialista Laurence Steinberg (2014), mudanças sociais mas também desenvolvimentos nas ciências cognitivas têm conduzido a que atualmente seja apropriado considerar a adolescência como uma fase mais prolongada, iniciando-se mais cedo e terminando mais tarde que nunca, pelo que no seu livro mais recente considera a adolescência como estendendo-se dos 10 aos 25 anos.

A investigação envolveu a participação de três escolas da cidade de Lisboa com perfis bastante diferenciados. Desta forma procurou-se garantir a maior diversidade possível da amostra. Duas das escolas são públicas, sendo que neste ano letivo uma delas não administrou o ensino regular, mas apenas cursos do ensino vocacional e profissional, e a terceira escola é privada. Estas características das escolas, por si só, contribuem para uma elevada heterogeneidade das três populações discentes. Assim, enquanto as escolas públicas tendem a ser frequentadas por alunos de uma grande variedade de contextos socioeconómicos de origem, as escolas privadas, como é o caso desta, devido ao elevado custo das propinas tendem a reunir alunos provenientes de famílias socioeconomicamente favorecidas ou mesmo de elite. Acresce que pelo facto de uma destas escolas públicas apenas ter alunos inscritos no ensino vocacional e profissional, os alunos desta escola tendem a ser provenientes de famílias mais desfavorecidas. Com efeito, estes cursos, que visam favorecer a integração dos alunos no mercado de trabalho através da articulação com o sector empresarial – e sobretudo no caso do ensino vocacional, que visa captar jovens que já tiveram retenções e estão em risco de abandono escolar – tendem

a ser escolhidos por alunos provenientes de contextos mais desfavorecidos. Qualquer uma das três escolas acolhe alunos de diferentes áreas de Lisboa mas também residentes fora do concelho.

De modo a proteger o anonimato dos alunos que participaram na investigação, os nomes das escolas não são revelados. Uma das escolas, doravante designada “escola pública regular”, administra o ensino básico e secundário e diversos cursos profissionais. Os alunos são provenientes de contextos socioeconómicos bastante heterogéneos. A segunda escola, também pública, será aqui designada como “escola profissional” devido a administrar cursos vocacionais e profissionais. A sua população discente é tendencialmente desfavorecida. A terceira escola, que passa a ser designada como “escola privada”, administra desde o ensino pré-escolar ao 12º ano.

Dado o carácter exploratório da investigação, os seus recursos limitados e a complementaridade das abordagens quantitativa e qualitativa, decidiu-se que o inquérito seria aplicado em todas as turmas das três escolas que tivessem algum professor disponível para colaborar, isto é, para ceder parte da sua aula para a aplicação do questionário. Embora a amostra de alunos resultante deste processo não se trate de uma amostra representativa dos adolescentes de Lisboa, permite assegurar a diversidade dos alunos inquiridos e corresponde aos objetivos do projeto.

Assim, em articulação com as direções das escolas, procurou-se aplicar o inquérito em todas as turmas do 9º ao 12º ano das três escolas, o que foi possível no caso da escola privada. Uma vez que a aplicação do inquérito dependia da disponibilidade dos professores para abdicar de algum do seu tempo de aula, e tendo-se tratado de um ano letivo cujo início foi excecionalmente acidentado devido a alterações tardias na colocação dos professores, não foi possível incluir todas as turmas nos casos das escolas públicas. No caso da escola profissional, no período de aplicação do inquérito algumas turmas estavam em estágio fora da escola, pelo que não puderam ser incluídas na amostra. O facto de haver tipicamente um elevado nível de absentismo dos alunos neste tipo de cursos também contribuiu para que o número de alunos efetivamente inquiridos nesta escola fosse inferior ao previsto inicialmente.

No total foram inquiridos 748 alunos a frequentar do 9º ao 12º ano de escolaridade. Destes, 161 frequentavam o ensino básico, 361 estavam no ensino secundário, 180 no ensino profissional e 46 no ensino vocacional. Em síntese, a distribuição dos alunos inquiridos por ano letivo e por escola foi variável, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos alunos inquiridos por escola e por ano de escolaridade

	Escola pública regular	Escola pública profissional	Escola privada	Total
9º ano	74	46	87	207
10º ano	81	57	79	217
11º ano	70	26	65	161
12º ano	92	29	42	163
Total	317	158	273	748

Devido a uma maior proporção de rapazes a frequentar a escola profissional, no total da amostra há um número de indivíduos do género masculino ligeiramente superior ao de raparigas, representando estas 46% da amostra. Também devido à especificidade do ensino vocacional, que oferece uma alternativa ao ensino regular destinada especialmente a alunos com algum historial de insucesso escolar, nalguns casos a idade dos inquiridos ultrapassava os 20 anos. Assim, no que diz respeito à idade, o valor mínimo observado é 13 anos e o máximo é 22, sendo a idade média dos inquiridos 16 anos.

No que diz respeito à caracterização social do agregado familiar dos alunos, foi incluído no inquérito um conjunto de questões relativas ao grau de escolaridade mais elevado que a mãe e o pai completaram e à profissão e situação perante o trabalho da mãe e do pai. A esta informação foi aplicada a tipologia ACM, de acordo com Machado et al. (2003). Tal como estabelecido nesta tipologia de referência para a operacionalização das classes sociais em Portugal, recorreu-se a uma matriz de construção das categorias individuais de classe da mãe e do pai a partir dos indicadores profissão e situação na profissão. As profissões indicadas pelos inquiridos foram agrupadas em grandes grupos de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões 2010 (INE, 2011) e as repostas relativas à situação perante o trabalho dos pais foram agrupadas nas categorias patrões, trabalhadores por conta própria e trabalhadores por conta de outrem. Os indicadores individuais de classe da mãe e do pai foram seguidamente cruzados de acordo com a matriz proposta em Machado et al. (2003), de modo a determinar o indicador familiar de classe dos inquiridos. Num segundo momento, e adotando os procedimentos seguidos no inquérito aos alunos do projeto Net Zero Energy School (Rebello et al., 2011), estes indicadores foram agrupados em três classes, que correspondem aos empresários, dirigentes e profissionais liberais; aos profissionais e técnicos de enquadramento; e aos empregados executantes. Por uma questão prática, estas três classes são referidas ao longo do relatório como classe alta, média e baixa. Na primeira encontram-se 29,0% dos inquiridos, na segunda 31,3% e na terceira 32,1%, sendo que 7,6% dos inquiridos não forneceram dados suficientes para determinar esta categorização.

A amostra dos jovens entrevistados individualmente foi recrutada entre os alunos que responderam ao questionário. Estes foram convidados a inscrever-se e posteriormente foram todos contactados com vista à realização da entrevista. Houve no entanto uma elevada quebra no número de contactos que efetivamente se concretizaram em entrevistas. Frequentemente as entrevistas eram canceladas pelas mais diversas razões, não poucas vezes sem qualquer justificação. Devido a estes constrangimentos, a amostra dos adolescentes entrevistados individualmente, que totaliza 22 indivíduos, inclui um número de raparigas (14) mais elevado que o de rapazes (8). A maioria dos entrevistados estava a frequentar o 10º ano, 4 frequentavam o 11º ano e 5 frequentavam o 12º ano. No que diz respeito às idades, 7 têm 15 anos, outros 7 têm 16 anos, 3 têm 17 anos, outros 3 têm 18 anos e 2 são mais velhos, um com 21 e outro com 22 anos. Pelas razões acima indicadas, decidiu-se manter estas duas entrevistas na amostra. Devido a uma carga horária mais elevada nos cursos da escola profissional, estes alunos mostraram menos disponibilidade, sendo apenas 4 os entrevistados desta escola, enquanto em cada uma das outras duas foi possível recrutar 9 indivíduos.

Foram ainda realizadas seis entrevistas em grupo, com alguns dos jovens que haviam sido entrevistados individualmente. Estas entrevistas tinham como objetivo aprofundar alguns dos temas abordados nas entrevistas individuais, beneficiando do facto de o entrevistado estar acompanhado de dois dos seus amigos para captar as interações que se geram entre eles a propósito dos diversos tópicos. À exceção de um dos casos, em que o entrevistado trouxe consigo dois amigos que não tinham sido previamente entrevistados individualmente, todos os outros entrevistados preferiram fazer-se acompanhar de colegas de escola que também tinham participado nas entrevistas individuais. Apesar de se ter procurado reunir sempre grupos de três entrevistados, em três casos foi apenas possível ter dois presentes. Nestas entrevistas reuniram-se dois grupos formados só por rapazes, três grupos formados só por raparigas e um constituído por duas raparigas e um rapaz. No total foram entrevistados 6 rapazes e 9 raparigas. Foram realizadas duas entrevistas por cada escola.

Os media eletrónicos nos lares portugueses

Neste capítulo procura-se caraterizar a evolução do acesso aos media eletrónicos por parte da população portuguesa, bem como os seus padrões de utilização destas tecnologias, dando-se mais atenção à faixa etária dos adolescentes e, sempre que possível, ao caso de Lisboa. Procura-se igualmente caraterizar a evolução do consumo energético associado a estas tecnologias no setor doméstico.

Os dados aqui apresentados baseiam-se principalmente nas informações disponibilizadas por fontes oficiais ou de referência quer a nível nacional quer europeu, como são os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), do Eurostat, do Eurobarómetro, do OberCom, da Marktest, da Anacom, da Direção Geral de Energia e Geologia (DGEG), mas também produzidas por centros de investigação, como o CIES/ISCTE. Assim, o quadro evolutivo aqui apresentado tem por base inquéritos nacionais como o Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias (realizado pelo INE entre 2002 e 2013), o Inquérito Sociedade em Rede em Portugal (conduzido pelo CIES/ISCTE em 2003 e posteriormente pelo OberCom), o Inquérito ao Uso do Tempo (aplicado pelo INE em 1999), assim como estudos de entidades de telecomunicações ao longo da última década e ainda o Inquérito ao Consumo de Energia no Setor Doméstico (realizado pelo INE e pela DGEG em 2010).

Estas diferentes fontes permitem ter uma visão abrangente sobre a evolução dos padrões de acesso e utilização dos media, o que constitui um importante elemento para complementar e diversificar a informação. No entanto, é notório que nos inquéritos destas entidades há diferentes entendimentos sobre o que são os media eletrónicos, quais estão a ser analisados e como são analisados. Não há, portanto, dados estatísticos homogêneos sobre os media, podendo ser denominados por tecnologias de informação e comunicação, equipamentos de informática e de entretenimento ou outra denominação.¹ Os inquéritos das diferentes fontes são

¹ Uma das definições de tecnologias de informação e comunicação mais completas corresponde à proposta pela OCDE (2011). De acordo com esta classificação, e considerando apenas as tecnologias para uso doméstico, os principais produtos consistem em computadores e equipamento periférico (tablets, computadores portáteis, teclados, joysticks, ratos, impressoras, unidades de armazenamento de dados, monitores e projetores), equipamento de comunicação (câmaras de televisão, telefones, telemóveis, intercomunicadores, alarmes), equipamento de consumo eletrónico (consolas de jogos, câmaras de vídeo, câmaras digitais, recetores de rádio, televisores, monitores e projetores, aparelhos de gravação e reprodução de som ou de vídeo, microfones, altifalantes, colunas de som, amplificadores). Para uma listagem exaustiva, vide OCDE, 2011: 34-36.

realizados com base em instrumentos e objetivos próprios, não havendo aqui também uma homogeneização que permita estabelecer comparações rigorosas (por exemplo, a respeito dos períodos de tempo de utilização, dos escalões etários, ou ainda da (des)agregação dos dados por zona geográfica, género, ou escolaridade). Acresce que a acentuada evolução tecnológica neste sector dificulta a produção de dados estatísticos a par da comercialização de nossos dispositivos.

Perante as limitações da informação de carácter estatístico existente, e tendo em consideração os objetivos deste projeto, neste capítulo dá-se especial ênfase à posse e utilização de equipamentos como a televisão, o computador (fixo ou portátil), e o telemóvel, bem como aos serviços oferecidos pela internet.

Contexto sociotécnico

De um modo geral, o contexto social e tecnológico do país tem favorecido o acesso aos media eletrónicos bem como a sua utilização. Diversos elementos têm contribuído nesse sentido, podendo destacar-se o enquadramento político e legal favorável ao desenvolvimento tecnológico do país, em sintonia com a política da União Europeia de implementação de uma “revolução digital” e de uma “sociedade de informação”. Efetivamente têm-se sucedido os planos de ação europeus com vista a estimular a utilização da internet como forma de impulsionar o crescimento económico e a criação de emprego. Esta estratégia tem passado também pela promoção de um mercado interno europeu competitivo e pelo fortalecimento da inovação e investimento na investigação em tecnologias da informação e comunicação. Com estes propósitos têm sido lançadas diversas iniciativas, como foi o caso em 2010 da Agenda Digital para a Europa, que estabeleceu, entre outros objetivos, fazer chegar a todos a cobertura da internet de banda larga e criar um mercado único de telecomunicações (CE, 2014b).

Em Portugal, a criação da Missão para a Sociedade de Informação em 1996 mostra o reconhecimento do interesse desta estratégia, considerada crítica para o desenvolvimento do país, que se traduziu em diversas iniciativas, incluindo o estabelecimento de deduções fiscais às famílias que adquirissem computadores, software e acesso à internet em casa. Em 2005 procurou-se reforçar esta estratégia com o Programa Nacional para a Sociedade de Informação (Ligar Portugal), que tinha entre os seus objetivos duplicar os utilizadores regulares de internet, triplicar o número de famílias com acesso à internet em banda larga, apoiar a massificação do acesso dos estudantes a computadores com ligação à internet, assegurar a ligação de todas as

escolas à internet de banda larga (objetivo esse que foi concluído em Janeiro de 2006) ou duplicar a rede de espaços de acesso público gratuito à internet de banda larga. O Programa incluía deduções fiscais de 250€ destinadas às famílias com estudantes a cargo que adquirissem computadores e visava disponibilizar computadores aos estudantes mais carenciados através dos serviços de ação escolar.

Neste contexto, surgiu o programa e-escola, que teve início no ano letivo 2007/08 e visava assegurar que todos os alunos do 5º ao 12º ano tivessem um computador portátil. Estes computadores tinham custo de 150€ para as famílias do 3º escalão de rendimentos da Ação Social Escolar, enquanto as dos escalões com rendimentos mais baixos (1º e 2º escalões) estavam isentas de pagamento. Durante três anos o computador estava associado a uma mensalidade obrigatória relativa ao acesso à internet, que variava também de acordo com o escalão de rendimentos. O programa e-escolinha, que teve início no ano letivo de 2008/09,

Figura 1. Computador portátil Magalhães



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Port%C3%A1til_Magalh%C3%A3es.

destinava-se aos alunos do 1º ao 4º ano, permitindo às famílias adquirirem (igualmente em função dos três escalões de rendimento) um computador portátil de muito baixo custo (50€), chamado Magalhães, com acesso facultativo à internet de banda larga sujeito às condições disponibilizadas pelos diversos operadores. Segundo dados divulgados pela Agência para a Sociedade do Conhecimento, até Julho de 2009 foram entregues 472.400 computadores portáteis no âmbito do programa e-escola e até

Maio de 2011 foram entregues cerca de 412.700 computadores Magalhães no âmbito do programa e-escolinha (UMIC, 2011).

De acordo com esta estratégia, os governos nacionais têm promovido a expansão das infraestruturas de rede e a abertura do mercado à concorrência entre operadores de comunicações eletrónicas. Neste contexto, paralelamente à expansão territorial da cobertura de redes de banda larga, não só as empresas prestadoras de serviços de comunicações eletrónicas têm aumentado a sua oferta de serviços, como o número de clientes dos principais serviços tem vindo a aumentar (ANACOM, 2015). Em contrapartida, outras infraestruturas têm vindo a retroceder, como é o caso da rede de postos telefónicos públicos, que em 2000 reunia 4,65

postos por 1000 habitantes por todo o território nacional e, em 2013, esse número tinha diminuído para cerca de metade, ou seja, 2,13 postos por 1000 habitantes (INE, 2000-13). Uma outra mudança infraestrutural que contribuiu acentuadamente para a adesão da população ao serviço de subscrição de televisão paga, assim como para a aquisição de novos aparelhos de televisão, foi o desligamento da emissão da teledifusão analógica e sua substituição pela televisão digital terrestre. Por determinação da Comissão Europeia, todos os países da União tiveram de substituir a transmissão do sinal analógico pelo digital até 2012.

O forte investimento publicitário realizado pelas maiores operadoras de telecomunicações, que também comercializam equipamentos, tem proporcionado de modo significativo uma constante visibilidade pública destes serviços e, potencialmente, tem contribuído para a criação da percepção social de “normalidade” ou até “necessidade” associada à utilização destes serviços. Efetivamente, nos últimos anos estas operadoras têm estado sistematicamente entre os dez maiores anunciantes do país (Marktest, 2002-2015). Além da publicidade, também as suas estratégias de marketing – que incluem promoções cruzadas de diversos serviços e equipamentos, por exemplo através da comercialização de pacotes de televisão, telefone e internet que de forma aparentemente vantajosa incluem o acesso à banda larga através de dispositivos móveis – contribuem para o contexto sociotécnico favorável à difusão dos media eletrónicos.

Do mesmo modo, a expansão de lojas de grandes distribuidoras de equipamentos eletrónicos por todo o país tem contribuído para facilitar o acesso da população a estes equipamentos. De facto, desde a segunda metade dos anos 90 têm aberto inúmeras lojas especializadas nestes equipamentos. A Worten, que abriu a primeira loja em 1996, tem atualmente em Portugal mais de 135 lojas, integrando as lojas da Vobis, que abriu atividade em Portugal em 1997. A FNAC desde 1998 já abriu 17 grandes lojas e a Media Markt abriu 9 grandes superfícies desde 2004. Desde a inauguração do seu primeiro grande espaço especializado em eletrodomésticos, em 1998, a Rádio Popular já abriu 38 lojas. Refira-se ainda a existência de outras lojas especializadas em produtos e serviços de telecomunicações e multimédia, como é o caso da Phone House que desde 1999 já abriu 129 lojas no país. As estratégias comerciais destes retalhistas, que frequentemente recorrem a fortes campanhas publicitárias, à distribuição regular de folhetos promocionais, a um posicionamento que enfatiza os seus baixos preços e à localização estratégica das suas lojas, contribui também certamente para impulsionar a compra destes equipamentos.

Neste contexto, as famílias tendem a investir nestas tecnologias devido a uma preocupação educativa, dado serem consideradas instrumentos importantes não só para a sua aprendizagem,

mas também para que aquelas possam beneficiar de um ambiente doméstico estimulante e com elevado potencial informativo e comunicacional (Almeida et al., 2013), visando assim proporcionar-lhes melhores oportunidades na vida (Livingstone e Haddon, 2009).

Evolução da posse de media eletrónicos

As tecnologias de informação e comunicação estão atualmente muito presentes na esfera doméstica e no quotidiano das famílias. A evolução de alguns destes equipamentos nos agregados domésticos portugueses entre 1987 e 2011 mostra uma forte tendência no sentido da generalização (Tabela 2). A tabela evidencia também a dificuldade dos registos estatísticos acompanharem a rapidez da evolução da adoção de novas tecnologias (veja-se o caso dos gira-discos ou dos leitores/gravadores de vídeo), oferecendo assim dados com muitos campos por preencher. Alguns equipamentos têm vindo a ser substituídos por tecnologias mais recentes, como é o caso dos gravadores de cassetes, dos videogravadores ou dos aparelhos de rádio. Também o telemóvel passou a ser o meio de comunicação de voz predominante, quando comparado com o telefone através da rede fixa era.

Tabela 2. Agregados familiares portugueses com equipamento de comunicação e lazer: 2005/06 e 2010/11 (%)

	1987	1995	2000	2005/06	2010/11
Telefone – rede fixa	-	-	-	68,7	67,7
Telefone – rede móvel	-	-	-	81,4	87,7
Computador	3	5	21	43,9	57,2
Computador com ligação à internet	-	-	14	-	51,0
Aparelho de televisão	83	97	96	98,9	99,3
Equipamento acesso a TV por cabo ou satélite	-	8	19	42,1	52,3
Leitor de CD	-	18	38	53,4	43,3
Leitor de DVD	-	-	-	49,2	55,5
Gravador de cassetes áudio	-	-	-	43,0	-
Rádio	72	90	85	90,4	64,3
Gira-discos (2005/06) ou aparelhagem som (2010/11)	-	-	-	22,6	43,2
Leitor de MP3 ou MP4	-	-	-	-	29,8
Videogravador	-	41	50	48,2	-
Câmara de vídeo	-	-	-	17,0	16,9
Equipamento fotográfico	-	-	-	48,3	49,1
Consola de jogos	-	-	-	-	51,0

Fonte: INE (2004, 2008, 2012).

Do conjunto dos media electrónicos mais presentes nos agregados domésticos deve-se destacar o caso da televisão. Além de a quase totalidade dos alojamentos portugueses terem televisão em casa, existem em média dois aparelhos por habitação (INE-DGEG, 2011). Efetivamente os televisores parecem corresponder a um caso típico de aparelhos que tendem a acumular-se no espaço doméstico, dado que quando são adquiridos novos equipamentos, tecnologicamente mais avançados, estes tendem a ocupar locais centrais no espaço doméstico, enquanto os anteriores são muitas vezes deslocados para divisões da casa mais periféricas, segundo uma ordem hierárquica (primeiro a cozinha, depois o quarto dos pais, seguindo-se os quarto dos filhos mais velhos). Por vezes a aquisição de um novo televisor surge associada a uma mudança na infraestrutura de fornecimento do sinal de televisão. Assim, a subscrição de um serviço de televisão por cabo implica não só a instalação de uma box de televisão como pode ser acompanhada da aquisição de um novo televisor que consiga dar conta da melhoria na qualidade de transmissão. Do mesmo modo, a subscrição de um serviço de televisão em alta definição (HD) ou a aquisição de um leitor de vídeo de alta definição (HD DVD ou Blu-Ray) favorecem a utilização de um televisor com maior resolução de imagem. Porém, os televisores tecnologicamente menos sofisticados tendem a continuar a ser usados. Num estudo realizado através da condução de focus groups com 43 portugueses residentes nas áreas de Lisboa e do Porto, observou-se que os televisores são simultaneamente o equipamento doméstico mais antigo e mais recente que os portugueses tendem a manter em funcionamento em casa (Schmidt, Prista e Correia, 2011). Trata-se assim de um claro efeito de acumulação associado à adesão à inovação tecnológica.

Uma crescente multiplicidade de tecnologias de informação e comunicação tem vindo a juntar-se ao televisor no que diz respeito aos equipamentos domésticos de entretenimento. É o caso do computador que, nas suas diversas e cada vez mais miniaturizadas formas, tende a ocupar um lugar crescentemente central no quotidiano dos portugueses. Efetivamente, o Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação pelas Famílias, realizado pelo INE entre 2002 e 2015, mostra uma tendência crescente na aquisição de computadores² por parte da população portuguesa (Tabela 3). Nos últimos anos parece haver, no entanto, um abrandamento desta tendência, que poderá estar relacionado com diversos fatores, como o contexto de crise económica, uma eventual saturação do mercado ou ainda uma possível transição tecnológica no sentido de se substituir a utilização doméstica de computadores por

² Nestes inquéritos entende-se por computador quer os computadores de secretária ou portáteis quer os PDA (Personal Digital Assistants), onde se incluem tablets e outros equipamentos de dimensões reduzidas com funcionalidades idênticas e acesso à internet.

outros equipamentos portáteis com algumas daquelas funcionalidades, como é o caso dos tablets, mas também dos smartphones.

Tabela 3. Agregados domésticos privados portugueses com computador (portátil e de secretária), com ligação à internet e com ligação à internet através de banda larga em casa: 2002-2015 (%)

	Computador (excluindo computador de bolso)	Ligação à internet	Ligação à internet através de banda larga
2002	26,8	15,1	-
2003	38,3	21,7	7,9
2004	41,3	26,2	12,3
2005	42,5	31,5	19,7
2006	45,4	35,2	24,0
2007	48,3	39,6	30,4
2008	49,8	46,0	39,3
2009	55,9	47,9	46,2
2010	59,5	53,7	50,3
2011	63,7	58,0	56,6
2012	66,0	61,0	59,7
2013	66,7	62,3	61,6
2014	68,0	64,9	63,4
2015	71,1	-	-

Fonte: INE, Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias (2002-2015)

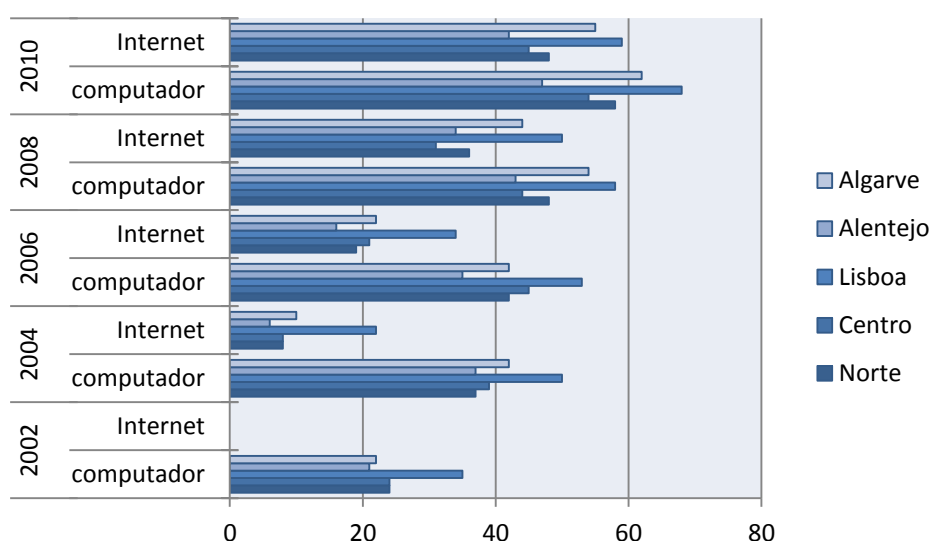
A par da evolução da posse do computador nas residências portuguesas, a Tabela 3 mostra também uma adesão progressiva à internet a partir de casa ao longo da última década, que é cada vez mais realizada através de banda larga. Colocando lado a lado estas linhas de evolução, podemos observar que o acesso ao computador e à internet estão a tornar-se indissociáveis, isto é, cada vez mais a percentagem de famílias que tem acesso ao computador a partir de casa tem também acesso à internet.

Esta evolução é confirmada pelos resultados do Inquérito à Sociedade em Rede conduzido pelo OberCom (2014), que mostram igualmente uma tendência crescente de acesso à internet nos agregados domésticos portugueses entre 2010 e 2013 (aumento de seis pontos percentuais), embora esta tenha abrandado significativamente entre 2011 e 2013 (aumento de apenas 0,2 pontos percentuais). Verificou-se inclusivamente que 6,5% dos inquiridos deixaram de utilizar a Internet em 2013 (OberCom, 2014). Este facto poderá estar relacionado com o elevado custo da

subscrição deste serviço, num contexto de crise económica, dado que os pacotes de serviços que incluem telefone fixo, telefone móvel, banda larga fixa e móvel e televisão em 2013 custaram mensalmente em média 72,45€ (Anacom, 2015).

Contudo, é notória a adesão dos agregados portugueses à subscrição paga de televisão. Em 2002 a proporção de assinantes de televisão por cabo face ao total de alojamentos era de 22,9%. Após atingir um máximo de 25,8% em 2007, tem vindo a diminuir ligeiramente, tendo em 2014 sido de 23,1%. Esta tecnologia de subscrição tem vindo a ser substituída por outras (xDSL/FWA) que, em 2008 tinham 3,8% de assinantes face ao total de alojamentos e em 2014 tinham aumentado para 12,8%. Outra tecnologia que tem vindo a aumentar consideravelmente é a fibra ótica, que em 2009 era assinada por 0,5% dos alojamentos e em 2014 tinha-se difundido para 10,6% do total. Também a televisão por satélite tem vindo a ser subscrita por uma proporção considerável de alojamentos, tendo aumentado de 5,2% em 2002 para 10,1% em 2014 (OberCom, 2015).

Gráfico 1. Agregados familiares com computador e internet por banda larga, por NUTS II, de 2002 a 2010 em Portugal (%)



Fonte: SPI (2011).

Analisando a distribuição geográfica destes equipamentos, é visível que a região de Lisboa é privilegiada a nível do acesso ao computador e internet a partir de casa. Um relatório da Sociedade Portuguesa de Informação (SPI, 2011) mostra que ao longo da última década esta diferença tem-se mantido, embora tenda a esbater-se (Gráfico 1). Estas diferenças a nível regional deve-se em grande medida ao facto de na região de Lisboa estar concentrada a maior

parte da população com maior poder de compra, assim como a população com profissões mais qualificadas e níveis de escolaridade mais elevados, o que tende a estar associado a uma maior utilização das tecnologias de informação e comunicação.

Nos dados estatísticos nacionais, a internet surge frequentemente associada ao computador. No entanto, há que considerar que é cada vez mais frequente ter-se acesso à internet a partir de outros dispositivos. Efetivamente, entre os agregados domésticos portugueses com ligação à internet, o tipo de ligação por rede móvel de banda larga através de telemóvel tem aumentado exponencialmente nos últimos anos, já que em 2011 correspondia a 9,7% dos agregados com internet, em 2012 já representava 17,9%, em 2013 aumentou para 28,8% e em 2014 atingiu 78,2% (OberCom, 2015). No que diz respeito às principais formas fixas de ligação à internet a partir de casa, em 2014 predominava a banda larga fixa por cabo (50,52), seguindo-se a fibra ótica (32,0%) e a banda larga fixa por ADSL (28,3%) (OberCom, 2015).

Um outro media eletrónico que deve ser referido é o telemóvel, já que a generalização da posse de telemóvel por parte dos portugueses é um facto notável. Com efeito, em 2013 atingiu uma proporção de 93,5% do total da população (Tabela 4). Tendencialmente é entre os grupos etários mais baixos que a posse de telemóvel é mais alta – entre os 16 e os 24 anos, 99,2% dos indivíduos têm pelo menos um destes aparelhos. Mas como mostra a evolução verificada entre 2007 e 2013, embora as diferenças entre grupos etários continuem a existir, parecem tender a esbater-se. Devido aos tarifários que favorecem a comunicação entre aparelhos da mesma rede, muitos indivíduos utilizam simultaneamente mais de um telemóvel.

Tabela 4. Indivíduos com idade entre 16 e 74 anos que utilizam telemóvel, por grupo etário em Portugal (%)

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
16-24 anos	96,3	97,1	97,7	96,7	98,7	99,8	99,2
25-34 anos	94,3	96,3	97,6	97,0	97,9	98,1	98,0
35-44 anos	90,2	92,4	96,0	95,7	98,4	98,6	98,8
45-54 anos	83,6	86,9	91,9	92,2	93,9	95,5	93,9
55-64 anos	72,7	76,3	81,6	83,8	87,6	89,2	90,7
65-74 anos	47,0	51,3	-	67,6	71,1	75,1	78,3
Total	82,6	84,5	88,7	89,7	92,1	93,4	93,5

Fonte: INE, Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias (2007-2013).

De entre os indivíduos com idade entre 16 e 74 anos que utilizam telemóvel, a maioria não dispõe de um aparelho com ligação à internet: de facto, em 2007 apenas 24,6% usavam um telemóvel com internet. Em 2010 é visível um aumento significativo (28,2%) e em 2013 esta proporção tinha aumentado para 35,4% (INE, 2007-2013).

Em seguida, procuramos caracterizar algumas das principais tendências de evolução dos padrões de uso destas tecnologias.

Evolução dos padrões de uso

Alguns media eletrónicos parecem desempenhar um papel central nas rotinas das famílias, como é o caso da televisão. Recuando ao final dos anos noventa é notório o papel que a televisão tinha nas rotinas quotidianas. O Inquérito ao Uso do Tempo (INE, 2001), realizado em 1999, evidenciou a relevância deste equipamento.

81,1% da população com 15 ou mais anos declarou ver televisão num dia médio, tendo-se estimado que a duração média diária da atividade fosse de 2 horas e 18 minutos. A escola ou o trabalho pautavam as rotinas da população. No tempo restante, a televisão era a principal atividade de lazer, ocupando um lugar central no quotidiano dos portugueses. Pelas 16:30 ocupava o

O televisor é um equipamento cujo funcionamento transcende a prática de ver televisão, desempenhando também um papel mais difuso de criação de determinado ambiente doméstico através do som, imagem em movimento e ligação ao mundo exterior. Por isso em muitos casos permanece ligado mesmo quando ninguém está a ver televisão.

tempo de 7% da população e pelas 19 horas esta percentagem mais que duplicava (para 16%). Pela noite dentro ia aumentando o número de espectadores, sendo entre as 20:30 e as 22:30 (o chamado horário nobre) quando se registava a maior audiência. A prática de ver televisão estava assim fortemente associada ao jantar e ao período a seguir ao jantar, quando as famílias tendem a juntar-se na sala de estar e a conviver. Com 30% dos portugueses a afirmar ver televisão entre as 21:30 e as 22:30, esta era a principal ocupação de tempo de lazer da população. Embora durante o fim-de-semana se verificasse maior diversidade entre as práticas de lazer, ver televisão continuava a liderar, sendo nessa altura que o tempo de receção de televisão aumentava. Um dado a salientar é que quase metade da população que possuía televisão admitiu ter a televisão sempre ligada – destes, 17% respondeu mantê-la ligada mesmo que ninguém esteja a ver, enquanto 27% afirmaram que geralmente está alguém a ver televisão. Assim, apenas 56% declarou não ter a televisão permanentemente ligada (INE, 2001). Trata-se assim de um equipamento cujo funcionamento transcende a prática da sua utilização,

desempenhando também um papel mais difuso de criação de determinado ambiente doméstico (através da emissão de som e imagem em movimento e da ligação ao mundo exterior).

No que diz respeito a outros media eletrónicos, o Inquérito ao Uso do Tempo (INE, 2001) revelou também que nesta altura a utilização do vídeo – sobretudo para visualizar filmes ou outros programas alugados (57%) ou gravados previamente (55%), não tanto vídeos comprados (19%) – tendia a concentrar-se ao sábado. Já a utilização de computador em casa tendia a ser reduzida, não ultrapassando em média uma hora diária. Era uma prática sobretudo masculina (82% dos casos) e tendia a durar mais tempo ao domingo, quando atingia uma duração média de utilização de 2h18m. A utilização da internet a partir de casa era ainda uma prática pouco expressiva, tendo correspondido a uma média de 12 horas de navegação durante as 4 semanas que durou o inquérito. Quanto à audição de discos e cassetes, verificou-se que cerca de metade dos ouvintes fazia parte do escalão dos 15 aos 24 anos, enquanto o maior número de ouvintes de rádio se situava no escalão dos 55 ou mais anos.

Desde então o panorama da posse de media eletrónicos pelas famílias portuguesas evoluiu

Ver televisão no sentido tradicional do termo parece ter vindo a perder relevância nas rotinas, sobretudo entre as gerações mais jovens, face à crescente multiplicidade de entretenimento oferecido por tecnologias mais recentes.

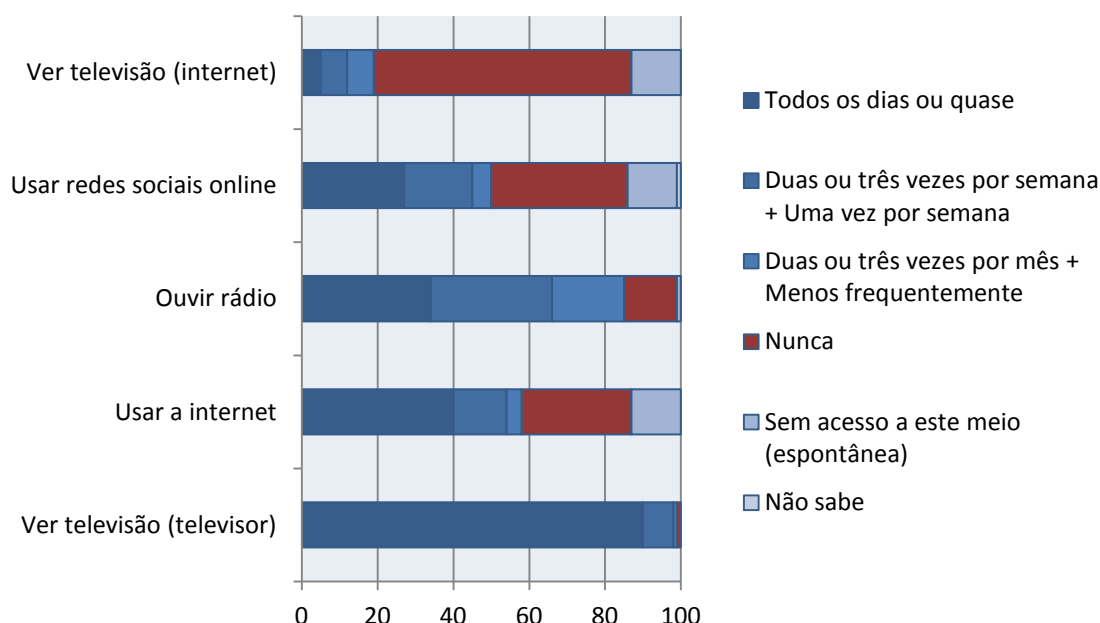
substancialmente, como se viu na secção anterior. Existe agora uma grande diversidade destes dispositivos que tende a generalizar-se entre as famílias. Neste contexto, ver televisão no sentido tradicional do termo parece ter vindo a perder relevância nas rotinas, sobretudo entre as gerações

mais jovens, face à crescente multiplicidade de entretenimento oferecido por tecnologias mais recentes. A própria diversificação da oferta televisiva que está associada à generalização do acesso a múltiplos canais de televisão através da subscrição paga terá também contribuído para uma fragmentação das audiências, em oposição ao hábito, muito frequente há duas décadas atrás de as famílias juntarem-se à noite a assistir ao mesmo programa televisivo.

No entanto, os resultados de um inquérito Eurobarómetro realizado em Novembro de 2014 indicam que a televisão é o meio de comunicação preferido dos europeus, sendo que 90% dos portugueses veem televisão (através de um aparelho de televisão) todos os dias ou quase, estando entre os quatro países entre os 28 da União Europeia em que esta resposta foi mais elevada (CE, 2014c). As respostas obtidas pelo Inquérito à Sociedade em Rede em Portugal, realizado em 2013, reforçam esta observação, já que perante a questão “O que seria para si mais difícil deixar de fazer?”, 43,9% dos inquiridos escolheram a resposta “ver televisão”. “Usar o telemóvel” obteve 24,1% das respostas e “usar a internet” 15,3%, enquanto as restantes atividades – ouvir música, ouvir rádio, ler livros, ler jornais e revistas e jogar videojogos –

obtiveram proporções de respostas muito baixas ou mesmo residuais (OberCom, 2014). Estes resultados são igualmente reforçados pelos dados do Eurobarómetro (CE, 2014c) relativamente a ouvir rádio, uma vez que Portugal é o segundo país da União Europeia em que os inquiridos menos dizem ouvir rádio todos os dias ou quase (34%, quando a média dos 28 países é de 53%). De acordo com o Eurobarómetro (CE, 2014c), o segundo meio mais utilizado pelos portugueses é a internet, dado 40% afirmar usá-la todos os dias ou quase (Gráfico 2). Refira-se, no entanto, que no conjunto dos 28 países da União Europeia os portugueses surgem em penúltimo lugar a este respeito, correspondendo a média dos que utilizam a internet todos os dias ou quase a 60%. A utilização das redes sociais online é também menos frequente em Portugal (27% dizem fazê-lo todos os dias ou quase) do que na média dos países da União Europeia (32%). São muito poucos os portugueses que declaram ver televisão através da internet todos os dias ou quase (5%, quando a média dos 28 países corresponde a 9%).

Gráfico 2. Frequência de utilização de media eletrónicos por indivíduos com 15 ou mais anos em 2014 em Portugal (%)



Fonte: CE, 2014c.

No que diz respeito à evolução do uso dos media eletrónicos, deve destacar-se a tendência de crescente utilização da internet. Efetivamente, em Portugal a proporção de utilizadores da internet tem vindo a aumentar rapidamente: em 2011, 55,3% dos indivíduos entre 16 e 74 anos declaravam ter utilizado a internet nos três primeiros meses do ano, enquanto 40,5% afirmavam

nunca ter utilizado; apenas quatro anos depois, em 2015, a proporção dos que declararam ter utilizado tinha aumentado para 68,6% e a dos que nunca utilizaram tinha diminuído para 27,9% (INE, 2011-15a). Este crescimento do número de utilizadores tem sido acompanhado de uma tendência no sentido do aumento do número de horas de utilização, como se pode ver pela Tabela 5.

Tabela 5. Indivíduos dos 16 aos 74 anos que utilizaram a internet nos três primeiros meses do ano, por escalão de horas de utilização de meios informáticos em Portugal (%)

	1 hora ou menos	Mais de 1 até 5 horas	Mais de 5 até 10 horas	Mais de 10 até 20 horas	Mais de 20 horas
2013	12,0	29,6	19,7	13,1	18,5
2012	18,5	31,7	20,3	12,3	16,9
2011	17,6	31,4	20,4	13,8	16,6
2010	17,5	33,5	20,9	13,0	14,5
2009	16,1	33,1	20,6	12,7	17,5
2008	19,8	33,2	21,5	13,0	12,6
2007	26,3	26,9	19,7	15,5	11,2
2006	22,3	36,3	17,3	9,8	14,4
2005	22,5	40,0	16,1	9,7	11,7
2004	32,0	34,4	13,5	7,6	12,5

Fonte: INE, Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias (2004-2013).

No que diz respeito às atividades efetuadas na internet, as estatísticas disponíveis mostram a dificuldade em dar conta da variedade de utilizações possíveis, assim como da sua variabilidade ao longo do tempo (INE, 2003-15). Como é evidente através da Tabela 6, a categorização ou definição exata das atividades é discutível, em parte devido à constante evolução tecnológica a nível do software, bem como aos ajustamentos nas práticas em função de uma multiplicidade de outros fatores. Na Tabela 6 reúnem-se assim as principais atividades registadas nos últimos anos, embora as oscilações de ano para ano sejam de leitura difícil. No entanto, pode-se verificar alguma estabilidade nos principais tipos de utilização, já que enviar e receber e-mail, ler notícias, pesquisar informação ou aceder a jogos, imagens, filmes ou música têm-se mantido – apesar de algumas oscilações – entre as principais atividades desempenhadas. Outras atividades revelam uma tendência de utilização crescente, como é o caso da participação em redes sociais, produção de conteúdos disponibilizados em websites, recurso aos serviços bancários online ou telefonar/fazer chamadas de vídeo.

Tabela 6. Indivíduos dos 16 aos 74 anos que utilizaram internet nos três primeiros meses do ano, por tipo de atividades efetuadas na internet em Portugal (%)

	Enviar ou receber e-mail	Ler ou fazer download de notícias	Pesquisar informação sobre produtos ou serviços	Participar em redes sociais	Colocar conteúdos num website	Ouvir rádio ou ver televisão	Jogar ou fazer download de jogos, imagens, filmes ou música	Efetuar serviços bancários	Telefonar ou fazer chamadas de vídeo
2015	82,2	77,5	76,0	70,0	61,5	50,4	47,5	41,1	37,4
2014	83,6	73,7	86,2	72,4	58,1	45,8	49,3	39,1	37,4
2013	85,4	72,1	74,0	70,3	-	59,7	47,3	36,4	36,3
2012	87,8	66,5	85,1	-	54,3	53,0	48,1	40,8	31,1
2011	-	58,1	75,1	57,0	-	48,1	41,7	40,4	25,1
2010	88,4	55,8	85,8	-	40,3	49,6	43,9	38,1	26,2
2009	85,6	59,5	86,8	-	26,5	41,7	44,1	36,6	25,4
2008	85,2	48,2	80,9	-	16,9	41,2	-	32,4	29,3
2007	83,5	38,2	82,6	-	-	36,2	52,6	29,4	21,6
2006	80,9	44,5	83,8	-	-	30,0	45,6	27,5	15,6
2005	80,5	51,3	80,8	-	-	28,1	44,0	26,2	10,0
2004	80,9	50,2	79,1	-	-	27,5	45,2	25,9	10,7
2003	77,5	49,4	81,9	-	-	23,0	43,4	23,7	9,7

Fonte: INE, Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias (2003-2015).

Segundo um Eurobarómetro realizado em Janeiro de 2015 sobre o acesso a conteúdos online (CE, 2015), 20% dos portugueses responderam que nos últimos doze meses todos os dias ou quase usaram a internet para aceder (por exemplo via streaming) ou fazer download de conteúdos audiovisuais tais como filmes, séries, video clips e outros conteúdos televisivos, excluindo desporto (enquanto a média dos 28 países da União Europeia correspondeu a 14%). Importa no entanto referir que esta prática é mais frequente no escalão etário mais baixo (dos 15 aos 24 anos), onde alcança 27% a nível europeu, sendo pouco expressiva entre os escalões com 40 ou mais anos. Uma proporção mais elevada de portugueses (28%) responderam ter usado a internet todos os dias ou quase para aceder (via streaming) ou fazer download de música (apenas áudio), novamente acima da média europeia (16%) e sobretudo por parte do escalão etário dos 15 aos 24 anos (38%). Quanto ao acesso online ou download de jogos nos últimos doze meses, 12% dos portugueses (contra 9% da média europeia) respondeu tê-lo feito todos os dias ou quase.

Dada a generalização da posse de equipamentos móveis de acesso à internet, o local de utilização tem vindo a extravasar cada vez mais o espaço doméstico e o local de trabalho. Com

feito, como mostra a Tabela 7, se em 2011 a totalidade dos indivíduos entre 16 e 74 anos que acederam à internet fora desses espaços através de equipamentos portáteis (fossem computadores, tablets, telemóveis ou outros) foi de 30,3%, enquanto em 2015 já tinha mais do que duplicado (66,3%). Este aumento parece dever-se sobretudo à utilização de telemóveis com acesso à internet – que aumentou de 12,4% em 2011 para 60,3% em 2015 (INE, 2011-2015b).

Tabela 7. Indivíduos dos 16 aos 74 anos que utilizaram equipamento portátil para aceder à internet fora de casa e do local de trabalho nos três primeiros meses do ano, por tipo de equipamento utilizado em Portugal (%)

	2011	2012	2013	2014	2015
Equipamento portátil *	30,3	35,4	38,1	56,5	66,3
Computador portátil (inclui tablet)	27,3	26,8	31,0	37,8	41,2
Telemóvel ou smartphone	12,4	20,7	26,2	48,1	60,3

Fonte: INE, *Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias (2011-2015b)*.

* Em equipamento portátil inclui-se computador portátil, telemóvel ou outro equipamento de bolso.

A utilização do telemóvel parece de facto ter vindo a ganhar relevância no quotidiano dos portugueses. Segundo um inquérito online realizado em 2013 pela Google junto de 1000 portugueses entre 18 e 64 anos que declararam usar um telemóvel para aceder à internet, os smartphones tendem a tornar-se cada vez mais presentes na vida quotidiana, já que 54% dos respondentes afirmaram tê-lo utilizado todos os dias nos últimos sete dias, 78% admitiram não sair de casa sem o aparelho e 31% declararam que preferiam abdicar do televisor do que do telemóvel (Google, 2013). Embora o espaço doméstico seja o principal local em que os utilizadores declaram usar os seus smartphones (95%), é visível uma forte tendência para usá-los em qualquer dos outros espaços quotidianos, como cafés (88%), o local de trabalho (84%), no caminho (81%), em restaurantes (80%), lojas (73%), em eventos sociais (70%) ou transportes públicos (67%), sendo usados principalmente para enviar ou ler email (82%), navegar na internet (82%), aceder a redes sociais (75%), ouvir música (72%), jogar (70%), ler notícias (66%), visionar vídeos (66%) ou visitar blogs (60%) (Google, 2013). O acesso à internet parece ser assim uma das mais importantes funcionalidades dos telemóveis, acrescida da vantagem da mobilidade.

No escalão etário dos 15 aos 24 anos é maior o número de utilizadores da internet. Nos escalões etários seguintes o número de utilizadores vai diminuindo progressivamente.

Os dados do Inquérito à Sociedade em Rede em Portugal mostram como é acentuada a diferenciação por escalão etário dos utilizadores da internet (OberCom, 2014). Com efeito, no escalão dos 15 aos 24 anos, 94,1% dos inquiridos declararam utilizar a internet; dos 25 aos 34

Quanto mais elevado é o grau de escolaridade dos indivíduos, maior é o número dos que utilizam a internet.

anos foram 85,8% os que declararam fazê-lo; dos 35 aos 44 anos, essa proporção desceu para 71,6%; no escalão seguinte, dos 45 aos 54 anos, a proporção de utilizadores era já de 58,2%; entre os 55 e os 64 anos

era de apenas 31,0%; e no último escalão, que reúne os que têm 65 ou mais anos, somente 11,8% declararam ser utilizadores da internet. Os dados deste inquérito mostram igualmente que quanto mais elevado é o grau de escolaridade, maior é a proporção de utilizadores de internet. Assim, entre os que têm um curso superior, 92,7% utilizam a internet, enquanto entre os que apenas completaram a instrução primária verifica-se o oposto: 92,8% não utilizam a internet (OberCom, 2014).

Devido às circunstâncias específicas que tendem a caracterizar a vida quotidiana na fase da adolescência, na secção seguinte analisa-se a utilização dos media eletrónicos por parte deste grupo etário.

Utilização dos media eletrónicos pelos adolescentes

Nas secções anteriores foi possível observar a tendência para haver cada vez mais tecnologias de informação e comunicação nos espaços domésticos portugueses. Esta tendência acentua-se nos agregados familiares em que há crianças ou jovens. Efetivamente, segundo dados do INE (2013-15), é mais frequente haver ligação à internet através de banda larga nos agregados domésticos com crianças. Se em 2013 a proporção de agregados com pelo menos um indivíduo entre 16 e 74 anos que tinha internet em casa era de 61,6%, essa proporção atingia 84,5% entre os agregados com crianças. Em 2015 essa discrepância mantinha-se, embora ligeiramente menos acentuada, correspondendo o total de agregados com internet de banda larga a 68,5%, enquanto entre os que tinham crianças em casa essa proporção era de 89,9%.

Os mais novos tendem assim a estar associados às novas tecnologias, o que se traduz numa tendência para se verificarem elevados níveis de utilização. Tal como mostra a Tabela 8, em 2012 a proporção de indivíduos entre 10 e 15 anos que tinham utilizado computador, internet e telemóvel nos três primeiros meses do ano aproximava-se dos 100%, embora ligeiramente mais abaixo no caso do telemóvel.

Tabela 8. Indivíduos entre 10 e 15 anos que utilizaram computador, internet ou telemóvel nos primeiros três meses do ano em Portugal (%)

	2005	2006	2007	2008	2010	2012
Computador	91,2	90,7	93,7	96,6	96,3	98,2
Internet	73,5	74,7	82,8	92,7	91,1	95,0
Telemóvel	62,0	67,0	73,3	84,6	86,7	92,5

Fonte: INE, *Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias (2005-12a)*.

Esta tendência parece dever-se ao contexto sociotécnico analisado numa secção anterior, que tem favorecido a aquisição destas tecnologias, não só com a finalidade de entretenimento, mas também como forma de potenciar o desenvolvimento cognitivo das crianças e jovens, entre outras motivações paternas, como a de proporcionar aos filhos um ambiente doméstico estimulante mas protegido relativamente à falta de segurança no espaço exterior (Almeida et al., 2011), ou ainda, face à memória da escassez em que viveram na sua própria juventude, os pais queiram dar aos seus filhos as condições, bens e serviços que lhes permitam obter sucesso em igualdade de circunstâncias com os outros (Schmidt et al., 2014). Importa, no entanto, referir que apesar desta tendência para a massificação dos media eletrónicos, os modos como os adultos se relacionam com estas tecnologias no quotidiano – sendo a este nível relevante a sua escolaridade e inserção profissional (Almeida et al., 2011) – terão influência nas práticas de utilização por parte das crianças. Com efeito, no que diz respeito à utilização da internet, Almeida et al. (2011: 18) verificaram que “as crianças de famílias favorecidas experimentam mais cedo as novas tecnologias, e o seu uso contínuo (apoiado pelos pais) fá-las evoluir para formas de utilização extra-educativas mais amplas e diversas. Por comparação, as crianças de famílias desfavorecidas entram mais tarde online e registam menores níveis de sofisticação de uso.”

Estes dados não devem pois fazer supor uma homogeneização das práticas de utilização dos media eletrónicos. Especificamente a respeito da utilização da internet pelas crianças, foram identificados quatro perfis de utilização junto de uma amostra de 3049 inquiridos a frequentar os 4º, 6º e 9º anos de escolaridade em 2008 (Almeida et al., 2011):

- “internautas convictos” – categoria em que foram incluídos 36% dos inquiridos, sobretudo mais velhos (entre os 14 e os 17 anos) e rapazes, que declararam níveis elevados de realização de quase todos os tipos de uso da internet;

- “jogadores inveterados” – em que se reuniram 20% dos inquiridos, sobretudo rapazes, mais dedicados a práticas lúdicas de utilização da internet (como jogar online com amigos);
- “estudantes aplicados” – categoria em que foram considerados 23% dos inquiridos, predominantemente raparigas e crianças até aos 13 anos, que apresentaram maiores índices de realização de práticas educativas (como por exemplo procurar informação para fazer trabalhos da escola);
- “utilizadores incipientes” – categoria em que foram agrupados os que apresentaram baixos níveis de realização em todas as formas de utilização da internet, totalizando 21% dos inquiridos, em maior número raparigas e inquiridos mais novos (dos 8 aos 10 anos).

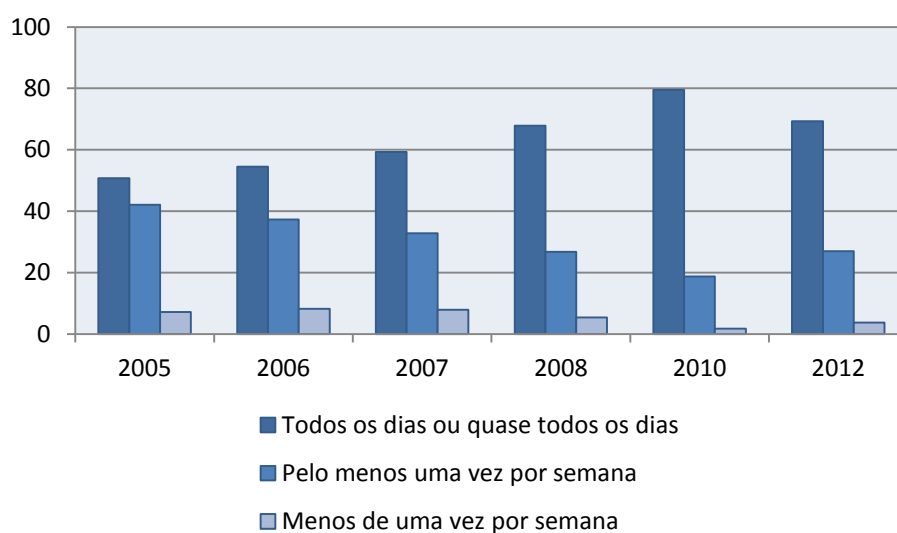
Importa ter em consideração que, segundo os dados do Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias do INE (2005-12a) referidos na Tabela 8, quando consideradas as diferenças de género, estas são quase inexistentes relativamente à utilização de computador (quanto à utilização de telemóvel e internet estes dados não estão disponíveis).

De uma forma geral, parte significativa do tempo das crianças num dia normal tende a ser ocupado com a televisão. Contudo, tal como observado num estudo que comparou a ocupação do tempo das crianças (6-14 anos) em 1999 e em 2006, à medida que estas cresciam e se tornavam adolescentes, a televisão era substituída ou complementada pelo vídeo e pelo computador, registando-se um aumento das atividades associadas aos jogos eletrónicos, quer nos fins-de-semana quer nos dias de semana (Teixeira e Cruz, 2006). Dada a tendência para a generalização do acesso a uma variedade de media eletrónicos pelas famílias portuguesas, atualmente as crianças podem cada vez mais dispersar mais cedo a sua atenção por um leque mais amplo de tecnologias. No ambiente tecnologicamente rico em que tendem atualmente a viver, a televisão parece assim ter vindo a perder alguma da primazia que teve outrora nos tempos livres das crianças. Aliás, nas entrevistas realizadas em 2009-10 a 157 crianças no âmbito do estudo “As crianças e a internet” (Almeida et al., 2013), outras tecnologias estão entre os seus objetos preferidos: de facto, o computador surgiu como o objeto mais frequentemente mencionado como sendo o seu preferido (50,3%), seguido da consola de jogos (14,0%), do telemóvel (10,8%), da televisão, a par dos livros (10,2%), e finalmente do leitor de MP3 (4,5%). Porém, a televisão tem a vantagem de não exigir atenção exclusiva, podendo ser vista em simultâneo com a utilização de outras tecnologias ou a realização de outras atividades. Talvez por isso, no estudo “As crianças e a internet” (Almeida et al., 2011), a proporção de crianças a

afirmar que leem menos livros e passaram a brincar menos tempo desde que usam a internet é superior à das que afirmam ver menos televisão.

No que diz respeito à frequência de utilização do computador, dados do INE (2005-12b) mostram que entre 2005 e 2012 há uma tendência globalmente crescente no sentido de um maior número de indivíduos entre 10 e 15 anos utilizarem este equipamento todos os dias ou quase todos os dias ou quase (Gráfico 3). Em 2012 a proporção de adolescentes que usavam o computador menos de uma vez por semana era residual.

Gráfico 3. Indivíduos entre 10 e 15 anos que utilizaram computador nos primeiros três meses do ano por frequência de utilização em Portugal (%)



Fonte: INE, Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias (2005-12b).

Quanto às atividades realizadas no computador (sem recorrer à internet), os dados do INE (2005-2012c) indicam que geralmente nesta faixa etária tem-se recorrido mais a este equipamento para fazer trabalhos escolares do que para lazer, embora a diferença entre estas duas atividades tenha vindo a esbater-se desde 2005 (quando trabalhos escolares correspondia a 93,3% das respostas, enquanto lazer obtinha 84,3%). Em 2012, fazer trabalhos escolares reuniu 94,4% das respostas, enquanto as atividades de lazer alcançaram 92,1%. Entre as atividades de lazer, 81,8% das respostas correspondiam a ouvir música ou ver filmes e 72,7% correspondiam a jogar.

Consumo doméstico de energia associado aos media eletrónicos

No que diz respeito ao consumo de eletricidade no setor doméstico, a investigação tem dado mais atenção aos sistemas de aquecimento do que a outros equipamentos cujo consumo é mais discreto (Terry e Palmer, 2015). De uma forma geral, parece haver uma tendência no sentido de um decréscimo no consumo energético dos principais equipamentos domésticos, incluindo os sistemas de aquecimento, devido a maior eficiência. Contudo, estatísticas do Reino Unido mostram que a eletricidade gasta pelas tecnologias de informação e comunicação – aqui incluídos televisores, boxes de televisão, leitores e gravadores de vídeo e DVD, consolas de

No Reino Unido o consumo de eletricidade associado aos media eletrónicos no sector doméstico aumentou 77% entre 1990 e 2012.

jogos, computadores, monitores e aparelhos elétricos auxiliares – aumentou 77% entre 1990 e 2012 (DECC, 2014 cit. in Terry e Palmer, 2015). Porém, a investigação está ainda pouco ciente relativamente ao consumo

energético destas tecnologias (Bates et al., 2014). No âmbito específico das ciências sociais, poucos estudos têm sido desenvolvidos a este respeito.

A reduzida consciencialização relativamente à relevância de se investigar o consumo energético destes equipamentos parece estar associada não só ao seu aparente baixo consumo, mas também à rápida evolução tecnológica que se tem verificado. Como consequência desta evolução, o número de produtos incluídos nesta categoria tem-se multiplicado, tornando-se difícil desde logo definir os próprios contornos da “categoria”, em que podem ser reunidas uma grande variedade destas tecnologias. Tecnologias de informação e comunicação, eletrónica de consumo, equipamento de escritório, entretenimento, entretenimento e media ou equipamento de rede, são alguns dos termos usados mais frequentemente. Além da falta de consistência nas formas de categorizar estes produtos, uma outra forma de classificação de parte destes equipamentos que muito dificulta a observação dos respetivos consumos elétricos é a sua inclusão na categoria “miscelânea” em que, apesar da obscuridade dos equipamentos que efetivamente ali são considerados, se têm verificado dos mais elevados crescimentos no consumo de energia a nível residencial (McAllister e Farrell, 2006). Acresce que muitas destas tecnologias (computadores, monitores, impressoras ou câmaras de vídeo, por exemplo) são usadas simultaneamente não só a nível doméstico, como também em distintos setores económicos. Deste modo, na produção de estatísticas sobre estes produtos tem sido usada uma variedade de classificações que dificultam uma adequada perceção desta realidade, assim como

a comparabilidade dos dados ao longo do tempo e entre diferentes contextos. Deve-se também ter em conta que diversas incertezas, variabilidades nas suposições sobre formas de uso e dados omissos dificultam uma efetiva avaliação dos impactos destas tecnologias (Arushanyan et al., 2014). O mesmo se passa na literatura científica, onde a multiplicidade de classificações e delimitações dos objetos de estudo impedem leituras claras e inequívocas sobre a realidade em causa.

Não obstante estas dificuldades, neste capítulo procuramos caracterizar brevemente alguns dos principais aspetos a ter em conta relativamente ao consumo energético no setor doméstico

A multiplicidade de classificações e definições deste tipo de equipamentos dificultam uma adequada perceção do consumo de eletricidade em causa.

associado a estas tecnologias. Embora tendo como objeto de estudo os media eletrónicos utilizados no espaço doméstico, dada a escassez de informação relativamente a este conjunto mais específico de equipamentos, os dados aqui apresentados referem

frequentemente conjuntos mais amplos de equipamentos, optando-se muitas vezes por mencionar genericamente as tecnologias de informação e comunicação.

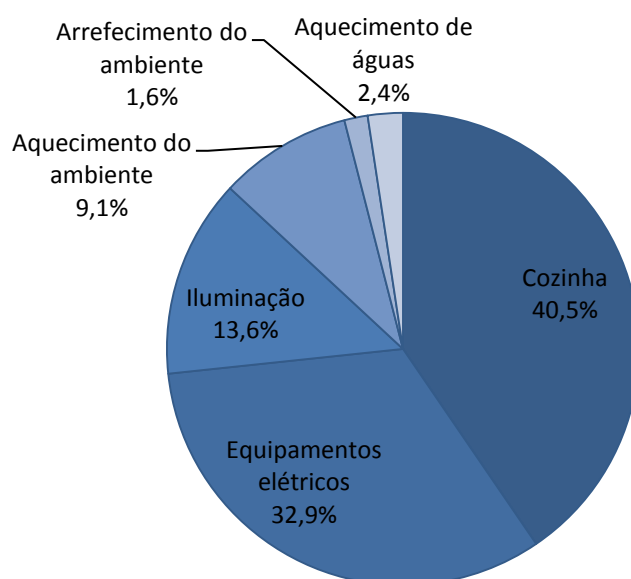
Segundo uma estimativa realizada a pedido da Comissão Europeia, em 2011 o conjunto dos produtos do setor das tecnologias de informação e comunicação, das redes de telecomunicações e dos centros de dados consumiram cerca de 214 terawatts-hora nos 27 países da União Europeia, o que, não considerando a energia utilizada no seu fabrico, representou 8% do total do consumo de eletricidade nestes países da União (CE, 2014a). A utilização destas tecnologias correspondeu à maior parte deste consumo – 66% do total – enquanto os centros de dados contribuíram com 24% e as redes de telecomunicações representaram 10% do total (CE, 2014a).

Relativamente apenas ao setor residencial foi estimado que em 2009 o conjunto destes produtos esteve associado a cerca de 17% do total da eletricidade consumida nos 27 países da União Europeia (Bertoldi et al., 2012). Um estudo posterior conduzido em doze países da União Europeia mostrou que as tecnologias de informação e comunicação – isto é, quer aquele que é considerado equipamento de escritório quer de entretenimento – foram responsáveis por 22% do total da eletricidade consumida no setor residencial (Almeida et al., 2011).

Os dados estatísticos relativos especificamente a Portugal indicam que em 2010 o conjunto dos equipamentos elétricos, onde estão incluídos, além dos equipamentos de entretenimento e de informática, pequenos eletrodomésticos como aspiradores, ferros de engomar e desumidificadores, foi responsável por 33% do consumo total de eletricidade no setor doméstico (INE-DGEG, 2011), sendo a segunda mais importante forma de consumo de

eletricidade, após o consumo associado aos equipamentos da cozinha (Gráfico 4). Relativamente ao consumo total de energia nos alojamentos, e tendo em conta que o consumo de eletricidade representava 50% do total, dada a relevância do gás sobretudo para aquecimento de águas e para cozinhar, o peso relativo dos equipamentos elétricos foi avaliado em 11% (INE-DGEG, 2011).

Gráfico 4. Distribuição do consumo de eletricidade por tipo de utilização no setor doméstico em Portugal, 2010 (%)



Fonte: INE-DGEG, Inquérito ao Consumo de Energia no Setor Doméstico (2011).

Uma estimativa do consumo elétrico de diversos equipamentos deste tipo no setor residencial dos 27 países da União Europeia em 2011 mostra que o consumo anual mais elevado diz respeito aos televisores LCD, computadores de secretária, consolas de jogos e televisores CRT, tal como indicado na Tabela 9. No que diz respeito aos televisores, apesar da crescente eficiência energética destes aparelhos, o contínuo aumento das vendas destes equipamentos (já que muito frequentemente há dois ou mais aparelhos por alojamento), a preferência dos consumidores por ecrãs de maior dimensão (que influencia largamente o consumo energético destes dispositivos) e o aumento do tempo em que estão ligados parecem justificar o elevado consumo destes equipamentos (cf. Bertoldi et al., 2012), assim como o aumento do seu consumo elétrico, sobretudo se associado à (crescente) utilização de set-top boxes (EIA, 2014).

Tabela 9. Estimativa do consumo elétrico anual de algumas tecnologias de informação e comunicação, por dispositivo, nas habitações dos 27 países da União Europeia, 2011 (em quilowatts-hora)

	kWh/a
Televisores LCD	219
Consolas de jogos	197
Televisores CRT	190
Computadores de secretária	128
Modems/routers (home gateway)	68
Computadores portáteis	58
Monitores de computador	34
Telefones sem fios (DECT)	31

Fonte: CE, 2014a.

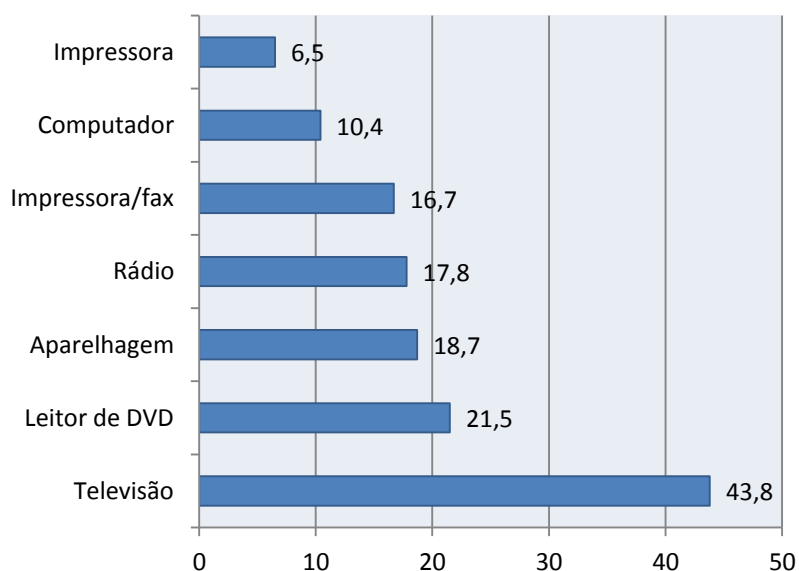
No que diz respeito ao consumo elétrico associado à utilização de dispositivos móveis nos 27 países da União Europeia, estima-se que em 2011 o consumo anual de eletricidade por cada dispositivo tenha sido de 6,1 quilowatts-hora para os smartphones e 2,6 para os restantes telemóveis (CE, 2014a).

Apesar dos ganhos em eficiência apresentados por equipamentos mais recentes, a tendência de utilização crescente, assim como o desenvolvimento de novas funcionalidades que exigem mais energia, entre outros fatores, têm conduzido a um consumo energético mais intensivo. Efetivamente, a comercialização de tecnologias energeticamente mais eficientes contribui para uma redução do consumo de eletricidade, sendo esta tendência claramente visível a respeito dos computadores pessoais, dado terem emergido e conquistado mercado novos equipamentos como os monitores LCD (mais eficientes que os CRT) e computadores portáteis (mais eficientes que os de secretária). No entanto estes não têm necessariamente substituído os equipamentos menos eficientes, já que no caso dos computadores portáteis estes parecem estar a ser usados adicionalmente aos computadores de secretária (Heddeghem et al., 2014). Por outro lado, o fato de terem sido desenvolvidas tecnologias de computação energeticamente mais eficientes não resultou numa redução do consumo elétrico de computadores e servidores, mas antes na emergência de novas tecnologias como os computadores portáteis ou telemóveis que, por sua vez, conduziram a novos serviços e aplicações que, consequentemente, aumentam o consumo de eletricidade associado às tecnologias de informação e comunicação (Heddeghem et al., 2014). Com efeito, a rápida disseminação de tecnologias cujo consumo de eletricidade é relativamente reduzido para o utilizador, como os smartphones e os tablets, tem tido como consequência o aumento do tráfego nas redes de telecomunicações e da carga nos centros de

dados dos fornecedores de conteúdos, transferindo uma elevada procura de energia para a infraestrutura das tecnologias de informação e comunicação (CE, 2014a).

Um outro fator significativo consiste na vulgarização dos equipamentos dotados com a função standby, que permite manter o equipamento disponível para voltar a funcionar mais rapidamente do que se estivesse desligado, sendo para isso necessário que permaneça a consumir eletricidade. Num estudo realizado em doze países da União Europeia foi observado que o consumo em standby do conjunto dos equipamentos domésticos corresponde em média a 11% do consumo total de eletricidade, sendo os equipamentos eletrónicos e de entretenimento os principais responsáveis por este tipo de consumo (Almeida et al., 2011). Segundo a IEA (2014), em 2012 a proporção de energia consumida em modo standby correspondeu a 16% da eletricidade usada no sector residencial no Reino Unido. No caso de Portugal, há cerca de uma década atrás o conjunto dos consumos em standby foi avaliado em 12% do total das habitações (DGGE-IP3E, 2004). Mais recentemente observou-se que a função standby é de utilização muito frequente nos alojamentos portugueses, sendo que 44% dos televisores eram desligados neste modo (Gráfico 5).

Gráfico 5. Equipamentos de entretenimento e de informática em modo standby nos alojamentos portugueses, em 2010 (%)



Fonte: INE-DGEG, Inquérito ao consumo de energia no sector doméstico (2011).

Além do consumo de eletricidade em standby, deve referir-se também que diversos equipamentos eletrônicos continuam a consumir quando estão aparentemente desligados (ou em off-mode), isto é, sem que seja evidente que estão a originar perdas de energia.

Figura 2. Telefone sem fios



Fonte:

http://www.gigaset.com/hq_en/telephones-dect/cordless/gigaset-sl450-

carregamento e descarregamento, auto-descarregamento, problemas associados ao tempo de vida útil das baterias, consumo extra devido ao funcionamento do aparelho em standby, eventualmente ligação Bluetooth com o computador (Figura 2), etc.

Outra forma de consumo elétrico consideravelmente discreto mas relevante está associado aos routers, que permitem ter acesso à internet sem fios.

Tal como observado no Reino Unido por Terry e Palmer (2015), estes dispositivos, que tendem a estar permanentemente ligados, consomem tanta energia quando estão parados como quando estão a ser ativamente usados. Tipicamente constituem o maior consumidor de energia de entre todas as tecnologias de informação e comunicação. No entanto, o consumo destes dispositivos tende a ser negligenciado e estes tendem a estar omissos nas estatísticas nacionais sobre consumo de energia

(Terry e Palmer, 2015). Trata-se, além disso, de um tipo de consumo que tem aumentado: entre 2007 e 2012 a taxa de crescimento do consumo de eletricidade resultante dos equipamentos domésticos de acesso à internet (Wi-Fi routers e modems) foi de 10,8% a nível mundial (Heddeghem et al., 2014). Segundo uma estimativa da agência americana de estatística sobre

A evolução do telefone parece um caso paradigmático de como a crescente comercialização de novas tecnologias pode acarretar acrescido consumo energético. Se o telefone através da rede fixa era, há alguns anos atrás, um equipamento com um consumo de energia insignificante – a ponto de o aparelho não necessitar de uma ligação à uma tomada elétrica, funcionando apenas ligado através da rede telefónica – têm vindo a generalizar-se os telefones (fixos) sem fios, cujas baterias necessitam de ser regularmente ligadas à corrente elétrica, o que implica perdas de energia nos processos de

Figura 3. Wi-Fi router



Fonte: <http://www.linksys.com/pt/p/P-EA6350/>

energia, a crescente penetração de pequenos equipamentos elétricos, que estão pouco abrangidos pelos regulamentos de eficiência energética, será responsável pelo maior aumento no consumo de eletricidade no sector residencial nos Estados Unidos entre 2012 e 2040 (EIA, 2014).

Alguns estudos recentes referem mais detalhadamente a complexidade das variáveis que têm contribuído para a evolução do consumo de eletricidade associado a estas tecnologias – vide por exemplo Ardito e Morisio, 2014; Bates et al., 2014; Bertoldi et al., 2012; Coleman et al., 2012; Heddeghem et al., 2014; Mills, 2013; Ropke e Christensen, 2012; Terry e Palmer, 2015.

Deve ainda referir-se que nos últimos anos têm entrado em vigor regulamentações no sentido de reduzir o consumo energético dos equipamentos elétricos domésticos³, sobretudo a respeito do consumo em standby (Bertoldi et al., 2012). No entanto, no que diz respeito ao consumo energético das tecnologias da informação e comunicação, a regulação tem surgido mais tardiamente do que a respeito de outros equipamentos domésticos, como as máquinas de lavar ou os frigoríficos (Crosbie, 2008). Em 2008 a União Europeia implementou a Diretiva sobre Ecodesign que inclui a regulamentação dos consumos em standby (CE, 2008). Regulamentações específicas sobre os televisores foram implementadas em 2009 e sobre os computadores apenas em 2013. As

Não existem barreiras técnicas à implementação de maiores níveis de eficiência energética nos aparelhos online.

boxes de televisão mais complexas foram apenas objeto de um acordo voluntário entre os agentes industriais em 2014, embora se saiba que estas boxes podem alcançar consumos energéticos consideráveis. No que diz respeito ao consumo energético dos centros de dados e das redes de telecomunicações, que se estima que venha a aumentar de 33% em 2011 para 46% em 2020 nos 27 países da União Europeia, não foram ainda implementados instrumentos legislativos específicos de carácter obrigatório (CE, 2014a).

Segundo a IEA (2014), embora não existam barreiras técnicas à implementação de maiores níveis de eficiência energética dos aparelhos online, tende a não existir sensibilidade relativamente ao consumo de energia, reduzidos incentivos, ou uma visão sistémica da cadeia de valor destes produtos, que favoreçam o envolvimento de designers, fabricantes, consumidores individuais, etc. na tomada ativa de medidas que permitam torna-los mais eficientes.

³ Podem encontrar-se listagens da legislação produzida no âmbito da União Europeia relativa à eficiência energética destes produtos em <http://ec.europa.eu/energy/en/topics/energy-efficiency/energy-efficient-products>. Para uma análise desta legislação vide CE, 2014a.

Relativamente ao consumo doméstico de eletricidade associado à utilização dos media eletrónicos em Portugal, a informação existente é escassa. Um estudo baseado em focus group realizados com 41 portugueses permitiu observar que, relativamente ao conjunto dos equipamentos domésticos, nenhum media eletrónico foi mencionado pelos participantes como estando entre os cinco que mais gastam energia; em contrapartida, entre os cinco equipamentos que menos gastam energia, o telemóvel foi o mais mencionado, seguido do telefone fixo, enquanto outros, como a máquina fotográfica, a câmara de vídeo, a box de televisão, a moldura digital e o computador portátil foram também evocados (Schmidt, Prista e Correia, 2011).

A realização do projeto de investigação "Net Zero Energy School: Reaching the Community" permitiu obter um maior número de dados relevantes sobre este tema. No capítulo seguinte apresenta-se uma releitura dos resultados deste projeto, dando-se atenção ao consumo de eletricidade associado aos media eletrónicos.

Famílias, adolescentes e energia: releitura do projeto “Net Zero Energy School”

Neste capítulo é dada atenção a uma investigação com uma componente de ciências sociais que foi recentemente realizada na cidade de Lisboa e que apresenta dados relevantes relativamente às atitudes e comportamentos de estudantes do ensino secundário a respeito da energia, assim como às perceções dos seus pais relativamente aos seus consumos energéticos.

O projeto de investigação interdisciplinar “Net Zero Energy School: Reaching the Community”, desenvolvido entre 2010 e 2013 com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através do Programa MIT-Portugal, teve a coordenação geral do Instituto Superior Técnico, tendo também participado investigadores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.⁴ O projeto consistiu no estudo do caso de uma escola secundária de Lisboa e das famílias dos alunos com o objetivo principal de identificar medidas que possam contribuir para a promoção da eficiência energética, quer na escola, quer nas famílias. Nesse sentido recorreu-se a dois vetores de análise – tecnológico e comportamental – de modo a avaliar o impacto da implementação de estratégias de eficiência energética na escola junto das famílias dos alunos.

Num primeiro momento foi avaliado o cenário de referência existente na escola, tendo esta fase incluído a realização de um inquérito aos alunos sobre as atitudes e práticas relacionadas com energia. O inquérito foi aplicado em Maio de 2010 a 731 alunos do 7º ao 11º anos de escolaridade. Numa segunda fase, foi realizado um inquérito a uma amostra de 301 dos pais daqueles alunos. Este inquérito foi realizado por telefone entre Fevereiro e Março de 2011. Numa terceira fase, entre 2012 e 2013, foram realizadas entrevistas em profundidade com 35 daqueles pais.

Embora estes inquéritos e entrevistas não estivessem centrados no consumo energético associado à utilização de tecnologias da informação e comunicação, este tema surge de modo destacado no quadro dos consumos elétricos das habitações, pelo que os resultados deste projeto são de grande interesse para a presente investigação. Assim, de seguida apresentam-se

⁴ Para mais informação consultar <http://www.mitportugal.org/competitive-calls/netzeroschool-reaching-the-community.html> e <https://sites.google.com/site/netzeroenergyschool/>.

as principais observações relacionadas com a utilização dos media eletrónicos pelos adolescentes, com base nos resultados publicados do projeto “Net Zero Energy School”.⁵

Os resultados do inquérito aos alunos revelaram um acesso generalizado aos media eletrónicos que, frequentemente, são apenas utilizados pelos próprios (Tabela 10). Além disso, deve salientar-se que apenas 0,7% dos inquiridos declarou não ter acesso à internet em casa, tendo uma larga maioria (72,5%) rede wireless em toda a casa (Rebelo et al., 2011).

Tabela 10. Media eletrónicos para uso pessoal por parte dos alunos de escola secundária de Lisboa em 2010 (%)

	%
Telemóvel	85,6
Leitor de mp3	76,2
Computador portátil	59,0
Aparelhagem de som	56,0
Televisor	55,1
Câmara fotográfica	45,6
Impressora	35,2
Computador de secretária	34,3
Leitor de DVD	25,9
Gameboy	25,9
Leitor de VHS	8,9

Fonte: Rebelo et al. (2011: 12), Inquérito aos alunos.

No que diz respeito à frequência de utilização destes equipamentos, os alunos inquiridos mostram que usar o telemóvel, ouvir música, usar a internet e ver televisão estão entre as suas principais formas de ocupar os tempos livres em casa, sendo postas em prática todos os dias, pelo menos uma vez por dia (Tabela 11). Ver televisão é, de entre estas atividades, a que menos apresenta variações nas respostas (uma vez que o desvio-padrão é de 0,98), embora haja no entanto uma diferença estatisticamente significativa entre os alunos a frequentar o 3º ciclo - ou seja, do 7º ao 9º ano (em média 6,43) - e os que já estão no ensino secundário (6,17 em média) (Rebelo et al., 2011). Estes dados mostram, assim, uma elevada frequência de utilização dos media eletrónicos, tendendo a televisão a ser menos vista quando os alunos passam para o ensino secundário, o que em parte poderá dever-se à necessidade de estudarem mais.

⁵ Estes resultados encontram-se publicados nomeadamente em Rebelo et al., 2011 e Schmidt et al., 2012, e sobretudo em Schmidt et al., 2014.

Tabela 11. Algumas práticas diárias de ocupação dos tempos livres em casa por parte dos alunos de escola secundária de Lisboa em 2010

	Média
Usar o telemóvel	6,64
Ouvir música	6,31
Usar a internet	6,29
Ver televisão	6,28
Ouvir rádio	5,31
Jogar em consolas	3,89
Ver filmes em DVD	3,78
Jogar no telemóvel	3,0
Jogar em consolas portáteis	2,5

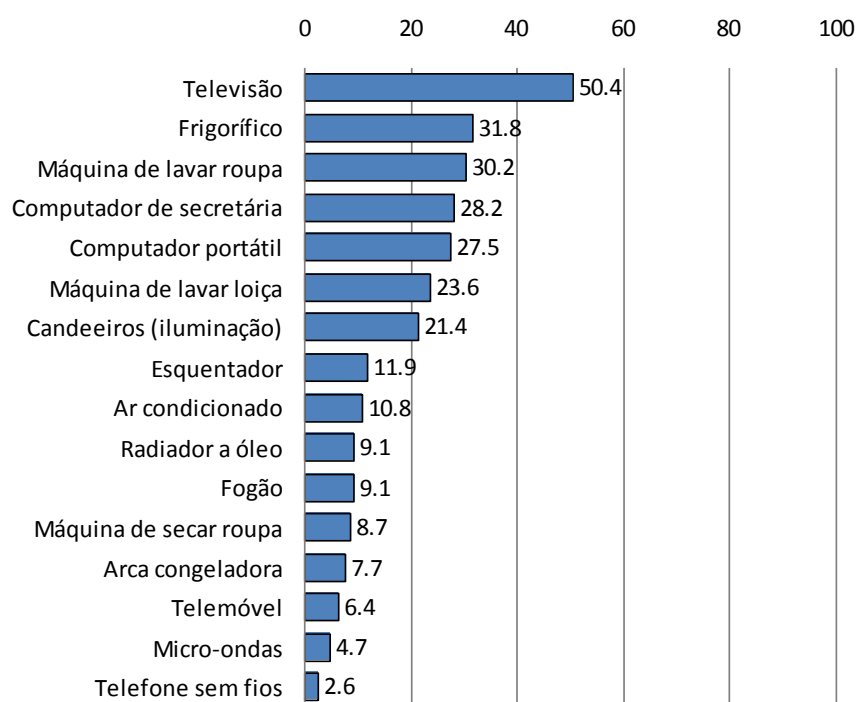
Fonte: Rebelo et al. (2011: 74), *Inquérito aos alunos*.

Nota: Escala de resposta: 1 – menos uma vez por mês; 2 – pelo menos uma vez por mês; 3 – menos de uma vez por semana; 4 – uma ou duas vezes por semana; 5 – três a cinco vezes por semana; 6 – uma vez por dia; 7 – várias vezes por dia.

Quando inquiridos relativamente à importância de se reduzir o consumo de energia, a maioria dos alunos considera essa questão importante, tendo 43,1% respondido que é “extremamente importante” (Rebelo et al., 2011). As principais razões pelas quais consideram ser importante reduzir o consumo de energia em Portugal diz respeito a questões ambientais, como alterações climáticas, poluição ou proteção da natureza, da biodiversidade e do planeta, a finitude das fontes energéticas, mas também para poupar dinheiro. Refira-se que foram encontradas diferenças de género estatisticamente significativas ($t_{709}=3,51$; $p<.001$), no sentido em que as raparigas ($M=6,14$; $DP=1,04$) responderam ser importante gastar menos energia em Portugal mais frequentemente do que os rapazes ($M=5,85$; $DP=1,16$). Por outro lado, a principal dificuldade associada à conservação de energia é “comodismo, hábito, rotina” (72,9%), seguida de “falta de cuidado” (43,8%), falta de preocupação com o ambiente (34,9%). Um grande número de alunos (31,9%) respondeu ainda que as pessoas têm dificuldade em poupar energia “porque pensam que não serve para nada” (Rebelo et al., 2011).

No que diz respeito à perceção que os alunos têm de quais os equipamentos domésticos que mais gastam energia nas suas casas, a televisão destacou-se, reunindo números de respostas bastante mais elevados que outros eletrodomésticos, como o frigorífico (Gráfico 6). Segundo muitos inquiridos, sobretudo rapazes (34,1%, contra 22,3% das respostas das raparigas) o computador de secretária é o equipamento que mais consome energia em suas casas; em contrapartida, um maior número de raparigas (8,8%, contra 3,7% das respostas dos rapazes) indicou o telemóvel (Rebelo et al., 2011).

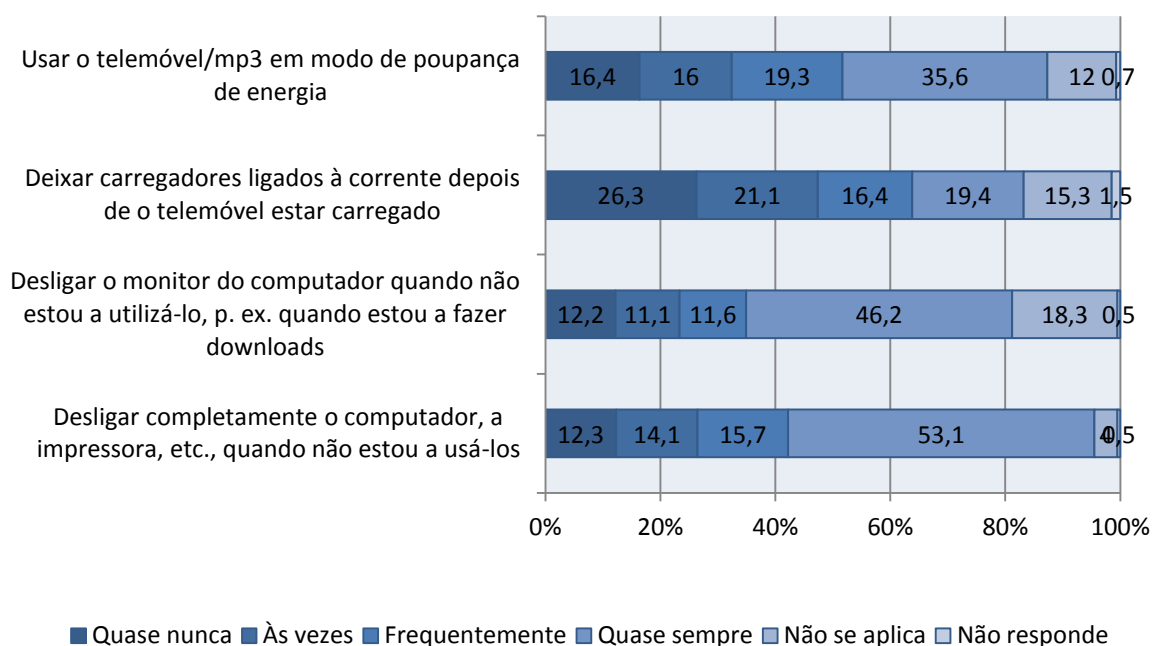
Gráfico 6. Perceção dos alunos de escola secundária de Lisboa relativamente aos equipamentos que mais consomem energia em casa em 2010 (%)



Fonte: Rebelo et al. (2011: 42), Inquérito aos alunos.

Este inquérito aos alunos incluía também algumas perguntas relativamente às suas práticas de utilização da energia. De um modo geral, verificou-se haver uma tendência no sentido de os inquiridos caracterizarem positivamente as suas práticas, isto é, responderem afirmativamente quando questionados se tinham hábitos de poupança de energia (Rebelo et al., 2011). Entre as respostas que estão mais especificamente relacionadas com o uso dos media eletrónicos verificou-se a mesma tendência, à exceção da utilização dos carregadores de telemóveis: neste caso os inquiridos admitiram mais frequentemente deixá-los ligados à corrente mesmo quando já não estão a ser necessários (Gráfico 7). Estes dados sugerem uma desvalorização do consumo de energia associado aos carregadores quando não estão a ser utilizados para carregar a bateria do telemóvel. Importa referir que, apesar da tendência para que de uma forma geral os inquiridos procurem dar respostas que os aproximem da sua perceção do que é a norma social – que, neste caso, corresponderia a demonstrar alguma preocupação em não desperdiçar energia – um número considerável de alunos (entre 12,2 e 26,3%) respondeu “quase nunca” adotar a prática energeticamente mais eficiente relativamente a estas quatro questões sobre os media eletrónicos.

Gráfico 7. Algumas práticas de uso de energia por parte dos alunos de escola secundária de Lisboa em 2010 (%)



Fonte: Rebelo et al. (2011: 58), Inquérito aos alunos.

Quanto à perceção dos pais relativamente ao impacto das atividades dos seus filhos no consumo energético em suas casas, o inquérito realizado aos pais permitiu observar que uma larga maioria destes considera serem os filhos os principais responsáveis pelos desperdícios de energia em casa, sendo que apenas 14,3% declarou serem os pais (Schmidt et al., 2012).

Com efeito, de entre as entrevistas realizadas aos adultos sobressai a ideia de que estes tendem a partilhar a perceção de que o consumo elétrico em suas casas poderia ser mais baixo se os seus filhos adolescentes não utilizassem em tão grande medida os media eletrónicos. Na perspetiva de alguns pais, este consumo deve-se à intensidade da utilização, mas também ao facto de na atualidade existir uma grande variedade de equipamentos eletrónicos, que fazem parte da vida normal de um adolescente, e que para as gerações anteriores não existiam.

"Acho que consomem mais, por causa de um conjunto de equipamentos que têm ao dispor e que nós não tínhamos – computadores, consolas de jogos, televisões, [ligados] durante o dia inteiro. [Nós] passávamos o dia sempre na rua e eles não passam." (Mãe, 41 anos, classe média) (Schmidt et al., 2014: 194)

Nas entrevistas, há uma tendência para que os pais mostrem ter a perceção de que os seus filhos adolescentes são grandes utilizadores dos media eletrónicos. Frequentemente referem que os filhos têm o computador sempre ligado quando estão em casa. Deste modo, além do

consumo associado à utilização em concreto destes aparelhos, é evidente que muitos pais têm a percepção de que os filhos mantêm estes aparelhos sempre ligados, mesmo que não estejam a utilizá-los.

“Nesse aspeto a minha filha é televisão, é computador, é lâmpadas... é tudo aceso; onde ela estiver, está tudo aceso. Eu bem lhe ralho, mas não estou sempre ao pé dela...” (Mãe, 56 anos, classe baixa) (Schmidt et al., 2014: 196)

Não obstante este contexto, alguns pais afirmam que os filhos evitam gastar energia desnecessariamente, mantendo desligados quer os media eletrónicos quer as luzes que não estão a ser usados. Contudo, o mais frequente é a expressão da ideia de que os adolescentes são descuidados relativamente ao consumo de energia, apesar de estarem bem informados a respeito dos problemas ambientais.

“Vejo pelos meus filhos e pelos meus sobrinhos que estão mais bem informados do que nós [estávamos na idade deles], mas não são mais cuidadosos do que nós [éramos]. (...) eles no dia-a-dia é as luzes acesas, o computador sempre ligado, a televisão sempre ligada...” (Mãe, 42 anos, classe alta) (Schmidt et al., 2014: 193)

Também em Schmidt, Prista e Correia (2011: 44), os filhos adolescentes e jovens foram indicados pelos 41 adultos ouvidos como os “principais ‘gastadores de luz’”, dado que por negligência deixam acesas luzes por todas as divisões da casa. De um modo geral, os pais entrevistados no projeto Netzero tendem a dizer que os filhos não são muito cuidadosos relativamente ao consumo de eletricidade, sendo nalguns casos frequente que os pais os repreendam para que não deixem o carregador do telemóvel permanentemente ligado à tomada elétrica, por exemplo. No entanto, esta falta de cuidado com a energia consumida pelos media eletrónicos parece tender a ser compreendida pelos pais no quadro do forte apego, ou mesmo dependência, que diversos pais atribuem aos seus filhos adolescentes relativamente aos media eletrónicos. Entre estes dispositivos tendem a surgir de modo destacado o telemóvel e o computador, sendo que a utilização das redes sociais tende a surgir como a principal motivação que os pais indicam para este apego dos filhos por estas tecnologias.

“Ela [a filha], sem o computador... podia passar fome, mas sem computador... sem computador para ir ao Facebook e não sei quê, isso não. (...) Ela não podia viver sem computador e telemóvel...” (Pai, 53 anos, classe média) (Schmidt et al., 2014: 190)

“Os miúdos estão sensibilizados para apagar as luzes, mas se for computadores ou MP3, para uso direto deles, já não.” (Mãe, 48 anos, classe baixa) (Schmidt et al., 2014: 194)

Nalguns casos, os pais justificam a inabilidade dos filhos para poupar energia com o facto de estarem na adolescência – uma vez que esta é tipicamente uma fase da vida em que se tende a privilegiar a diversão, esquecendo-se as obrigações e ignorando-se as consequências. Mas alguns pais lamentam terem dado aos seus filhos uma educação permissiva ou demasiado protetora.

“Eles são adolescentes. Acho que teoricamente sabem tudo, são capazes de estar bastante bem informados, mas em termos práticos são muito preguiçosos, são esquecidos, são estouvados. Sabem perfeitamente que têm que desligar o carregador do telemóvel, mas aquilo não lhes cabe na cabeça. Foram mal-educados, sempre tiveram pessoas que lhes fizessem as coisas, e contra mim falo. Tentei dar-lhes o melhor possível e hoje chego à conclusão que se calhar fiz mal, devia tê-los obrigado a coisas mais cedo.” (Mãe, 51 anos, classe alta) (Schmidt et al. 2014: 193-194)

Por outro lado, nas entrevistas transparece a ideia de que diversos pais consideram que o facto de os seus filhos terem sido criados numa sociedade de consumo, em que facilmente têm acesso aos bens que desejam, tende a conduzi-los a não valorizar o que têm, em contraste com a sua própria geração, que foi criada em diferentes condições históricas e, em grande medida, num ambiente de escassez. Por esta razão – o facto de muitos pais não terem tido acesso a determinados bens e oportunidades quando eram jovens – muitos parecem agora determinados em poupar os filhos às consequências da crise, procurando garantir que têm acesso a todos os bens de que necessitam.

Face ao impacto da crise económica, foi referido nalgumas entrevistas que a anterior tendência para comprar objetos não essenciais, como telemóveis, televisões ou computadores, foi coartada. Porém, tendo criado o hábito de os utilizar, estes equipamentos são agora considerados necessários ou mesmo fundamentais para alguns dos entrevistados, fazendo inclusivamente parte do que consideram ser o conforto do seu ambiente doméstico.

Além de comprarem estes equipamentos menos frequentemente, alguns pais referem também que procuram reduzir a sua utilização, mantendo-os ligados apenas quando estão a ser usados, e que tentam reduzir os consumos destes equipamentos em standby, desligando-os na tomada ou recorrendo a extensões com interruptor.

“As pessoas hoje tentam poupar, cortar mais. Até há pessoas que se deitam cedo só para não gastarem eletricidade e não verem televisão.” (Mãe, 56 anos, classe baixa) (Schmidt et al. 2014: 195)

Alguns pais referem nas entrevistas que o facto de os filhos aceitarem estas restrições e colaborarem evitando ter ligados aparelhos ou luzes que não estejam a ser necessários pode estar relacionado com o que os filhos aprendem na escola sobre energia e que parece ser considerado relevante pelos pais, mas a educação familiar é também valorizada.

O facto de estarmos perante um estudo que não visou especificamente estudar o uso dos media eletrónicos por parte dos jovens pode ajudar a explicar por que razão se observam diferentes práticas de uso da energia. Quando inquiridos de forma mais genérica sobre o uso que fazem da energia e os cuidados que têm para não a desperdiçar verifica-se uma postura mais proactiva, do que quando se exploram práticas específicas relacionadas com os media eletrónicos, como ficará patente um pouco mais à frente neste relatório.

Como os pais parecem reconhecer, nem todas as áreas onde os jovens usam energia para desenvolver as suas práticas quotidianas assumem o mesmo relevo para o seu quotidiano. O destaque vai claramente para o uso dos media eletrónicos, sendo por isso muito importante explorar as especificidades desta área em especial e procurar compreender de que forma estas tecnologias e a sua utilização pelos jovens se cruzam com o uso de energia.

Media eletrónicos e consumo de energia nas práticas quotidianas dos adolescentes

De acordo com os objetivos do projeto e o enquadramento teórico adotado referidos na Metodologia, na análise dos resultados obtidos procurou-se caracterizar as práticas dos adolescentes relacionadas com os media eletrónicos na sua vida quotidiana e assim compreender o consumo de energia que lhes está associado. A análise dos resultados que se segue está assim estruturada de acordo com as dimensões identificadas como fundamentais: em primeiro lugar, examinam-se as tecnologias e os contextos materiais integrados na vida e rotinas diárias dos adolescentes; em segundo lugar, analisa-se o envolvimento destes com os media eletrónicos, as interações estabelecidas e os significados associados a estas tecnologias; em terceiro lugar, a análise centra-se nas competências, know-how e hábitos incorporados de utilização dos media eletrónicos e com implicações mais diretas no consumo de energia por parte destes equipamentos.

Esta análise corresponde às três secções seguintes e nelas entrecruzam-se os resultados obtidos através das diversas técnicas de recolha de dados, ou seja, o inquérito a alunos do 9º ao 12º anos que foi realizado em três escolas de Lisboa com ensino secundário; as entrevistas individuais realizadas com alguns dos que responderam ao inquérito; e as entrevistas em grupo, que reuniram pelo menos um dos entrevistados individualmente que, por sua vez, trouxeram dois dos seus amigos. Numa quarta secção analisam-se as diferenças e desigualdades encontradas entre os inquiridos, estando essa análise baseada sobretudo nos resultados do inquérito que, dada a sua natureza quantitativa e extensiva, possibilitam o cruzamento das respostas por diversas variáveis de caracterização sociodemográfica (como género, idade ou classe social, tendo sido também considerado o tipo de escola). Esta secção consiste numa síntese dos principais resultados obtidos, sendo possível encontrar uma descrição detalhada desses resultados no Anexo II. Na quinta secção também se apresenta uma análise mais detalhada dos dados, mas de natureza qualitativa, estando baseada nas entrevistas individuais e tendo como objetivo proporcionar uma visão global (e não fragmentada por variáveis ou tópicos temáticos) de cada um de um conjunto de oito entrevistados que correspondem a uma seleção de tipos ou perfis distintos.

Integração dos media eletrónicos nas rotinas diárias

De uma forma geral os media eletrónicos estão muito fortemente inseridos na vida quotidiana dos adolescentes analisados neste estudo. O acesso a um conjunto essencial destas tecnologias, em que se incluem de forma proeminente o telemóvel, a televisão e o computador, é generalizado e a sua utilização perpassa diversas rotinas diárias. Leitores de áudio portáteis (Mp3, Mp4 ou iPod), consolas de jogos e tablets são também tecnologias que tendem a estar muito presentes no seu dia-a-dia, embora relativamente a estes dispositivos tenda a haver uma clivagem considerável entre utilizadores e não utilizadores, o que estará associado ao facto de muitos dos inquiridos não disporem destes equipamentos. A Tabela 12 mostra como a utilização do trio telemóvel, televisor e computador ocupa uma parte importante (quatro horas ou mais) do dia de semana normal dos adolescentes, o que no caso do telemóvel corresponde a 64,5% dos inquiridos.

Tabela 12. Tempo por dia durante o qual os inquiridos costumam utilizar alguns media eletrónicos em média durante a semana (%)

	4h. ou mais	Entre 3 a 4h.	Entre 2 a 3h.	Entre 1 a 2h.	Entre 30m e 1h.	30m. ou menos	Não costuma usar
Telemóvel	64,5	8,6	8,3	6,5	4,0	5,2	2,8
Televisor	30,6	15,7	17,7	17,6	11,4	4,3	2,7
Computador	28,5	12,6	16,0	20,3	9,5	6,4	6,7
Mp3/Mp4/iPod	20,3	6,2	9,1	10,2	9,6	10,0	34,6
Consola de jogos	10,6	4,6	8,7	10,7	9,4	12,5	43,5
Tablet/iPad	8,9	7,5	8,7	11,0	9,8	12,7	41,4

A Tabela 12 mostra também que números bastante reduzidos de jovens utilizam pouco ou não costumam utilizar estes equipamentos. Além disso, segundo os dados do inquérito, apenas 0,9% dos inquiridos não costumam usar a internet e 0,4% disseram nunca ter tido internet em casa.

Para muitos destes jovens a utilização do telemóvel tem lugar assim que começam o dia, seja porque este é utilizado como despertador, seja (ou também) porque consultar mensagens, receber e enviá-las é a primeira coisa que fazem logo que acordam:

"Então, levanto-me... vejo o telemóvel! A ver se tenho alguma mensagem. (...) às vezes são as mensagens que me mandam quando eu já estou a dormir ou então acordo com o meu

namorado a ligar-me ou tenho uma mensagem de alguém a perguntar-me se estou acordada para ir para a escola...” (E1)

Nalguns casos não se limitam a receber e enviar SMS, acedendo também às redes sociais: *“Enquanto estou a arranjar-me vou ao Facebook, vou ao Instagram...” (E4)*. O telemóvel é também frequentemente utilizado durante o percurso para a escola para ouvir música e/ou para manter contacto com o/a namorado/a ou com um dos pais (de acordo com as entrevistas, isto parece ocorrer sobretudo entre raparigas e as suas mães, tendendo a continuar ao longo do dia, como num dos intervalos da manhã, à hora do almoço, etc.), muitas vezes para trocar mensagens com colegas e amigos durante as aulas (apesar das restrições impostas pelos professores) e nos intervalos e hora do almoço, nas deslocações depois da escola (durante as quais muitas vezes é usado para ouvir música), de regresso a casa, onde frequentemente têm novamente acesso Wi-Fi, para usar as redes sociais e o e-mail. Efetivamente, de acordo com os resultados do inquérito, 90,3% dos inquiridos declarou que costuma usar o telemóvel na escola, 85% nas deslocações, 83,6% em casa de amigos ou familiares e 81% em cafés ou centros comerciais. Além disso, 40,6% dos inquiridos declarou estar habituado a aceder à internet durante as deslocações entre casa e escola.

“No bocadinho para a escola vou a ouvir música... uso sempre, sempre. (...) Sempre que estou no autocarro estou sempre a ouvir música. E chego à porta da escola tiro.” (E4)

Na escola – e porque, como foi dito anteriormente, as escolas portuguesas disponibilizam acesso à internet via Wi-Fi gratuito aos alunos – é muito comum a utilização dos telemóveis, sobretudo para participarem nas redes sociais (é “basicamente só para o Facebook”, como disse um entrevistado de 17 anos). Os intervalos das aulas, apesar de serem considerados curtos, correspondem então a picos de utilização da rede Wi-Fi, que devido ao elevado número de utilizadores se torna bastante lenta.

“(...) na minha turma, por exemplo, têm a tendência de sempre... saem da sala já com o telemóvel na mão [a] ligar a Internet.” (E12)

Nalguns casos a comunicação ao longo de um dia normal através da troca de mensagens escritas (SMS) pode atingir um volume muito elevado.

“Mensagens não mando muito, mando mais ao fim de semana do que à semana, mas nunca cheguei a atingir o limite. O máximo que eu cheguei foi às 700 e foi no Verão; no Verão mando mais. De resto não.” (E16)

É o caso de um rapaz (E3) que costuma trocar mensagens com 10 a 15 amigos, incluindo não só amigos mais próximos como “amigos dos jogos” (ou seja, que conhece através da prática de

jogos online), frequentemente desenvolvendo diversas conversas em simultâneo e sobre assuntos diferentes, como por exemplo futebol, jogos ou apenas para estabelecer contacto ("Está tudo bem contigo, então como é que vais?"). Já lhe aconteceu o volume de SMS trocadas ter atingido o limite da memória do seu telemóvel:

"Por dia devo enviar aí uns 100/200 e devo receber também aí uns 100/200, não sei. À partida, mas deve ser à volta... Houve aí um dia, dias, que mandava aí uns 500. Até o telemóvel começava a queixar-se porque a caixa de envio só tem capacidade para receber 500 SMS e aí o telemóvel começou-se a queixar, a dizer que a caixa de envio estava cheia." (E3)

Tal como referido com mais detalhe no Anexo I, metade dos alunos inquiridos declarou enviar até 50 SMS por dia, tendo o número referido mais frequentemente sido 100. O enraizamento deste hábito de enviar SMS com tanta frequência estará associado ao facto de a maior parte ter tarifários que lhes permitem enviar estas mensagens gratuitamente.⁶

No entanto, importa referir também que alguns destes jovens têm por hábito trocar bastante menos mensagens e, de uma forma geral, utilizam o telemóvel com menos intensidade:

"Não preciso de estar sempre a mandar [mensagens]. Eu falo o necessário, não preciso de estar sempre a dizer onde estou ou o que estou a fazer... porque eu acho que as pessoas são um bocado obsessivas." (E12)

Nalguns casos os jovens utilizam dois telemóveis, não só por estarem associados a redes diferentes, mas também porque podem usar o segundo telemóvel para atividades complementares, como ouvir música ou aceder à internet, sem gastar apenas a bateria de um deles.

A televisão surge em segundo lugar como o media eletrónico cuja utilização se estende por mais tempo durante um dia de semana normal, sendo que um terço dos inquiridos declarou ver televisão em média quatro horas ou mais por dia (Tabela 12). É sobretudo ao fim do dia, durante o jantar e a seguir, que os entrevistados dizem ver mais televisão durante a semana. Nalguns casos ver televisão desempenha um papel importante no quotidiano familiar e percebe-se que ocupa um lugar no imaginário da vida em família, na medida em que reúne diariamente à sua volta todos os membros da família, que não só assistem à programação como convivem e, mesmo quando há diferentes preferências, conseguem negociar entre eles e ficar satisfeitos a ver o mesmo programa:

⁶ O mais referido é o tarifário Moche, destinado exclusivamente a utilizadores entre 10 e 25 anos, que oferece SMS gratuitos para todas as redes, chamadas gratuitas dentro da rede 96 e 4GB de internet por 7,5€ mensais.

“Gostamos de estar sempre um bocado todos juntos porque como não estamos durante o dia, chega aquela parte da noite e já é rotina. Já é mesmo rotina. (...) Acabamos sempre por ficar em acordo uns com os outros e ficamos todos felizes a ver o que gostamos.” (E1)

Nalguns casos, a televisão parece manter o seu papel agregador da família, embora se a programação não for muito interessante para o adolescente este esteja sentado na sala com a família, mas entretido com a internet a que acede através do telemóvel.

Frequentemente a televisão é referida como um substituto de companhia, sobretudo (mas nem sempre) quando não está mais ninguém em casa, seja por serem os últimos a sair de casa de manhã ou os primeiros a chegar. Nessas alturas diversos entrevistados referem que ligam sempre a televisão. Como disseram algumas entrevistadas, “a televisão ligada é uma presença” (E1), uma “companhia” (E5).

“Às vezes... às vezes ela está ligada por nada (...). (...) eu às vezes estou com o telemóvel, [e] com a televisão ligada, mas é mesmo por companhia! Acho que a maioria das pessoas é assim.” (E10)

O facto de ter o televisor ligado pode também transmitir uma sensação de segurança:

“(...) eu vivo num sítio em que há o medo de assaltarem [as casas] e eu prefiro estar com algum som quando estou sozinha, que é para não me sentir tão sozinha e não ter tanto medo... Normalmente ponho uma série [na televisão], algo com imagem para ter a sensação de companhia...” (E16)

Alguns referem que precisam de ter a televisão ligada para adormecer (usando nesse caso um temporizador para que se desligue sozinha). Noutros casos não é apenas a televisão que é utilizada para criar “um ambiente” (EG4) doméstico agradável, recorrendo-se também ao computador para tocar música. Assim, a televisão parece desempenhar frequentemente um papel complementar, sendo um outro media eletrónico utilizado em simultâneo que capta a maior parte da atenção.

No caso de um rapaz de 18 anos (E3), depois de desligar o alarme do telemóvel que usa para acordar durante a semana, liga a televisão e o computador que tem no seu quarto, deixa-os ligados enquanto toma duche, quando vai tomar o pequeno-almoço – onde, adicionalmente liga o televisor que têm na cozinha – e enquanto se veste e volta à casa de banho, sendo apenas imediatamente antes de sair de casa que desliga os três aparelhos.

Em geral a programação televisiva nacional parece ser criticada pelos jovens – “para nós é um bocado entediante” (EG4). Inclusivamente, um pequeno número de entrevistados referiu não ter o hábito de ver televisão por não gostar sobretudo da programação dos canais nacionais:

"(...) por acaso nunca fui grande adepto de televisão até nem gosto de televisão portuguesa, acho que não tem interesse nenhum." (E8)

Em contrapartida, muitas séries de ficção, americanas sobretudo, são muito apreciadas. Mas muito frequentemente são seguidas através da internet (onde é possível encontrar todas as temporadas) e não tanto através de canais de televisão por subscrição.

Mais do que não gostar simplesmente de ver televisão, nota-se nas entrevistas, individuais e realizadas em grupo, alguma resistência à prática de ver televisão, que nalguns casos é inculcada pelos pais. Esta resistência não é surpreendente, estando enraizada numa crítica à qualidade da programação deste meio de comunicação que se dirige às massas e, por isso, tende a transmitir conteúdos populares. Trata-se no fundo de um discurso veiculado pela elite cultural que é crítico relativamente ao domínio da cultura mercantilizada e massificada que prevalece na televisão (Horta, 2009). Alguns indivíduos que não se identificam com este tipo de oferta procuram canais mais segmentados, com audiências mais reduzidas, como é o caso desta rapariga de 18 anos:

"(...) eu evito ao máximo [ver televisão], tento sempre... não sei, não me prende! E quando vejo é só a TLC. Conhece?" (E2)

A resistência à televisão é também visível no número de televisores e na sua localização em casa. Assim, numa das famílias, por exemplo, só há um televisor, numa sala do andar de cima. Entende-se que a presença da televisão prejudica o relacionamento dos membros da família, além de que ver televisão pode tornar-se uma prática obsessiva, como sugere esta rapariga de 16 anos:

"Temos só uma televisão. (...) Porque a minha mãe diz que na hora da refeição não é para ver televisão, é para falar, para a família conversar. Nos quartos é para estudar, é para descansar ou é para ler. A minha mãe não gosta muito de televisões... A minha mãe não vê televisão lá em casa. Ela diz que isso... se cada um de nós tivesse uma televisão, primeiro, a conta da eletricidade seria muito maior. (...) Depois também dizia que nós não sairíamos do nosso quarto, estaríamos sempre no nosso quarto e nunca iríamos falar, nem iríamos sociabilizar com o pai ou com a mãe ou com os meus irmãos para estar sempre no "nosso buraco" (...)." (E4)

Porém, entre os que veem televisão mais frequentemente, esta parece oferecer uma forma de entretenimento inofensivo (e até proveitoso), que permite ocupar os tempos livres de uma forma despreocupada e assim evitar o aborrecimento. Este aborrecimento parece afetar

sobretudo os jovens que tendem a passar em casa (frequentemente sozinhos) a maior parte do tempo em que não estão na escola.

"E também fora isso [ver televisão e usar o computador] não tenho mais nada para fazer... (...) se eu tiver que fazer outra coisa, eu faço outra coisa, se não tiver nada para fazer, acho que não estou a perder tempo, estou lá entretido." (E7)

Ao fim-de-semana e nas férias os entrevistados dizem muitas vezes que passam mais tempo a ver televisão. Frequentemente fazem-no ao mesmo tempo que utilizam o computador e o telemóvel.

"Sim, sim, sem dúvida [que uso mais os media eletrónicos ao fim de semana]. Pronto, tenho mais tempo para fazer isso... vou fazendo os meus trabalhos de casa, vou vendo um bocadinho de televisão, vou vendo qualquer coisa no telemóvel, conversando com alguém... Como não tenho de estar nas aulas... por exemplo, até enquanto estou a fazer os trabalhos, quando tenho uma dúvida qualquer mando uma mensagem a perguntar "conseguieste fazer o exercício 23?". Uso definitivamente mais no fim-de-semana." (E15)

Com frequência a televisão é assim usada em simultâneo com outras tecnologias e, uma vez que através da internet (ou outro sistema) também é possível assistir a programas televisivos através do computador, nalguns casos os entrevistados dizem ver, por exemplo, dois jogos de futebol ou dois filmes ao mesmo tempo.

A quase totalidade dos inquiridos (96,8%) afirma usar o computador em casa, no entanto, o sucesso dos smartphones, que permitem aceder à internet, está a contribuir para que o computador seja usado de forma mais estrita, ou seja, quando as suas qualidades são efetivamente usadas, como para usar determinados programas ou funcionalidades de que os telemóveis não dispõem ou para as quais não são práticos (como escrever, por exemplo, por não disporem de teclados físicos). Além disso, desde que disponham de internet sem fios em casa, os jovens podem utilizar os telemóveis em qualquer lugar (como enquanto veem televisão) e podem aceder de forma bastante rápida (sem que tenham de estar à espera que o computador arranque) – "o telemóvel é mais imediato" (EG6). Assim, de acordo com diversos entrevistados, o computador é usado sobretudo à tarde quando chegam a casa se tiverem algum trabalho da escola para fazer ou para "sacar filmes novos" (E3), tendendo de resto a ser substituído pelo telemóvel:

"O computador é mais para trabalhos, o computador está sempre um bocadinho de parte porque o telemóvel faz quase tudo também... [o computador] é mais para ir ao Word, PowerPoint e assim." (E5)

Alguns jovens, no entanto, afirmam passar “várias horas seguidas” (EG1) a ver séries no computador. Esta capacidade de captar a atenção dos jovens e de os manter entretidos durante horas seguidas é explorada na secção seguinte.

Envolvimento, interação social e significados associados aos media eletrónicos

Procurando compreender os significados atribuídos aos media eletrónicos pelos jovens, torna-se evidente uma forte ambivalência. Por um lado, estes equipamentos estão associados a atividades centrais na sua vida quotidiana (entretenimento, contacto com amigos e família, acesso a – e processamento de – informação); mas, por outro lado, é evidente uma crítica à utilização excessiva que, no entendimento geral dos entrevistados, afeta quase toda a sua geração. Este discurso é transversal, tendo sido encontrado em todos os entrevistados, independentemente do seu nível de utilização ou de variáveis sociodemográficas. Dada esta ambivalência, quando inquiridos relativamente a como se caracterizam enquanto utilizadores de media eletrónicos, tendem a desvalorizar a sua utilização e geralmente auto-classificam-se como utilizadores um pouco menos intensivos que os seus pares.

“É mais ou menos igual... Se calhar um bocado menos... porque eu vejo amigas minhas que às vezes estou a falar com elas e... eu estou a falar e elas ao telefone; e eu a querer falar! Faz confusão. Se calhar, eu às vezes também faço isso, mas faz confusão. (...) às vezes vejo amigos meus a usar excessivamente, mesmo... passo por eles e em cada intervalo, se for preciso, estão ao telefone – assim, uma coisa incrível! (...) A ligar ou por mensagens, mesmo, passam o tempo todo a olhar para baixo, a escrever ao telefone.” (E1)

Alguns mostram a sua resistência a uma utilização intensiva destas tecnologias através de hábitos como, por exemplo, ter geralmente o telemóvel com o som desligado e não o levar constantemente consigo (dentro de casa). Nestes casos não parece tratar-se tanto de uma resistência ou aversão à tecnologia, mas à possibilidade de, através dela, estarem sujeitos a ser contactados quando não o desejam, ou seja, poderem perder alguma liberdade.

“(...) o meu [telemóvel] está sempre quase no silêncio. Quem precisa de ligar pode ligar outra vez, quem precisa mesmo. Se não, ligo eu ou mando uma mensagem.” (EG2)

Nalguns casos, após um período de utilização mais intensa, o próprio entrevistado decidiu que devia moderar o modo como usa os media eletrónicos:

"Houve um período em que eu achei que utilizava demais, apesar de não estar viciada achava que utilizava de mais, por isso comecei a reduzir." (E18)

Apesar desta ambivalência relativamente a estas tecnologias, também admitem o elevado nível de entretenimento que os media eletrónicos lhes proporcionam, a ponto de por vezes passarem horas (ou mesmo toda a noite) a divertirem-se com os amigos através destes meios.

"(...) as nossas webs costumam começar à meia-noite e acabar às seis da manhã. Exato. Aquilo dura porque o tempo passa bué rápido e depois o sono não vem, então ontem passámos a noite a ver vídeos, tipo, um ia buscar um vídeo e depois eu ia buscar outro... que metiam piada. Nós riamo-nos. (...) Eu meto o link do vídeo, ele vai ver e depois vemos, claro que não é ao mesmo tempo, (...) mas estamos a ver o vídeo e vemos a reação do outro. Mete muito mais piada do que estarmos só a ver o vídeo e rirmo-nos do vídeo; assim rimo-nos também da reação do outro." (E8)

Frequentemente dizem "já ter usado mais" do que atualmente e nalguns casos contam que já estiveram viciados, sobretudo em jogos. Ficar-se viciado na utilização de um media eletrónico é um tema que surge recorrentemente nas entrevistas, tendo alguns entrevistados declarado que essa é a situação "normal". De facto, quando se lhes pede que caracterizem a forma como a geração deles usa os media eletrónicos, as expressões "exagero", "obsessiva", "estar constantemente", "estão lá sempre batidas" (EG1), "viciadas" (EG3), surgem imediatamente. Nesses casos os adolescentes são caracterizados como estando constantemente a conversar com outros através do telemóvel, sem qualquer motivo aparente, "só porque sim" (EG1).

"Até chego a pensar que algumas [pessoas] vivem daquilo [as redes sociais]." (EG4)

Nas entrevistas foi referido o problema de muitos jovens parecerem apenas ter autoconfiança se forem populares através das redes sociais, ou ainda o facto de alguns criarem identidades falsas. Mas o risco de se tornarem efetivamente viciados na utilização dos media eletrónicos, a ponto de estarem de "manhã até à noite nos computadores" (E3), não saírem de casa e chegarem a "faltar às aulas só para jogarem" (E3) tende a ser associado sobretudo aos jogos, à prática de jogar online, parecendo ser mais frequente entre os rapazes.

"(...) tenho um primo que ele é viciado nos jogos, ele está sempre a jogar; se for preciso está a jogar um dia inteiro, sem falar com ninguém nem nada, só jogar". (E8)

Com exceção dos casos extremos, esta condição pode no entanto ser difícil de identificar.

"Sim, eu conheço pessoas viciadas, mas... (...) é a tal coisa, elas não 'tão viciadas completamente (...). E conhecemos sim, conhecemos algumas pessoas que chegam a casa e vão jogar e 'tão a jogar uma horinha ou duas antes de ir fazer qualquer coisa, mas os

nossos pais acho que não têm assim muito a noção disso... Quer dizer, não se nota muito! As pessoas viciadas não se vê assim muito facilmente.” (E21)

Para os familiares esses casos poderão ser apenas evidentes quando os jovens ficam efetivamente dias inteiros fechados no quarto a jogar.

“O meu irmão e o meu pai andavam-se sempre a queixar que eu passava o dia todo no computador, só isso. O dia todo, nunca saía e isso...” (E3)

Alguns jovens entrevistados admitiram nalgum momento, no passado, terem percebido que estavam viciados num jogo. Nesses casos dizem ter decidido parar devido às implicações negativas que essa prática estava a ter nas suas vidas.

“Deixei mesmo o jogo, porque acho que aquilo era, era um... já ‘tava a ficar muito viciada naquilo. Quer dizer, eu já era viciada, por isso resolvi mesmo deixar de jogar. Até porque... o jogo mudou... de... eu acho que joguei aquilo pelo menos... um ou dois anos. E aquilo mudou, a forma de ser [dos jogadores]! As pessoas já não eram tão... simpáticas umas com as outras como costumavam ser... já... algumas só já falavam com pessoas que já conheciam há mais tempo... e... e eu própria cheguei a gastar dinheiro naquele jogo, porque... para comparar as roupas, etc... então achei que era melhor deixar de jogar pra... pronto!” (E10)

Por temerem estas situações, e na medida em que parece estar muito generalizada a ideia de que os jovens podem facilmente ficar viciados na utilização destes equipamentos, alguns pais optam por prevenir estabelecendo limites à utilização.

“Eu tenho a Playstation há seis anos e desde que me lembro que nós só jogamos Playstation das duas uma: ou nos fins-de-semana – é sempre nos fins-de-semana durante a escola – ou nas férias, se calhar dia sim, dia não. Assim uma hora depois do jantar, nós nunca, nunca!.... Os meus pais também não queriam muito que nós... porque depois as pessoas viciam, não é? Não queriam que nós ficassemos viciados, então nunca gastámos muito [tempo a jogar]... nunca, pronto, com a Playstation.” (E21)

Noutros casos, apesar de preocupados a vários níveis, os pais têm dificuldade em regular a utilização dos media eletrónicos pelos filhos.

“Tenho o exemplo disso em casa: o meu irmão. Ele acorda cedo, vai logo para o computador. Se a minha mãe não intervir, ele pode ficar até à noite... fica até... sim, ele fica até à noite! Pode ficar até lá prá meia-noite, uma, a jogar, é... completamente viciado. Mesmo muito viciado! (...) Agora a minha mãe estipula horas para ele sair, porque... primeiro ela acha que aquilo vai-lhe fazer mal à visão, porque está sempre, sempre,

sempre, sempre a jogar! E depois ela nunca o vê a estudar. Ele diz que nunca tem TPCs, mas ela acha estranho como é que um aluno... na escola não tem TPCs. (...) quando é fim de semana, acorda e vai logo pró computador, nem faz outra coisa! Quanto muito vai buscar um... um pacote de leite como pequeno-almoço e vai pró computador. Quando vem da escola, vai logo pró computador. É que não faz mesmo mais nada!" (E10)

No entanto, a generalidade dos pais parece encarar com tranquilidade a utilização dos media eletrónicos pelos filhos, sobretudo se estes cumprirem as tarefas (escolares, domésticas) que lhes são estipuladas.

"Hum, não se importam. Às vezes quando fico, nas férias, quando fico até às duas no PC, ou às três, não dizem nada. Só que... primeiro tenho de fazer o que há para fazer em casa, limpeza... tudo direitinho... Depois é que posso ficar o tempo." (E13)

Embora os casos mais graves de jovens viciados na utilização de media eletrónicos sejam muito frequentemente referidos, parecem não ocorrer com grande frequência. Em contrapartida, níveis mais ligeiros e discretos parecem ser bastante comuns. Alguns jovens reconhecem em si próprios esta atratividade dos media eletrónicos e admitem que quase lhes escapa ao seu controlo.

"(...) temos sempre a tendência de ir ver ao Facebook. É muita estranho! Parece que é inconsciente." (E2)

Mas de uma forma geral os entrevistados tendem a referir a dependência dos media eletrónicos que observam nos outros, mais do que em si próprios.

"É estar com amigos e estar sempre a ver o telemóvel, não conseguir ter uma conversa normal sem estar de cinco em cinco minutos a ver o telemóvel." (EG5)

Nestas circunstâncias, a possibilidade de ficar sem acesso aos media eletrónicos parece tornar-se uma fonte de ansiedade para alguns:

"(...) se ficam sem aquilo um dia parece que é o fim do mundo..." (EG1)

Tal como descrito numa entrevista em grupo, mais do que ansiedade, a dependência dos media eletrónicos estará associada ao desenvolvimento de alguma agressividade:

"Acho que essas pessoas são, como nós dissemos, viciadas, dependentes, e como já dissemos também, agressivas, e um bocado... acho que não têm bem a noção que (...) estão a ficar viciadas... «Ah, é só mais uma vez, ah e vou, só vou jogar aquilo». Por exemplo, muitas pessoas dizem «Ah, vou só ver o meu e-mail» e ficam o resto do tempo no computador.» (EG3)

A capacidade de viciar não é a única fonte de crítica que atribuem aos media eletrónicos. Uma outra que surge de forma igualmente recorrente nas entrevistas diz respeito à perda de contacto pessoal – leia-se imediato ou face-a-face – com amigos, que tende a ser reduzido à convivência mediada por estas tecnologias. Muito frequentemente nas entrevistas é referido que os jovens viciados (em sentido lato) na utilização dos media eletrónicos perdem capacidade (ou oportunidades de desenvolvimento da capacidade) de se relacionarem com os outros, parecendo tornar-se incapazes de transporem para a interação face-a-face a comunicação que estabelecem através das tecnologias: “Não sabem relacionar-se” (EG1).

Mas mesmo sem cair neste extremo, frequentemente referem que na sua geração, em vez de se encontrarem pessoalmente e saírem juntos, limitam-se a trocar mensagens (ainda que incluindo vídeos e outras imagens) e que, mesmo quando estão juntos no mesmo local, continuam a utilizar os telemóveis (para comunicar com outros), acabando por conversar menos com os que estão junto de si.

“Nós muitas vezes à noite vamos para um bar (...), vamos lá muitas vezes, aquilo tem um ambiente muita giro e (...) nas sextas-feiras à noite nós obrigamos a desligar os telemóveis para nós podermos falar mais e, também, estar um bocado à parte do que está a acontecer lá fora... e nós estávamos todos a divertir-nos imenso (...), estávamos a fazer imenso barulho, [e] na mesa ao lado estavam uns rapazes sentados, a mexer no telemóvel e não falavam. E nós ficámos assim a olhar para eles e depois eu disse assim à Margarida: «Margarida, nós às vezes somos assim!» e ela: «Eu sei, eu sei, que horror, que horror...»”
(E4)

A este respeito, alguns referem que os jovens tendem a habituar-se a trocar mensagens curtas entre si, acabando “por se perder o falar em si, a conexão pessoal” (E15). Nalgumas entrevistas foi também referido que alguns adolescentes parecem começar a preferir contactar com outros através dos media eletrónicos, talvez quando não se sentem confiantes ou por timidez – timidez essa que parece não se manifestar tanto quando se trata de enviar mensagens.

Além disso, nas entrevistas tendem também a criticar o tipo de entretenimento com que se ocupam via redes sociais no sentido em que se divertem de formas pouco sofisticadas. Outra crítica diz respeito ao facto de que as conversas tendem a centrar-se no “que se passa nos telemóveis e na televisão” (E4), não tendo qualquer profundidade. Uma vez que na atualidade os jovens estão habituados a fotografar e disponibilizar nas redes sociais online imagens do que lhes vai acontecendo no dia-a-dia, alguns criticam o facto de que, se alguma coisa que lhes aconteça não for mostrada nas redes sociais, outros podem não acreditar que efetivamente aconteceu. Aliás, como referiu uma rapariga de 16 anos, entre o seu grupo de amigos costuma-

se dizer que “se não foi postado é porque não aconteceu” (E4). Há assim uma pressão social no sentido de tornar a partilha de fotografias nas redes sociais uma necessidade.

Uma outra crítica associada ao hábito de fotografar e/ou filmar todos os eventos memoráveis consiste no facto de que quem o faz não consegue efetivamente aproveitar ou apreciar o que está a acontecer no momento (seja um concerto, um determinado ambiente, a companhia) por estar tão ocupada/o com a tecnologia. A necessidade de partilhar as fotografias nas redes sociais sobrepõe-se assim à própria diversão, pelo que “não aproveitam o momento” (EG3) – “às vezes até nos esquecemos de viver” (E4).

“(...) eu num concerto não tiro muitas fotos. Não sou daquelas pessoas que vai a um concerto para filmar as músicas inteiras nem para tirar fotos. Sou uma pessoa que vai aos concertos para aproveitar. Só que também gosto de ter recordações e tiro uma foto, mais ou menos dez fotos num concerto inteiro... à banda e [também] tiro umas cinco/seis fotos a nós, ao grupo inteiro. Depois as fotos que eu mais gostar vão para o quadro e depois, de resto, estou sempre a apreciar o concerto.” (E8)

Esta necessidade de participar nas redes sociais está associada a uma certa pressão social no sentido de serem considerados populares, admirados e terem muitos amigos. Uma utilização intensiva das redes sociais é assim entendida como uma forma de...

“(...) se evidenciarem, para dizerem que têm muitos contactos e são muito sociais, (...) [são] muito importantes. Isso é o que eu vejo. Isso é a maioria dos jovens agora... e só querem é mostrar isso (...). Querem-se gabar e querem-se evidenciar... daquilo que querem ser e não são (...). (...) Por exemplo, eu tenho um amigo na minha turma que tem um telemóvel para parecer fixe e finge que ‘tá nas mensagens – e ele está é nas definições a mexer, a bloquear e a meter coisas e anda de cima para baixo... depois finge que está a escrever mensagens.” (EG1)

Neste contexto, algumas formas de entretenimento com menor potencial de popularidade podem ser criticadas pelos pares, como no caso de uma rapariga que relatou numa entrevista de grupo que “uma vez gozaram comigo porque eu andava com um livro na mala” (EG3). Outras formas de entretenimento que não implicam a partilha online são, no entanto, socialmente aceites – ou até promovidas – entre os pares, como é o caso de ouvir música. Nalguns casos essa prática pode tornar-se bastante intensiva.

“(...) uso muito o telemóvel para ouvir música, é das principais funções é... do meu telemóvel é para eu ouvir música! Eu ouço música quando estudo, ouço música para

adormecer, ouço música quando 'tou, tipo, numa fila... ou estou sozinha... ouço muito música." (E21)

Notam que os mais novos (mesmo que apenas um ano ou dois mais novos) usam os media eletrónicos ainda com mais frequência do que eles. Observam que "estão sempre ligados" e que isto pode ser prejudicial, uma vez que as crianças podem ficar "logo muito cedo viciadas" (E17) e quase deixar de brincar com outras, andar de bicicleta ou fazer outras atividades ao ar livre, além de se exporem a riscos online (como conhecer pessoas mal-intencionadas, por exemplo) para os quais não estão preparadas.

"(...) vão depender muito do telemóvel, vão ficar muito agarrados ao telemóvel e não vão dar importância a outras coisas." (E7)

Esta preocupação está bem presente no seguinte excerto da entrevista a uma rapariga de 15 anos a respeito do seu irmão mais novo:

"Ele gosta mesmo é de estar em frente ao computador a jogar! Mas eu preferia que ele fosse como os outros jovens que saem. (...) Porque eu... quero que ele se relacione com as pessoas e não que... seja daqueles que... não digo esquisitos, mas... os anti-sociais!" (E10)

A generalidade dos entrevistados revela assim a perceção de que o uso dos media eletrónicos tende a estar associado à formação de hábitos que parecem tender a cristalizar-se.

"Porque já está habituado a usar e é como se [o telemóvel] fosse (...) uma coisa importante, nunca o larga." (EG2)

Assim, paradoxalmente, apesar de os media eletrónicos permitirem estabelecer contacto com outros à distância e até permitirem alargar substancialmente o número de indivíduos com quem se contacta quotidianamente, entre os adolescentes entrevistados é muito comum a ideia de que estas tecnologias também contribuem para um certo distanciamento entre os jovens, no sentido em que estes estão mais "agarrados" aos media eletrónicos que aos amigos em si próprios: "deixam de conviver com as pessoas porque têm algo diferente com que se entreter" (E18).

De acordo com as explicações que oferecem para a tendência para se usar cada vez mais os media eletrónicos, a principal razão será a evolução tecnológica, uma vez que a existência de equipamentos com progressivamente mais capacidade e qualidades mais aperfeiçoadas (câmaras que permitem tirar fotografias ou filmar com maior definição, por exemplo), deixa-os "mais entusiasmados" (E4). A vasta oferta e contínuo lançamento de software (ou aplicações) contribui igualmente para mantê-los entretidos, interessados em usar e experimentar.

“Tem umas aplicações que faz com que o tempo passe... por exemplo, agora há aplicações para tudo, desde os jogos... há aplicações para tirar fotografia... portanto, há imensa coisa que nós às vezes também nem sabemos o que é que havemos de fazer com elas... então fazemos quase tudo e acho que, pronto, olhe...” (E4)

Um outro fator que contribui para a generalização do uso dos media eletrónicos diz respeito ao contexto social em que estas tecnologias estão progressivamente integradas e, mais concretamente, a influência (ou um certo contágio) dos pares.

“(...) nós estamos sempre rodeados de pessoas que estão sempre no telemóvel, estão sempre a postar fotos novas, a mandar mensagens... E nós, mesmo sem serem elas a estarem a dizer «olha, tira uma foto e põe no Facebook», nós acabamos por, através do meio que nos está a rodear e em que estamos envolvidos, acabamos por ser influenciados a fazê-lo porque toda a gente se junta para tirar uma selfie em conjunto e nós acabamos por se calhar nos juntar a essa selfie e depois no dia seguinte começar nós uma selfie com toda a gente e, mesmo sem ninguém nos ter dito «anda cá», acabamos por fazer o mesmo.” (E15)

A atenção dada aos media eletrónicos entra frequentemente em competição com o tempo de que necessitam para estudar. Em muitos casos, sobretudo entre os entrevistados mais velhos, é visível uma quebra no tempo que em anos anteriores dedicavam aos media eletrónicos.

“Assim em dias de aulas eu não passo muito [tempo], que este ano tenho de me concentrar mesmo nos estudos... eu nem passo muito tempo em chamadas, nem muito tempo em mensagens. Por acaso as chamadas é mesmo só... as mensagens, é para combinar saídas naquele dia.” (E8)

A questão de até que ponto a utilização dos media eletrónicos ao mesmo tempo em que estão a estudar é prejudicial ou não tem uma resposta muito variável. Através do inquérito verificou-se que um grande número de inquiridos costuma usar as redes sociais ao mesmo tempo que estuda (em média 3,07, numa escala em que 1 representa o mínimo e 6 o máximo). No que diz respeito a ouvir música, diversos entrevistados afirmaram ter o hábito de o fazer enquanto estudam.

“(...) sempre que trabalho ou estudo tenho sempre música, seja no iPad ou na aparelhagem, tanto faz. Mas utilizo sempre, diariamente. Até para me manter mais desperto a trabalhar. Se não, às vezes perco-me a olhar para qualquer coisa.” (E14)

Nalguns casos, desenvolveram o hábito de ter diversos media eletrónicos ativos à sua volta enquanto estudam.

"Eu sou uma pessoa que, para estudar, tem que haver um bocado de barulho... então se for música, então ótimo! Punha a música aos altos berros... e estava a estudar e a televisão estava ligada. [Entrevistadora: Mas com som?] Sem som, que as vezes estou a ouvir uma música e olhar para a televisão e apanhar uma coisa... um programa, que me esta a interessar." (E6)

Outros consideram que ouvir música enquanto estudam ajuda-os a manter a concentração:

"O simples facto de estar a fazer exercícios a ouvir música faz com eu consiga concentrar-me só nos exercícios; a música acaba por ser ajuda, até. Eu não 'tou concentrada na música, 'tou concentrada nos exercícios enquanto ouço música! Ou seja, consigo concentrar-me apenas nos exercícios, acaba por ser um exercício até de concentração e de me conseguir focar no que quero." (E21)

No entanto, noutros casos passa-se o oposto, havendo entrevistados que dizem precisar de silêncio para poderem estudar. Nesse sentido, chegam a evitar a presença dos media eletrónicos no seu quarto durante o ano escolar:

"Eu não tenho televisão no quarto porque tenho que estudar e os meus pais não querem que eu à noite veja televisão e então é mais fácil. Se eu tivesse televisão, mesmo que estivesse a estudar ia lembrar-me de a ligar e assim não. E eu também acho que é melhor, porque assim estou mais concentrada nos estudos. No verão tenho, posso. Mas na época de aulas não." (E16)

Apesar da relevância que os media eletrónicos têm na sua vida quotidiana, frequentemente nas entrevistas é revelada alguma saturação face à tecnologia, como se sentissem uma sobre-exposição tecnológica.

"Usar as tecnologias ao mesmo tempo eu faço, mas faz-me confusão. Eu às vezes dou por mim assim, largo o telefone, desligo a televisão, estou só no computador." (E1)

Noutras entrevistas, nota-se alguma nostalgia relativamente a uma idealização do passado em que os equipamentos eletrónicos não estavam tão presentes.

"Preferia como era atrás. (...) [Entrevistadora: Menos tecnologia?] Por acaso sim, preferia. Não ficar sem tecnologia, mas um bocado menos... Não nos fazia mal nenhum." (EG1)

Uma das razões para esta saturação parece consistir na ideia de que as tecnologias facilitam demasiado a vida, o que contribui favoravelmente para o desenvolvimento da preguiça. Uma hipótese a explorar futuramente é se a abundância de tecnologia na vida quotidiana e toda a excitação que lhe está associada não terá paradoxalmente como efeito um crescente

aborrecimento. As entrevistas mostram também por vezes alguma inquietação relativamente ao controlo crescente sobre a vida de cada utilizador que as tecnologias tornam possível. Tal como foi dito numa entrevista de grupo, no futuro este controlo poderá conduzir a uma “degradação total” (EG3) da vida quotidiana e a um aumento dos riscos tecnológicos para a sociedade.

Competências e hábitos incorporados relacionados com o consumo de energia

Nas secções anteriores observou-se a relevância que os media eletrónicos assumem na vida quotidiana dos adolescentes, não só relativamente ao tempo que de uma forma geral todos os dias passam a utilizar estes equipamentos, como relativamente à importância simbólica que lhes atribuem, como forma de estarem em contacto com outros, estarem entretidos, sentirem-se acompanhados, etc. Nesta secção procura-se identificar as implicações destas práticas relativamente ao consumo de energia associado a estes equipamentos. Em particular, procura-se caracterizar as competências e os hábitos que os adolescentes têm incorporados relativamente ao consumo de eletricidade associado aos media eletrónicos.

De uma forma geral, a perceção da energia consumida por estes equipamentos é de que esta representa uma proporção pequena relativamente ao conjunto da eletricidade gasta em casa. Esta perceção parece estar associada à dificuldade em estimar o consumo energético dos equipamentos domésticos de uma forma geral.

“Eles consomem, mas não sei se é muito...” (E3)

É frequente, no entanto, terem a perceção de que outros eletrodomésticos deverão consumir mais eletricidade que os media eletrónicos.

“Acho que têm algum peso, mas não sei se será assim um peso assim tão grande e significativo, comparado com o resto das coisas... frigoríficos, máquinas de lavar e essas coisas...” (E15)

No entanto, os entrevistados distinguem geralmente o caso dos televisores como equipamentos que consomem bastante energia, não só por estarem frequentemente muitas horas ligados, mas também nalguns casos devido à grande dimensão do ecrã. Menos frequentemente, os computadores são referidos como os media eletrónicos que mais consomem em suas casas por estarem muito tempo ligados. Aliás, para alguns entrevistados, o tempo de utilização parece ser o principal indicador que utilizam para avaliar o consumo elétrico dos equipamentos, ignorando assim outros aspetos como a potência.

"[Entrevistadora: E dos media eletrónicos, qual é que acha que gasta mais?] O telemóvel, porque está sempre ligado, estou sempre lá e está sempre a gastar bateria, por isso eu acho que é o que gasta mais." (E16)

A dificuldade em avaliar o consumo elétrico parece, aliás, estender-se ao conjunto dos membros das famílias, dado serem sobretudo as lâmpadas que são objeto de comentários quando os pais pretendem que se gaste menos eletricidade em casa. Efetivamente, muitos entrevistados referem que os seus pais (ou avós) querem que se desliguem as luzes que não estão a ser necessárias. No entanto, na maioria das famílias dos entrevistados o tema da poupança de energia não parece ser objeto de conversa.

"Só se for aquele sermãozinho de eu ir prá sala e deixar as coisas acesas, às vezes... desligar a luz..." (E6)

Curiosamente, a poupança de água parece ser referida mais frequentemente nalgumas famílias. Assim, ainda que no caso dos duches a água gasta também esteja associada ao consumo de gás para aquecimento, alguns pais chamam a atenção dos filhos para que não gastem água desnecessariamente, e não energia, o que parece dever-se ao facto de o consumo de energia ser menos visível:

"É mais pela água do que pela... porque tomar banho todos... e depois a casa de banho é mais longe, muito longe do... esquentador, depois é... demora muito tempo a aquecer. Mas é mais a água que damos conta do que a energia." (E13)

No entanto, em algumas das famílias dos entrevistados a intenção de poupar energia está bem presente nas conversas quotidianas, havendo também hábitos de poupança inculcados em todos os membros.

"Nós falamos, falamos, sim! E temos comportamentos já induzidos, que já... por exemplo, pequenas coisas: há pessoas que carregam o telemóvel e deixam o carregador [ligado à tomada], nós nunca fazemos isso. Nós temos aquelas extensões, por exemplo, quando não 'tamos, é a tal coisa, quando não 'tamos a usar a televisão, desligamos a televisão, desligamos da extensão; não 'tamos a usar a Playstation, é a mesma coisa. Tudo o que não estamos a usar, desligamos! Usamos as coisas mais eficientes, sempre tivemos bastante atenção a esses gastos energéticos, desnecessários." (E21)

Assim, se nalgumas casas é costume, por exemplo, haver um televisor quase permanentemente ligado (ou até mais do que um), noutras há o hábito de se desligar imediatamente o televisor quando ninguém está a ver. Quer num caso quer noutro, parece tratar-se de um hábito familiar, ou seja, a família globalmente habitua-se a uma ou outra situação. Nas famílias em que se adota

a regra de desligar o televisor quando ninguém está a ver o consumo desnecessário de eletricidade é a principal razão evocada.

“Não acontece muito não ‘tar ninguém a ver, se não ‘ta ninguém a ver, desliga-se e acabou, (...) é automático; se não estamos a usar, desliga-se! Pronto, é assim. Nem costuma muito acontecer assim esse tipo de situações porque nós não queremos, desligamos. Não, não deixamos [ligada], pra fazer assim barulho de fundo nem nada, desligamos, mesmo.” (E21)

Nalguns casos parece assim ter-se criado uma dinâmica familiar em que se evita o desperdício e valoriza a poupança, formando-se um contexto que facilita a reprodução destes hábitos.

“Muitas vezes, sem querer, nós pomos o computador em modo a dormir, em vez de desligar é a dormir, que não está apagado e é só clicar e liga logo – isso gasta energia na mesma. E isso lá em casa não pode ser, nem isso nem televisão aberta sem ninguém estar a ver; ou nós estarmos a falar e estar com a televisão [ligada], não faz sentido. Portanto, isso não.” (E4)

Além dos hábitos familiares de utilização dos equipamentos, importa ter em consideração o contexto material (incluindo as condições económicas) das famílias. Assim, nalgumas famílias o desafio económico é acompanhado de uma evidente abundância tecnológica, que se traduz num elevado consumo elétrico. Nestes casos as implicações (económicas, ambientais) em termos de consumo energético parece ser desvalorizado a favor de uma dinâmica familiar em que se valoriza acima de tudo a fruição dos equipamentos disponíveis.

“(...) nós temos muitos aparelhos em casa... E depois estamos sempre com eles ligados! Sempre em uso!... Acho que gastamos muita eletricidade...” (E10)

Por outro lado, em famílias economicamente menos favorecidas, devido à pressão económica no sentido de limitar o mais possível as despesas, bem como às condições materiais e tecnológicas da habitação, o consumo de energia pode já estar reduzido ao mínimo.

“(...) a minha casa já é antiga, o quadro da luz é fraco... se ligarmos muita coisa o quadro vai abaixo. Portanto já temos aquela noção do que podemos ligar ou não. Por exemplo, se ligarmos dois eletrodomésticos ao mesmo tempo sabemos que isso, se calhar, vai mandar o quadro abaixo, e então não gastamos assim tanta energia... Talvez o que gaste mais energia na minha casa seja o frigorífico. (...) A televisão não dá para ter em standby porque já é antiga.” (E12)

As condições socioeconómicas das famílias não podem, no entanto, ser consideradas uma explicação suficiente para a diversidade de dinâmicas familiares relativamente a estes consumos.

Com efeito, e apesar do contexto de crise, muitos dizem que a utilização dos media eletrónicos pela generalidade das pessoas que conhecem não foi afetada – inclusivamente em casos em que “os pais não têm dinheiro para os livros ou para algum material escolar” (E7).

“[Entrevistadora: Mas nota na sua escola ou entre os seu amigos que tem havido restrições na forma como as pessoas usam os media eletrónicos? Lembra-se de algum caso em que tenham passado a usar menos?] Acho que não, acho que usam normal.” (E12)

Todavia alguns entrevistados também dizem conhecer casos de famílias (algumas próximas e até mesmo a sua própria família) que substituíram o pacote de televisão e internet por outro mais barato ou ficaram apenas com internet e acesso aos quatro canais generalistas de televisão. No entanto, nenhum afirmou conhecer alguém que tenha deixado de ter internet e relativamente ao uso do telemóvel não notam qualquer redução. Mesmo em casos em que as famílias passaram a ser mais contidas nas despesas do dia-a-dia por temerem uma eventual situação de desemprego, devido às ofertas promocionais das empresas fornecedoras de serviços de televisão, internet e telefone, e também à existência de equipamentos tecnologicamente mais avançados, alguns referiram que recentemente passaram a ter acesso a um conjunto melhorado de serviços. Noutros casos, porém, televisores e computadores que eram considerados desnecessários foram retirados de casa com a intenção de evitar consumos de eletricidade supérfluos. No entanto, é importante ter em conta que, como referiu um rapaz de 16 anos, o consumo de eletricidade associado aos media eletrónicos e o consequente custo económico não é evidente, ao contrário do que acontece por exemplo quando compram roupa, uma vez que a fatura da eletricidade surge diferida no tempo e dissociada de consumos específicos:

“No que toca a media eletrónicos? (...) Não. Porque acho que é mais aquilo quando se vê... Por exemplo, comprar um sumo de laranja... 3 euros... «Ah, 3 euros não»... Mas eles não veem a conta da eletricidade, não sabem quanto é que [os media eletrónicos] gasta[m]. Como não é assim visível quanto se está a gastar, acho que não. (...) como eles não sabem [quanto estão a gastar], acho que acabam por ignorar.” (E17)

De uma forma geral, os entrevistados afirmam que nas suas famílias sempre tiveram o cuidado de não gastar demasiado dinheiro desnecessariamente e, por isso, na maioria dos casos, o contexto de crise económica não mudou a sua atitude perante o consumo, embora em muitos casos tenham passado a ter mais cuidado com o que gastam, sobretudo se a sua mesada foi reduzida.

"(...) não senti grande alteração [nos hábitos devido à crise] porque os meus pais sempre me educaram a que poupasse sempre o máximo possível. Por isso não houve grande choque, só aquelas pequenas medidas por causa da crise, mas de resto não senti grande choque." (E14)

Além disso, e tal como foi observado nas entrevistas realizadas com pais de adolescentes no âmbito do projeto Netzero Energy School (Schmidt et al., 2014), nalguns casos os pais optaram por limitar as restrições económicas às despesas que os afetam pessoalmente, protegendo os filhos desses cortes de modo a permitir-lhes manter o mesmo estilo de vida.

"Os meus pais principalmente (...), os hábitos foram eles que mudaram; eu próprio, eu pessoalmente não tive que mudar muito, mas eles, noto que mudaram em várias coisas... no que compram e isso. (...) por exemplo, o meu pai nem sequer o vejo a comprar um computador novo pra ele. Provavelmente... mas para mim, provavelmente, vejo-o a comprar, mesmo um computador mais caro do que ele compraria pra ele." (E22)

Inclusivamente a respeito da utilização dos media eletrónicos, alguns pais parecerem preferir que, num cenário de restrições, sejam os filhos a utilizar estes equipamentos do que eles próprios, provavelmente por entenderem que essa utilização é benéfica para a educação dos filhos:

"(...) acho que continuam a gastar o mesmo... talvez os pais poupem mais para deixar os filhos gastar, acho que é mais isso... os pais a darem mais... «Ah, vou usar o computador... [afinal] não uso porque o meu filho está nele» ou assim. Acho que é mais [isso], pelo que os meus colegas falam, não é?" (E5)

Diversos entrevistados referiram que recentemente foram tomadas medidas em suas casas no sentido de reduzir as despesas com energia. No entanto, na maioria dos casos dizem que essas medidas incluíram sobretudo a substituição das lâmpadas anteriores por lâmpadas economizadoras, ficando geralmente as mudanças relativas aos media eletrónicos reduzidas ao cuidado de não ter ligados aparelhos que ninguém está a utilizar.

"(...) só trocámos o tipo de iluminação e a utilização... utilizamos cada vez menos e só quando precisamos." (E8)

Nalguns casos foram também referidas mudanças com vista a reduzir o consumo dos media eletrónicos em standby.

"Ah... antes tínhamos sempre a impressora ligada e agora já não está. Agora está menos. Só ligamos quando precisamos mesmo." (E4)

Porém, noutras famílias não só nunca desligam completamente alguns equipamentos, como é o caso da box de televisão, como, de acordo com uma entrevistada de 18 anos, em sua casa “nunca pensámos mesmo nisso” (E2). Com efeito, na prática existem condicionalismos materiais que contribuem para a não-adoção de hábitos que permitam reduzir o consumo de energia, como o facto de quando se desligam as boxes de televisão estas demorarem algum tempo a reiniciar, o que torna essa prática aborrecida e inconveniente – e consequentemente condenada a desaparecer.

“(...) aquilo [a box] a ligar demorava sempre também muito tempo porque aquilo tinha que reiniciar e tínhamos que esperar uns 5 minutos, sempre, para ligar.” (E7)

Além do tempo necessário para reiniciar, alguns entrevistados referiram o inconveniente de perder as programações da box caso quisessem desligá-la completamente em vez de a deixar em standby:

“Quando se apaga mesmo da energia a gravação é cancelada. Às vezes, por exemplo, (...) vamos no fim de semana a casa dos meus avós (...) no Norte... quando às vezes vamos lá apagamos para não gastar energia, não faz sentido estarmos no fim de semana com o aparelho ligado, mas ficamos com impossibilidade de gravar. Se quisermos gravar temos de deixar a box ligada.” (E5)

Assim, as entrevistas mostram que nalgumas famílias tende-se a ignorar os consumos associados ao estado standby:

“Acho que [estar em standby] tem implicações em termos de consumo, mas nós nunca ligámos muito a isso... [Entrevistadora: Os seus pais nunca falaram sobre isso?] Não, só quando vamos viajar no Verão é que desligamos tudo. De resto, não.” (E16)

Entre os entrevistados muitos têm consciência de que há consumos energéticos desnecessários associados aos media eletrónicos que resultam do modo como as pessoas os utilizam.

“Sim, não só os custos de eletricidade em termos de televisões ligadas... a maioria das pessoas esquece-se de as desligar da corrente e deixam-nas em standby... os rádios, os computadores ficarem ligados toda a noite (...). Ter os aparelhos ligados todo o dia, ter os telefones a carregar a noite inteira, os computadores ligados 24 horas por dia, as televisões e assim, é um grande gasto elétrico... e em termos de mensagens e de aplicações e assim... (...) ainda que não tenham propriamente necessidade de fazer poupanças e que tenham a sua vida organizada e tenham dinheiro suficiente para a sua vida, acabam por se esquecer que, ainda assim, podiam poupar.” (E15)

Consequentemente, encontra-se frequentemente nas entrevistas um discurso crítico relativamente ao modo como a generalidade das pessoas (não só adolescentes) utilizam os media eletrónicos e que tem como implicações o consumo desnecessário de energia.

“Também muita gente não é moderada a utilizar estes objetos e portanto gasta muita energia... ou deixa sempre a televisão em standby porque não sabe que isso gasta mais, ou deixa o carregador na ficha e esse tipo de coisas. E podem ser coisas pequenas, mas se toda a gente o fizer vai gastar muito mais e vai estragar muito mais do que aquilo que nós pensamos.” (E18)

No entanto, verifica-se que nas entrevistas, perante a situação hipotética de alguém lhes pedir conselhos sobre como gastar menos energia ao usar os media eletrónicos, as recomendações que referiram foram geralmente básicas, isto é, tenderam a limitar-se a sugerir “desligar as coisas quando se sai de casa” (E2).

“Desligar tudo da ficha. Quando não se ‘tá a usar, desligar tudo da ficha, pronto! Assim não se gasta.” (E21)

Alguns deram respostas mais sofisticadas, mas tendencialmente reduzidas a uma única medida:

“(...) um único [conselho]: pôr o telemóvel em modo eco. Que todos os telemóveis hoje em dia têm aquela cena do modo eco, económico. Era só isso que tinham a fazer. Poupavam mais.” (E3)

Desligar equipamentos que estão ligados desnecessariamente ou desligá-los completamente em vez de deixá-los em standby parecem ser as ações para poupar energia associadas a estas tecnologias que os entrevistados mais têm presente. No entanto, no que diz respeito aos equipamentos que funcionam a partir de baterias, alguns entrevistados tendem a mostrar mais algum know-how, referindo o facto de os carregadores continuarem a consumir eletricidade quando os telemóveis já têm a bateria cheia (e que, por isso, devem ser retirados da tomada elétrica) ou medidas de gestão da bateria, como o facto de que se a luminosidade dos ecrãs for reduzida isso permite uma utilização mais eficiente.

“(...) para quando carrega o telemóvel, depois de o telemóvel ter carregado para desligar da ficha e guardar. Em relação ao portátil, carregar quando está a pedir bateria, não quando está a metade, mesmo quando está a pedir bateria e quando está a 100% desligar e diminuir também a luz. Na televisão quando desliga, para desligar na ficha e não só no botão.” (E7)

A prática que têm de utilização do telemóvel permite-lhes ter em relação a este dispositivo um nível de know-how bastante mais avançado (Horta et al., 2016). Assim, especificamente em

relação ao telemóvel, muitos dizem que por vezes desligam o acesso wireless à internet e o Bluetooth quando pretendem poupar energia – sobretudo se a bateria estiver a ficar gasta e precisarem de a prolongar. Foram também referidas outras medidas como reduzir o volume do som, diminuir o tempo de duração até ao bloqueio automático, apagar o histórico, carregar a bateria até ao fim (para não viciar) ou seleccionar temas de fundo mais escuros.

“Apagar o histórico, depois também é tirar a rede Wi-Fi. (...) Gasta bateria - eu desligo para não apanhar qualquer tipo de rede. (...) Não usar muitas aplicações, não ouvir muita música, que também gasta bateria. Só utilizar o telemóvel mesmo para mandar mensagens urgentes. (...) Mesmo em emergência é que faço isso. Eu, por exemplo, às vezes quando vou sair à noite e saio de casa já com pouca bateria, a primeira coisa que faço é tirar a luz, desligar a luz do telemóvel, obviamente tem que estar num modo que eu consiga ver, mas estar fraquinha... Desligar os dados móveis, desligar o Wi-Fi, limpar o histórico, tudo para depois a minha mãe contactar comigo para dizer a que horas é que eu vou, a que horas é que... E resulta.” (E4)

Na generalidade dos casos, os entrevistados dizem ter aprendido estas técnicas de gestão da bateria dos seus telemóveis por experiência própria (tentativa e erro) e em conversa com os amigos. Raramente dizem ter obtido informação através de um processo formal, como serviços de apoio a clientes, ou mesmo pesquisando na internet.

“Não, não, eu não faço isso. [Entrevistadora: E costuma ler os livros de instruções?] Não. (...) Aquilo é... as letras são pequeninas, uma coisa tão grande nem dá vontade... (...) [Entrevistadora: Lembra-se de alguma vez ter procurado informação sobre como fazer durar mais a bateria, por exemplo na internet?] Não. Nunca fiz isso.” (E4)

Assim, mesmo relativamente ao telemóvel, cuja utilização é geralmente tão valorizada pelos adolescentes, parece prevalecer a falta de informação e conhecimento a respeito do modo como funcionam as baterias. Inclusivamente a respeito de questões simples como o tempo necessário para que a bateria fique completamente carregada.

“Eu não sei quanto tempo é que o meu telemóvel leva a carregar.” (EG2)

Não é pois surpreendente que nas entrevistas sejam frequentemente referidas dúvidas a respeito do modo como devem ser carregadas as baterias de forma a evitar que percam prematuramente a sua capacidade.

“(...) [quando a bateria] está a 20%, eu meto a carregar, mas há colegas meus que [quando] está a 80% eles metem logo a carregar e eu acho que isso faz um bocado mal...” (E16)

Mesmo entre os que sentem alguma segurança relativamente ao que devem fazer para que as baterias durem mais tempo, algum nível de incerteza permanece.

"(...) há pessoas que têm cuidado, por exemplo, eu não carrego assim quando está nos 40%. Só carrego quando (...) está quase a acabar, está nos 4 ou 5%, é aí só quando carrego. (...) às vezes uso mesmo para desligar, para acabar mesmo a bateria. (...) Eu acho que é melhor usar até ao fim porque... eu não sei, mas acho que demora mais tempo. Ou aguenta mais tempo quando usamos até ao fim e depois carregamos, do que ser carregada quando já tem alguns por cento." (EG2)

Apesar de alguns terem desenvolvido algum know-how relativamente a como fazer durar a bateria do seu telemóvel quando necessário, na generalidade dos casos limitam-se a carregar as baterias todas as noites. Caso não o façam, ficam "sem bateria no dia a seguir. Ou não dá para o dia todo" (E4). Efetivamente, de acordo com os resultados do inquérito, em média os inquiridos dizem carregar a bateria do telemóvel seis vezes por semana.

Além do modo como os equipamentos são utilizados, as suas próprias características técnicas contribuem para o seu consumo elétrico. Uma forma de evitar desperdícios de energia consiste assim em escolher equipamentos mais eficientes no momento de compra. Porém, de acordo com as entrevistas, entre os critérios de aquisição dos media eletrónicos, o consumo de energia associado a estes equipamentos não é geralmente considerado pelas famílias dos entrevistados, mesmo aquelas com maior preocupação relativamente à eficiência energética em termos gerais. Embora o consumo elétrico seja frequentemente considerado quando compram eletrodomésticos como frigoríficos ou máquinas de lavar, o único media eletrónico referido nas entrevistas em que esta questão foi considerada relevante foi o televisor. Relativamente a computadores, por exemplo, outros critérios foram referidos como determinantes: o processador, a motherboard. No caso dos telemóveis, foram considerados como critérios de preferência sobretudo o sistema operativo, o tamanho do ecrã, a qualidade da câmara, a memória, a velocidade do processador, a marca, ou o facto de ter câmara frontal.

"(...) acho que acabamos por comprar mesmo sendo... mesmo não gastando pouca eletricidade. Porque vamos à procura mais dos nossos ideais. Por exemplo, os meus pais, se querem uma televisão, eles vão à procura de uma televisão dentro do orçamento deles, com boa qualidade de imagem e que tenha x coisas que eles querem. Não que tenha que poupar em eletricidade, também felizmente não estamos assim tão mal. Eles não ligam muito a isso dos eletrodomésticos de pouparem ou não energia. É mais o ideal deles." (E8)

Esta busca dos seus (produtos) ideais, em detrimento de critérios como a eficiência energética, estará enraizada na cultura de consumo, mas parece também estar associada a um certo otimismo tecnológico. Efetivamente, encontra-se nas entrevistas uma ideia bastante generalizada de que a evolução tecnológica em si própria permite “poupar energia” (E13), pelo que neste sentido tendem a ser desenvolvidos equipamentos progressivamente mais eficientes, contribuindo para que haja uma “tendência para gastar menos” (E7):

“Sim, vão sempre melhorando as coisas, podes utilizar muito por muitas horas e poupa sempre energia. Vão sempre melhorando as coisas.” (E7)

Assim, como referiu um entrevistado com 15 anos, ao comprar um equipamento novo, compra-se naturalmente um equipamento mais eficiente, aperfeiçoado, com menor impacto ambiental:

“Agora tenho este telemóvel, mas um dia ele há de se estragar e vou precisar de outro. Quando comprar esse já será completamente eficiente.” (E14)

Quando consideram a tendência de evolução tecnológica, tende assim a prevalecer uma perspetiva positiva relativamente ao futuro.

“Eu acho que honestamente... a tecnologia em si que é criada, que vai ser muito mais, muito melhor pró ambiente, muito menos consumidora... mas não sei tanto quanto ao que é necessário fazer pra construí-la, ou seja, a produção não sei se vai ter muitos melhoramentos, mas o equipamento em si acho que vai ser muito melhor, muito menos consumidor, já ‘tá a ser muito menos consumidor. (...) Em termos de energia os produtos vão ficar mais eficientes, agora a produção não sei. Os produtos já estão a ser mais eficientes, tiveram agora este pico por causa do aparecimento do smartphone, um pico de pouca eficiência porque é uma tecnologia nova, mas agora que ‘ta a ser melhorada acho que sim, que vão tornar-se mais eficientes, em termos de energia.” (E22)

Este otimismo estende-se igualmente a outras áreas de consumo de energia e também ao próprio modo como a energia é produzida. A este nível mostram-se bastante confiantes no desenvolvimento das energias renováveis.

“Agora já se estão a construir carros híbridos, anda tudo a ficar mais elétrico... a nível de energias renováveis, andam a investir em painéis solares...” (E8)

Porém, paradoxalmente, é também frequente encontrar nas entrevistas discursos céticos relativamente à indústria. Nesta perspetiva os fabricantes destas tecnologias estão apenas interessados em obter lucro e não em contribuir para a resolução de quaisquer problemas ambientais. Efetivamente, é visível algum descrédito relativamente às empresas que fabricam media eletrónicos quando, como foi referido numa entrevista em grupo, estas companhias

“fazem de propósito” (EG3) baterias que duram pouco ou “produtos com menos qualidade”, de modo a promover a compra regular de novos produtos – até porque, quando a bateria de um telemóvel fica estragada, “não vale a pena comprar uma bateria nova” por ter “quase o preço do telemóvel”, pelo que “mais vale comprar outro telemóvel” (EG3).

“Eu acho que eles [os media eletrónicos] podem gastar menos energia se as companhias quiserem.” (EG3)

O ceticismo relativamente às empresas que fabricam e comercializam estes equipamentos fica também evidente na observação feita por uma rapariga de 16 anos segundo a qual se estes equipamentos revelassem o seu consumo elétrico, tal como revelam outras características como funcionalidades ou qualidades da câmara, por exemplo, alguns consumidores ficariam mais alerta para o consumo energético – mas na medida em que isso teria como consequência “reduzir o negócio” (E5), não é feito.

Assim, na perspetiva de alguns, as empresas poderão contribuir para o desenvolvimento e a comercialização de tecnologias mais eficientes, mas somente se os consumidores efetivamente preferirem equipamentos mais eficientes. No entanto, alguns entrevistados notam que relativamente ao impacto ambiental das tecnologias, tanto indivíduos mais velhos como da geração deles não mostram interesse.

Noto isso na minha geração sim. E não só, nos mais velhos também, muitas vezes. Porque vê-se muitas vezes, por exemplo, pessoas que tentam se explicar essas coisas e eles não... não, não querem saber, não estão muito interessados, pronto! Não acham que seja assim muito relevante. (...) acho que isso vê-se bastante que é tipo «pronto, deixa andar, logo se vê».” (E21)

Como referiu uma rapariga de 15 anos, para que efetivamente a indústria contribuísse para reduzir o impacto ambiental da tecnologia era necessário que as pessoas fossem mais exigentes:

“(...) era necessário que isso acontecesse, que as pessoas quisessem saber.” (E21)

De facto, alguns, com base na sua experiência pessoal, notam que alguns destes equipamentos mais recentes, como é o caso dos telemóveis, consomem atualmente mais energia do que há pouco tempo atrás.

“Supostamente devia ser menos eletricidade, mas acho que cada vez nós gastamos mais porque estes telemóveis consomem cada vez mais energia e duram menos tempo. Por exemplo, eu carrego... se eu carregasse o meu telemóvel antigo por sete horas dava-me para aí para quatro dias. No máximo, no mínimo. E este aqui eu carrego quase sete horas

e dura-me quase... e dura-me um dia, só. E às vezes sou obrigada a carregar mais cinco minutinhos para ver se não vai mesmo aos zeros.” (E4)

Noutra perspetiva, como referiu um entrevistado de 15 anos, é o facto de estas tecnologias estarem agora mais desenvolvidas, aperfeiçoadas e apelativas – o que também passa pelo facto de oferecerem características técnicas como ecrãs maiores, por exemplo – que contribui para que as pessoas as utilizem mais e, logo, gastem mais energia.

“Agora como há jogos melhores e mais divertidos e os ecrãs também são maiores (...), claro, a pessoa vai gastar mais eletricidade porque vai usar mais o telemóvel e ele vai descarregar mais depressa.” (E14)

O forte envolvimento com estas tecnologias parece assim contribuir para que os adolescentes desvalorizem os impactos ambientais negativos destas, como referiu uma entrevistada de 16 anos:

“(...) deveriam de sensibilizar mais porque os alunos estão tão viciados que às vezes também não ligam a essas coisas do ambiente e assim, passam um bocadinho ao lado...” (E5)

No que diz respeito à motivação para poupar energia, alguns entrevistados pensam que no futuro a geração deles não vai comportar-se de maneira diferente da dos pais, pelo que apenas gastará menos energia se o preço desta for alto.

“Só vai poupar [energia] por causa do preço, se aumentar o preço. É só por causa disso é que eles vão poupar.” (EG2)

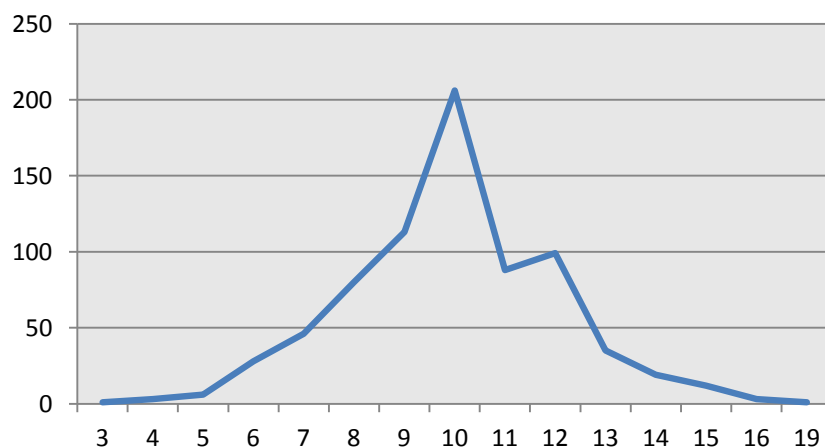
Paralelismos e desigualdades sociodemográficas

Nas secções anteriores analisaram-se três dimensões fundamentais das práticas de utilização dos media eletrónicos e respetivas implicações no consumo doméstico de eletricidade. Procura-se agora identificar os principais paralelismos e desigualdades entre os jovens, tendo em consideração variáveis sociodemográficas como o género, a idade, a classe social e também o tipo de escola que frequentam.

Com base sobretudo nos dados recolhidos através do questionário (cuja análise é apresentada em detalhe no Anexo II), é possível observar que entre o grupo de jovens estudado o acesso aos media eletrónicos e a sua utilização estão generalizados. Há a um nível genérico uma tendência de fundo neste sentido que parece caracterizar a generalidade dos jovens incluídos neste estudo. Todavia, é possível encontrar igualmente importantes desigualdades entre eles.

Uma tendência que parece corresponder à generalidade dos adolescentes diz respeito à idade de acesso à internet em casa, bem como ao primeiro telemóvel. Ambos tendem a ocorrer na transição dos jovens para um novo ciclo escolar, sobretudo aquando da passagem para o 2º ciclo de ensino, ou seja, por volta dos 10 anos. No caso da internet, isto parece estar associado ao facto de esta se tornar necessária para o desenvolvimento dos trabalhos escolares, muito embora também possa estar ligada ao alargamento das redes de sociabilidade e vontade de aceder a redes sociais para se manter em contacto com amigos e colegas. No caso do telemóvel (Gráfico 8), a necessidade de maior controle por parte dos pais, devido à habitual transição para uma escola de maior dimensão e, em muitos casos, mais afastada de casa – o que pode implicar deslocações a pé ou de transportes públicos –, associada a uma maior capacidade cognitiva para utilizar esses recursos, podem explicar o porquê de tantos jovens terem acedido ao seu primeiro telemóvel nesta idade. Deve referir-se, no entanto, que os jovens da classe mais baixa tendem a ter internet em casa ligeiramente mais tarde que os mais favorecidos socioeconomicamente.

Gráfico 8. Idade com que recebeu o primeiro telemóvel

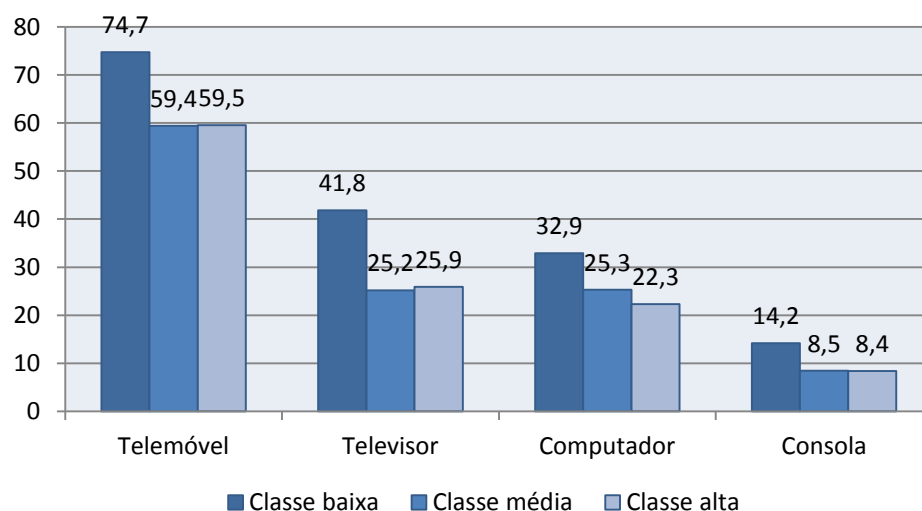


Embora a grande maioria dos jovens tenha acesso a estes equipamentos, acontece mais frequentemente os alunos das classes sociais alta e média terem equipamentos destes só para si próprios, como é o caso dos computadores portáteis, por exemplo, enquanto entre os alunos de famílias mais desfavorecidas embora muitas vezes também tenham em casa estes equipamentos, partilham-nos com outros membros da família. Acresce que é entre os alunos da classe baixa que se encontra o maior número de inquiridos que referem não ter alguns destes equipamentos em casa. Esta realidade reflete-se nas diferenças observadas entre as escolas frequentadas pelos alunos, uma vez que são os alunos da escola privada os que mais

frequentemente têm estes equipamentos só para si, encontrando-se os alunos da escola profissional na situação oposta.

É também importante referir duas grandes tendências evidenciadas pelos dados quantitativos (ou seja, o inquérito aos alunos) que aparentemente são contraditórias, mas que, de facto, espelham as observações retiradas da análise qualitativa dos dados recolhidos, nomeadamente através das entrevistas individuais. De uma maneira geral é possível ver que os alunos da classe alta são os que, com maior frequência, referem possuir uma lista mais alargada de equipamentos à sua disposição em casa. Contudo, como se pode ver na descrição dos dados feita no Anexo II, não é entre eles que se verifica uma utilização mais intensiva. De facto, uma análise do número de horas que normalmente utilizam cada media eletrónico aponta para uma utilização mais intensiva por parte dos jovens da classe social baixa. Com efeito, são os adolescentes da classe menos favorecida que mais frequentemente referem utilizar telemóveis, ver televisão, usar computadores, leitores de áudio portáteis e consolas de jogos durante mais horas durante a semana; sendo que essas proporções diminuem consideravelmente nas famílias com um estatuto socioeconómico mais alto (Gráfico 9).

Gráfico 9. Proporção de alunos que costumam utilizar o telemóvel, o televisor, o computador e a consola de jogos diariamente durante quatro horas ou mais (%)



Este padrão acaba por se refletir também no tipo de escola em que cada jovem está inserido. Com a introdução dessa variável, verifica-se que é entre os jovens que frequentam o ensino regular particular que a utilização é menos intensiva, não obstante estarem englobados no grupo que com maior frequência indica ter acesso a um conjunto muito amplo de equipamentos de comunicação, informação e entretenimento. A utilização mais intensa verifica-

se assim entre os alunos da escola de ensino profissional. As entrevistas realizadas apontam pistas para enquadrar esta tendência. A integração num contexto social de maior valorização do desempenho escolar e o envolvimento em outras atividades, para além das escolares, são, à partida, duas fortes influências sobre o número de horas despendido na utilização de media eletrónicos por dia. Aliás, as diferenças observadas entre classes sociais também apontam para uma utilização diversa, com os jovens da classe mais alta a tenderem a usar mais os media eletrónicos para estudar e pesquisar do que os jovens de outras classes. Do mesmo modo, é entre os jovens da classe baixa que se encontram aqueles que enviam números mais elevados de SMS diariamente. Os dados sugerem assim um maior investimento em termos de tempo nas atividades relacionadas com a educação entre os alunos de famílias socioeconomicamente mais favorecidas, não obstante terem à sua disposição mais media eletrónicos.

De sublinhar ainda as diferenças de género a respeito dos media eletrónicos. De uma maneira geral não existem grandes diferenças entre raparigas e rapazes no que respeita à posse de equipamentos. Destacam-se no entanto as diferenças encontradas a respeito da prática de jogos eletrónicos, que tende a surgir de forma mais intensa junto dos rapazes. Efetivamente, 33% dos rapazes dizem utilizar a consola de jogos durante mais de três horas diárias, enquanto apenas 14,3% das raparigas declara o mesmo e 57,9% diz não passar mais de uma hora a jogar com a consola. Além disso, 59,6% dos rapazes diz ter uma consola de jogos só para si, enquanto entre as raparigas esse valor desce para 29,9%. Este interesse pelos jogos parece refletir-se também no facto de os rapazes utilizarem mais frequentemente computadores de secretária, que lhes oferecem melhores desempenhos quando se trata de jogar, enquanto as raparigas parecem preferir utilizar computadores portáteis. Em contrapartida, parece haver uma tendência clara para que as raparigas utilizem mais o computador, o telemóvel e mesmo o tablet para estudar e pesquisar do que os rapazes.

Uma outra diferença de género a salientar diz respeito à utilização intensiva do telemóvel, que é mais frequente entre as raparigas. Com efeito, 82% das raparigas dizem utilizar o telemóvel durante pelo menos três horas diariamente, enquanto entre os rapazes esse valor é de 69,7%.

Não obstante a versatilidade alcançada pelos telemóveis mais recentes, o computador mantém-se como aquele que congrega um maior número de funções utilizadas frequentemente, muito embora o próprio telemóvel e mesmo o tablet (para quem tem), tenham certamente ganho algum terreno.

Apesar destas diferenças, a utilização quotidiana e, em muitos casos diária, dos média eletrónicos, é um traço que une os jovens de ambos os géneros, escalões etários, classes sociais e tipo de ensino/escola.

Quanto aos comportamentos de poupança de energia, de uma maneira geral verifica-se que são pouco frequentes as ações praticadas pelos jovens no sentido de minimizar o consumo de energia. Tal como observado anteriormente, quando existem preocupações com a poupança de energia isso parece dever-se sobretudo à necessidade de garantir que se mantêm conectados com os colegas e que podem dispor dos equipamentos sempre que o desejarem, como é o caso da gestão da bateria do telemóvel. A preocupação com os impactos ambientais do consumo de energia, se abordados na escola e em casa, parece não estar a ser conscientemente integrada na gestão quotidiana do consumo de energia dos media eletrónicos que povoam as rotinas diárias dos jovens. Com efeito, quando inquiridos a respeito de algumas práticas quotidianas, respondem, por exemplo, que é frequente deixarem o carregador do telemóvel ligado à corrente elétrica mesmo quando não está a ser utilizado, que não costumam dar atenção ao consumo de energia quando compram um novo equipamento, que não procuraram informação sobre como usar as baterias com mais eficiência nem modificam as opções do computador para que consuma menos.

No entanto, relativamente ao telemóvel – cuja bateria tem necessariamente de estar carregada para que este esteja operacional – estão habituados a gerir as funções deste para que a bateria dure mais tempo. Verifica-se assim que, face à necessidade de garantir a disponibilidade da energia, desenvolvem competências necessárias. De facto, essa gestão parece ser eficaz (sobretudo entre os rapazes), uma vez que os alunos referem ser pouco frequente ficarem impedidos de utilizar o telemóvel por ficarem sem bateria. Todavia, uma vez que, em média, dizem carregar seis vezes por semana a bateria do seu telemóvel – e, tal como observado nas entrevistas, declaram muito frequentemente que têm o hábito de deixar o telemóvel a carregar durante a noite inteira – esta gestão da bateria parece estar associada a uma conceção meramente instrumental da energia. A este nível não foram encontradas diferenças significativas em termos de género, idade, classe social de origem ou escola frequentada.

No que diz respeito à influência do contexto familiar nos hábitos de conservação de energia por parte dos jovens, os resultados do inquérito sugerem a tendência para uma sintonia entre os hábitos dos jovens e as recomendações ou regras familiares. Assim, quando questionados com que frequência costumam chamar-lhes a atenção em casa para desligarem o computador ou a televisão quando estes não estão a ser utilizados, a maioria dos alunos referiu que isso acontece pouco frequentemente. Um pouco mais frequentemente deixam o computador em standby quando não o estão a utilizar. Estes dados parecem indicar que na generalidade das famílias não há uma elevada sensibilização relativamente ao consumo de energia associado à utilização dos media eletrónicos.

Em suma, podemos dizer que os media eletrónicos estão de forma onnipresente na vida dos jovens, inclusivamente dominando vários aspetos da sua vida, embora estes estejam pouco conscientes ou pareçam pouco sensíveis relativamente ao problema que consumo de energia associado a estes equipamentos representa do ponto de vista ambiental ou económico.

Conclusão

Investigação recente relativa ao consumo de energia defende a relevância de uma multiplicidade de fatores que, conjugados entre si, formam contextos materiais e sociais que têm como implicação elevados níveis de consumo energético por parte dos indivíduos na sua vida quotidiana. Deste modo, para compreender de forma aprofundada a relação entre comportamentos sociais e consumo de energia, torna-se necessário considerar o consumo de energia não como o resultado de atitudes individuais, mas como resultando de práticas quotidianas que se desenvolvem na interação entre pessoas e coisas, num determinado espaço sociocultural, ao longo do tempo (Horta et al., 2014).

Nesta perspetiva, e baseando-se nas teorias da prática (Reckwitz, 2002; Warde, 2005; Gram-Hanssen, 2011; Shove et al., 2012; Wilhite, 2013), este projeto centrou-se na análise das práticas de utilização dos media eletrónicos por parte dos adolescentes, tendo em consideração os sistemas culturais, sociotécnicos e as infraestruturas materiais que contribuem para configurar essas práticas. Deste modo, foi dada especial atenção aos materiais ou tecnologias presentes na vida quotidiana dos jovens, aos significados associados a essas tecnologias e às competências desenvolvidas para interagir com elas no dia-a-dia.

A investigação permitiu observar que o contexto social, institucional e tecnológico do país tem favorecido o acesso aos media eletrónicos bem como a sua utilização por parte dos jovens. Os programas e-escola e e-escolinha, por exemplo, terão contribuído de modo significativo para fazer chegar à generalidade das famílias com crianças computadores portáteis, que embora básicos, comportavam o acesso à internet de banda larga. A promoção por parte do Estado da expansão das infraestruturas de rede e a abertura do mercado à concorrência entre operadores de comunicações eletrónicas contribuíram igualmente para a difusão dos media eletrónicos no país – sobretudo no que diz respeito à utilização da internet. Efetivamente, a presença destas tecnologias tem vindo a generalizar-se nos lares portugueses. Além de estarem presentes, alguns destes equipamentos têm vindo a desempenhar um papel central nas rotinas das famílias, como é o caso dos televisores, telemóveis e computadores. As estatísticas existentes a respeito da utilização da internet pelos portugueses mostram efetivamente um aumento significativo da adesão a estes serviços, acompanhada de um aumento do número de horas de utilização por parte dos indivíduos. A adesão a algumas atividades realizadas online, como é o caso da participação em redes sociais, tem sido particularmente bem-sucedida entre os portugueses. No entanto, é sobretudo entre os jovens que a adesão a práticas de utilização da

internet está mais generalizada, englobando a quase totalidade dos indivíduos nos escalões etários dos adolescentes e jovens.

A crescente massificação das tecnologias de informação e comunicação, acompanhada da proliferação de pequenos aparelhos auxiliares, necessários às infraestruturas de redes sem fios, por exemplo, tem tido, no entanto, como consequência um crescente aumento do consumo doméstico de energia associado a estes equipamentos. Não obstante ganhos em eficiência energética apresentados por alguns modelos mais recentes, são sistematicamente lançados no mercado novos modelos de media eletrónicos que oferecem mais funcionalidades e características melhoradas, como ecrãs maiores, por exemplo, o que tem como consequência serem mais exigentes em termos de energia consumida. O crescente recurso ao modo standby e a routers de Wi-Fi representam igualmente outras formas de aumento do consumo de energia associado aos media eletrónicos. Apesar de ser tecnicamente possível reduzir estes consumos energéticos, a implementação de legislação nesse sentido tem avançado lentamente.

Através da releitura dos resultados do projeto de investigação "Net Zero Energy School" (2010-13), em que participaram vários membros da equipa, verificou-se junto dos alunos do 7º ao 11º anos de escolaridade de uma escola de Lisboa e dos seus pais que, embora estes reconheçam a importância de se reduzir o consumo de energia, relativamente a alguns comportamentos associados ao uso dos media eletrónicos existe uma tendência para desvalorizar as implicações a respeito do consumo de eletricidade. Os resultados do projeto sugerem que a desvalorização do consumo de energia dos media eletrónicos esteja associada à enorme importância que estes equipamentos assumem na vida quotidiana dos jovens e que, mesmo em contexto de crise económica, os pais procuram assegurar a utilização destas tecnologias pelos filhos.

Com base na análise de um inquérito realizado em três escolas secundárias de Lisboa, complementado por entrevistas individuais e em grupo com adolescentes, esta investigação permitiu explorar mais aprofundadamente o modo como os jovens se relacionam com o consumo energético dos media eletrónicos.

No que diz respeito ao modo como estas tecnologias estão integradas na vida e rotinas diárias dos adolescentes, observou-se que o telemóvel, a televisão e o computador tendem a ocupar um lugar proeminente, não só na ocupação dos tempos livres, mas na constituição do próprio ambiente material e de muitas das suas rotinas. Devido à mobilidade e crescente multifuncionalidade do telemóvel, mas também ao lugar central que este desempenha na sua interação social, este tende a acompanhar constantemente a maioria destes jovens ao longo do dia, em muitos casos sendo utilizado logo que acordam. Em muitos casos, a utilização deste equipamento prolonga-se inclusivamente durante as aulas e o volume de mensagens trocadas

pode atingir níveis muito elevados. Frequentemente são relatadas situações em que os adolescentes utilizam simultaneamente diversos media eletrónicos ou mantêm televisores ligados todo o dia para criar um ambiente doméstico agradável ou para que tenham a sensação de que estão acompanhados. No entanto, os dados também mostram desigualdades importantes entre os adolescentes na forma como acedem e utilizam os media eletrónicos, tendo sido encontrado um reduzido número de jovens que por dificuldades económicas ou restrições impostas pelos pais, sobretudo em tempo de aulas, utilizam estas tecnologias de forma mais limitada.

No que diz respeito aos significados que os jovens atribuem aos media eletrónicos, bem como as dinâmicas que estabelecem com estas tecnologias, sobressai entre os resultados obtidos a ambivalência demonstrada relativamente a estes equipamentos. Nos seus discursos os entrevistados revelam que a forte atratividade que estas tecnologias exercem sobre eles é acompanhada de formas de resistência a uma utilização que consideram excessiva, no sentido em que de algum modo sentem ameaçada a sua liberdade. Efetivamente, os dados recolhidos mostram haver uma ideia generalizada entre os jovens que na sua geração é normal ser-se viciado na utilização dos media eletrónicos, o que se traduz numa utilização constante destas tecnologias ao longo do dia (e mesmo pela noite dentro). Assim, diversos jovens declaram já ter tomado medidas no sentido de reduzir a sua utilização destas tecnologias, sobretudo quando sentiram que esta estava a ser-lhes prejudicial. Particularmente entre os que estão em anos de escolaridade mais elevados, a necessidade que sentem de se dedicar aos estudos entra frequentemente em conflito com essa utilização, pelo que declaram limitar a sua exposição aos media eletrónicos.

Relativamente às competências e hábitos incorporados a respeito do consumo de eletricidade associado aos media eletrónicos, destaca-se a perceção generalizada de que estas tecnologias têm consumos reduzidos de energia. Esta perceção parece dever-se sobretudo à dificuldade cognitiva em estimar os consumos de eletricidade de uma forma geral, tendendo a considerar-se o tempo de utilização como o principal critério a determinar o consumo elétrico. Esta dificuldade parece ser extensiva à generalidade das famílias, uma vez que o comentário mais frequente que referem por parte dos pais quando estes querem que os filhos poupem eletricidade consiste em pedir-lhes que apaguem luzes que estão acesas desnecessariamente, sendo também frequente a recomendação de não terem a televisão ligada quando estão simultaneamente a fazer outra coisa. Nalgumas famílias, porém, existem hábitos de poupança energética bem inculcados – e nesses casos os adolescentes parecem aceitar bem as restrições a

esse nível, o que sugere a relevância dos contextos domésticos de socialização e reprodução de práticas de consumo.

No que diz respeito ao contexto de crise económica, e não obstante algumas famílias terem adotado medidas no sentido de reduzir os seus consumos de uma forma geral, como por exemplo reduzindo as mesadas dos filhos, parece haver uma tendência geral no sentido de manter os gastos relativos aos media eletrónicos. Esta tendência parece dever-se ao reconhecimento da relevância que estas tecnologias desempenham para os adolescentes, não só do ponto de vista do entretenimento e da interação social, mas também (ou até sobretudo) por serem considerados meios importantes para as suas atividades escolares, entretenimento e integração social.

Em termos gerais, os resultados sugerem que a adoção de formas de conservação de energia por parte dos adolescentes ocorre essencialmente de modo instrumental, ou seja, quando por exemplo sentem a necessidade de prolongar a bateria de um equipamento portátil, como no caso paradigmático do telemóvel. À exceção de algumas famílias em que os hábitos relacionados com a eficiência energética surgem incorporados na vida quotidiana de todo o agregado, de uma forma geral não são tomados cuidados específicos relativamente aos media eletrónicos devido à ideia generalizada de que estes equipamentos, exceto alguns televisores ou computadores que permanecem ligados o dia todo, não consomem muita eletricidade. O conhecimento de que dispõem relativamente ao consumo de energia destes equipamentos é, de um modo geral, limitado, não existindo na maioria dos casos observados interesse em obter mais informação. O facto de ser sobretudo através da exploração e experimentação pessoal que incorporam técnicas que lhes permitem alcançar alguma eficiência energética, como acontece relativamente às baterias dos telemóveis, sugere que estes aparelhos deveriam oferecer de forma mais intuitiva opções e funcionalidades associadas à poupança de energia. Uma outra possibilidade que poderia ser incorporada nos media eletrónicos consiste na exibição de mensagens a alertar para as implicações em termos de consumo energético das diversas opções.

A relevância de intervir junto das competências de utilização dos media eletrónicos por parte dos adolescentes reside no facto de os seus atuais hábitos poderem tornar-se as suas práticas no futuro. No entanto, os resultados indicam que duas outras dimensões são também fundamentais a respeito das práticas relacionadas com o consumo de energia: as condições materiais em que os equipamentos são utilizados e as dinâmicas sociais que rodeiam essa utilização. Com efeito, as circunstâncias materiais – sejam as características dos próprios media eletrónicos, como no caso dos televisores desenhados sem um botão para desligar e, por isso,

ficando permanentemente em standby a não ser que sejam desligados da corrente elétrica ou o modo como estes equipamentos estão preparados para funcionar, como acontece no caso das boxes de televisão em que o tempo que demoram a reiniciar depois de terem sido desligadas é muito longo, por exemplo – condicionam de forma muito significativa o desenvolvimento das práticas de utilização, podendo inviabilizar a adoção de medidas de eficiência energética. Além disso, as dinâmicas sociais desenvolvidas em torno da utilização dos media eletrônicos são também cruciais, na medida em que as interações dos jovens – seja com os seus pares, seja com familiares – contribuem quer para a criação de ambientes quase saturados eletronicamente em que a fruição destas tecnologias é muito valorizada (em detrimento das suas implicações em termos ambientais), quer para a criação de hábitos em que se valoriza a contenção de despesas e a proteção do ambiente e, nesse sentido, desenvolvimento de rotinas de conservação de energia. Não obstante a relevância de os jovens refletirem sobre as suas próprias ações quotidianas e estarem informados acerca do impacto ambiental do uso dos media eletrônicos, as condições materiais e as dinâmicas sociais em que estão inseridos na sua vida quotidiana devem ser consideradas quando se trata de promover a eficiência energética.

Referências

Fontes

- ANACOM. 2015. O Sector das Comunicações 2014. Lisboa: Autoridade Nacional de Comunicações.
- CE. 2008. Impacts of Information and Communication Technologies on Energy Efficiency. Final Report. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- CE. 2014a. Study on the practical application of the new framework methodology for measuring the environmental impact of ICT – cost/benefit analysis. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- CE. 2014b. Compreender as políticas da União Europeia: Agenda Digital. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- CE. 2014c. Standard Eurobarometer 82. Media use in the European Union. Comissão Europeia. Disponível em <http://ec.europa.eu/COMMFrontOffice/PublicOpinion/index.cfm/Survey/getSurveyDetail/instruments/STANDARD/surveyKy/2041>.
- CE. 2015. Flash Eurobarometer 411. Cross-border access to online content. União Europeia. Disponível em <http://ec.europa.eu/COMMFrontOffice/PublicOpinion/index.cfm/Survey/getSurveyDetail/search/online/surveyKy/2059>.
- DGGE-IP3E. 2004. Eficiência energética em equipamentos e sistemas eléctricos no sector residencial. Lisboa: DGGE/IP3E.
- IEA. 2009. Gadgets and Gigawatts. Policies for Energy Efficient Electronics. Paris: International Energy Agency.
- IEA. 2014. More Data, Less Energy. Making Network Standby More Efficient in Billions of Connected Devices. Paris: International Energy Agency.
- IEE. 2009. Energy Education. Changing their Habits in Our Lifetime. Project Report 8. Intelligent Energy Europe. Available at http://ec.europa.eu/energy/intelligent/files/library/brochures/education09_en.pdf
- INE. 2000-2013. Postos telefónicos públicos por 1000 habitantes por localização geográfica (NUTS – 2002); anual. Inquérito às Telecomunicações (2002-2013). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2001. Inquérito à Ocupação do Tempo 1999. Lisboa: INE.
- INE. 2002-2015. Proporção de agregados domésticos privados com pelo menos um indivíduo com idade entre 16 e 74 anos e com computador em casa (exclui computador de bolso - %) por Local de residência (NUTS - 2013); Anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2009-13). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2003-15. Proporção de indivíduos com idade entre 16 e 74 anos que utilizaram internet nos três primeiros meses do ano (%) por tipo de atividades efetuadas na internet; anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2003-15). Disponível em www.ine.pt.

- INE. 2004. 30 Anos de 25 de Abril. Um Retrato Estatístico. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. 2004-2013. Proporção de indivíduos com idade entre 16 e 74 anos que utilizaram internet nos três primeiros meses do ano (%) por escalão de horas de utilização de meios informáticos; anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2004-13). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2005-12a. Proporção de indivíduos com idade entre 10 e 15 anos que utilizaram computador, internet e telemóvel (%) por local de residência; anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2005-12). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2005-12b. Proporção de indivíduos com idade entre 10 e 15 anos que utilizaram computador nos três primeiros meses do ano (%) por frequência de utilização de meios informáticos; anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2005-12). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2005-12c. Proporção de indivíduos com idade entre 10 e 15 anos que utilizaram computador nos três primeiros meses do ano (%) por atividades realizadas no computador (sem recorrer à internet); anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2005-12). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2007-13. Proporção de indivíduos com idade entre 16 e 74 anos que utilizam telemóvel (%), por grupo etário; anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2007-13). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2008. Inquérito às Despesas das Famílias 2005-2006. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. 2011. Classificação Portuguesa das Profissões 2010. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. 2011-15a. Proporção de indivíduos com idade entre 16 e 74 anos que utilizam internet (%) por última utilização de internet; anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2011-15). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2011-15b. Proporção de indivíduos com idade entre 16 e 74 anos que utilizaram equipamento portátil para aceder à internet fora de casa e do local de trabalho nos três primeiros meses do ano (%) por tipo de equipamento portátil utilizado; anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2011-15). Disponível em www.ine.pt.
- INE. 2012. Inquérito às Despesas das Famílias 2010/2011. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE 2013-2015. Proporção de agregados domésticos privados com pelo menos um indivíduo com idade entre 16 e 74 anos e com ligação à Internet em casa através de banda larga (%) por Composição do agregado doméstico privado; Anual. Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação pelas Famílias (2013-15). Disponível em www.ine.pt.
- INE-DGEG. 2011. Inquérito ao Consumo de Energia no Sector Doméstico 2010. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística e Direção-Geral de Energia e Geologia.
- Marktest. 2002-2015. Notícias sobre investimento publicitário. Disponível em www.marktest.com.
- OberCom. 2014. A Internet em Portugal – Sociedade em Rede 2014. Lisboa: OberCom.
- OberCom. 2015. Anuário da Comunicação 2013-2014. Lisboa: OberCom.

- OCDE. 2010. OECD Information Technology Outlook 2010. Paris: OECD Publishing.
- OCDE. 2011. OECD Guide to Measuring the Information Society 2011. Paris: OECD Publishing.
- SPI. 2011. A sociedade de informação em Portugal, 2010. Porto Salvo: UMIC.

Bibliografia

- Almeida, A. N., Almeida, N. d., & Delicado, A. 2011. As crianças e a internet em Portugal. *Sociologia, Problemas e prática*, nº 65, pp. 9-30.
- Almeida, A. N., Alves, N. A., Delicado, A., Carvalho, T. 2013. "Crianças e internet: a ordem geracional revisitada." *Análise Social*, 48(2): 340-365.
- Ardito, L., Morisio, M. 2014. "Green IT – Available data and guidelines for reducing energy consumption in IT systems". *Sustainable Computing: Informatics and Systems*, 4: 24-32.
- Arushanyan, Y., Ekener-Petersen, E., Finnveden, G. 2014. "Lessons learned – Review of LCAs for ICT products and services." *Computers in Industry*, 65: 211-234.
- Ballantyne, R., Connell, S., Fien, J. 2006. Students as Catalysts of Environmental Change: a framework for researching intergenerational influence through environmental education. *Environmental Education Research*, 4 (3): 285-298.
- Bartiaux, F. 2012. Researching on energy-consumption practices: adding social interactions and geographical characteristics to the social theories of practice. Paper presented at Milen International Conference 2012. Advancing the research and policy agendas on sustainable energy and the environment. Oslo, 22-23 November 2012.
- Bates, O., Hazas, M., Friday, A., Morley, J., Clear, A. 2014. "Towards an holistic view of the energy and environmental impacts of domestic media and IT". CHI 2014 – Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems: 1173-1182. DOI: 10.1145/2556288.2556968.
- Berkhout, F., Hertin, J. 2004. "De-materialising and re-materialising: digital technologies and the environment". *Futures*, 36: 903-920.
- Bertoldi, P., Hirl, B., Labanca, N. 2012. Energy Efficiency Status Report 2012 - Electricity Consumption and Efficiency Trends in the EU-27. Luxembourg:: European Comission.
- Castells, M., Fernández-Ardèvol, M., Qiu, J. L., Sey, A. (2007). *Mobile Communication and Society: A Global Perspective*. Cambridge: MIT Press.
- Christensen, T. H., Ropke, I. 2010. "Can practice theory inspire studies of ICTs in everyday life?" In Brauchler, B., Postill, J. (ed.) *Theorising Media and Practice*. New York: Berghahn Books: 233-256.
- Christensen, T. H., Mourik, R., Breukers, S., Mathijssen, T., Heuve, H. 2014. Young people, ICT and energy - status and trends in young people's use and understanding of ICT and energy consumption: D2.1 Technical Report on the Organisation and Outcomes of Focus Groups and the Mapping Exercise. Intelligent Energy Europe.
- Coleman, M., Brown, N., Wright, A., Firth, S. 2012. "Information, communication and entertainment appliance use – insights from a UK household study". *Energy and Buildings*, 54: 61-72.
- Couldry, N. 2004. Theorising media as practice. *Social Semiotics*, 14 (2): 115-132.

- Crosbie, T. 2008. Household energy consumption and consumer electronics: the case of television. *Energy Policy*, 36: 2191-2199.
- EIA. 2014. Annual Energy Outlook 2014 with projections to 2014. Washington: U.S. Energy Information Administration.
- Fuchs, C. 2008. "The implications of new information and communication technologies for sustainability". *Environ. Dev. Sustain.*, 10: 291-309.
- Google. 2013. Our Mobile Planet: Portugal. Disponível em <http://eudigital.net/omp-2013-pt.pdf>.
- Gram-Hanssen, K. 2005. Teenage consumption of information and communication technology. ECEEE 2005 Proceedings. European Council for an Energy Efficient Economy.
- Gram-Hanssen, K. 2011. Understanding change and continuity in residential energy consumption. *Journal of Consumer Culture*, 11 (1): 61-78.
- Heddeghem, W., Lambert, S., Lannoo, B., Colle, D., Pickavet, M., Demeester, P. 2014. "Trends in worldwide ICT electricity consumption from 2007 to 2012." *Computer Communications*, 50: 64-76.
- Horta, A. 2009. "A competição entre televisão e imprensa no discurso metajornalístico". *Estudos em Comunicação*, 6: 69-82.
- Horta, A., Wilhite, H., Schmidt, L., Bartiaux, F. 2014. "Socio-technical and cultural approaches to energy consumption: An introduction". *Nature and Culture*, 9 (2): 115-121.
- Jensen, J. O., Gram-Hanssen, K., Ropke, I., Christensen, T. H. 2009. "Households' use of information and communication technologies – a future challenge for energy savings?". ECEEE 2009 Summer Study – Act! Innovate! Deliver! Reducing energy demand sustainably. Available online at: http://vbn.aau.dk/files/75300895/ICT_ECEEE_2009_paper.pdf.
- Livingstone, Sonia, and Leslie Haddon. 2009. "Introduction." In *Kids Online: Opportunities and Risks for Children*, ed. Sonia Livingstone and Leslie Haddon, pp. 1–6. Bristol: Policy Press.
- Machado, F. L., Costa, A. F., Mauritti, R., Martins, S. C., Casanova, J. L., Almeida, J. F. 2003. "Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 45-80.
- Malmodin, J., Lundén, D., Moberg, A., Andersson, G., Nilsson, M. 2014. "Life cycle assessment of ICT. Carbon footprint and operational electricity use from the operator, national, and subscriber perspective in Sweden." *Journal of Industrial Ecology*, 18 (6): 829-845.
- Mills, M. 2013. The cloud begins with coal. Big data, big networks, big infrastructure, and big power. An overview of the electricity used by the global digital ecosystem. Digital Power Group. Disponível em http://www.tech-pundit.com/wp-content/uploads/2013/07/Cloud_Begins_With_Coal.pdf?c761ac.
- Ongondo, F. O., Williams, I. D., Cherrett, T. J. 2011. "How are WEEE doing? A global review of the management of electrical and electronic wastes". *Waste Management*, 31: 714-730.
- Plepys, A. 2002. "The grey side of ICT". *Environmental Impact Assessment Review*, 22: 509-523.
- Rebelo, M., Menezes, M., Almeida, S., Schmidt, L., Horta, A., Correia, A., Fonseca, S. 2011. Net Zero Energy Schools: Resultados gerais de um inquérito em contexto escolar sobre atitudes, representações e práticas de uso de energia. Lisbon: LNEC.
- Reckwitz, A. 2002. "Toward a Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing." *European Journal of Social Theory*, 5 (2): 243–63.

- Ropke, I., Christensen, T.H. 2012. "Energy impacts of ICT – Insights from an everyday life perspective". *Telematics and Informatics*, 29: 348-361.
- Ropke, I., Christensen, T.H. 2013. "Transitions in the wrong direction? Digital technologies and daily life". In Shove, E., Spurling, N. (ed.) *Sustainable Practices. Social Theory and Climate Change*. Oxon: Routledge.
- Ropke, I., Christensen, T.H., Jensen, J. O. 2010. "Information and communication technologies – a new round of household electrification". *Energy Policy*, 38: 1764-1773.
- Ropke, I. 2012. "The unsustainable directionality of innovation – the example of the broadband transition". *Research Policy*, 41: 1631-1642.
- Schmidt, L., Horta, A., Correia, A., Fonseca, S. 2014. "Generational gaps and paradoxes regarding energy consumption and saving". *Nature and Culture*, 9 (2): 183-203.
- Schmidt, L., Prista, P., Correia, A. 2011. *Estudo sobre valores, representações e práticas de consumo e eficiência energética*, Lisboa: Observa.
- Shove, E. 2010. *Beyond the ABC. Climate change policy and theories of social change. Environment and Planning A*, 42 (6): 1273-1285.
- Shove, E., Pantzar, M., Watson, M. 2012. *The Dynamics of Social Practice. Everyday Life and How it Changes*. London: Sage.
- Spreng, D., Flueller, T., Goldblatt, D., Minsh, J. (ed.) 2012. *Tackling Long-Term Global Energy Problems. The Contribution of Social Sciences*. New York: Springer.
- Steinberg, Laurence. 2014. *Age of opportunity. Lessons from the new science of adolescence*. Boston e Nova York: Houghton Mifflin Harcourt.
- Teixeira, V., Cruz, O. 2006. *O uso do tempo das crianças – um estudo comparativo entre 1999 e 2006*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Terry, N., Palmer, J. 2015. "Trends in home computing and energy demand". *Building Research & Information*, DOI: 10.1080/09613218.2015.1040284.
- Truninger, M. 2011. *Cooking with Bimby in a moment of recruitment: exploring conventions and practice perspectives*. *Journal of Consumer Culture*, 11 (1): 37-59.
- UMIC. 2011. "Computadores para estudantes." Disponível em http://www.unic.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=3507&Itemid=86.
- Verbeek, P.-P. 2005. *What Things Do. Philosophical reflections on technology, agency, and design*. Penn State University Press.
- Warde, A. 2005. "Consumption and theories of practice." *Journal of Consumer Culture*, 5 (2): 131-53.
- Wilhite, H. 2013. "Energy consumption as cultural practice: implications for theory and policy of sustainable energy use" in Strauss, S., Rupp, S., Love, T. (ed.) *Cultures of Energy: Power, practices, technologies*. Walnut Creek: Left Coast Press: 60-72.
- Williams, E. 2011. "Environmental effects of information and communications Technologies". *Nature*, 479: 354-358.

Anexos

Anexo I. Questionário

Inquérito sobre o consumo de energia associado ao uso dos *media eletrónicos*

Este inquérito faz parte de um estudo científico do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia (ref. EXPL/IVC-SOC/2340/2013), a decorrer na sua Escola.

As suas respostas são fundamentais para a realização deste estudo. Por favor responda atentamente a todas as perguntas deste inquérito, lendo todas as opções de resposta de modo a escolher a mais adequada ao seu caso. Garantimos o anonimato e a confidencialidade de todas as respostas.

Agradecemos-lhe muito a sua colaboração!

1. Quais dos seguintes equipamentos eletrónicos tem atualmente? Assinale com um círculo apenas uma resposta por equipamento; caso tenha mais de um, refira-se ao que usa com mais frequência.

	Tenho um só meu	Tenho em casa	Não tenho	Não sei
1.1 Computador portátil	1	2	3	9
1.2 Computador de secretária	1	2	3	9
1.3 Impressora e/ou scanner	1	2	3	9
1.4 Telefone sem fios	1	2	3	9
1.5 Home cinema	1	2	3	9
1.6 Leitor de DVD/Blu-ray	1	2	3	9
1.7 Leitor de DVD portátil	1	2	3	9
1.8 Gravador/leitor digital de vídeo	1	2	3	9
1.9 Televisor ecrã pequeno/médio	1	2	3	9
1.10 Televisor ecrã grande/gigante	1	2	3	9
1.11 Videoprojetor	1	2	3	9
1.12 Box de televisão	1	2	3	9
1.13 Recetor de TDT/satélite	1	2	3	9
1.14 Leitor de Mp3/Mp4/iPod	1	2	3	9
1.15 Colunas portáteis	1	2	3	9
1.16 Tablet/iPad	1	2	3	9
1.17 Consola de jogos	1	2	3	9
1.18 Consola de jogos portátil	1	2	3	9
1.19 Telemóvel/smartphone	1	2	3	9
1.20 Smartwatch	1	2	3	9
1.21 Máquina fotográfica	1	2	3	9
1.22 Câmara de vídeo	1	2	3	9
1.23 Alta fidelidade/aparelhagem	1	2	3	9
1.24 Rádio despertador	1	2	3	9

2. Com que frequência usa os seguintes equipamentos? Assinale com um círculo apenas uma resposta por cada equipamento.

	Várias vezes por dia	Cerca de uma vez por dia	Várias vezes por semana	Cerca de uma vez por semana	Cerca de uma vez por mês	Menos que uma vez por mês	Não tenho
2.1 Computador portátil	1	2	3	4	5	6	7
2.2 Computador de secretária	1	2	3	4	5	6	7
2.3 Impressora e/ou scanner	1	2	3	4	5	6	7
2.4 Telefone sem fios	1	2	3	4	5	6	7
2.5 Home cinema	1	2	3	4	5	6	7
2.6 Leitor de DVD/Blu-ray	1	2	3	4	5	6	7
2.7 Leitor de DVD portátil	1	2	3	4	5	6	7
2.8 TV ecrã pequeno/médio	1	2	3	4	5	6	7
2.9 TV ecrã grande/gigante	1	2	3	4	5	6	7
2.10 Videoprojetor	1	2	3	4	5	6	7
2.11 Leitor de Mp3/Mp4/iPod	1	2	3	4	5	6	7
2.12 Colunas portáteis	1	2	3	4	5	6	7
2.13 Tablet/iPad	1	2	3	4	5	6	7
2.14 Consola de jogos	1	2	3	4	5	6	7
2.15 Consola de jogos portátil	1	2	3	4	5	6	7
2.16 Telemóvel/smartphone	1	2	3	4	5	6	7
2.17 Smartwatch	1	2	3	4	5	6	7
2.18 Máquina fotográfica	1	2	3	4	5	6	7
2.19 Câmara de vídeo	1	2	3	4	5	6	7
2.20 Alta fidelid./aparelhagem	1	2	3	4	5	6	7

3. Durante a semana (de 2ª a 6ª feira), quanto tempo por dia, em média, costuma utilizar estes equipamentos? Assinale com um círculo apenas uma resposta por cada equipamento.

	4 horas ou mais	Entre 3 e 4 horas	Entre 2 e 3 horas	Entre 1 e 2 horas	Entre 30 minutos e 1 hora	30 min. ou menos	Não costumo usar
3.1 Computador	1	2	3	4	5	6	7
3.2 Tablet/iPad	1	2	3	4	5	6	7
3.3 Leitor de Mp3/Mp4/iPod	1	2	3	4	5	6	7
3.4 Telemóvel/smartphone	1	2	3	4	5	6	7
3.5 Televisor	1	2	3	4	5	6	7
3.6 Consola de jogos	1	2	3	4	5	6	7

4. Diga com que frequência lhe acontece o seguinte. Assinale apenas um círculo por cada afirmação.

	Sempre	Muito frequente	Fre_ quente	Pouco frequente	Rara_ mente	Nunca
4.1 Gerir as funções do telemóvel para que a bateria dure mais tempo	1	2	3	4	5	6
4.2 Usar as redes sociais logo que acordo	1	2	3	4	5	6
4.3 Usar o telemóvel para sentir-me acompanhado/a	1	2	3	4	5	6
4.4 Dar atenção ao consumo de energia quando escolho um equipamento eletrónico novo	1	2	3	4	5	6
4.5 Estudar e usar as redes sociais ao mesmo tempo	1	2	3	4	5	6
4.6 Deixar o carregador do telemóvel ligado à tomada elétrica quando não está a ser usado	1	2	3	4	5	6
4.7 Usar o computador e a televisão ao mesmo tempo	1	2	3	4	5	6
4.8 Não poder usar o telemóvel por ter ficado sem bateria	1	2	3	4	5	6
4.9 Ter o computador em <i>standby</i> quando não está a ser utilizado	1	2	3	4	5	6
4.10 Procurar informação sobre como usar as baterias com mais eficiência	1	2	3	4	5	6
4.11 Modificar as opções de energia do computador para que consuma menos	1	2	3	4	5	6
4.12 Chamarem-me à atenção por não desligar o computador/televisão se não estou a usá-los	1	2	3	4	5	6

5. Relativamente a cada um dos seguintes equipamentos, indique para quais destas funções costuma utilizá-los. Pode assinalar, com círculos, várias opções por equipamento.

	Estudar /fazer trabalhos	Jogar	Ouvir música	Contactar com amigos	Ver filmes /séries /vídeos	Pesquisar	Usar redes sociais	Não costumo utilizar
5.1 Computador	1	2	3	4	5	6	7	8
5.2 Tablet/iPad	1	2	3	4	5	6	7	8
5.3 Telemóvel/smartphone	1	2	3	4	5	6	7	8

6. Em quais destes locais costuma utilizar os seguintes equipamentos? Pode assinalar, com círculos, várias opções por equipamento.

	Em casa	Na escola	Nas deslocações/ transportes	Em casa de amigos/ familiares	Em cafés/ centros comerciais	Não costumo utilizar
6.1 Computador	1	2	3	4	5	7
6.2 Tablet/iPad	1	2	3	4	5	7
6.3 Telemóvel/smartphone	1	2	3	4	5	7
6.4 Mp3/Mp4/iPod	1	2	3	4	5	7
6.5 Consola de jogos	1	2	3	4	5	7

7. E relativamente à internet, quais os locais onde costuma utilizá-la? Pode assinalar várias opções.

Em casa	Na escola	Nas deslocações/ transportes	Em casa de amigos/ familiares	Em cafés ou centros comerciais	Não costumo utilizar
1	2	3	4	5	7

8. Com que idade começou a utilizar a internet em casa? ☐ ☐ anos Nunca tive internet em casa ☐

9. E com que idade teve o seu primeiro telemóvel? ☐ ☐ anos Nunca tive telemóvel ☐

10. Quantos telemóveis já teve? ☐ ☐ telemóveis Nunca tive telemóvel ☐

11. Quantas SMS envia, em média, por dia? ☐ ☐ ☐ SMS por dia Não costumo enviar SMS ☐

12. Em média, quantas vezes por semana costuma carregar a bateria do seu telemóvel?

☐ ☐ vezes por semana Não tenho telemóvel ☐

13. Para terminar, é muito importante que responda a algumas perguntas de caracterização social.

13.1 Idade: ☐ ☐ anos

13.2 Género: 1 ☐ Feminino 2 ☐ Masculino

14. Atualmente qual é a situação perante o trabalho dos seus pais? Assinale uma opção com um X.

14.1 Mãe:

- 1 ☐ Tem uma empresa com empregados
- 2 ☐ Trabalha por conta de outrem
- 3 ☐ Trabalha por conta própria
- 4 ☐ Está desempregada
- 5 ☐ Está reformada/recebe pensão
- 6 ☐ Ocupa-se das tarefas do lar/outra situação
- 9 ☐ Não sei/não se aplica

14.2 Pai:

- 1 ☐ Tem uma empresa com empregados
- 2 ☐ Trabalha por conta de outrem
- 3 ☐ Trabalha por conta própria
- 4 ☐ Está desempregado
- 5 ☐ Está reformado/recebe pensão
- 6 ☐ Ocupa-se das tarefas do lar/outra situação
- 9 ☐ Não sei/não se aplica

15. Qual é a profissão atual dos seus pais? Indique a ocupação principal. Caso não estejam a trabalhar, indique a última profissão que exerceram. Especifique, p. ex. "técnico de nível intermédio dos serviços jurídicos".

15.1 Mãe: _____

15.2 Pai: _____

16. Qual o grau de escolaridade mais elevado que os seus pais completaram? Assinale uma opção com um X.

16.1 Mãe:

- 1 ☐ Não terminou o 1º ciclo/4ª classe
- 2 ☐ Terminou o 1º ciclo/ 4ª classe
- 3 ☐ Terminou o 6º ano/2º ciclo
- 4 ☐ Terminou o 9º ano
- 5 ☐ Terminou o 12º ano/secundário
- 6 ☐ Terminou um curso superior
- 9 ☐ Não sei

16.2 Pai:

- 1 ☐ Não terminou o 1º ciclo/4ª classe
- 2 ☐ Terminou o 1º ciclo/ 4ª classe
- 3 ☐ Terminou o 6º ano/2º ciclo
- 4 ☐ Terminou o 9º ano
- 5 ☐ Terminou o 12º ano/secundário
- 6 ☐ Terminou um curso superior
- 9 ☐ Não sei

Muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo II. Principais resultados do inquérito aos alunos

Acesso aos media eletrónicos em casa

A presença dos media eletrónicos é constante no quotidiano dos adolescentes, mas a forma como são utilizados, em que contextos e para que práticas podem diferir significativamente, como os materiais empíricos nos sugerem. Neste ponto irão ser analisados diversos aspetos que caracterizam a integração dos media eletrónicos na vida e rotinas diárias dos adolescentes. Num primeiro momento será analisado o acesso aos media eletrónicos em casa, distinguindo-se os equipamentos para uso da família dos que pertencem exclusivamente aos inquiridos. De seguida analisa-se a frequência com que são usados na vida quotidiana e a intensidade dessas práticas. Segue-se uma análise dos locais em que estes equipamentos são normalmente utilizados. Por fim, procura-se caracterizar o histórico de posse e utilização destes equipamentos, analisando para isso a idade com que tiveram o primeiro telemóvel e internet em casa.

Media eletrónicos que têm em casa ou só para si próprios

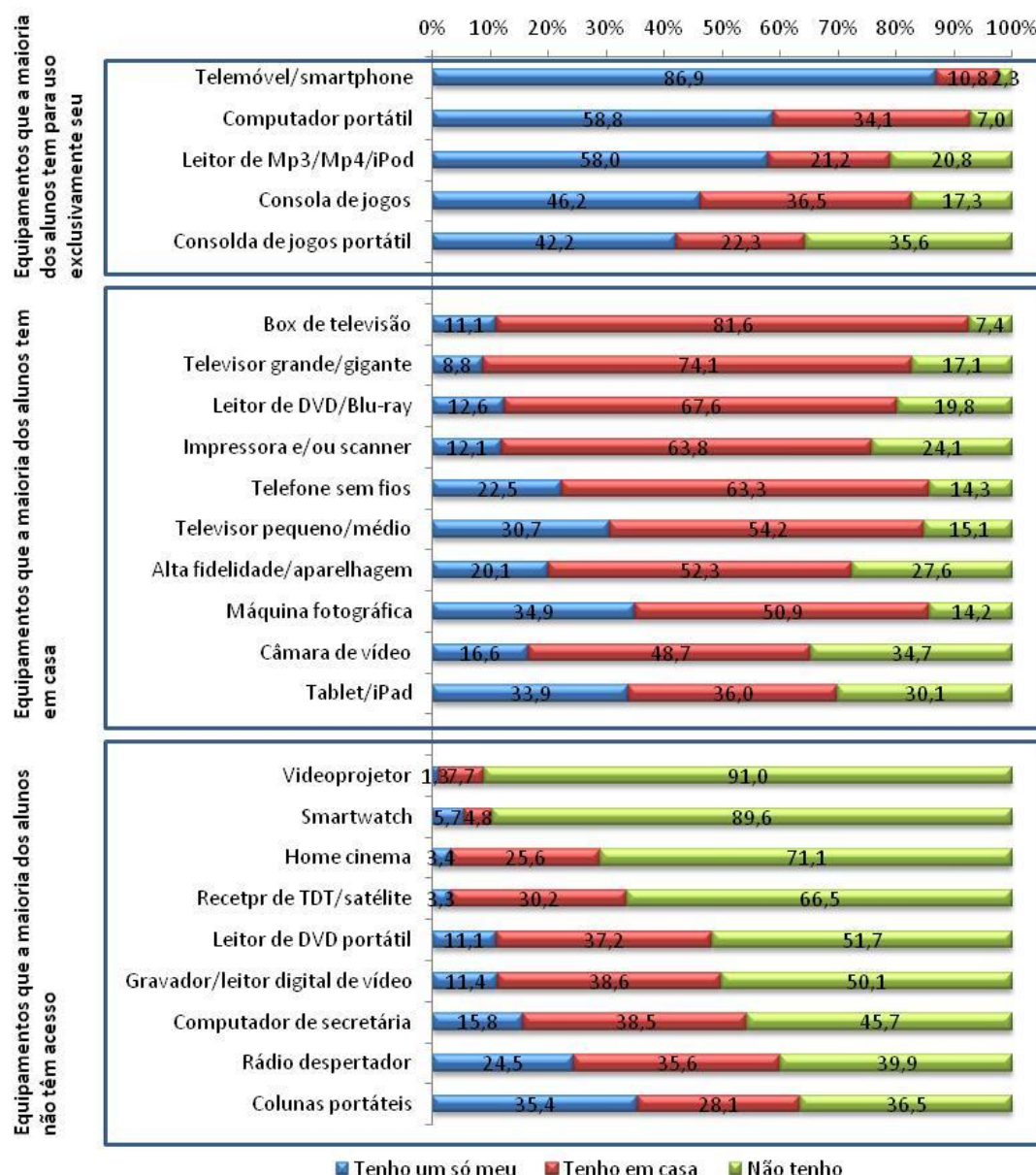
Além do telemóvel, vários são os media eletrónicos que gravitam quotidianamente em torno dos jovens. Neste contexto é fundamental conhecer qual a relação que estes estabelecem com os equipamentos a que têm acesso. Assim, foi pedido aos alunos que indicassem, entre 24 equipamentos considerados media eletrónicos, quais os que têm para uso exclusivamente seu e também quais os que são partilhados ou pertencem a outros membros da família. A análise dos dados permitiu distinguir três grupos de equipamentos (Gráfico A1). Os equipamentos que a maioria dos alunos classifica como sendo só seu, os equipamentos que a maioria dos alunos indica ter em casa, mas não para uso exclusivamente seu, e os equipamentos a que maioritariamente os alunos referem não ter acesso. Entre os equipamentos identificados na primeira categoria verifica-se que o telemóvel é o equipamento que mais alunos dizem ter para uso próprio (87%), enquanto 11% dizem ter em casa. O segundo equipamento mais referido foi o computador portátil. Quase dois terços dos alunos (58,8%) referem ter computador portátil só para si e 34% referem ter o equipamento em casa. À semelhança do que se verifica com o computador portátil, 58,2% dos alunos têm um Mp3/Mp4/iPod só para si (58,2%). No entanto, neste caso a percentagem de alunos que não têm Mp3/Mp4/iPod é substancialmente maior do que a verificada nos equipamentos anteriores (20,8% dos alunos refere não ter Mp3/Mp4/iPod). As consolas de jogos normal e portátil completam o grupo de equipamentos que predominam entre os alunos para seu uso exclusivo seu: quase metade dos alunos indica ter uma consola normal (46,2%) e uma portátil (42,2%) só para si.

O segundo grupo de equipamentos agrupa itens que os alunos têm mas não para uso exclusivamente seu. Neste caso, predominam os equipamentos que gravitam em torno da televisão: 81,6% dos alunos diz ter uma box de televisão em casa. Setenta e quatro por cento referem ter pelo menos um televisor grande ou gigante e 67,6% referem ter um leitor de DVD/Blu-ray em casa. É de notar também que entre este grupo existem equipamentos que, embora na maioria dos casos existam para uso da família, estão também entre o grupo de equipamentos que os alunos têm só para si. É o caso da máquina fotográfica, uma vez que metade dos alunos diz ter uma em casa (50,9%) mas 34,9% referem ter uma só para si. O mesmo se verifica em relação à televisão de dimensão média ou pequena, que 54,2% dos alunos indica ter em casa e 30,7% diz ter só para si.

Destaca-se ainda o tablet/iPad que, embora seja um equipamento de uso maioritariamente individual, não é ainda um equipamento que os alunos possuam para uso exclusivamente seu. Cerca de um terço dos alunos diz ter um só para si (33,9%), outro terço afirma ter pelo menos um tablet/iPad em casa (36,0%) e outro terço ainda (30,1%) refere que não tem acesso a esse equipamento.

É entre os equipamentos que com maior frequência os jovens referem não ter, quer para uso próprio quer para uso da família que se observa uma maior heterogeneidade. Este grupo contém equipamentos que começam a ficar obsoletos pois estão a ser substituídos por outros como por exemplo o computador de secretária e o radio despertador. Ambos têm sido progressivamente substituídos por outros dispositivos que desempenham a mesma função, tais como o computador portátil ou o telemóvel. Este resultado aponta para um maior predomínio de equipamentos com múltiplas funções. Equipamentos como recetores de TDT deixam de ter utilidade com a aquisição de equipamentos mais atuais, conduzindo desta forma à sua extinção. Também fazem parte deste grupo de equipamentos os smartwatches, os videoprojectores ou sistemas de home cinema que, pelo elevado preço ou por ainda serem muito recentes, não estão tão presentes em casa dos alunos. A esmagadora maioria dos alunos não tem videoprojector (91,0%), smartwatch (89,6%) ou home cinema (71,1%).

Gráfico A1. Proporção de alunos que possuem os diferentes equipamentos e o nível de partilha do equipamento



A análise por **género** permitiu verificar que a associação entre a posse de equipamentos e o género dos alunos é significativa em apenas 5 dos 24 equipamentos analisados. São eles o computador de secretária, o televisor grande/gigante, as consolas de jogos, normal ou portátil, e a máquina fotográfica. Nos restantes equipamentos não se verificam diferenças estatisticamente significativas, ou seja o género e a posse desses equipamentos não estão associados. Entre os equipamentos mais associados aos rapazes encontram-se o computador de secretária ($X^2(2, N=730)=10,470$; $p=,005$), o televisor grande/gigante ($X^2(2, N=732)=8,190$; $p=,017$) e as consolas de jogos normal ($X^2(2, N=742)=68,264$; $p=,000$) e portátil

($\chi^2(2, N=738)=6,216$; $p=,045$). Entre as raparigas predominam as máquinas fotográficas ($\chi^2(2, N=735)=38,775$; $p=,000$). No que respeita ao computador de secretária, as diferenças entre rapazes e raparigas encontram-se na categoria "Tenho um só meu": 11% das raparigas referem ter um computador de secretária só para si, enquanto entre os rapazes esse valor é de 19,9%.⁷ É também entre os rapazes que se regista maior percentagem dos que têm um televisor grande/gigante só para si (11,6%). Já entre as raparigas esse valor é significativamente menor (5,6%).⁸ As maiores diferenças entre rapazes e raparigas encontram-se, no entanto, entre os que possuem uma consola de jogos só para si ou que têm em casa, mas não para uso exclusivamente seu. Mais de metade dos rapazes diz ter uma consola de jogos só para si (59,6%), sendo que entre as raparigas esse valor desce para 29,9%. Já quando analisados os dados dos que têm em casa mas não para uso próprio os valores invertem-se. Cinquenta por cento das raparigas dizem ter uma consola de jogos em casa mas não para uso próprio, enquanto entre os rapazes esse valor é de metade, ou seja apenas 25,4% indicam ter uma consola de jogos em casa mas não para uso exclusivamente seu. Em suma, os rapazes tendem a ter consolas para uso exclusivamente seu, sendo que no caso das raparigas esse equipamento tende a pertence a outro familiar, eventualmente um irmão.⁹ O mesmo se verifica em relação à consola de jogos portátil, embora neste caso as diferenças sejam menos acentuadas. Quarenta e oito por cento dos rapazes dizem ter uma consola de jogos portátil só para si, enquanto entre as raparigas esse valor é de 34,8%. Também se verificam diferenças entre os valores percentuais observados na categoria "Não tenho". Quarenta por cento das raparigas diz não ter uma consola de jogos portátil e apenas 32% dos rapazes diz o mesmo.¹⁰ A máquina fotográfica é o único equipamento que se encontra mais presente entre as raparigas que entre os rapazes. Quarenta e sete por cento das raparigas diz ter uma máquina fotográfica só para si, mas apenas 24,8% dos rapazes diz o mesmo. Há neste caso uma maior percentagem de rapazes que diz ter uma máquina fotográfica em casa mas não para uso exclusivamente seu (Raparigas=43,2%; Rapazes=57,7%). São também os rapazes que com mais frequência dizem não ter máquina fotográfica (Raparigas=10,3%; Rapazes=17,5%).¹¹

⁷ Os dados indicam a existência de uma associação de 12% entre o género e a posse de computador de secretária só para si ($V \text{ Cramer}=0,120$).

⁸ De acordo com o Quociente V de Cramer, 10,6% da posse do televisor grande/gigante entre os jovens adolescentes que participaram neste estudo está associada ao género.

⁹ Esta diferença entre rapazes e raparigas está espelhada no quociente de V de Cramer que nos indica que o género dos inquiridos apresenta uma elevada (30%) associação à posse ou não de uma consola de jogos.

¹⁰ Neste caso verificamos que 13,5% dos resultados relativos à posse de uma consola de jogos portátil estão associados ao género dos inquiridos.

¹¹ O género influencia em 23% a posse ou não de máquina fotográfica entre os inquiridos.

A **idade** também está associada ao tipo de equipamentos que os alunos têm para uso exclusivamente seu ou que têm em casa mas pertence ou partilham com outro membro da família. No que toca aos equipamentos onde os dados indicam existir uma associação com a idade podemos observar que relativamente ao computador portátil (χ^2 (4,N=739)=27,309; $p=,000$) é na categoria “Não tenho” que se observam as maiores diferenças. São os alunos mais velhos (mais de 18 anos) que referem em maior proporção não ter este equipamento (23,1%), em oposição aos alunos mais novos onde esse valor é significativamente menor (3,5%). Entre os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, 7,2% refere não ter um computador portátil. Cerca de 14% da posse de computadores portátil está associada à idade.

Valor muito semelhante é também a associação entre a idade e a posse de impressora e/ou scanner (14,7%) (χ^2 (4,N=741)= 32,198; $p=,000$). Neste caso, verifica-se que a percentagem dos que têm este equipamento em casa é maior entre os alunos mais novos (menos de 16 anos=74,2%) comparativamente aos alunos com idades compreendidas entre os 16 e 18 anos (59,7%) e os que têm mais de 18 anos (46,2%). Em razão inversa encontram-se também diferenças entre os que dizem não ter este equipamento. Quarenta e seis por cento dos alunos com mais de 18 anos respondem não ter impressora/scanner em casa. Enquanto entre os alunos com idades entre os 16 e os 18 anos esse valor é de 27,3% e entre os alunos com menos de 16 anos esse valor é ainda mais baixo (14,2%). No que toca ao telefone sem fios (χ^2 (4,N=732)=12,519; $p=,014$) verificamos que são os alunos com idades entre os 16 e os 18 anos que menos indicam ter um destes equipamentos só para si (19,2%).

Também se verificam diferenças significativas entre os que referem não ter telefone sem fios. Entre os alunos mais novos essa proporção é mais baixa (9,7%) comparativamente aos restantes grupos etários (entre os 16 e os 18 anos=16,4%; maiores de 18=20,8%).

Os leitores de DVD ou Blu-ray (χ^2 (4,N=729)=10,636; $p=,031$) são equipamentos menos presentes entre os alunos mais velhos. Cinquenta e quatro por cento destes alunos dizem ter um leitor de DVD ou Blu-ray em casa. No entanto, entre os alunos com menos de 16 anos esse valor é de 70,7% e entre os alunos com idades entre os 16 e os 18 anos esse valor é de 67,6%. Quando analisados os dados relativos aos adolescentes/jovens que dizem não ter este equipamento nem para uso exclusivo seu nem para o da família, verifica-se que este grupo tem maior peso entre os alunos mais velhos, com mais de 18 anos (36%). Entre os alunos com idades entre os 16 e os 18 anos a percentagem dos que não têm o equipamento é de 19,9% e entre os alunos mais novos, com menos de 16 anos, esse valor é de apenas 16,0%. Ainda que o teste de associação do Qui-Quadrado indique uma associação entre a idade e a posse de leitor de DVD ou Blu-ray essa associação é baixa, uma vez que a idade apenas influencia 8,5% dos resultados.

Valor também muito baixo é a associação entre a idade e a posse ou não do leitor de DVD portátil (8,82%) ($\chi^2(4, N=707)=9,543; p=,049$). Observa-se que são os alunos mais novos que mais referem ter esse equipamento em casa (42,5%), em oposição aos alunos com idades entre os 16 e 18 anos (35,5%) e aos alunos mais velhos (26,9%). Por outro lado verifica-se que são os alunos mais velhos que mais referem não ter o equipamento (67,3%) em contraponto aos alunos mais novos onde essa percentagem é significativamente menor (45,7%). Para os alunos entre os 16 e os 18 anos essa percentagem é de 53,2%.

A idade também está associada à percentagem de alunos que possuem ou não gravadores de vídeo ($\chi^2(4, N=640)=14,252; p=,007$). Verifica-se que são os alunos mais velhos, mais de 18 anos, que referem com maior frequência não ter gravador/leitor digital de vídeo em casa (70,4%), seguido pelo grupo de alunos entre os 16 e os 18 anos (51,6). É entre os alunos mais novos (com menos de 16 anos) que essa percentagem é menor (42,8%).

A posse de televisores, quer sejam de dimensão pequena/média ($\chi^2(4, N=730)=11,150; p=,025$) ou grande/gigante ($\chi^2(4, N=733)=14,020; p=,007$), é influenciada pela idade dos alunos. No entanto, essa associação é muito reduzida, 8,7% e 9,8% respetivamente. No que respeita ao televisor pequeno ou médio são os alunos com mais de 18 anos que mais referem ter esse equipamento em casa, embora não seja para uso exclusivamente seu (73,1%, entre os 13 e 16 anos=53,5%; Menos de 16 anos= 51,6%). Em relação à televisão de grandes dimensões são os alunos mais novos que menos referem ter um só para si (5,8%). Mas é também entre este grupo que se encontra a maior percentagem de alunos que referem ter um destes equipamentos em casa (79,1%). Por outro lado os mais velhos (maiores de 18 anos) são o grupo que apresenta maior percentagem de alunos que não têm em casa um televisor de grandes dimensões (31,4%).

A box de televisão ($\chi^2(4, N=729)=19,114; p=,001$) é também um equipamento menos frequente na casa dos alunos mais velhos. Vinte e um por cento dos alunos mais velhos referem não ter box de televisão em casa, destacando-se dos alunos mais novos (4,3%) e dos alunos com idades entre os 16 e os 18 anos (7,6%), em que essa percentagem é significativamente menor.

Os alunos mais novos são os que mais têm acesso ao iPad embora não para uso exclusivamente seu, ou seja, 43,6% dos alunos mais novos indicam ter um iPad em casa. Os alunos mais velhos são os que mais indicam não ter este equipamento (45,3%, Resíduos ajustados=2,5). Estas diferenças são estatisticamente significativas ($\chi^2(4, N=735)=17,592; p=,001$). À semelhança do que se tem observado na maioria dos equipamentos em análise, também no que se refere à consola de jogos ($\chi^2(4, N=743)=16,841; p=,002$) verificamos que este equipamento está mais presente na casa dos alunos mais novos (43,2%). Por outro lado são os alunos com mais de 18

anos que em maior percentagem indicam não ter esse equipamento em casa, tanto para uso próprio como para uso de familiares (30,2%).

A associação entre a idade e a posse do telemóvel é muito reduzida (8,3%), embora seja estatisticamente significativa ($\chi^2(4,N=739)=10,250$; $p=,036$). Esta associação revela-se sobretudo na percentagem de alunos que dizem ter um telemóvel só para si. Entre os jovens com menos de 16 anos essa percentagem é de 91,9%; já entre os alunos entre os 16 e só 18 anos esse valor é ligeiramente menor (85%).

A associação entre a posse de máquina fotográfica e a idade ($\chi^2(4,N=736)=49,980$; $p=,000$) é de 18,4%. Essa associação traduz-se sobretudo na percentagem de alunos que dizem não ter máquina fotográfica. Entre os alunos mais novos essa percentagem é de 7,8%; já entre os alunos mais velhos essa percentagem é significativamente maior (44%).

A idade também gera diferenças na posse, ou não, de câmaras de vídeo ($\chi^2(4,N=730)=36,516$; $p=,000$). Os dados indicam que, também neste caso, verifica-se uma percentagem significativa de alunos mais velhos, mais de dois terços, que indicam não ter câmara de vídeo (65,4%), em oposição aos alunos mais novos, cuja percentagem é de apenas 24,8%. De uma maneira geral, podemos concluir que os alunos mais jovens têm acesso a um maior número de equipamentos. Na maioria dos casos os equipamentos são para uso da família e não exclusivamente do aluno.

No que respeita à **classe social**, verificamos que esta variável está associada à maioria dos equipamentos referidos no inquérito.¹² Uma análise mais pormenorizada por cada um dos restantes equipamentos permite retirar algumas conclusões.

No que respeita ao computador portátil ($\chi^2(4,N=687)=17,480$; $p=,002$), verifica-se que a grande maioria dos alunos tem acesso a um. A grande diferença reside na percentagem de alunos que dizem ter um computador portátil só para si e os que dizem ter um em casa mas não para uso exclusivamente seu. Assim, a percentagem de alunos da classe alta que tem um computador portátil só para si é de 69,4%; entre os alunos da classe baixa esse valor é substancialmente menor (50,4%). As proporções invertem-se quando a análise recai sobre a categoria “Tenho em casa”. A percentagem de alunos mais desfavorecidos que têm um computador portátil em casa mas não para uso próprio é de 41,2%. Entre os alunos mais favorecidos esse valor é substancialmente menor (25,9%).

¹² O computador de secretária ($\chi^2(4,N=679)=6,323$; $p=,176$), o home cinema ($\chi^2(4,N=633)=0,702$; $p=,951$), o leitor de DVD ou Blu-ray ($\chi^2(4,N=679)=4,576$; $p=,334$), o leitor de DVD portátil ($\chi^2(4,N=655)=7,082$; $p=,132$), o televisor grande/gigante, ($\chi^2(4,N=682)=9,373$; $p=,052$), o recetor de TDT/Satélite ($\chi^2(4,N=582)=9,156$; $p=,057$), e o Mp3/Mp4/iPod ($\chi^2(4,N=681)=9,343$; $p=,053$) são as exceções.

A classe social também está associada à percentagem de alunos que possuem impressora/scanner ($X^2(4,N=689)=72,203$; $p=,000$). Neste caso, verifica-se que mais de três quartos dos alunos oriundos da classe alta têm este equipamento em casa (77,4%). Entre os alunos mais desfavorecidos esse valor desce para menos de metade (47,9%). Entre os alunos mais desfavorecidos, 40,8% referem mesmo não ter impressora/scanner mas entre os alunos da classe alta esse valor é de apenas 8,8%.

Quanto ao telefone sem fios, os dados indicam uma associação de 15% entre a classe social e a posse de telefone sem fios ($X^2(4,N=682)=31,321$; $p=,000$). A análise dos dados descritivos permite verificar que a percentagem de alunos da classe baixa que não tem telefone sem fios é de 21,9%; em contraponto a percentagem de alunos da classe alta que não têm telefone sem fios é de apenas 6,6%. É entre os alunos da classe média que se encontra a maior percentagem de posse de um telefone sem fios em casa, mas não apenas para seu próprio uso (71,6%). Por outro lado, é entre os alunos da classe alta que se encontra a maior percentagem de alunos que têm um telefone sem fios apenas para si (28,2%).

No que se refere ao gravador digital vídeo ($X^2(4,N=597)=21,831$; $p=,000$) os resultados indicam uma maior percentagem de alunos da classe alta que têm este dispositivo só para si - 16,2% quando comparados com as restantes classes sociais (Média - 9,4%; Baixa - 9,0%). Entre a classe média destacam-se os alunos que têm o equipamento em casa, mas não para uso exclusivo dos alunos (45,5%) (Alta - 42,2%; Baixa - 29,9%). Quanto aos alunos da classe baixa verifica-se que a maioria dos alunos (61,1%) referem não ter gravador/leitor digital de vídeo comparado com as restantes classes sociais (Média - 45,0%; Baixa - 41,6%).

No que respeita à televisão média/pequena verificamos que mais uma vez é entre os alunos da classe mais elevada que se verifica uma maior percentagem dos que respondem ter uma televisão só para si (Alta - 39,9%). Entre as classes sociais esse valor é menor sobretudo entre os alunos da classe social mais desfavorecida (Média - 29,3%; Baixa - 26,0%). Entre os alunos da classe social mais baixa verifica-se que a maioria dos alunos, dois terços, indicam que têm televisor de dimensão média ou pequena em casa para toda a família (Alta - 45,1%; Média - 53,0%). As associações aqui descritas são estatisticamente significativas ($X^2(4,N=680)=13,671$; $p=,008$).

Sendo a televisão um equipamento que está presente em casa de quase todos os alunos e que se multiplica por várias divisões, os dados indicam que entre os inquiridos oriundos da classe social mais favorecida, é mais comum terem um televisor que partilham com todos, mas também terem um só para si. O mesmo não acontece em relação à televisão de grandes dimensões. Neste caso não se verifica uma associação com a classe social ($X^2(4,N=682)=9,373$; $p=,008$).

$p=,052$). Existe uma grande percentagem de alunos que têm televisão grande/gigante em casa, mas muito poucos os que o têm só para si.

Poucos são os alunos que têm um vídeo projetor em casa. Entre os que indicam ter este equipamento, é maior a proporção dos que pertencem à classe social mais elevada. Treze por cento dos alunos da classe social mais elevada dizem ter este equipamento em casa. Entre os alunos da classe média e classe baixa esse valor é substancialmente mais baixo (Média – 8,5%; Baixa – 1,7%).¹³ A associação aqui encontrada é estatisticamente significativa ($X^2(4,N=658)=24,957$; $p=,000$).

Existe também uma associação entre a classe social e os que dizem não ter box de televisão ($X^2(4,N=678)=12,644$; $p=,013$). Cerca de 11% dos alunos da classe social mais baixa dizem não ter box de televisão; entre os restantes alunos esse valor é bastante mais reduzido (Alta – 3,7%; Média - 4,4%).

As colunas portáteis também distinguem alunos das diferentes classes sociais ($X^2(4,N=671)=22,749$; $p=,000$). Quase metade dos alunos da classe alta (48,1%) dizem ter colunas portáteis só para si. Esse valor cai para praticamente metade quando analisamos os dados dos alunos da classe baixa (26,3%). Os alunos da classe média ocupam um lugar intermédio ainda que bem mais próximo dos alunos da classe alta (36,2%). São os alunos da classe baixa que mais referem não ter o equipamento (Alta – 28,6%; Média - 36,2%; Baixa – 40,5%) ou ter em casa mas não apenas para si (Alta – 23,3%; Média - 27,5%; Baixa – 33,2%).

De uma maneira geral é possível ver que os alunos da classe alta são os que mais indicam ter os equipamentos listados no inquérito e os alunos da classe social mais baixa os que referem em maior número não ter os equipamentos, sendo que os alunos da classe média ocupam, regra geral uma posição intermédia.

No caso do tablet verificamos que este equipamento está sobretudo presente entre os alunos da classe média. Quarenta e quatro por cento destes alunos diz ter um em casa, embora não para uso exclusivamente seu. Entre os alunos da classe alta e baixa esse valor é de 37,9% e 27,4% respetivamente. Os alunos da classe social mais baixa são os que mais referem não ter o equipamento em casa ou só seu. Este valor é significativamente superior aos restantes grupos (Alta – 22,9%; Média – 24,6 %; Baixa – 37,6%). A associação encontrada entre a posse de tablet e a classe social é estatisticamente significativa ($X^2(4,N=683)=2987$; $p=,000$). A posse de uma

¹³ Um olhar sobre os que indicam não ter o equipamento permite observar que 96,5% dos alunos da classe mais baixa dizem não ter este equipamento em casa. Entre os alunos da classe média esse valor é de 91,5% e entre os alunos da classe mais elevada a percentagem de alunos que dizem não ter o equipamento é 84,8%.

consola de jogos, tanto a normal como a portátil, é influenciada pela classe social (consola normal ($\chi^2(4, N=689)=18,807$; $p=,001$), consola de jogos portátil ($\chi^2(4, N=675)=18,990$; $p=,001$). Em ambos os casos verifica-se que é entre os alunos da classe social alta que predominam os que indicam ter um destes equipamentos só para si (Consola normal – 52,8%; Consola portátil – 49,0%), quando comparado sobretudo com os alunos da classe baixa (Consola normal – 43,3%; Consola portátil – 34,5%). Os alunos da classe média ocupam um lugar intermédio (Consola normal – 45,9%; Consola portátil – 46,7%).

O telemóvel ainda que esteja bastante presente na vida da generalidade dos alunos também sofre influência da classe social ($\chi^2(4, N=687)=12,895$; $p=,012$). Mais de 90% dos alunos da classe alta (90,8%) e da classe média (90,5%) dizem ter um só para si. Entre os alunos da classe baixa esse valor é quase 10 pontos percentuais mais baixo (81,6%).

O smartwatch por outro lado é ainda um equipamento muito pouco presente entre os alunos inquiridos ainda assim é possível observar a existência de uma relação com a classe social ($\chi^2(4, N=603)=17,692$; $p=,001$). Mas neste caso curiosamente são os alunos da classe média que menos indicam ter um só para si (2,4%) comparativamente aos alunos da classe alta (8,4%) e baixa (6,9%).

Como acontece com a generalidade dos equipamentos, a classe social também está relacionada com a posse de máquinas fotográficas ($\chi^2(4, N=683)=35,972$; $p=,000$). Esta associação reflete-se numa menor presença deste equipamento entre os alunos da classe baixa: 20,5% destes alunos dizem não ter máquina fotográfica, sendo que entre os alunos da classe alta ou média e baixa esses valores são 7,9% e 9,4% respetivamente. Entre os alunos da classe baixa que dizem ter máquina fotográfica 56,4% referem que têm em casa mas não só para si. Essa percentagem é menor entre os alunos da classe alta (48,6%) e média (48,1%) pois uma percentagem significativa destes alunos referem ter uma só para si (Alta – 43,%; Média – 42,5%; Baixa – 23,1%).

Quando analisados os dados relativos aos alunos que têm sistema de alta-fidelidade/aparelhagem verificamos que a associação entre esta variável e a classe social está sobretudo presente na categoria “Tenho um só meu”. Mais de um quarto dos alunos da classe média dizem ter um só para si. Já entre os alunos da classe baixa esse valor é de apenas 14,5%. Entre os alunos da classe alta que têm uma alta-fidelidade /aparelhagem só para si esse valor é de 23,4%. Essas diferenças geram associações estatisticamente significativas entre as duas variáveis ($\chi^2(4, N=654)=11,317$; $p=,023$).

O teste de associação do qui-quadrado permitiu identificar uma associação estatisticamente significativa entre a posse do despertador e a classe social ($X^2(4,N=668)=13,580$; $p=,009$). Neste caso, a análise dos resíduos ajustados permitiu observar que as maiores diferenças são geradas pelos alunos oriundos da classe social alta e baixa. Trinta e dois por cento dos alunos da classe alta dizem ter um despertador só para si. Entre os alunos da classe baixa esse valor é e praticamente metade (17,5%). Em razão inversa verificamos que 44,4% dos alunos da classe baixa indicam não ter despertador. Entre os alunos da classe alta esse valor é de 33,7%.

Quando analisada a associação entre a **escola** e a posse de equipamentos, verificamos que existe uma associação estatisticamente significativa entre a escola a que os alunos pertencem e os equipamentos que têm ao seu dispor, com exceção do sistema home cinema, leitor de DVD portátil, smartwatch e rádio despertador. De uma maneira geral é possível verificar que os alunos do ensino profissional são os que mais referem não ter acesso aos equipamentos.

Uma análise mais detalhada permite observar que no que concerne ao computador portátil é possível observar que uma grande maioria dos alunos do ensino privado diz ter um computador portátil só para si (71,4%). Proporção essa que não se reflete da mesma forma entre os alunos dos restantes sistemas de ensino (Público – 52,4%; Profissional – 49,7%). A proporção de alunos que têm o computador em casa mas não para uso só seu é maior entre os alunos do ensino público regular (Público – 39,0%; Profissional – 38,7%; Privado – 26,0%). Por sua vez é entre os alunos do ensino profissional que se observa uma maior proporção de alunos que dizem não ter computador portátil (Público – 8,6%; Profissional – 11,6%; Privado – 2,6%). A associação identificada entre a posse do computador portátil e a escola é estatisticamente significativa ($X^2(4,N=741)=33,689$; $p=,000$). Relativamente ao computador de secretária a associação identificada ($X^2(4,N=733)=10,225$; $p=,037$) permite concluir que é entre os alunos do ensino profissional que se encontra a maior percentagem de alunos que dizem não ter computador de secretária em casa. Mais de metade dos alunos do ensino profissional diz não ter em casa um computador de secretária (Público – 40,2%; Profissional – 55,8%; Privado – 46,3%).

As clivagens entre as diferentes escolas são ainda maiores quando observados os resultados relativos à posse de impressora/scanner ($X^2(4,N=744)=107,993$; $p=,000$). Mais de metade dos alunos do ensino profissional diz não ter uma impressora/scanner. Entre os alunos do ensino regular e privado esse valor é substancialmente menor (Público – 25,3%; Profissional – 51,0%; Privado – 7,3%).

Padrão semelhante verifica-se em relação ao telefone sem fios ($X^2(4,N=735)=43,190$; $p=,000$). Mais de dois terços dos alunos do ensino regular (público ou privado) têm em casa um telefone

sem fios (Público – 68,3%; Privado – 66,5%). Entre os alunos do ensino profissional esse valor não atinge metade (Profissional - 47,4%).

Relativamente ao leitor de DVD/Blu-ray, 72,0% dos alunos oriundos da escola pública regular e 70,1% dos alunos da escola privada admitem ter um em casa. No entanto, entre os alunos da escola profissional essa resposta é significativamente menos comum - 54,2% ($\chi^2(4, N=732)=29,898$; $p=,000$).

O gravador/leitor digital de vídeo é um equipamento que está presente em apenas 50% das casas dos alunos. É entre os alunos do ensino profissional que se concentra o maior número de alunos que refere não ter este equipamento em casa (66,2%). Entre os alunos do ensino privado esse valor é substancialmente mais reduzido (40,7%). Os alunos do ensino público regular ocupam um lugar intermédio entre os dois grupos. Quarenta e nove por cento destes alunos diz não ter um gravado/leitor digital de vídeo em casa ($\chi^2(4, N=643)=22,885$; $p=,000$).

Tanto a posse de televisores de dimensões pequena/média ($\chi^2(4, N=733)=10,930$; $p=,027$) como grande ($\chi^2(4, N=736)=15,713$; $p=,003$) está associada à escola que os alunos frequentam. No que refere ao televisor de pequena ou média dimensão é possível verificar através dos dados descritivos que são os alunos do ensino profissional que referem em menor proporção ter um destes equipamentos apenas para si (22,7%). Entre os alunos do ensino regular público e privado esse valor é da ordem de um terço, 31,0% e 34,8% respetivamente. Quanto ao televisor grande/gigante as grandes diferenças residem na categoria “Tenho um em casa”: quase 80% dos alunos do ensino privado referem ter um em casa, sendo que entre os alunos do ensino regular público essa percentagem é de 74,7%. Estes valores são superiores aos observados no grupo dos alunos oriundos do ensino profissional (62,5%).

Apenas 9% dos alunos entrevistados indicam ter em casa um videoprojector. Ainda que pequena essa proporção não esteja igualmente distribuída pelos diferentes sistemas de ensino ($\chi^2(4, N=712)=16,085$; $p=,003$). São os alunos do ensino privado que mais têm contacto com este equipamento. Treze por cento dos alunos indicam ter um vídeo projetor em casa para uso da família. Entre os alunos do ensino regular público esse valor é de 5,7% e entre os alunos do ensino profissional apenas 3,4% diz ter um vídeo projetor em casa que partilha com a restante família.

Apenas 7,4% de toda a amostra inquirida diz não ter box de televisão. No entanto, uma análise mais detalhada permite verificar que esse número concentra-se sobretudo entre os alunos do ensino profissional (15,0%). Em contrapartida apenas 2,3% dos alunos do ensino privado dizem

não ter este equipamento. Entre os alunos do ensino público regular esse valor é de 8,0%. Estas diferenças são estatisticamente significativas ($\chi^2(4, N=732)=24,083$; $p=,000$).

Mais de dois terços dos alunos (66,5%) referem não ter recetor de TDT/satélite. São os alunos do ensino privado que mais referem ter esse equipamento – 34,1%. Entre os alunos do ensino público regular esse valor é ligeiramente inferior 31,1%, mas é entre os alunos do ensino profissional que essas diferenças são mais acentuadas. Apenas 22,3% dos alunos do ensino profissional têm recetor de TDT/satélite. A associação entre o sistema de ensino e a posse ou não do recetor é pequeno (9,1%) no entanto é estatisticamente significativo ($\chi^2(4, N=629)=10,525$; $p=,032$).

Os leitores de Mp3/Mp4/iPod estão presentes na vida de cerca de 80% dos alunos. Perto de 60% indicam mesmo ter um só para si. Em termos de escolas verifica-se que este equipamento está mais presente entre os alunos do ensino privado. Sessenta e oito por cento destes alunos referem ter um leitor de Mp3/Mp4/iPod só para si. Entre os alunos do ensino profissional esse valor é substancialmente menor (47,4%). Estas diferenças são estatisticamente significativas ($\chi^2(4, N=736)=23,007$; $p=,000$).

Os dados indicam que são sobretudo os alunos do ensino privado que indicam ter colunas portáteis só para si (48,5%). Entre os alunos do ensino público, regular ou profissional, a percentagem é bastante menor (Público – 27,5%; Profissional – 28,4%) ($\chi^2(4, N=723)=32,682$; $p=,000$).

Relativamente ao tablet/iPad observa-se que, à semelhança do que se verifica em relação a outros equipamentos já analisados, é também entre os alunos do ensino privado que se encontra a maior proporção de alunos que têm acesso ao tablet/iPad. No entanto, uma análise mais cuidada permite observar que não se verificam diferenças entre os alunos dos diferentes sistemas de ensino que referem ter um tablet/iPad só para si (Público – 33,3%; Profissional – 34,4%; Privado – 34,2%). A grande diferença reside nos que o têm em casa, mas não para uso exclusivo do aluno (Público – 32,7%; Profissional – 22,7%; Privado – 47,4%). Neste caso observa-se, mais uma vez, o contraste entre os alunos do ensino privado e os alunos do ensino profissional.

A proporção de alunos que referem ter uma consola de jogos, normal ou portátil, varia em função do sistema de ensino na qual estão inseridos (normal – $\chi^2(4, N=745)=35,821$; $p=,000$; portátil ($\chi^2(4, N=728)=26,961$; $p=,000$)). Em ambos os casos, são os alunos do ensino profissional que indicam ter menos acesso a estes equipamentos, independentemente de este se destinar a uso próprio ou de familiares (Consola normal – 68,1%; Consola portátil – 47,3%),

quando comparado com alunos de outros tipos de ensino como o ensino publico regular (Consola normal – 82,9%; Consola portátil – 67,6%) e ensino privado regular (consola normal – 90,8%; Consola portátil – 70,6%).

A esmagadora maioria dos alunos afirma ter um telemóvel só para si (86,9%), mas a análise por sistema de ensino permite observar que essa distribuição não é uniforme ao longo dos três grupos ($X^2(4,N=742)=29,438$; $p=,000$). A percentagem de alunos com telemóvel só seu é superior entre os alunos do ensino privado (94,9%) quando comparado com alunos do ensino público, regular (84,1%) ou profissional (78,7%).

À semelhança do que se verificou em relação a outros equipamentos, é entre os alunos do ensino privado que predominam as máquinas fotográficas para uso próprio – 43,9% (Público regular – 30,5%; Público profissional – 28,1%). A percentagem de alunos do ensino privado que dizem não ter máquina fotográfica é de apenas 8,9%. Entre os alunos do ensino profissional essa percentagem é de 22,9%. Para os alunos do ensino público regular esse valor é de 14,6%. Estas diferenças são estatisticamente significativas ($X^2(4,N=739)=25,505$; $p=,000$).

O mesmo se verifica em relação à câmara de vídeo. Metade dos alunos do ensino profissional diz não ter câmara de vídeo (49,7%). Entre os alunos do ensino regular esse valor é significativamente menor (Público – 32,2%; Privado – 29,0%) e estatisticamente significativo ($X^2(4,N=733)= 21,205$; $p=,000$).

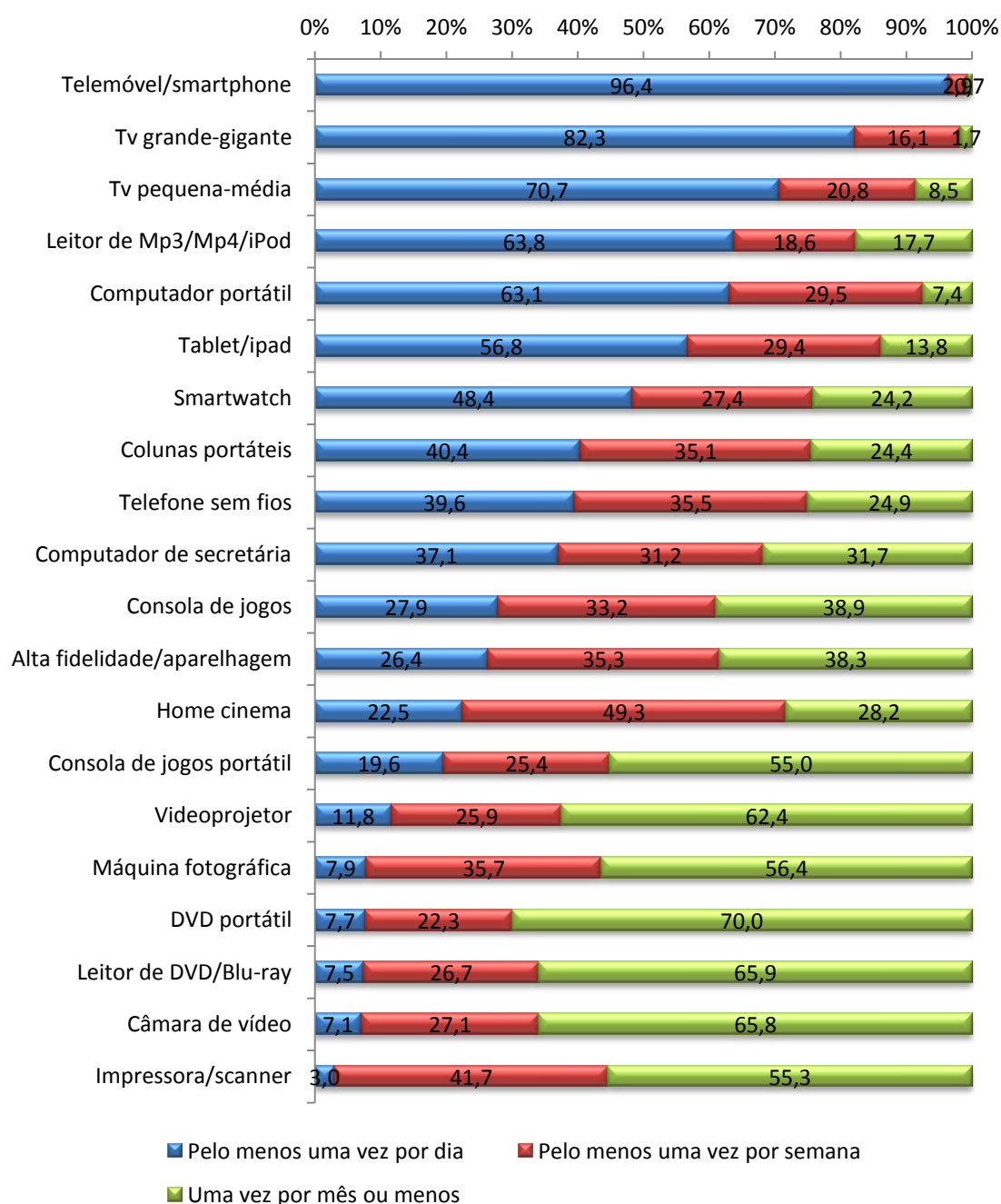
A associação entre a posse de alta fidelidade/aparelhagem e o sistema de ensino é fraca (8,3%), no entanto o teste de associação do qui-quadrado é estatisticamente significativo ($X^2(4,N=706)=9,725$; $p=,045$). A análise dos resíduos ajustados permite observar que essa associação se observa sobretudo na categoria “Não tenho”. Entre os alunos do ensino profissional a percentagem de alunos que diz não ter um sistema de alta-fidelidade/aparelhagem é de 36,8%. Entre os alunos do ensino regular, publico ou privado, esse valor é inferior (25,4% e 24,7% respetivamente).

Frequência da utilização de media eletrónicos

Foi perguntado aos inquiridos qual a frequência com que utilizam um conjunto de media eletrónicos (Gráfico A2). O telemóvel é o equipamento mais utilizado pelos alunos, uma vez que mais de 95% refere utilizar o telemóvel pelo menos uma vez por dia. A televisão é o segundo equipamento mais presente no quotidiano dos jovens inquiridos. Mais de 70% dos alunos que têm televisão pequena/média indicam utilizar este equipamento pelo menos uma vez por dia. Já no que toca à televisão de grandes dimensões esse valor é ainda mais elevado: 82% dos alunos

que tem televisão de grandes dimensões dizem utilizá-la pelo menos uma vez por dia. Estes resultados demonstram que apesar de surgirem novos equipamentos no mercado e apesar da posição cada vez mais relevante do computador portátil ou fixo e do acesso à internet, a televisão continua a desempenhar um papel importante no dia-a-dia dos alunos.

Gráfico A2. Frequência com que utiliza os seguintes equipamentos



O leitor de Mp3/Mp4/iPod e o computador portátil são também equipamentos de utilização intensiva. Pelo menos 63% dos alunos indicam utilizar estes equipamentos pelo menos uma vez por dia.

Ainda que a percentagem de alunos que referem ter smartwatch só para si seja pequena (5,7%), os alunos referem recorrer a este equipamento com bastante frequência. Perto de 50% destes alunos referem utilizar o smartwatch pelo menos uma vez por dia. Por outro lado, verificamos que existem equipamentos que embora estejam presentes na casa dos alunos ou sejam mesmo de sua utilização exclusiva, são pouco utilizados. Entre esses equipamentos encontram-se a máquina fotográfica, o leitor de DVD ou mesmo a consola de jogos. Mais de 56% dos alunos referem utilizar a máquina fotográfica apenas uma vez por mês ou menos. E apenas 8% referem fazê-lo todos os dias. Valores semelhantes verificam-se em relação à consola de jogos. Mais de metade dos alunos que tem consola de jogos refere utilizá-la uma vez por mês ou menos. No extremo oposto, 20% dos alunos refere utilizar a consola de jogos portátil pelo menos uma vez por dia.

Ao analisar os dados por **género** é possível observar que entre os 24 equipamentos considerados verifica-se uma associação entre esta variável e a frequência com que os alunos utilizam 8 desses equipamentos. São eles o computador portátil (X^2 (2,N=684) =12,630; p=,002), o computador de secretária (X^2 (2,N=392)=36,443; p=,000), o leitor de Blu-ray (X^2 (2,N=572)=9,413; p=,009), o DVD portátil (X^2 (2,N=361) =9,896; p=,007), o tablet/iPad (X^2 (2,N=427)=7,973; p=,019), a consola de jogos (X^2 (2,N=418)=134,682; p=,000), a consola de jogos portátil (X^2 (2,N=456) =26,002; p=,000) e sistema de alta-fidelidade/aparelhagem (X^2 (2,N=491)=8,437; p=,015). Em todos os equipamentos em que foram encontradas associações entre a intensidade de utilização dos equipamentos e o género verifica-se que os rapazes utilizam os equipamentos de forma mais intensiva do que as raparigas. Relativamente ao computador portátil verificamos que 68,8% dos rapazes indica recorrer ao computador portátil pelo menos uma vez por dia, enquanto entre as raparigas esse valor é de 56,1%. O mesmo se verifica em relação ao computador de secretária. Cinquenta por cento dos rapazes indicam utilizar o computador de secretária pelo menos uma vez por dia. Entre as raparigas esse valor cai para 20,6%. No que respeita ao tablet/iPad, 61,8% dos alunos do sexo masculino, que indicam ter acesso a este equipamento, fazem-no mais do que uma vez por dia. Mais 10 pontos percentuais que as raparigas, uma vez que apenas 51,5% das raparigas diz utilizar o tablet/iPad mais do que uma vez por dia. As diferenças entre rapazes e raparigas são ainda maiores no que toca à consola de jogos. Quarenta e dois por cento dos rapazes dizem utilizar a consola de jogos pelo menos uma vez por dia, mas apenas 8,7% das raparigas diz o mesmo. No que toca à consola de jogos portátil as diferenças já não são tão acentuadas. Isso deve-se sobretudo ao facto de se verificar uma redução de rapazes que indicam utilizar o computador portátil pelo menos uma vez por dia (27,5%). Entre as raparigas esse valor mantém-se muito aproximado ao verificado em relação à consola de jogos normal (9,1%). Por último surge o sistema de alta-

fidelidade/aparelhagem: neste caso 31,5% dos rapazes dizem recorrer a este equipamento mais do que uma vez por dia. Entre as raparigas esse valor cai para 20,3%.

No que toca à **idade** verifica-se um comportamento de utilização dos aparelhos muito homogêneo nos diferentes escalões etários. Verifica-se, em alguns casos, uma elevada frequência de algumas categorias e ausência de outras. Este facto impede muitas vezes o prosseguimento da análise da existência, ou não, de associações entre variáveis, uma vez que não são respeitados os pressupostos para a aplicação do qui-quadrado¹⁴. É o caso da frequência com os alunos de diferentes escalões etários utilizam a impressora/scanner, o sistema home cinema, o DVD portátil, a televisão gigante, o vídeo projetor, o telemóvel e a smartwatch. Excluindo esses equipamentos por violação dos pressupostos necessários à aplicação do qui-quadrado, os resultados indicam existir uma associação entre a idade e o nível de utilização do computador portátil (X^2 (4,N=686) =25,589;p=,000) e do sistema de alta-fidelidade (X^2 (4,N=492) =12,484;p=,014). De acordo com os dados são os alunos com mais de 18 anos que mais utilizam o computador portátil - 70,7% destes alunos referem utilizar o computador portátil mais do que uma vez por dia. No entanto, as grandes diferenças residem entre os alunos com menos de 16 anos e os que têm idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos: 51,8% dos alunos mais novos referem utilizar o computador portátil mais do que uma vez por dia. No caso dos alunos com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos esse valor é de 69,0%. Quanto ao sistema de alta-fidelidade/aparelhagem são os alunos mais novos, com menos de 16 anos, que mais recorrem a este equipamento ainda que essa frequência não seja muito elevada comparada a outros equipamentos. Quarenta e quatro por cento dos alunos com menos de 16 anos dizem recorrer ao sistema de alta-fidelidade/aparelhagem pelo menos uma vez por semana e 28,6% dizem fazê-lo pelo menos uma vez por mês. Já entre os alunos com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos esses valores invertem-se. Trinta por cento destes alunos dizem recorrer ao sistema de alta-fidelidade pelo menos uma vez por semana e 43,2% fazem-no menos de uma vez por mês.

A **classe social** é responsável pela diferenciação dos alunos em relação à utilização do computador portátil (X^2 (4,N=643)=18,515; p=,001), da impressora/scanner (X^2 (4,N=532)=23,807; p=,000), da televisão pequena-média (X^2 (4,N=579) =14.592; p=,006), das colunas portáteis (X^2 (4,N=423)=13,613; p=,009), do tablet/ipad (X^2 (4,N=475)=11.229; p=,024), da consola de jogos portátil (X^2 (4,N=434) =9,682; p=,046) e da máquina fotográfica (X^2 (4,N=582)=13,998; p=,007). Quando consideramos a classe social, as maiores diferenças no que respeita ao nível de utilização do computador encontram-se entre a classe média e a classe

¹⁴ Nenhuma frequência esperada pode ser inferior a 1. Não se aplica se 20% das observações ou valores esperados forem inferiores a 5.

baixa. É possível verificar que os alunos da classe média utilizam o computador portátil de forma menos intensiva que os alunos da classe baixa. Cinquenta e quatro por cento dos alunos da classe média diz recorrer ao computador portátil mais do que uma vez por dia. No caso dos alunos da classe mais baixa esse valor atinge os 70,5%. Relativamente à utilização da impressora, as maiores diferenças encontram-se entre os alunos da classe alta e os alunos da classe baixa. Setenta por cento dos alunos da classe social mais baixa dizem utilizar a impressora menos de uma vez por mês, entre os alunos da classe alta esse valor é de 43,4%. Se analisarmos os dados dos que dizem usar a impressora/scanner pelo menos uma vez por semana, verificamos uma maior concentração destes alunos entre a classe alta. Cerca de cinquenta por cento dos alunos da classe alta diz utilizar a impressora pelo menos uma vez por semana. Entre os alunos da classe social mais baixa esse valor é de 28,6%. Assim, podemos inferir que apesar de pouco utilizada, na generalidade a impressora/scanner é menos utilizada ainda entre os alunos da classe baixa.

A utilização da televisão pequena/média também gera clivagens entre as diferentes classes sociais. São claramente os alunos da classe social mais baixa que mais utilizam este aparelho. Mais de 80% destes alunos refere recorrer à televisão pequena ou média pelo menos uma vez por dia. Entre os alunos da classe social alta e média esse valor desce para os 66,1% e 66,3% respetivamente. Quanto às colunas portáteis, a análise dos resíduos ajustados permite observar que é no interior da categoria “costuma utilizar uma vez por mês ou menos” que se encontram as maiores diferenças entre as classes sociais, com destaque para os alunos da classe média e baixa. De facto, 35% dos alunos da classe média refere que utiliza as colunas portáteis menos de uma vez por mês, sendo que entre os alunos da classe baixa esse valor desce para 18,2%. Ou seja, é entre os alunos da classe média que se encontra a maior percentagem de alunos que menos utiliza colunas portáteis.

A análise do nível de utilização dos tablets/iPads indica que é entre os alunos da classe baixa que se encontra o maior número de alunos que utiliza de forma intensiva este equipamentos. Sessenta e quatro por cento dos alunos da classe baixa, que têm acesso ao tablet/iPad, dizem utilizá-lo pelo menos uma vez por dia. Entre os alunos da classe alta e média esse valor é de 55,5% e 50,6% respetivamente. São também os alunos da classe baixa que mais utilizam as consolas de jogos portáteis. Vinte e seis por cento destes alunos referem utilizar a consola de jogos portátil pelo menos uma vez por dia. Entre os alunos da classe alta e média esse valor é de 15,6% e 18,8% respetivamente.

Os dados sobre a utilização da máquina fotográfica indicam que são os alunos da classe média que menos frequentemente utilizam a máquina fotográfica, em oposição aos alunos da classe alta. Sessenta e cinco por cento destes alunos diz não utilizar a máquina fotográfica mais do que

uma vez por mês. Entre os alunos da classe alta esse valor é de 48,5% e entre os alunos da classe baixa esse valor é de 54,9%.

O teste de independência do qui-quadrado indicou ainda a existência de associações entre o **sistema de ensino** no qual os alunos estão inseridos e a frequência com que utilizam alguns equipamentos analisados neste estudo. O computador portátil é sobretudo utilizado pelos alunos do ensino profissional (X^2 (4,N=688) =25,185; $p=,000$). Cerca de três quartos (75,2%) dos alunos do ensino profissional indicam utilizar o computador portátil pelo menos uma vez por dia. Valor bastante superior ao observado entre os alunos do ensino regular, quer este seja público (66,8%) ou privado (52,7%).

Os alunos do ensino privado são os que mais utilizam a impressora/scanner (X^2 (4,N=566) =47,877; $p=,000$). Cinquenta e seis por cento destes alunos revelam utilizar a impressora/scanner pelo menos uma vez por semana. Entre os alunos do ensino público regular e profissional esse valor é de 30,7% e 27,8% respetivamente. Quando analisamos os dados relativos aos que utilizam a impressora/scanner menos de uma vez por mês percebe-se que é entre os alunos do ensino público, regular ou profissional, que se encontram os que menos utilizam a impressora/scanner. Sessenta e oito por cento dos alunos do ensino público, independentemente de este ser regular ou profissional referem não utilizar este equipamento mais do que uma vez por mês.

Como já foi possível observar nos dados globais, o leitor de DVD ou Blu-ray é um equipamento pouco utilizado, sobretudo pelos alunos do ensino privado. Setenta e três por cento destes alunos indicam que apenas utilizam este equipamento uma vez por mês ou menos. Este valor é significativamente superior ao observado entre os alunos do ensino público, quer regular (63,7%) quer profissional (55,8%). Um olhar mais atento sobre a percentagem de alunos que utilizam este equipamento todos os dias permite verificar que é entre os alunos do ensino profissional que se encontra a maior concentração de alunos que utilizam o leitor de DVD/Blu-ray com maior frequência (12,6%). São os alunos do ensino privado que menos o fazem (4,5%). Entre os alunos do ensino público regular 8,2% indicam utilizar o leitor de DVD/Blu-ray pelo menos uma vez por dia. Estas diferenças são estatisticamente significativas (X^2 (4,N=574) =11,694; $p=,020$).

A televisão média/pequena é sobretudo utilizada pelos alunos do ensino público regular, uma vez que 76,4% destes alunos diz utilizar a televisão pelo menos uma vez por dia - valor semelhante ao observado entre os alunos do ensino público profissional (75,2%). Em contrapartida os alunos do ensino privado apresentam uma percentagem significativamente inferior de alunos que veem televisão média/pequena pelo menos uma vez por dia (61,3%),

indiciando assim uma utilização menos intensiva deste aparelho. Estas diferenças são estatisticamente significativas (X^2 (4,N=625)=15,916; $p=,003$).

Também se verifica uma associação entre a utilização de colunas portáteis e o sistema de ensino dos alunos (X^2 (4,N=450)=10,534; $p=,032$). A utilização mais intensiva deste equipamento é feita pelos alunos do ensino profissional. Mais de metade (51,7%) afirma utilizar colunas portáteis pelo menos uma vez por dia. Entre os alunos do ensino privado esse valor é de 34,1% e entre os alunos do ensino público regular o valor é de 41,4%. Os alunos do ensino privado tendem a utilizar este equipamento pelo menos uma vez por semana (41,8%) entre os alunos do ensino público regular essa percentagem é de 30,9% e entre os alunos do ensino privado essa percentagem é de 29,9%.

A utilização da consola de jogos normal (X^2 (4,N=609)=25,383; $p=,000$) e da consola de jogos portátil (X^2 (4,N=460) =40,934; $p=,000$) é mais comum pelos alunos do ensino profissional. Quarenta e quatro por cento e 34,7% dos alunos do ensino profissional dizem utilizar a consola de jogos (normal e portátil, respetivamente) pelo menos uma vez por dia. Entre os alunos do ensino regular, quer público quer privado, a percentagem de alunos que utiliza a consola de jogos todos os dias é bastante inferior: ensino público regular (consola de jogos normal – 29,1%; consola de jogos portátil – 20,8%); ensino regular privado (consola normal – 19,2%; consola portátil - 11,9%). Seguindo os padrões observados anteriormente, são também os alunos do ensino profissional que mais recorrem à máquina fotográfica (X^2 (4,N=617)=28,197; $p=,000$). Dezoito por cento destes alunos dizem utilizar a máquina fotográfica pelo menos uma vez por dia. Entre os alunos do ensino público regular esse valor é de 6,5% e entre os alunos do ensino privado é de apenas 4,5. O mesmo se verifica em relação à câmara de vídeo (X^2 (4,N=28,431)=28,431; $p=,000$). Quase 20% dos alunos do ensino profissional dizem recorrer a este equipamento pelo menos uma vez por dia. Entre os alunos do ensino regular público esse valor é de 6,2% e entre os alunos do ensino privado esse valor é de apenas 2,5%.

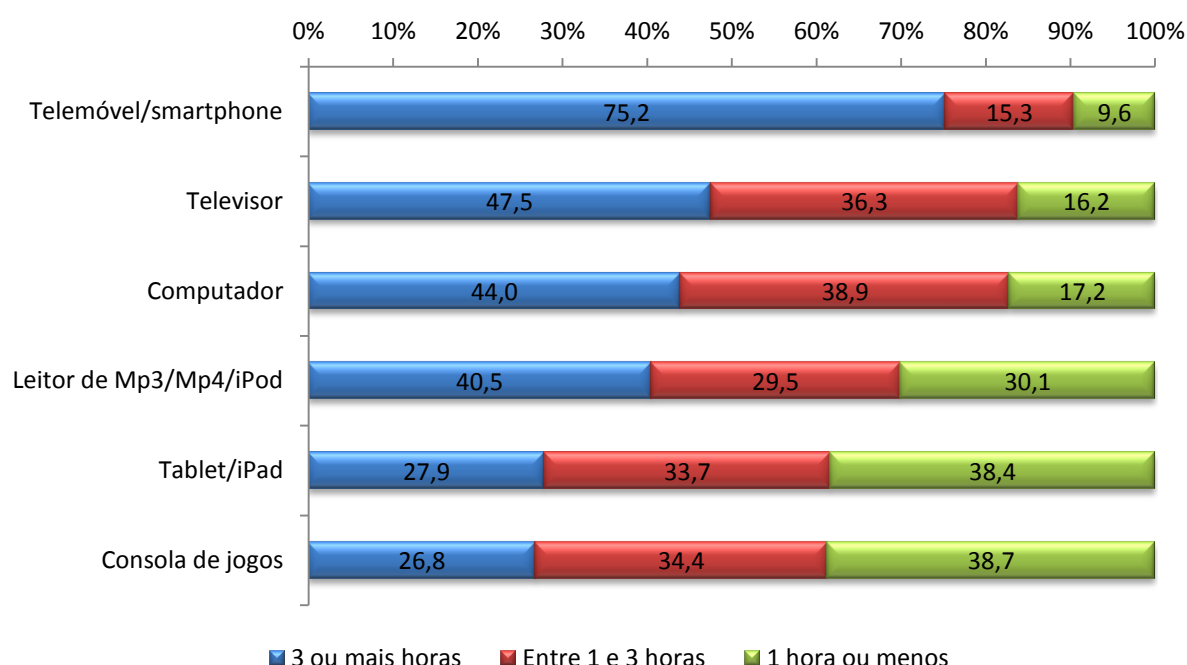
Em suma, os dados indicam que são os alunos do ensino profissional que fazem uma utilização mais intensiva dos equipamentos eletrónicos a que têm acesso.

Intensidade da utilização dos media eletrónicos

De forma a obter uma imagem mais detalhada sobre o papel dos media eletrónicos no dia-a-dia dos alunos, foi-lhes perguntado quantas horas por dia, durante a semana, utilizam cada um dos seguintes equipamentos selecionados: telemóvel/smartphone, televisor, computador, leitor de Mp3/Mp4/iPod, tablet/iPad e consola de jogos. Como mostra o Gráfico 8, o telemóvel é o equipamento utilizado com mais intensidade pelos inquiridos. Três em cada quatro adolescentes referem utilizar o telemóvel durante pelo menos três horas diárias. Quinze

por cento dos alunos referem que ocupam entre uma a três horas do seu tempo diário com o telemóvel e menos de 10% dizem não utilizar o telemóvel por mais de uma hora por dia. O segundo destes equipamentos mais presente na vida dos alunos é o televisor. Quase metade dos alunos (47,5%) diz que ocupa três horas ou mais do seu tempo a ver televisão e quase 40% (36,3%) diz que estão à frente da televisão entre uma a três horas diárias. Também o computador ocupa uma posição central na vida dos jovens inquiridos. Quarenta e quatro por cento dos alunos referem que utilizam o computador pelo menos por três horas do dia. Aproximadamente 40% indica que despende entre uma a três horas por dia no computador e 17% revela que não utiliza o computador por mais de uma hora por dia.

Gráfico A3. Frequência da utilização diária dos equipamentos



Relativamente à utilização de tablets/iPads, é possível observar que existe uma heterogeneidade no tempo que os alunos dedicam a este equipamento. Cerca de 28% refere que utiliza o tablet/iPad por três ou mais horas diárias. Perto de 34% revela que utiliza este equipamento, em média, entre uma a três horas diárias e por fim 38,7% indica que não gasta mais de uma hora na utilização do equipamento. A consola de jogos apresenta uma distribuição muito semelhante. Vinte e sete por cento dos inquiridos revela que, em média, utiliza a consola durante três ou mais horas do dia. Trinta e quatro por cento dedica entre uma a três horas do seu dia a consolas de jogos e quase quarenta por cento diz não despende mais de uma hora com consolas de jogos.

No sentido de identificar padrões sociodemográficos que possam estar associados à utilização diária dos media eletrónicos, os dados acima descritos foram também analisados tendo em consideração as variáveis sociodemográficas consideradas neste estudo: género, idade, classe social e sistema de ensino.

O **género** está associado à forma como os alunos utilizam o computador (X_2 (2,N=690) =10,164; $p=,006$), o telemóvel (X_2 (2,N=718)=13,688; $p=,001$) e a consola de jogos (X_2 (2,N=418) =33,062; $p=,000$) durante a semana. Relativamente aos restantes equipamentos não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre o género e o número de horas que os jovens adolescentes utilizam o equipamento por dia. Nos três equipamentos onde essa associação foi identificada é possível observar o seguinte padrão: os rapazes tendem a fazer uma utilização mais intensiva do computador e da consola de jogos, ao passo que as raparigas recorrem mais ao telemóvel que os rapazes. Se considerarmos cada um dos equipamentos individualmente, podemos verificar que 48,3% dos alunos do sexo masculino recorrem ao computador por pelo menos três horas do seu dia. Entre as raparigas a percentagem de inquiridos que dedica o mesmo tempo ao computador é de 38,2%. As clivagens são ainda mais acentuadas quando analisamos a utilização da consola de jogos. Trinta e três por cento dos rapazes dizem utilizar a consola de jogos por mais de 3 horas diárias. Entre as raparigas essa percentagem é de aproximadamente metade (14,3%). Por outro lado, a proporção de raparigas que não gasta mais de uma hora com a consola de jogos é de 57,9%, mas entre os rapazes esse valor é de 29,5%. Esta tendência inverte-se quando a análise recai sobre o telemóvel. Oitenta e dois por cento das raparigas dizem utilizar o telemóvel por pelo menos três horas diárias. No caso dos rapazes esse valor é de 69,7%.

O cruzamento entre a variável **idade** e o número de horas que os alunos dedicam aos equipamentos diariamente permitiu identificar associações estatisticamente significativas entre os escalões etários e a utilização do computador (X_2 (4,N=691)=22,042; $p=,000$), do leitor de MP3/MP4/iPod (X_2 (4,N=481)=12,249; $p=,016$) e o televisor (X_2 (4,N=721)=13,261; $p=,010$). De acordo com os dados, quanto mais velhos são os inquiridos maior o tempo dedicado aos media eletrónicos. Trinta e três por cento dos alunos mais novos, com menos de 16 anos, dedicam três ou mais horas ao computador. Entre os alunos com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos esse valor é de 49,0% e entre os alunos com mais de 18 esse valor atinge os 54,3%. Ainda que o número de alunos que despende três ou mais horas ao telemóvel seja elevado em todos os escalões etários, é possível verificar que também aqui se observa um padrão. Quanto mais velhos os alunos maior o número de inquiridos que dedica três ou mais horas por dia ao telemóvel (menos de 16 anos – 71,5%; entre os 16 e os 18 anos – 76,3%; mais de 18 anos –

85,7%). No que respeita à consola de jogos os valores não variam muito quando considerada a categoria "Usar a consola por três ou mais horas diárias (menos de 16 anos – 25,2%; entre os 16 e os 18 anos – 27,8%; mais de 18 anos 28,1%). Neste caso as grandes diferenças encontram-se entre os que dizem despende entre uma a três horas diárias (menos de 16 anos – 33,1%; entre os 16 e os 18 anos – 34,2%; mais de 18 anos – 43,8%) e os que dizem não gastar mais de uma hora do seu dia com a consola de jogos (menos de 16 anos – 41,7%; entre os 16 e os 18 anos – 38,0%; mais de 18 anos – 28,1%). Como é possível observar, são os mais velhos que dedicam mais tempo a este equipamento.

No que respeita à **classe social** o teste de independência do qui-quadrado indica uma discrepância estatisticamente significativa entre as diferentes classes sociais relativamente ao nível de utilização diária de todos os equipamentos, à exceção do tablet/iPad. Consistentemente verifica-se que quanto mais baixa a classe social maior o número de horas diárias dedicadas aos diferentes equipamentos. Entre os alunos da classe alta, 35,9% dizem utilizar o computador por três ou mais horas. Entre os alunos da classe média esse valor é de 40,5%. Mas entre os alunos da classe social mais desfavorecida verifica-se que mais de metade afirma passar três ou mais horas do seu dia ao computador. Se observarmos a categoria dos que dizem não gastar mais do que uma hora por dia ao computador, verificamos que quanto mais alta a classe social maior o número de alunos que dizem estar ao computador apenas por uma hora ou menos (Alta – 20,4%; Média- 17,7%; Baixa – 15,0%). Estas diferenças são estatisticamente significativas (X^2 (4,N=646)=11,918; $p=,018$). Ainda que as diferenças não sejam tão acentuadas quanto as verificadas em relação ao computador é também entre a classe social mais baixa que se encontra a percentagem mais elevada dos que dizem recorrer ao Mp3/Mp4/iPod (X^2 (4,N=451)=9,996; $p=,040$) por três ou mais horas diárias (Alta – 37,9%; Média- 39,9%; Baixa – 43,6%). Por outro lado, é entre os que utilizam o telemóvel que se encontram as maiores diferenças entre os grupos sociais (X^2 (4,N=667)=18,967; $p=,001$). Cerca de setenta por cento dos alunos da classe alta e média referem que utilizam o telemóvel por três ou mais horas durante o dia; entre os alunos da classe baixa esse valor é de 84,6%. Também a utilização da televisão gera diferenças entre os diferentes grupos sociais (X^2 (4,N=672) =29,518; $p=,000$). Sessenta e dois por cento dos jovens oriundos da classe social mais desfavorecida referem ver televisão por três ou mais horas por dia. Entre os alunos da classe média esse valor reduz-se para os 45,2% e, entre os alunos da classe alta, a percentagem de alunos que despende o seu tempo a ver televisão por 3 ou mais horas diárias é de 37,3%. No que respeita à consola de jogos, verifica-se que quanto mais elevada a classe social menor a percentagem de alunos que indica utilizar a consola de jogos por pelo menos 3 horas por dia (Alta – 20,3%; Média- 25,2%; Baixa – 32,6%).

O **sistema de ensino** gera diferenças em todos os equipamentos selecionados: computador (X_2 (4,N=694)=45,467; $p=,000$); tablet/iPod (X_2 (4,N=430)=17,647; $p=,001$); Leitor de Mp3/Mp4/iPod (X_2 (4,N=482)=21,145; $p=,000$); telemóvel/smartphone (X_2 (4,N=721)=41,545; $p=,000$); televisor (X_2 (4,N=724) =80,169; $p=,000$); consola de jogos (X_2 (4,N=421)=22,017; $p=,000$). Os dados revelam que, comparativamente aos restantes grupos, são os alunos do ensino privado que menos tempo dedicam aos media eletrónicos. Estes resultados verificam-se em todos os equipamentos analisados (Tabela A1). Por outro lado verifica-se que de forma consistente os alunos do ensino profissional são os que mais tempo dedicam aos media eletrónicos.

Tabela A1. Utilização dos media eletrónicos durante o dia por escola (%)

		Pública Regular	Pública Profissional	Privada Regular
Computador	1 hora ou menos	11,5	15,3	24,9
	Entre 1 e 3 horas	36,2	29,9	47,0
	3 ou mais horas	52,3	54,7	28,1
Tablet/iPad	1 hora ou menos	33,1	29,1	48,0
	Entre 1 e 3 horas	36,0	30,4	32,9
	3 ou mais horas	30,9	40,5	19,1
Leitor de Mp3/Mp4/iPod	1 hora ou menos	26,8	19,0	40,8
	Entre 1 e 3 horas	34,7	27,0	24,3
	3 ou mais horas	38,5	54,0	34,9
Telemóvel/smartphone	1 hora ou menos	6,8	8,9	13,2
	Entre 1 e 3 horas	12,0	5,5	24,4
	3 ou mais horas	81,2	85,6	62,4
Televisor	1 hora ou menos	12,6	10,8	23,2
	Entre 1 e 3 horas	26,9	29,7	50,9
	3 ou mais horas	60,5	59,5	25,8
Consola de jogos	1 hora ou menos	35,7	26,1	51,1
	Entre 1 e 3 horas	33,7	36,4	34,3
	3 ou mais horas	30,6	37,5	14,6

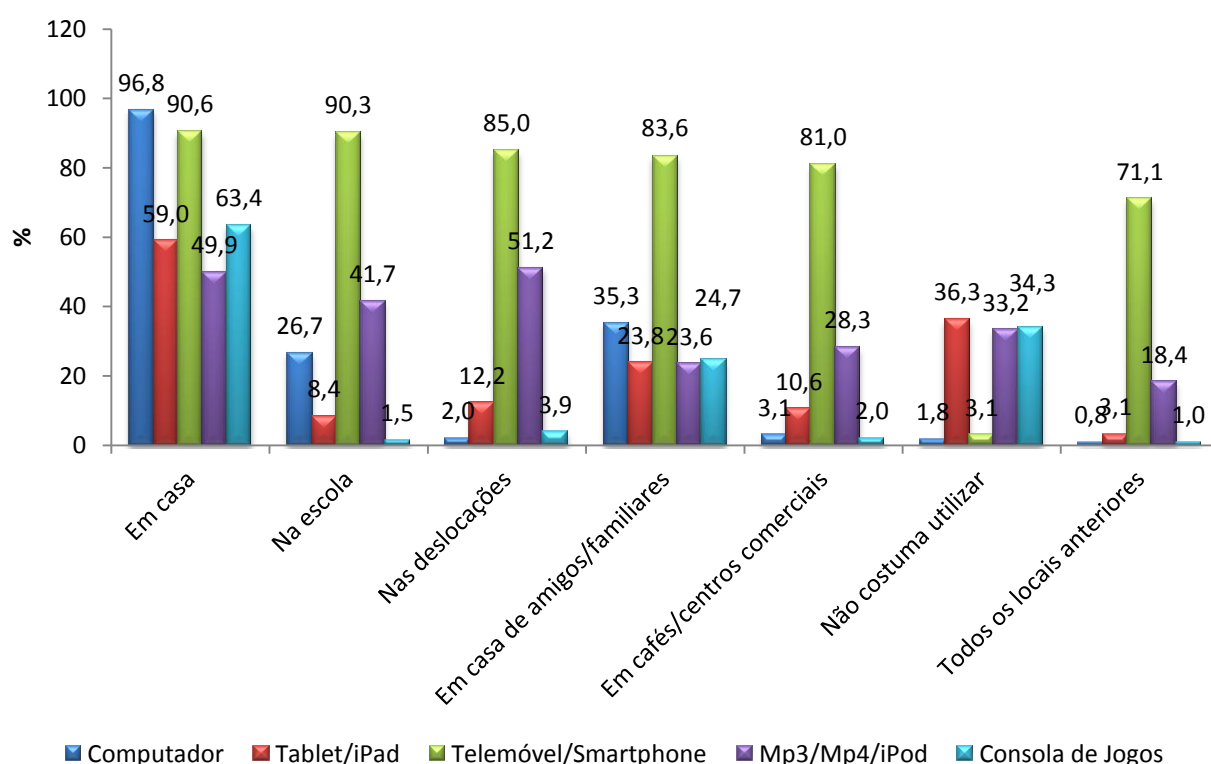
Conhecer a percentagem de alunos que tem acesso aos diferentes equipamentos permite caracterizar o tipo de utilização e relação dos indivíduos com esses mesmos equipamentos. No entanto é também importante perceber em que contextos esses equipamentos são utilizados, já que esta variável ajuda a caracterizar o nível de integração das práticas na vida quotidiana. Os dados que se seguem permitem ter acesso aos locais em que os alunos utilizam alguns dos equipamentos mais presentes entre os jovens.

Locais de utilização dos media eletrónicos

A análise dos dados permitiu verificar que o telemóvel é um equipamento omnipresente na vida dos alunos. A esmagadora maioria dos alunos indica utilizar este equipamento em todos os locais apontados neste estudo (Gráfico A4): em casa (90,6%), na escola (90,3%), durante as deslocações (85,6%), em casa de amigos e familiares (83,6%) e em cafés e centros comerciais (81,0%). São muito poucos os que indicam que não costumam utilizar o telemóvel (3,1%). A seguir ao telemóvel, o Mp3/Mp4/iPod é o equipamento que mais acompanha os alunos nos vários espaços em que se movem, estando presente nas suas deslocações (51,2%), na escola (41,7%) e em cafés ou centros comerciais (28,3%).

De uma forma global é possível afirmar que a casa é o espaço por excelência para a utilização dos media eletrónicos. É nela que predomina a utilização da maioria dos equipamentos.

Gráfico A4. Local em que os alunos utilizam os equipamentos



De forma a permitir uma análise mais detalhada da utilização de cada um dos equipamentos nos diferentes locais, estes dados foram ventilados por cada uma das variáveis sociodemográficas escolhidas para a análise: género, idade, classe social e sistema de ensino. Os dados apresentados serão assim apresentados por equipamento.

Como demonstra a Tabela A2A2, o género não está associado ao local onde os alunos utilizam o computador.

Tabela A2. Proporção de alunos que utilizam o computador nos diferentes locais por género (%)

	Feminino	Masculino	χ^2 (1, N=739)	p
Em casa	95,9	97,5	1,020	ns
Na escola	27,9	25,6	0,360	ns
Nas deslocações	1,5	2,5	0,553	ns
Em casa de amigos/familiares	38,1	33,2	1,762	ns
Em cafés/centros comerciais	3,8	2,5	0,643	ns
Não costuma utilizar o computador	2,1	1,5	0,079	ns
Todos os locais anteriores	0,6	1,0	1,020	ns

A idade está apenas associada ao número de alunos que utilizam o computador na escola (Tabela A3). A utilização do computador nos restantes locais não sofre influência da idade. Uma análise mais detalhada permite observar que quase metade dos alunos mais velhos indicam utilizar o computador na escola. Entre os alunos mais novos, com menos de 16 anos, esse valor não atinge os 20%.

Tabela A3. Proporção de alunos que utilizam o computador nos diferentes locais por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18	χ^2 (2, N=740)	p
Em casa	98,4	96,0	94,3	4,051	ns
Na escola	19,8	28,2	49,1	20,339	,000
Nas deslocações	2,3	2,1	0,0	1,223	ns
Em casa de amigos/familiares	33,3	36,4	37,7	0,782	ns
Em cafés/centros comerciais	3,1	3,3	1,9	0,297	ns
Não costuma utilizar o computador	1,2	2,1	1,9	0,822	ns
Todos os locais anteriores	0,8	0,9	0,0	0,516	ns

A classe social está apenas associada à proporção de alunos que utilizam o computador em casa (Tabela A4). Neste caso, verifica-se que, ainda que elevada (93,8%), a proporção de alunos da classe social mais desfavorecida que utiliza o computador em casa é inferior às dos restantes grupos sociais (Alta – 99,1%; Média – 99,1%).

Tabela A4. Proporção de alunos que utilizam o computador nos diferentes locais por classe social (%)

	Alta	Média	Baixa	χ^2 (2, N=689)	p
Em casa	99,1	99,1	93,8	16,753	,000
Na escola	25,1	24,4	30,0	2,267	ns
Nas deslocções	1,9	1,3	3,3	2,488	ns
Em casa de amigos/familiares	34,9	34,6	37,1	0,377	ns
Em cafés/centros comerciais	4,2	3,0	2,5	1,090	ns
Não costuma utilizar o computador	1,4	0,9	2,5	2,122	ns
Todos os locais anteriores	0,9	0,4	1,3	0,962	ns

Ao ventilar os dados relativos aos locais onde os jovens utilizam o computador pelas diferentes escolas, verifica-se que existe uma associação entre a utilização do computador na escola e em casa e a escola a que pertencem (Tabela A5). É possível verificar que a proporção de alunos que utilizam o computador em casa é menor entre os alunos do ensino profissional. No entanto, quando analisados os valores relativos aos alunos que utilizam o computador na escola, é justamente este grupo que sobressai, com uma maior proporção de alunos a recorrer à escola para utilizar o computador. Podemos assim colocar a hipótese de que estes alunos, não tendo acesso ao computador em casa, utilizam este equipamento durante o período que estão na escola.

Tabela A5. Proporção de alunos que utilizam o computador nos diferentes locais por sistema de ensino (%)

	Pública Regular	Pública Profissional	Privado Regular	χ^2 (2, N=743)	p
Em casa	97,2	92,9	98,5	10,102	,006
Na escola	21,8	39,1	25,1	16,459	,000
Nas deslocções	2,5	1,9	1,5	0,831	ns
Em casa de amigos/familiares	45,3	34,0	24,4	28,056	ns
Em cafés/centros comerciais	3,8	1,9	3,0	1,253	ns
Não costuma utilizar o computador	0,9	3,2	1,8	3,114	ns
Todos os locais anteriores	0,6	0,6	1,1	0,478	ns

No que respeita aos locais onde os jovens utilizam o tablet/iPad verifica-se que o género apenas está associado ao número de raparigas e rapazes que utilizam este equipamento em casa de amigos e familiares (Tabela A6). As raparigas tendem a indicar com maior frequência que utilizam este equipamento em casa de amigos e familiares em comparação com os rapazes.

Tabela A6. Proporção de alunos que utilizam o tablet/iPad nos diferentes locais por género (%)

	Feminino	Masculino	$\chi^2(1, N=732)$	<i>p</i>
Em casa	58,6	59,3	0,038	ns
Na escola	8,3	8,6	0,015	ns
Nas deslocações	11,6	12,9	0,273	ns
Em casa de amigos/familiares	28,0	19,9	6,489	,011
Em cafés/centros comerciais	11,6	9,8	0,591	ns
Não costuma utilizar o Tablet/iPad	37,8	35,4	0,469	ns
Todos os locais anteriores	2,1	4,0	2,288	ns

Se por um lado o género está pouco associado ao local onde os alunos utilizam o tablet/iPad, o mesmo não se pode afirmar em relação à idade (Tabela A7). O teste de independência do qui-quadrado indica que existe uma associação entre a idade e o número de alunos que utilizam o tablet/iPad em casa, na escola, em cafés/centros comerciais e entre os que dizem não utilizar este equipamento. A análise detalhada dos dados descritivos permite verificar que quanto mais velhos os alunos menor a percentagem dos que utilizam o tablet/iPad em casa. Razão inversa é a que se observa entre os que utilizam este equipamento na escola, ou seja, quanto mais velhos os alunos, maior a percentagem de alunos que utiliza o tablet/iPad na escola. Por outro lado, é entre os alunos com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos que se encontra maior proporção de alunos que recorrem ao tablet/iPad em cafés e centros comerciais.

Verifica-se ainda que metade dos alunos mais velhos, com mais de 18 anos, diz que não costuma utilizar o tablet/iPad. Já entre os alunos mais novos, esse valor decresce para perto de um terço.

Tabela A7. Proporção de alunos que utilizam o tablet/iPad nos diferentes locais por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18	$\chi^2(2, N=733)$	<i>p</i>
Em casa	68,4	55,8	42,3	17,113	,000
Na escola	4,3	9,9	17,3	12,096	,002
Nas deslocações	12,1	12,0	15,4	0,503	ns
Em casa de amigos/familiares	26,2	22,8	17,3	2,223	ns
Em cafés/centros comerciais	7,4	13,2	5,8	6,961	,031
Não costuma utilizar o Tablet/iPad	28,1	39,3	51,9	14,537	,001
Todos os locais anteriores	1,6	4,0	3,8	3,216	ns

A utilização de tablets/iPads em casa é o único local que é influenciado pela classe social. Ainda assim essa associação é fraca. De acordo com os dados são os alunos da classe média que mais

tendem a utilizar este equipamento em casa. Seguido dos alunos da classe alta e por fim pelos alunos mais desfavorecidos (Tabela A8).

Tabela A8. Proporção de alunos que utilizam o tablet/iPad nos diferentes locais por classe social (%)

	Classe alta	Classe média	Classe baixa	χ^2 (2, N=682)	p
Em casa	65,6	60,9	54,3	6,077	,048
Na escola	7,9	7,7	9,8	0,808	ns
Nas deslocações	12,6	12,0	12,8	0,072	ns
Em casa de amigos/familiares	26,5	25,3	21,4	1,795	ns
Em cafés/centros comerciais	11,2	9,4	12,0	0,800	ns
Não costuma utilizar o Tablet/iPad	30,2	34,8	39,7	4,465	ns
Todos os locais anteriores	2,8	2,6	3,8	0,720	ns

Já a escola parece estar pouco associada aos locais onde os alunos utilizam o tablet/iPad. Os alunos do ensino profissional são os que menos utilizam este equipamento em casa (48,1%) em oposição aos alunos do ensino privado (69,3%). Por outro lado são os alunos do ensino profissional que mais o utilizam em cafés e centros comerciais (13,5%) quando comparados com os restantes grupos, como os alunos que frequentam o ensino regular público (12,6%) ou privado (6,7%). Também é entre os alunos do ensino profissional que se encontra a maior percentagem de alunos que não costuma utilizar os tablets/iPads (42%). Em oposição aos alunos do ensino privado onde esse valor é significativamente inferior (28,1%).

Tabela A9. Proporção de alunos que utilizam o tablet/iPad nos diferentes locais por sistema de ensino (%)

	Pública Regular	Pública Profissional	Privada Regular	χ^2 (2, N=736)	p
Em casa	55,5	48,1	69,3	21,021	,000
Na escola	8,1	10,9	7,4	1,651	ns
Nas deslocações	12,9	14,1	10,4	1,511	ns
Em casa de amigos/familiares	25,8	21,8	22,6	1,252	ns
Em cafés/centros comerciais	12,6	13,5	6,7	7,041	,030
Não costuma utilizar	40,3	42,3	28,1	12,367	,002
Todos os locais anteriores	4,2	4,5	1,1	5,543	ns

Ainda que a percentagem de utilização do telemóvel nos vários locais listados neste estudo seja elevada, tanto entre rapazes como entre raparigas, existem diferenças estatisticamente

significativas entre os dois grupos nesta matéria. De uma maneira geral são as raparigas que mais utilizam o telemóvel/smartphone em todos os locais considerados neste estudo. De facto 77% dos alunos do sexo feminino indicam utilizar o telemóvel em todos os locais. Entre os rapazes esse valor é de 66,3% (menos 11 pontos percentuais).

Tabela A10. Proporção de alunos que utilizam o telemóvel/smartphone nos diferentes locais por género (%)

	Feminino	Masculino	χ^2 (1, N=738)	p
Em casa	94,1	87,7	8,805	,003
Na escola	93,5	88,0	6,553	,010
Nas deslocações	89,7	81,5	9,842	,002
Em casa de amigos/familiares	89,4	78,7	15,262	,000
Em cafés/centros comerciais	84,7	78,2	5,011	,025
Não costuma utilizar o telemóvel	1,8	4,3	3,766	ns
Todos os locais anteriores	77,0	66,3	10,151	,001

Ao contrário do que se verificou em relação ao género, no que respeita à idade apenas foram identificadas associações entre a utilização de telemóveis/smartphones e duas localizações - em casa de amigos e familiares e em cafés e centros comerciais. No que respeita à utilização de telemóveis e smartphones em casa de amigos e familiares verificamos que ocorre em maior proporção entre os alunos com idades mais baixas (menos de 16 anos – 84,9% e entre os 16 e os 18 anos - 84,8%) em oposição aos alunos com mais 18 anos, onde esse valor é significativamente menor (69,2%). Entre os que utilizam este equipamento em cafés e centros comerciais, verifica-se uma maior proporção de alunos com idades entre os 16 e os 18 anos (84,1%). Por outro lado são os alunos mais velhos que em menor proporção utilizam o telemóvel/smartphone em cafés e centro comerciais (73,1%).

Tabela A11. Proporção de alunos que utilizam o telemóvel/smartphone nos diferentes locais por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18	χ^2 (2, N=739)	p
Em casa	92,2	90,0	88,5	1,302	ns
Na escola	89,9	91,4	86,5	1,435	ns
Nas deslocações	84,1	86,9	76,9	4,117	ns
Em casa de amigos/familiares	84,9	84,8	69,2	8,684	,013
Em cafés/centros comerciais	78,3	84,1	73,1	6,143	,046
Não costuma utilizar	3,1	2,6	7,7	4,045	ns
Todos os locais anteriores	67,4	74,5	65,4	4,959	ns

Não se verifica qualquer associação entre a classe social de origem dos alunos e o local onde os alunos utilizam o telemóvel/smartphone.

Tabela A12. Proporção de alunos que utilizam o telemóvel/smartphone nos diferentes locais por classe social (%)

	Alta	Média	Baixa	χ^2 (2, N=687)	p
Em casa	91,7	91,0	88,2	1,734	ns
Na escola	94,4	88,8	89,5	5,003	ns
Nas deslocações	86,1	85,8	87,0	0,140	ns
Em casa de amigos/familiares	88,4	84,1	82,4	3,402	ns
Em cafés/centros comerciais	83,3	82,4	81,5	0,259	ns
Não costuma utilizar	2,3	2,6	3,4	0,509	ns
Todos os locais anteriores	74,9	70,0	72,3	1,355	ns

O sistema de ensino parece influenciar o número de alunos que utilizam o telemóvel/smartphone em casa, na escola, em casa de amigos e familiares, cafés e centros comerciais e entre os que afirmam utilizar o telemóvel/smartphone em todos os locais. São os alunos do ensino profissional que menos utilizam o telemóvel em todos os locais onde essa associação foi identificada. No entanto, no que se refere ao grupo de alunos onde a utilização de telemóveis/smartphones é mais frequente, verifica-se uma alternância entre os alunos do ensino regular privado e do ensino regular público. São os alunos do ensino regular privado que mais referem utilizar o telemóvel/smartphone em casa e na escola. Por outro lado são os alunos que pertencem ao ensino público regular que mais utilizam o telemóvel/smartphone em casa de amigos e familiares e em cafés e centros comerciais. São também estes alunos que em maior percentagem indicam utilizar este equipamento em todos os locais.

Tabela A13. Proporção de alunos que utilizam o telemóvel/smartphone nos diferentes locais por sistema de ensino (%)

	Pública Regular	Pública Profissional	Privada Regular	χ^2 (2, N=742)	p
Em casa	91,7	83,4	93,4	12,294	,002
Na escola	92,0	83,4	92,3	10,694	,005
Nas deslocações	88,5	82,2	82,7	5,245	ns
Em casa de amigos/familiares	87,9	72,6	84,9	18,338	,000
Em cafés/centros comerciais	85,0	73,9	80,4	8,534	,000
Não costuma utilizar o telemóvel	3,5	4,5	1,8	2,556	ns
Todos os locais anteriores	77,7	63,1	68,1	12,763	,002

Não se verificam associações entre a utilização do Mp3/Mp4/iPod nos diferentes locais e o género. Ou seja, rapazes e raparigas utilizam o Mp3/Mp4/iPod em igual proporção nos diferentes locais considerados nesta análise.

Tabela A14. Proporção de alunos que utilizam o Mp3/Mp4/iPod nos diferentes locais por género (%)

	Feminino	Masculino	χ^2 (1, N=725)	p
Em casa	53,1	47,2	2,555	ns
Na escola	39,5	43,8	1,402	ns
Nas deslocações	53,7	49,2	1,450	ns
Em casa de amigos/familiares	22,6	24,5	0,374	ns
Em cafés/centros comerciais	28,2	28,4	0,002	ns
Não costuma utilizar o Mp3/Mp4/iPod	31,2	34,8	1,077	ns
Todos os locais anteriores	17,5	19,1	0,295	ns

A idade, tal como o género, está pouco associada à proporção de alunos que utilizam o Mp3/Mp4/iPod nos diferentes locais, com exceção dos que afirmam utilizá-lo em casa. Neste caso, verifica-se que quanto mais novo o aluno maior a percentagem dos que dizem utilizar o Mp3/Mp4/iPod em casa. Entre os alunos com menos de 16 anos esse valor é de 56,9%, mas, se considerarmos os alunos com mais de 18 anos, verificamos que a proporção de alunos que utilizam o Mp3/Mp4/iPod em casa decai para os 41,5%.

Tabela A15. Proporção de alunos que utilizam o Mp3/Mp4/iPod nos diferentes locais por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18	χ^2 (2, N=726)	p
Em casa	56,9	47,1	41,5	7,705	ns
Na escola	40,0	43,8	35,8	1,782	ns
Nas deslocações	47,1	54,8	45,3	4,634	ns
Em casa de amigos/familiares	23,9	24,6	15,1	2,383	ns
Em cafés/centros comerciais	27,1	30,4	18,9	3,404	ns
Não costuma utilizar o Mp3/Mp4/iPod	32,2	31,8	45,3	3,965	ns
Todos os locais anteriores	15,7	20,6	15,1	2,944	ns

A classe social não está associada aos locais onde os alunos utilizam o Mp3/Mp4/iPod. O teste de qui-quadrado não indica a existência de associações estatisticamente significativas entre a classe social e a localização onde os alunos utilizam o Mp3/Mp4/iPod.

Tabela A16. Proporção de alunos que utilizam o Mp3/Mp4/iPod nos diferentes locais por classe social (%)

	Alta	Média	Baixa	χ^2 (2, N=676)	<i>p</i>
Em casa	52,4	50,9	46,6	1,625	ns
Na escola	43,8	40,9	41,1	0,476	ns
Nas deslocações	49,0	50,9	55,9	2,312	ns
Em casa de amigos/familiares	25,7	23,0	22,5	0,728	ns
Em cafés/centros comerciais	30,0	28,3	26,3	0,769	ns
Não costuma utilizar	34,3	36,1	28,0	3,842	ns
Todos os locais anteriores	18,6	18,7	18,2	,019	ns

Quando considerado o sistema de ensino no qual os alunos estão inseridos, verificamos que a casa é o único local onde se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos. A análise dos dados descritivos permite verificar que são os alunos do ensino profissional que menos utilizam o Mp3/Mp4/iPod em casa. Por outro lado, é entre os alunos do ensino privado que se encontra a maior percentagem de alunos que utilizam o Mp3/Mp4/iPod em casa.

Tabela A17. Proporção de alunos que utilizam o Mp3/Mp4/iPod nos diferentes locais por sistema de ensino (%)

	Pública Regular	Pública Profissional	Privada Regular	χ^2 (2, N=729)	<i>p</i>
Em casa	47,4	42,1	57,4	10,348	,006
Na escola	41,7	44,7	40,0	0,892	ns
Nas deslocações	52,9	55,3	46,8	3,419	ns
Em casa de amigos/familiares	21,5	25,7	24,9	1,390	ns
Em cafés/centros comerciais	28,8	27,0	28,3	0,177	ns
Não costuma utilizar	31,7	32,9	35,1	0,739	ns
Todos os locais anteriores	15,7	21,1	20,0	2,675	ns

Quando analisada a percentagem de alunos que utilizam a consola de jogos nos diferentes locais por género, verifica-se que os rapazes utilizam este equipamento com maior frequência do que as raparigas na generalidade dos locais. A proporção de alunos do sexo masculino que utiliza a consola de jogos em casa, durante as deslocações e em casa de amigos e familiares é superior à registada entre os alunos do sexo feminino. De facto, 51% das raparigas afirma que

não costuma utilizar a consola de jogos. Entre os rapazes a percentagem de alunos que não costumam utilizar a consola de jogos é de apenas 20%.¹⁵

Tabela A18. Proporção de alunos que utilizam a consola de jogos nos diferentes locais por género (%)

	Feminino	Masculino	χ^2 (1, N=734)	p
Em casa	46,7	77,5	74,410	,000
Na escola	0,9	1,8	1,051	-
Nas deslocações	1,8	5,6	7,103	,008
Em casa de amigos/familiares	16,6	31,6	22,077	,000
Em cafés/centros comerciais	1,8	2,0	0,59	ns
Não costuma utilizar a consola de jogos	51,5	19,7	81,702	,000
Todos os locais anteriores	0,9	0,8	0,038	-

Apenas a utilização de consola de jogos em casa de amigos e familiares é influenciada pela idade dos alunos. São os alunos mais velhos, com mais de 18 anos, que mais indicam utilizar a consola de jogos em casa de amigos e familiares (36,5%).

Tabela A19. Proporção de alunos que utilizam a consola de jogos nos diferentes locais por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18	χ^2 (2, N=735)	p
Em casa	66,4	62,5	57,7	1,886	ns
Na escola	1,9	0,7	5,8	8,561	Ns
Nas deslocações	4,2	3,8	3,8	0,97	-
Em casa de amigos/familiares	20,5	25,9	36,5	6,757	,034
Em cafés/centros comerciais	2,3	1,9	1,9	0,152	Ns
Não costuma utilizar a consola de jogos	32,8	34,9	34,6	0,317	Ns
Todos os locais anteriores	0,4	1,2	1,9	1,631	-

Ainda que a percentagem de alunos que utilizam a consola de jogos em deslocações seja reduzida, foi possível verificar que essa proporção é maior entre os alunos da classe média (5,6%) e baixa (5,5%) em oposição aos alunos oriundos da classe alta (1,4%).

¹⁵ Não foi possível verificar a associação entre o género e a utilização de consola de jogos na escola e entre os que indicam que não costumam utilizar este equipamento porque não estavam reunidas as condições necessárias para aplicação do teste do qui-quadrado.

Tabela A20. Proporção de alunos que utilizam a consola de jogos nos diferentes locais por classe social (%)

	Alta	Média	Baixa	χ^2 (2, N=684)	<i>p</i>
Em casa	66,2	61,0	64,6	1,361	ns
Na escola	1,9	1,3	1,7	-	-
Nas deslocações	1,4	5,6	5,5	6,326	,042
Em casa de amigos/familiares	22,7	25,5	25,3	0,603	ns
Em cafés/centros comerciais	0,9	2,2	3,0	-	-
Não costuma utilizar	34,3	35,9	32,9	0,474	ns
Todos os locais anteriores	0,5	0,4	2,1	-	-

A percentagem de alunos do ensino público regular que utilizam a consola de jogos em casa de amigos e familiares é maior do que as verificadas entre os alunos do ensino profissional ou ensino privado. Não se verifica qualquer associação entre a escola que os alunos frequentam e a utilização de consola de jogos em casa, durante as deslocações, em cafés e centros comerciais e os que referem não utilizar este equipamento.¹⁶

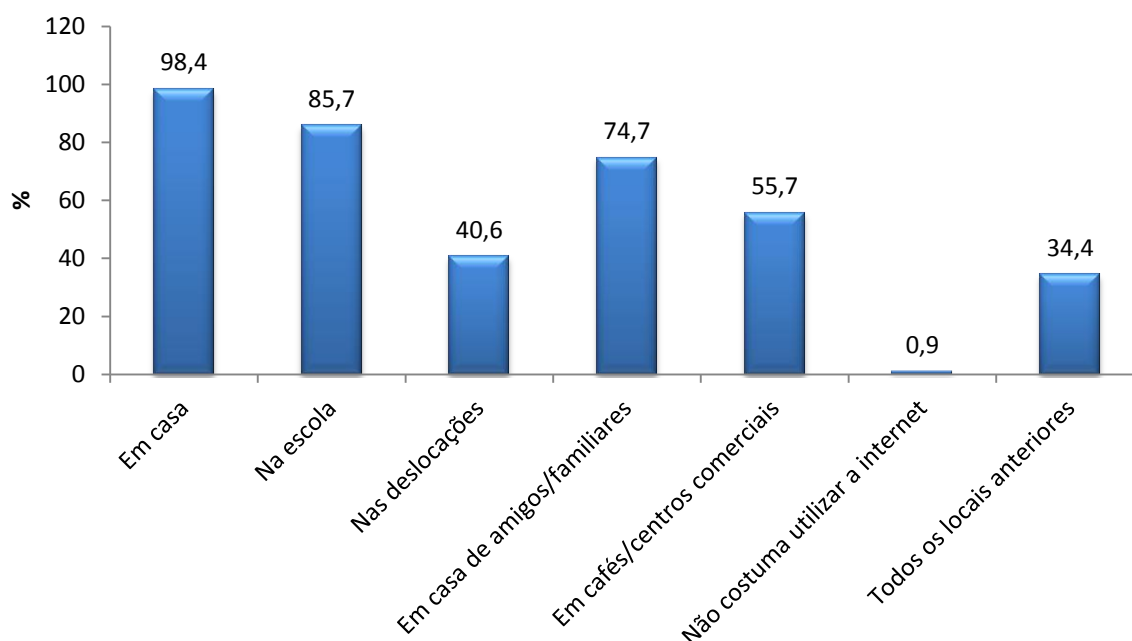
Tabela A21. Proporção de alunos que utilizam a consola de jogos nos diferentes locais por escola (%)

	Pública Regular	Pública Profissional	Privada Regular	χ^2 (2, N=738)	<i>p</i>
Em casa	67,3	56,4	63,0	5,361	ns
Na escola	1,3	2,6	1,1	-	-
Nas deslocações	4,8	3,8	3,0	1,308	ns
Em casa de amigos/familiares	32,7	18,6	18,9	18,768	,000
Em cafés/centros comerciais	1,9	3,2	1,5	1,508	ns
Não costuma utilizar	30,8	38,5	35,9	3,242	ns
Todos os locais anteriores	0,3	2,6	0,7	-	-

Quanto à **utilização da internet**, os dados indicam que a casa (98,4%), a escola (85,7%) e a casa de amigos e familiares (74,7%) são os locais onde o maior número de alunos tem acesso à internet. As deslocações tendem a impedir os alunos de aceder à internet, mas ainda assim 40,6% dos alunos indica recorrer à internet durante as suas deslocações. Apenas 0,9% dos alunos indicam não recorrer à internet.

¹⁶ A violação de pressupostos necessários à análise do qui-quadrado não permitiu a análise da relação entre o sistema de ensino e a utilização de consola de jogos na escola e entre os que afirmam utilizar este equipamento em todos os locais.

Gráfico A5. Local em que os alunos utilizam a internet



A análise por género permite observar que é entre as raparigas que se encontra uma maior percentagem de alunos que utilizam a internet nos variados locais quando comparado com os rapazes. Esse facto observa-se na escola (Raparigas – 90,3%; Rapazes – 82,2%), nas deslocações (Raparigas – 46,2%; Rapazes – 35,9%), em casa de amigos e familiares (Raparigas – 80,9%; Rapazes – 69,6%), nos cafés (Raparigas – 61,2%; Rapazes – 51,3%) e entre os alunos que referem utilizar a internet em todos os locais (Raparigas – 40,0%; Rapazes – 29,6%).

A idade também está associada à utilização da internet, mas não em todos os locais. São os alunos com idades entre os 16 e os 18 anos que, com mais frequência, indicam recorrer à internet durante as deslocações, cafés e centro comerciais e os que mais referem fazê-lo também em todos os locais (ver Tabela).

Tabela A22. Proporção de alunos que utilizam a internet nos diferentes locais por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18
Em casa	99,6	97,9	96,2
Na escola	81,9	88,5	86,8
Nas deslocações	34,0	45,7	34,0
Em casa de amigos/familiares	74,9	76,1	66,0
Em cafés/centros comerciais	55,2	59,3	32,1
Não costuma utilizar a internet	0,0	1,2	3,8
Todos os locais anteriores	30,1	38,6	22,6

A classe social apenas está associada ao número de alunos que utilizam a internet em casa de amigos e familiares ou em cafés e centros comerciais. Em ambos os casos verifica-se que os alunos da classe social mais desfavorecida são os que menos têm acesso à internet nestes locais (69,0% e 46,9% respetivamente) em oposição aos alunos da classe alta (casa de amigos/familiares – 79,5%; cafés/centro comerciais – 64,0%) ou média (casa de amigos/familiares – 76,4%; cafés/centro comerciais – 59,2%) onde esses valores são superiores.

Quanto à escola a que os alunos pertencem, verifica-se que existe uma associação estatisticamente significativa entre esta variável e a utilização da internet em casa de amigos e familiares e em cafés e centros comerciais. São os alunos do ensino público regular que mais utilizam a internet em casa de amigos e familiares (Público – 79,4%, Profissional – 61,3%, Privado – 76,8%) e os alunos do ensino privado que mais o fazem em cafés e centros comerciais (Público – 55,2%, Profissional – 44,5%, Privado – 62,5%). Em ambos os casos são os alunos do ensino profissional que indicam com menor frequência aceder à internet nesses locais.

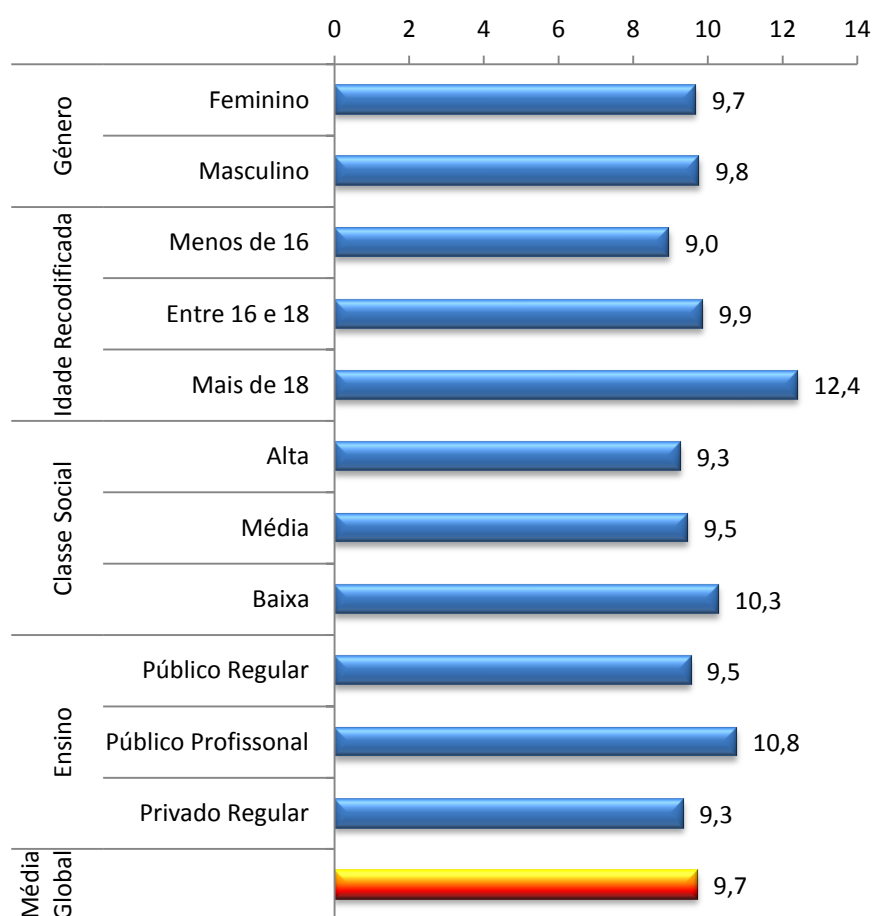
Idade de acesso à internet em casa e ao primeiro telemóvel

Em média os adolescentes e jovens inquiridos tiveram o **primeiro acesso à internet** aos 10 anos de idade ($M=9,72$; $DP=2,42$).

Uma análise mais pormenorizada permite observar que não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre rapazes ($M=9,77$; $DP=2,51$) e raparigas ($M=9,68$; $DP=2,28$) no que respeita ao primeiro contacto com a internet ($t(711)=-0,503$; $p=,615$). O mesmo não se verifica em relação a outras variáveis sociodemográficas. Considerando a idade, os dados evidenciam que o acesso à internet dá-se cada vez mais cedo entre os jovens e essa diferença é estatisticamente significativa ($F(2,710)=48,107$, $p=,000$). O primeiro contacto com a internet entre os adolescentes com menos de 16 anos deu-se, em média, aos 8,96 anos ($DP=2,18$), já entre os adolescentes entre os 16 e os 18 anos esse valor é superior ($M=9,86$ anos; $DP=2,33$). Entre os jovens com mais de 18 anos, em média, o primeiro acesso à internet deu-se aos 12,40 anos ($DP=2,21$). Também se verificam diferenças entre os diferentes grupos sociais quanto à idade em que os alunos acedem pela primeira vez à internet ($F(2,662)=12,049$; $p=,000$). De facto, o teste Scheffe realizado *à posteriori* permitiu verificar que são os alunos oriundos da classe social mais baixa que se destacam comparativamente às restantes classes sociais. Em média os alunos da classe mais baixa têm acesso à internet em casa aos 10,29 anos ($DP=2,51$), enquanto no caso dos alunos da classe média ($M=9,46$; $DP=2,12$) e alta ($M=9,27$; $DP=2,32$) esse acesso

dá-se mais cedo. Também se verificam diferenças no acesso à internet dos alunos oriundos das diferentes escolas ($F(2,712)=18,423; p=,000$). Não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os alunos do ensino privado ($M=9,34$; $DP=2,06$) e do ensino público ($M=9,54$; $DP=2,43$) regular. São os alunos oriundos do ensino público profissional que se destacam dos restantes, uma vez que em média, estes alunos tiveram acesso à internet um ano mais tarde ($M=10,77$; $DP=2,70$).

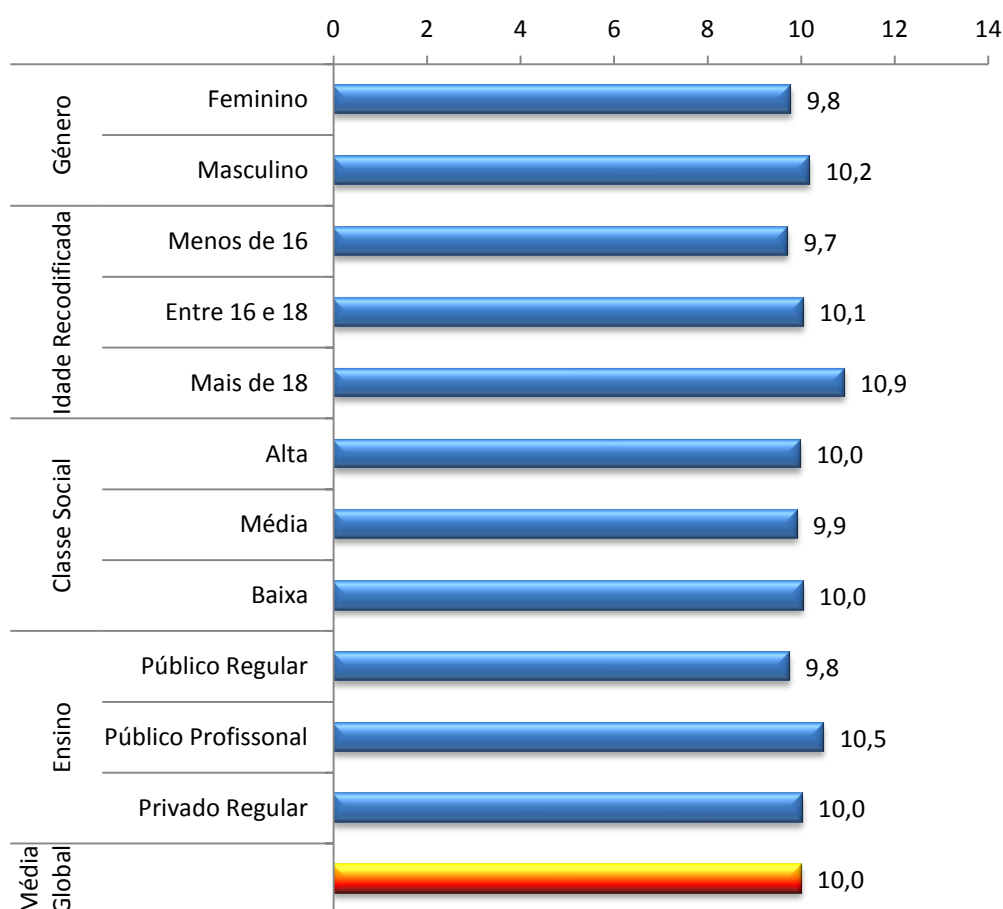
Gráfico A6. Média de idade com que começou a utilizar a internet em casa



É também aos 10 anos ($DP=2,42$) que, em média, os alunos têm acesso ao **primeiro telemóvel** exclusivamente seu. No entanto, neste caso é possível verificar que as variáveis sociodemográficas desempenham um papel diferente quando comparamos esta variável (primeiro acesso ao telemóvel) ao primeiro acesso à internet. Verifica-se que as raparigas têm acesso ao telemóvel ligeiramente mais cedo ($M=9,78$; $DP=1,84$) que os rapazes ($M=10,18$; $DP=1,97$) ($t(720)=-2,791$; $p=,005$). Também se verificam associações entre a idade e a idade com que os alunos recebem o primeiro telemóvel. Tal como se observa em relação ao acesso à

internet, o acesso ao primeiro telemóvel dá-se cada vez mais cedo e essa diferença é estatisticamente significativa ($H(2)=50,931$, $p=,000$). Os mais jovens, até aos 16 anos, tiveram, em média, acesso ao telemóvel pela primeira vez aos 9,71 anos ($DP=1,68$). Entre os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos o acesso ao primeiro telemóvel deu-se ligeiramente mais tarde, aos 10,05 anos ($DP=2,00$). Para os jovens com mais de 18 anos esse acesso deu-se ainda mais tarde, aos 11 anos de idade ($DP=2,05$).

Gráfico A7. Média de Idade com que teve o primeiro telemóvel



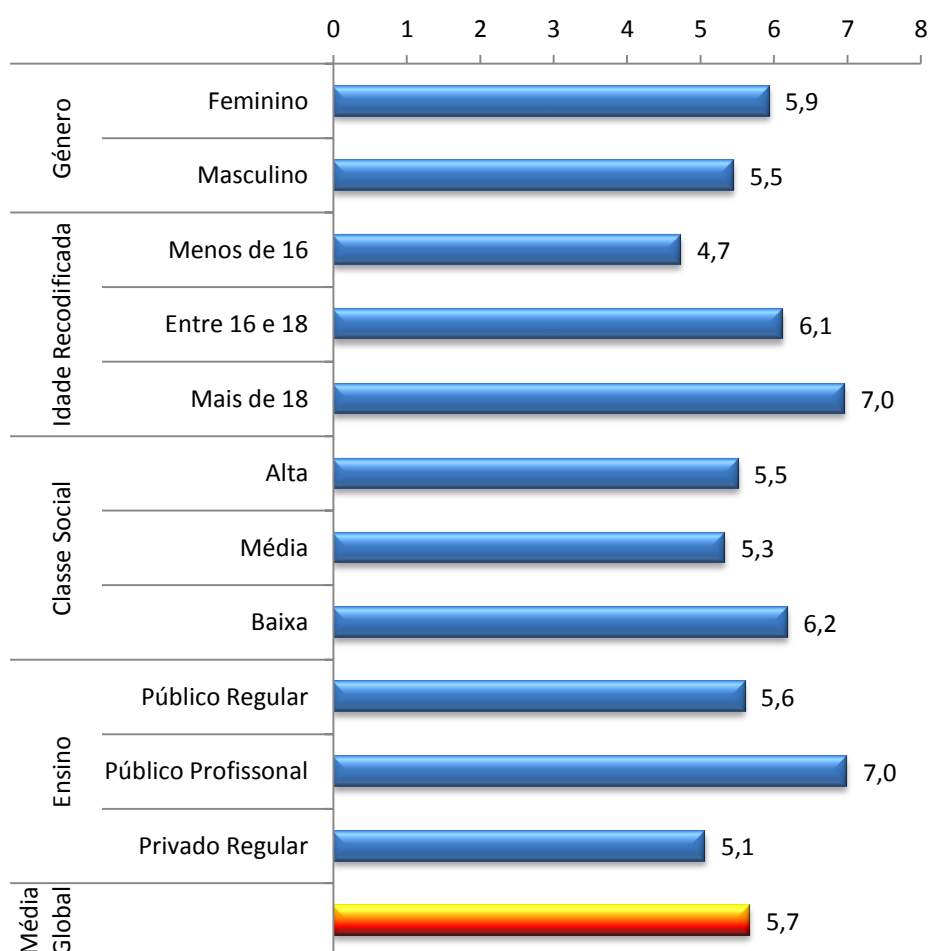
Comparativamente ao primeiro acesso à internet, verificamos que o telemóvel pode ser encontrado de forma mais generalizada entre os jovens, uma vez que independentemente da classe social ($F(2,671)=0,251$; $p=,778$), em média, os alunos têm acesso ao primeiro telemóvel por volta dos 10 anos. No entanto, o mesmo não se verifica em relação ao sistema de ensino ($H(2)=11,914$, $p=,003$). Os alunos oriundos da escola profissional têm acesso ao seu primeiro telemóvel mais tardiamente ($M=10,48$; $DP=2,28$) que os alunos das escolas pública ($M=9,75$; $DP=1,90$) e privada ($M=10,02$; $DP=1,67$) do ensino regular.

De uma forma geral, é possível verificar que a passagem para o segundo ciclo do ensino básico tem um papel importante na relação dos jovens com os media eletrónicos, já que esse momento coincide com o primeiro acesso à internet e ao telemóvel próprio. A necessidade de maior controle por parte dos pais e uma maior capacidade cognitiva para utilizar esses recursos podem explicar a importância deste momento no acesso aos media eletrónicos.

O **número de telemóveis que os alunos já tiveram** até ao momento, ou seja, a rapidez de substituição dos equipamentos, permite ter acesso à relação dos jovens com o respetivo equipamento e também ao impacto dessa relação no meio ambiente. Em média, os estudantes inquiridos mudaram 6 vezes de telemóvel ($M=5,67$; $DP=2,85$). As raparigas mudam mais frequentemente de telemóvel ($M=5,93$; $DP=2,84$) que os rapazes ($M=5,45$; $DP=2,85$). Essa diferença é estatisticamente significativa ($t(707,33)=2,23$; $p=,026$). Como seria de esperar, verifica-se uma associação entre a idade e o número de telemóveis que os estudantes já tiveram: quanto mais velhos, maior o número de telemóveis tidos até ao momento ($H(2)=50,931$; $p=,001$). Em média, os alunos mais novos, até aos 16 anos, tiveram até ao momento 5 telemóveis ($M=4,73$; $DP=2,43$), enquanto os alunos entre os 16 e os 18 anos indicam ter substituído 6 vezes o telemóvel ($M=6,12$; $DP=2,91$). Entre os alunos mais velhos, com mais de 18 anos, a média do número de telemóveis que já tiveram até ao momento é de 7 ($DP=3,13$).

Quando consideramos a classe social verificamos que existe uma associação entre esta variável e o número de telemóveis que os alunos já tiveram até ao momento ($F(2,657)=5,588$; $p=,004$). De acordo com o teste Scheffe a grande diferença verifica-se entre os alunos da classe mais baixa e os alunos das restantes classes sociais. É entre os alunos da classe social mais baixa que se verifica a posse de um maior número de telemóveis ($M=6,18$; $DP=3,07$) em oposição aos alunos das classes média ($M=5,33$; $DP=2,77$) e alta ($M=5,51$; $DP=2,54$). Neste contexto os alunos da classe social mais baixa revelam ter uma relação menos sustentável com o telemóvel já que são os que, de acordo com os dados, mais frequentemente substituem de equipamento. Importa assim saber quais os motivos que estão por de trás dessa substituição. Existindo no mercado uma variabilidade imensa de equipamentos com diferentes custos, funções e alvos no que respeita às campanhas de marketing será importante no futuro perceber se existem diferenças entre os alunos no que respeita ao tipo de equipamento que possuem e que características privilegiam ao longo das várias substituições e ainda a forma como o telemóvel chega até eles (compra, oferta, etc.).

Gráfico A8. Média do número de telemóveis tidos até ao momento



Também ao nível das escolas que os alunos frequentam foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($H(2)=34,732$; $p=,000$). Os dados indicam que são os alunos do ensino profissional que apresentam um maior número de telemóveis (7). Entre os alunos do ensino regular publico e privado esse valor é ligeiramente menor (Privado=5; Publico=6).

Envolvimento, interação e significados associados aos media eletrónicos

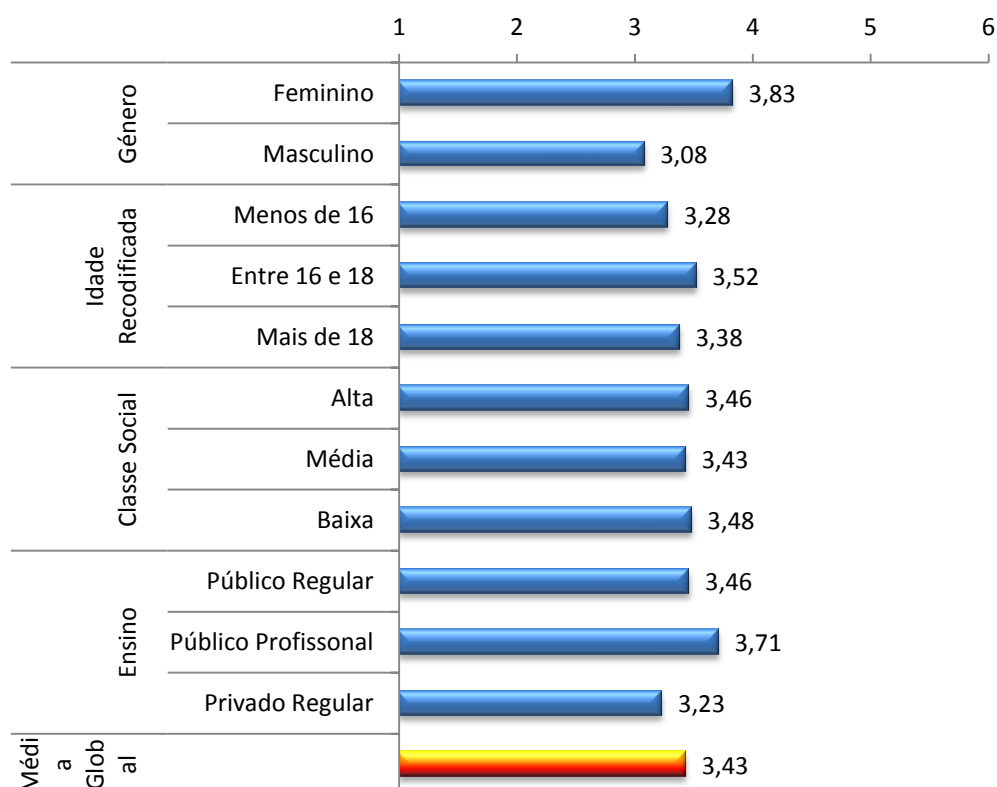
Através de um conjunto de perguntas sobre hábitos concretos dos inquiridos pretendeu-se analisar o nível de envolvimento destes com os media eletrónicos as interações estabelecidas com estes equipamentos, assim como os significados que estes têm para os adolescentes e que contribuem para a sua utilização.

Uma dessas questões diz respeito à utilização quotidiana das redes sociais e, em particular, se começam a utilizá-las logo de manhã, o que pode indicar um elevado envolvimento com os equipamentos utilizados para esse efeito e, consequentemente, uma utilização intensa destas tecnologias. No mesmo sentido perguntou-se se costumam usar as redes sociais ao mesmo tempo que estudam. Procurou-se também saber se tendem a associar o uso do telemóvel a uma forma de obtenção de companhia. Uma outra questão visava captar a utilização em simultâneo de dois equipamentos, a televisão e o computador.

Em média, os alunos afirmam ser pouco frequente usar as redes sociais assim que acordam ($M=3,43$; $DP=1,75$) ou estudar e usar as redes sociais ao mesmo tempo ($M=3,07$; $DP=1,62$). Com mais frequência indicam usar o telemóvel para se sentirem acompanhados ($M=3,56$; $DP=1,76$) ou usar o computador e a televisão ao mesmo tempo ($M=3,94$; $DP=1,63$).

Um olhar mais detalhado sobre os resultados permite verificar que as raparigas mais frequentemente indicam usar as redes sociais logo que acordam ($M=3,83$; $DP=1,75$) do que os rapazes ($M=3,08$; $DP=1,67$), sendo esta diferença estatisticamente significativa ($t(739)=5,977$; $p=,000$). Tanto a idade como a classe social não geram diferenças quanto à frequência com que os alunos usam as redes sociais assim que acordam. Mas o mesmo não se verifica em relação ao sistema de ensino que frequentam ($F(2,742)=3,815$; $p=,022$). De acordo com os testes realizados à posteriori verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos que frequentam o ensino privado ($M=3,23$; $DP=1,69$) e os alunos que frequentam o ensino profissional ($M=3,71$; $DP=1,83$). São estes últimos que referem recorrer às redes sociais assim que acordam com mais frequência que os alunos do ensino regular privado. Os alunos do ensino público regular ($M=3,46$; $DP=1,72$) ocupam um lugar intermédio. Entre estes alunos e os alunos dos restantes sistemas de ensino não se verificam diferenças estatisticamente significativas.

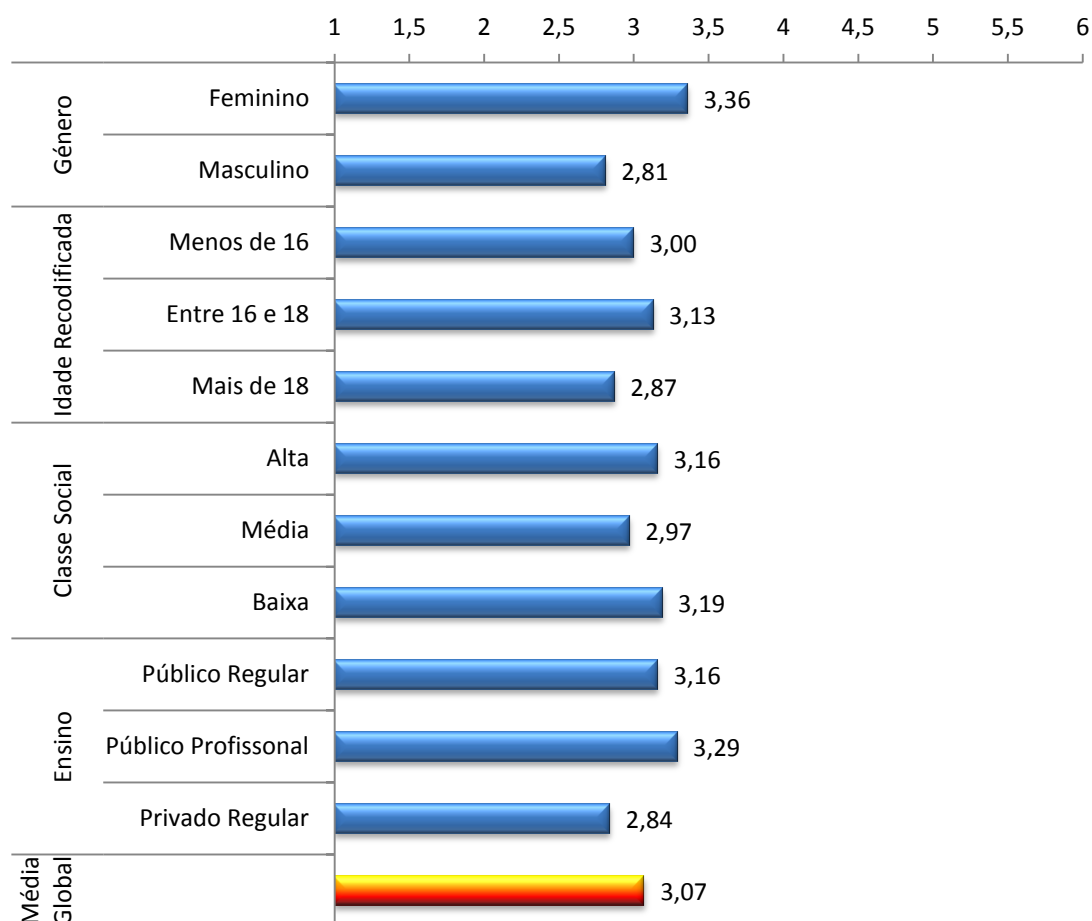
Gráfico A9. Média da frequência com que usa as redes sociais logo que acorda



Nota: Escala de resposta: 1 = nunca; 6 = sempre.

São também as raparigas que declaram estudar e usar as redes sociais simultaneamente com mais frequência ($M=3,36$; $DP=1,56$; rapazes: $M=2,81$; $DP=1,61$). Estas diferenças são estatisticamente significativas ($t(738)=4,697$; $p=,000$). Ao contrário do gênero, a idade ($F(2,738)=$; $p=,364$) e a classe social ($F(2,686)=$; $p=,274$) não estão associadas à frequência com que os alunos estudam e usam as redes sociais em simultâneo. Contudo, verificam-se diferenças nesta matéria quando analisados os resultados das diferentes escolas ($F(2,741)=$; $p=,008$). Mais uma vez as diferenças registam-se entre os alunos do ensino privado ($M=3,16$; $DP=1,60$) e os alunos do ensino profissional ($M=3,29$; $DP=1,89$), não se verificando diferenças estatisticamente significativas entre os alunos do ensino público regular ($M=3,16$; $DP=1,60$) e os alunos do ensino privado regular e do ensino profissional. De uma maneira geral podemos dizer que são os alunos do ensino profissional que indicam, com maior regularidade, ser frequente estudar e utilizar as redes sociais ao mesmo tempo.

Gráfico A1. Média da frequência com que usa as redes sociais e estuda ao mesmo tempo

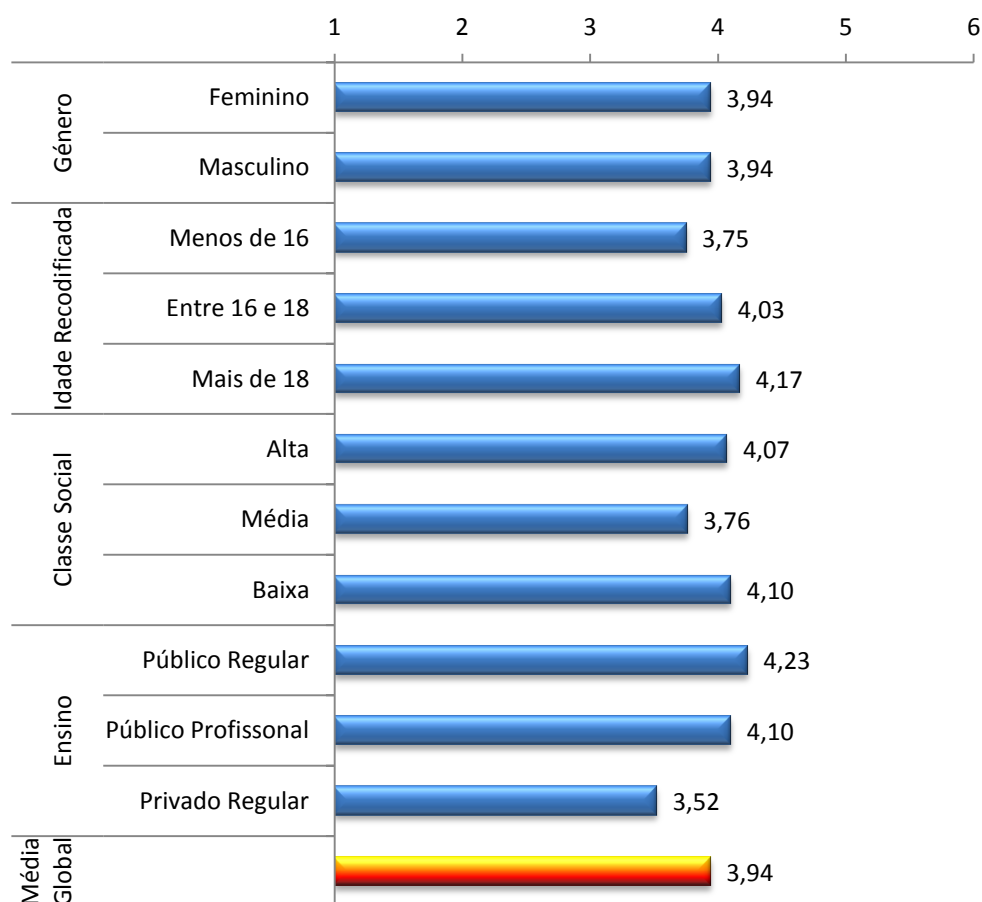


Nota: Escala de resposta: 1 = nunca; 6 = sempre.

Ao contrário do que se verificou em relação a utilizar as redes sociais e estudar ao mesmo tempo, não se verificam diferenças na frequência com que os rapazes ($M=3,94$; $DP=1,64$) e as raparigas ($M=3,94$; $DP=1,62$) utilizam o computador e a televisão ao mesmo tempo ($t(738)=0,016$; $p=,987$), o mesmo acontecendo com a idade ($F(2,738)=2,980$; $p=,051$) – menos de 16 anos ($M=3,75$; $DP=1,62$); entre os 16 e os 18 anos ($M=4,03$; $DP=1,63$); mais de 18 anos ($M=4,17$; $DP=1,67$). Verificam-se diferenças em relação à classe social ($F(2,685)=3,249$; $p=,039$) e também em relação à escola ($F(2,741)=15,591$; $p=,000$) que os inquiridos frequentam. São os alunos da classe média que indicam usar o computador enquanto estudam com menos frequência ($M=3,76$; $DP=1,57$), seguidos pelos alunos da classe alta ($M=4,07$; $DP=1,60$). Os alunos mais desfavorecidos são os que indicam ser frequente estudar e usar o computador ($M=4,10$; $DP=1,65$). No que respeita à escola/tipo de ensino, os dados indicam que são os alunos do ensino privado que menos frequentemente estudam e usam o computador ($M=3,52$;

DP=1,53) simultaneamente, quando comparados com os alunos do ensino público regular (M=4,23; DP=1,62) ou profissional (M=4,10; DP=1,68).

Gráfico A11. Média da frequência com que usa o computador e a televisão ao mesmo tempo

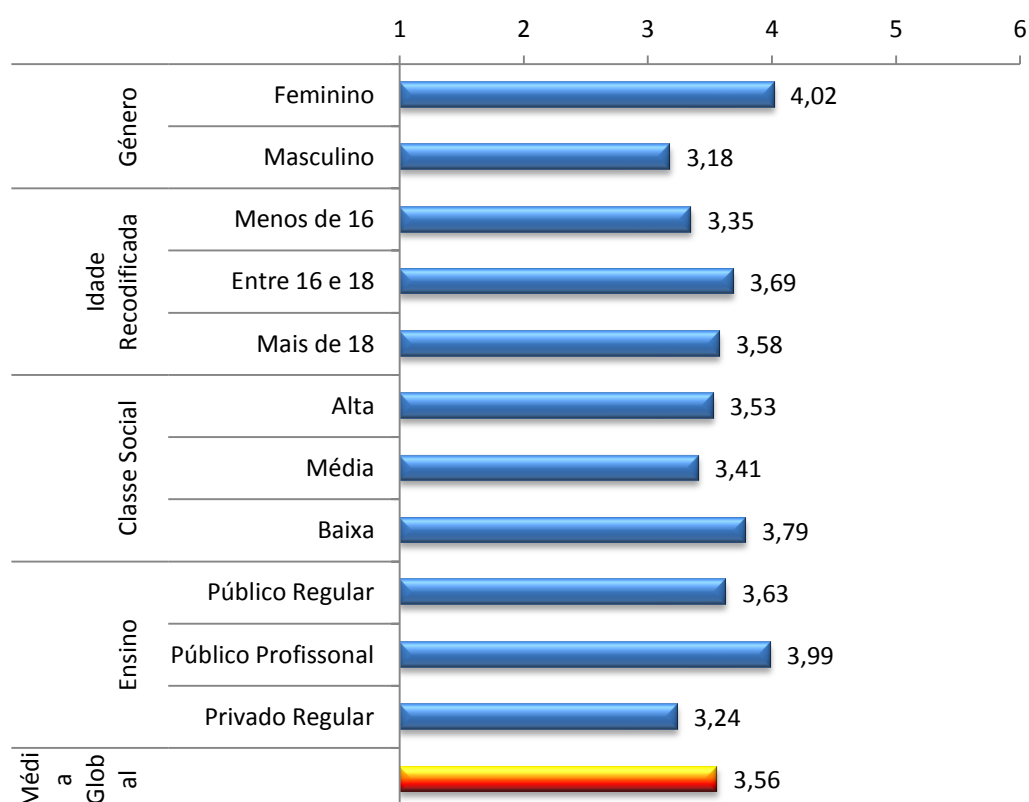


Nota: Escala de resposta: 1 = nunca; 6 = sempre.

Quanto a usar o telemóvel para se sentir acompanhado, são claramente as raparigas (M=4,02; DP=1,61) que indicam fazê-lo com maior frequência que os rapazes (M=3,18; DP=1,78) e essa diferença é estatisticamente significativa ($t(737,23)=6,69$; $p=,000$). Ainda que não muito acentuadas, existem diferenças no que toca à frequência com os diferentes grupos etários recorrem ao telemóvel para se sentirem acompanhados ($F(2,740)=3,078$; $p=,047$). São os jovens entre os 16 e os 18 anos que indicam fazê-lo com maior frequência (M=3,69; DP=1,74), seguidos dos alunos mais velhos (mais de 18 anos - M=3,58; DP=2,00). Os alunos mais novos (até aos 16 anos) são os que indicam recorrer com menos frequência ao telemóvel para se sentirem acompanhados. Também se verificam diferenças ao nível da escola que os alunos frequentam ($F(2,743)=9,579$; $p=,000$). Os testes realizados *à posteriori* indicam que existem

diferenças estatisticamente significativas entre os alunos do ensino privado ($M=3,24$; $DP=1,623$) e os alunos do ensino profissional ($M=3,99$; $DP=1,97$). São estes últimos que indicam recorrer com maior frequência ao telemóvel para se sentirem acompanhados. Os alunos do ensino público regular ocupam, nesta questão, uma posição intermédia ($M=3,63$; $DP=1,71$) não se verificando diferenças estatisticamente significativas entre estes alunos e os oriundos das restantes escolas. A classe social não gera diferenças no que toca a esta questão ($F(2,687)=2,998$; $p=,051$).

Gráfico A12. Média da frequência com que usa o telemóvel para sentir-se acompanhado/a

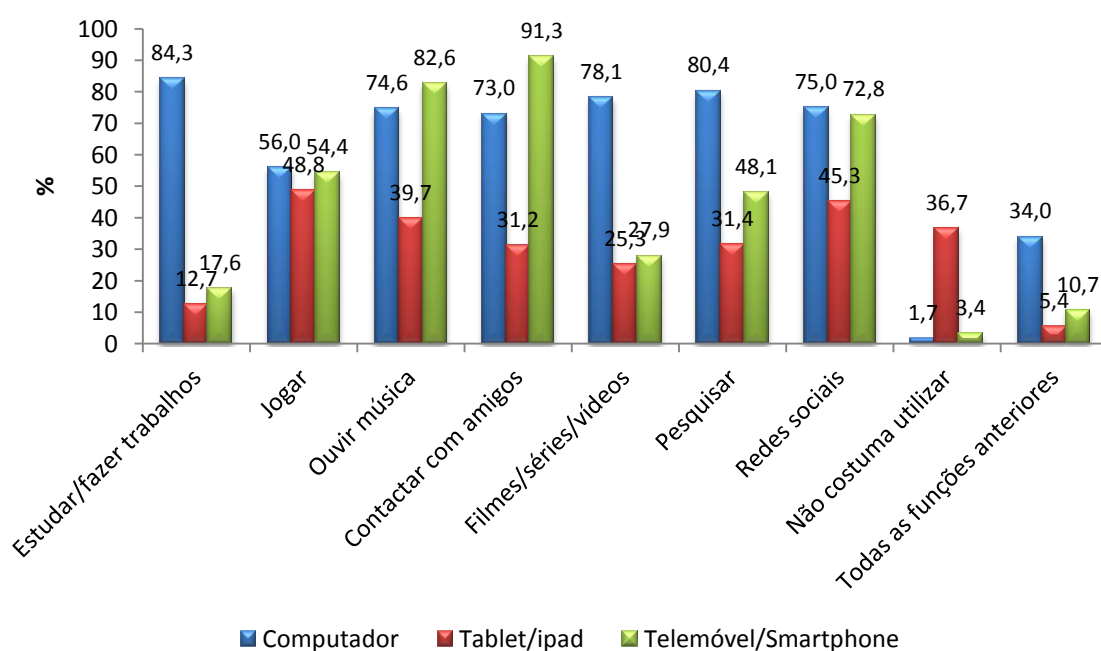


Nota: Escala de resposta: 1 = nunca; 6 = sempre.

O número de equipamentos que os alunos possuem e o tempo a eles dedicado é fundamental para caracterizar a relação destes com as novas tecnologia. No entanto essa caracterização ficaria incompleta sem perceber quais as razões que levam os alunos a utilizar os media eletrónicos. Os dados permitem observar que, embora o telemóvel seja indubitavelmente o equipamento a que os alunos dedicam mais tempo, o computador parece ser o que tem um carácter mais multifacetado. Fazer trabalhos e pesquisas são as funções que os alunos mais referem em relação ao computador. Oitenta por cento dos inquiridos refere que recorre ao

computador para pesquisar e 84,3% refere que recorre ao computador para fazer trabalhos. Mas não se pode negligenciar também a percentagem de alunos que referem usar o computador para ver filmes, séries e vídeos (78,1%), aceder às redes sociais (75,0%), ouvir música (74,6%), conversar com amigos (73,0%) e jogar (56,0%). Ainda que também muito utilizado, o telemóvel tem sobretudo a função de comunicar com os outros e ouvir musica. Acresce que 91,3% dos alunos referem que utilizam o computador para conversar com amigos e 82,6% referem que utilizam o telemóvel para ouvir musica. Para três quartos dos alunos o telemóvel é também um instrumento importante para aceder às redes sociais. Mas o telemóvel, ao contrário do computador, não é o equipamento mais referido para fazer trabalhos (17,6%), ver filmes, séries e vídeos (27,9%) ou fazer pesquisas (48,1%). O tablet é o equipamento menos utilizado pelos jovens (de entre os três indicados), sendo que 36,7% referem não utilizar este equipamento. Aceder às redes sociais (45,3%) e jogar (48,8%) são as funções mais referidas pelos alunos. Por outro lado, fazer trabalhos escolares (12,7%) e assistir a filmes, séries e vídeos são os menos indicados.

Gráfico A13. Proporção de alunos que utilizam os diversos equipamentos nas diversas funções



Estudar/fazer trabalhos, jogar, contactar com amigos ou aceder às redes sociais são as funções que distinguem rapazes e raparigas no que respeita à utilização do computador. Os rapazes tendem a utilizar com maior frequência o computador para funções lúdicas como jogar (raparigas – 36,4%; rapazes – 72,8%), contactar amigos (raparigas – 67,4%; rapazes – 78,0%) e aceder às redes sociais (raparigas – 70,4%; rapazes – 79,3%). Já as raparigas são as que mais

referem utilizar o computador para estudar/fazer trabalhos (raparigas – 90,6%; rapazes – 79,0%). Os dados indicam ainda que são os rapazes que mais exploram o computador para múltiplas funções. Entre os rapazes, quase 40% refere utilizar o computador para todas as funções, enquanto entre as raparigas esse valor é de 27,0% (ver Tabela A3).

Tabela A3. Proporção de alunos que utilizam o computador nas diferentes funções por género (%)

	Feminino	Masculino	χ^2 (1, N=741)	p
Estudar/fazer trabalhos	90,6	79,0	17,810	,000
Jogar	36,4	72,8	97,440	,000
Ouvir música	74,2	75,0	0,028	ns
Contactar com amigos	67,4	78,0	9,902	,002
Filmes/séries/vídeos	79,2	77,5	0,214	ns
Pesquisar	83,0	78,0	2,592	ns
Redes sociais	70,4	79,3	7,289	,005
Não costuma utilizar o computador	1,5	2,0	0,073	ns
Todas as funções anteriores	27,0	39,8	12,838	,000

Quanto às diferenças encontradas entre os diferentes escalões etários, verifica-se que são poucas as funções que os distinguem, nomeadamente ver filmes/séries/vídeos e pesquisar. Quanto a ver filmes/séries/vídeos e pesquisar, verifica-se que os jovens mais velhos são os que menos utilizam o computador para estas funções comparativamente aos mais novos.

Tabela A4. Proporção de alunos que utilizam o computador nas diferentes funções por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18	χ^2 (2, N=742)	p
Estudar/fazer trabalhos	87,3	83,9	73,6	6,442	ns
Jogar	51,2	59,2	56,6	4,269	ns
Ouvir música	71,9	76,5	75,5	1,779	ns
Contactar com amigos	70,4	74,8	73,6	1,631	ns
Filmes/séries/vídeos	76,2	81,1	67,9	6,089	,048
Pesquisar	82,3	81,1	66,0	7,694	,021
Redes sociais	72,7	76,2	81,1	2,118	ns
Não costuma utilizar o computador	1,5	1,9	1,9	0,106	ns
Todas as funções anteriores	28,1	38,5	28,3	8,622	,013

Quanto à classe social, estudar/fazer trabalhos, ver filmes/séries/vídeos e ainda pesquisar são as funções onde se observam diferenças relevantes. Em todos os casos são os alunos da classe social mais baixa que menos referem recorrer ao computador para realizar essas funções. Em oposição, é relativamente aos alunos da classe social média que se verificam associações estatisticamente significativas em todas as categorias.

Tabela A25. Proporção de alunos que utilizam o computador nas diferentes funções por classe social (%)

	Alta	Média	Baixa	χ^2 (2, N=689)	p
Estudar/fazer trabalhos	87,1	88,4	80,3	7,010	,030
Jogar	52,1	54,1	59,4	2,2691	ns
Ouvir música	73,3	71,7	79,9	4,806	ns
Contactar com amigos	69,6	73,4	78,2	4,460	ns
Filmes/séries/vídeos	80,6	82,8	73,6	6,545	,038
Pesquisar	83,9	85,8	72,8	14,915	,001
Redes sociais	72,4	76,0	77,8	1,887	ns
Não costuma utilizar o computador	0,9	1,7	1,7	-	-
Todas as funções anteriores	32,3	33,0	37,7	1,754	,416

A análise por escola evidencia um padrão relativamente à utilização do computador nas várias funções. A análise dos dados descritivos revela que é entre os alunos da escola pública regular que se observa o maior número de alunos que utilizam o computador para funções lúdicas como jogar, ouvir música, contactar amigos e aceder às redes sociais. Por outro lado, é entre os alunos da escola privada que se observam os valores mais baixos nestas categorias.

Tabela A5. Proporção de alunos que utilizam o computador nas diferentes funções por sistema de ensino (%)

	Pública Regular	Pública Profissional	Privada Regular	χ^2 (2, N=745)	p
Estudar/fazer trabalhos	83,3	71,2	93,0	36,218	,000
Jogar	61,8	55,1	49,6	8,895	,012
Ouvir música	80,4	75,0	67,6	12,671	,002
Contactar com amigos	79,8	71,8	65,8	14,719	,001
Filmes/séries/vídeos	78,2	68,6	83,5	12,823	,002
Pesquisar	82,3	68,6	84,9	18,099	,000
Redes sociais	83,9	74,4	65,1	27,780	,000
Não costuma utilizar o tablet/iPad	1,6	3,2	1,1	-	-
Todas as funções anteriores	39,1	30,1	30,1	6,543	,038

Quando analisamos os dados relativos à percentagem de alunos que utilizam o computador para estudar/fazer trabalhos e pesquisar verificamos que são os alunos do ensino privado que os referem com maior frequência.

Tal como observado relativamente ao computador, as raparigas tendem a utilizar mais o tablet para estudar/fazer trabalhos do que os rapazes, que são os que mais referem utilizar o tablet para jogar ou ver filmes/séries e vídeos, ou seja, para funções lúdicas. O género não gera diferenças nas restantes funções analisadas neste estudo.

Tabela 6. Proporção de alunos que utilizam tablet/iPad nas diferentes funções por género (%)

	Feminino	Masculino	X ² (1, N=731)	p
Estudar/fazer trabalhos	16,4	9,4	7,467	,006
Jogar	44,3	52,7	4,694	,030
Ouvir música	38,1	41,0	0,530	ns
Contactar com amigos	32,4	30,1	0,352	ns
Filmes/séries/vídeos	20,5	29,1	6,645	,010
Pesquisar	30,4	31,9	0,136	ns
Redes sociais	47,0	43,8	0,638	ns
Não costuma utilizar o tablet/iPad	37,2	36,7	0,004	ns
Todas as funções anteriores	4,5	6,1	0,642	ns

O teste de associação do qui-quadrado indica existirem associações estatisticamente significativas entre a idade e a utilização do tablet para jogar, ouvir musica, contactar amigos, fazer pesquisas e aceder a redes sociais. Em todos os casos, verifica-se que são os mais novos, com menos de 16 anos, que mais referem utilizar o tablet para as funções acima referidas, em oposição aos alunos mais velhos, com mais de 18 anos, que são os que menos referem utilizar este equipamento. De facto são os alunos mais velhos que mais referem não utilizar o tablet comparativamente aos restantes grupos etários.

Tabela A28. Proporção de alunos que utilizam o tablet/iPad nas diferentes funções por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18	χ^2 (2, N=732)	p
Estudar/fazer trabalhos	16,1	11,5	5,8	-	-
Jogar	55,3	46,6	36,5	8,261	,016
Ouvir música	47,8	37,2	23,1	14,162	,001
Contactar com amigos	37,3	29,2	19,2	8,621	,013
Filmes/séries/vídeos	26,7	24,9	21,2	-	-
Pesquisar	38,0	29,2	17,3	10,984	,004
Redes sociais	54,9	42,1	25,0	19,868	,000
Não costuma utilizar	25,9	40,9	55,8	24,261	,000
Todas as funções anteriores	6,7	5,2	1,9	-	-

Existe uma associação entre a classe social e as funções que os alunos atribuem aos equipamentos. São claramente os alunos mais favorecidos que mais recorrem ao tablet/iPad para estudar/fazer trabalhos, contactar com amigos, ver filmes/séries/vídeos, pesquisar e aceder às redes sociais, em oposição aos alunos da classe social mas baixa, onde consistentemente as percentagens são inferiores. Apesar destes resultados, é importante ter um olhar crítico sobre os dados, pois o acesso a um tablet não está distribuído da mesma forma ao longo das diferentes classes sociais. De facto, mais de 40% dos alunos da classe social baixa referem que não costumam utilizar o tablet/iPad. Entre os alunos da classe alta esse valor é de 30,7%. Assim, a percentagem de alunos que utilizam o tablet para as diferentes funções pode não se dever a características intrínsecas de cada grupo, mas ao acesso que cada um tem a este equipamento.

Tabela A29. Proporção de alunos que utilizam o tablet/iPad nas diferentes funções por classe social (%)

	Alta	Média	Baixa	χ^2 (2, N=680)	p
Estudar/fazer trabalhos	17,2	13,9	8,1	8,588	,014
Jogar	49,3	53,5	48,5	1,311	ns
Ouvir música	42,8	36,5	41,7	2,111	ns
Contactar com amigos	40,0	29,1	26,4	10,624	,005
Filmes/séries/vídeos	32,6	24,3	21,7	7,383	,025
Pesquisar	39,5	31,7	26,8	8,381	,015
Redes sociais	52,6	45,7	40,9	6,230	,044
Não costuma utilizar o tablet/iPad	30,7	33,9	41,7	6,357	,042
Todas as funções anteriores	8,4	5,7	3,8	4,218	ns

Ao analisar a distribuição das diferentes funções atribuídas ao tablet/iPad por tipo de escola é possível perceber que, no que respeita às funções onde foram identificadas associações estatisticamente significativas (estudar/fazer trabalhos, contactar amigos, pesquisar e aceder às redes sociais), as grandes diferenças observam-se entre os alunos da escola privada e os alunos do ensino profissional. São os primeiros (escola privada) que mais utilizam o tablet/iPad para as diferentes funções, enquanto os alunos do ensino profissional registam percentagens significativamente inferiores. Mas tal como verificado durante a análise da classe social, verifica-se que são os alunos do ensino privado que mais têm acesso a este equipamento.

Tabela A30. Proporção de alunos que utilizam o tablet/iPad nas diferentes funções por sistema de ensino (%)

	Pública Regular	Pública Profissional	Privada Regular	χ^2 (2, N=735)	p
Estudar/fazer trabalhos	11,3	7,1	17,4	10,443	,005
Jogar	46,0	46,8	53,3	3,472	,176
Ouvir música	39,5	37,2	41,5	0,778	,678
Contactar com amigos	29,8	25,0	36,3	6,358	,042
Filmes/séries/vídeos	22,7	27,6	27,0	1,999	,368
Pesquisar	28,2	21,8	40,7	19,118	,000
Redes sociais	41,7	41,0	51,9	7,401	,025
Não costuma utilizar	41,1	44,2	27,4	16,413	,000
Todas as funções anteriores	3,9	4,5	7,8	10,443	,005

O telemóvel é o equipamento que apresenta uma maior cobertura entre os jovens. A percentagem de jovens que afirma não usar este equipamento é de apenas 2,6% entre as raparigas e 4,0% entre os rapazes. No que toca à utilização dada ao telemóvel, ao contrário do que foi possível verificar em relação a outros equipamentos, neste caso são as raparigas que mais utilizam o telemóvel para as diversas funções. A percentagem de raparigas que utiliza o telemóvel para estudar/fazer trabalhos, ouvir música, contactar com amigos, ou aceder às redes sociais é superior à dos rapazes. As diferenças são mais acentuadas no que toca à utilização do telemóvel para aceder às redes sociais, sendo que quase 80% das raparigas dizem fazê-lo, enquanto entre os rapazes esse valor não atinge os 70%. É também de assinalar que a percentagem de raparigas que dizem utilizar o telemóvel para todas as funções é superior à dos rapazes. Essa diferença, ainda que pequena, é estatisticamente significativa.

Tabela A31. Proporção de alunos que utilizam o telemóvel/smartphone nas diferentes funções por género (%)

	Feminino	Masculino	χ^2 (1, N=741)	p
Estudar/fazer trabalhos	20,8	14,8	4,280	,039
Jogar	53,1	55,8	0,427	-
Ouvir música	85,9	80,0	4,115	,043
Contactar com amigos	93,8	89,3	4,353	0,37
Filmes/séries/vídeos	26,7	29,0	0,381	-
Pesquisar	51,0	45,3	2,235	-
Redes sociais	79,5	67,5	12,788	,000
Não costuma utilizar	2,6	4,0	0,670	-
Todas as funções anteriores	11,4	10,0	4,2800	,039

Verifica-se uma associação entre a idade e a utilização do telemóvel para ouvir música, contactar com amigos e aceder às redes sociais. Consistentemente, são os alunos mais velhos, com mais de 18 anos, que referem menos utilizar o telemóvel para essas funções. Já os valores apresentados pelos alunos com menos de 16 anos e pelos alunos com idades entre os 16 e os 18 anos são muito semelhantes.

Tabela A32. Proporção de alunos que utilizam telemóvel/smartphone nas diferentes funções por idade (%)

	Menos de 16	Entre 16 e 18	Mais de 18	χ^2 (2, N=742)	p
Estudar/fazer trabalhos	16,9	19,1	9,4	3,188	ns
Jogar	55,0	54,5	52,8	0,084	ns
Ouvir música	85,4	83,0	67,9	9,441	,009
Contactar com amigos	91,5	92,5	81,1	7,804	,020
Filmes/séries/vídeos	29,6	27,5	24,5	0,704	ns
Pesquisar	48,8	48,7	39,6	1,649	ns
Redes sociais	76,2	73,7	52,8	12,359	,002
Não costuma utilizar	3,5	2,8	7,5	3,279	ns
Todas as funções anteriores	10,8	11,0	9,4	0,114	ns

A classe social também está associada à forma como os inquiridos utilizam o telemóvel, mas não em todas as funções listadas no estudo. O teste de associação do qui-quadrado evidencia a existência de associações entre a classe social e a utilização do telemóvel para estudar/fazer trabalhos, contactar amigos, pesquisar e aceder às redes sociais. Em todos eles é claramente entre a classe social alta que se observa uma maior percentagem de alunos a utilizar o telemóvel de forma mais diversificada. De facto, a percentagem de alunos que diz utilizar o

telemóvel para todas as funções é bastante superior (18,9%) aos observados entre a classe média (6,4%) e baixa (8,8%).

Tabela A7. Proporção de alunos que utilizam o telemóvel/smartphone nas diferentes funções por classe social (%)

	Alta	Média	Baixa	χ^2 (2, N=689)	p
Estudar/fazer trabalhos	27,2	15,5	13,0	17,282	,000
Jogar	57,6	52,4	55,6	1,285	ns
Ouvir música	86,6	82,0	81,6	2,534	ns
Contactar com amigos	96,8	90,1	90,0	9,331	,009
Filmes/séries/vídeos	34,1	25,3	25,9	5,273	ns
Pesquisar	60,4	48,1	40,2	18,751	ns
Redes sociais	79,3	74,7	66,5	9,769	,008
Não costuma utilizar	1,8	2,6	4,8	3,197	ns
Todas as funções anteriores	18,9	6,4	8,8	19,666	,000

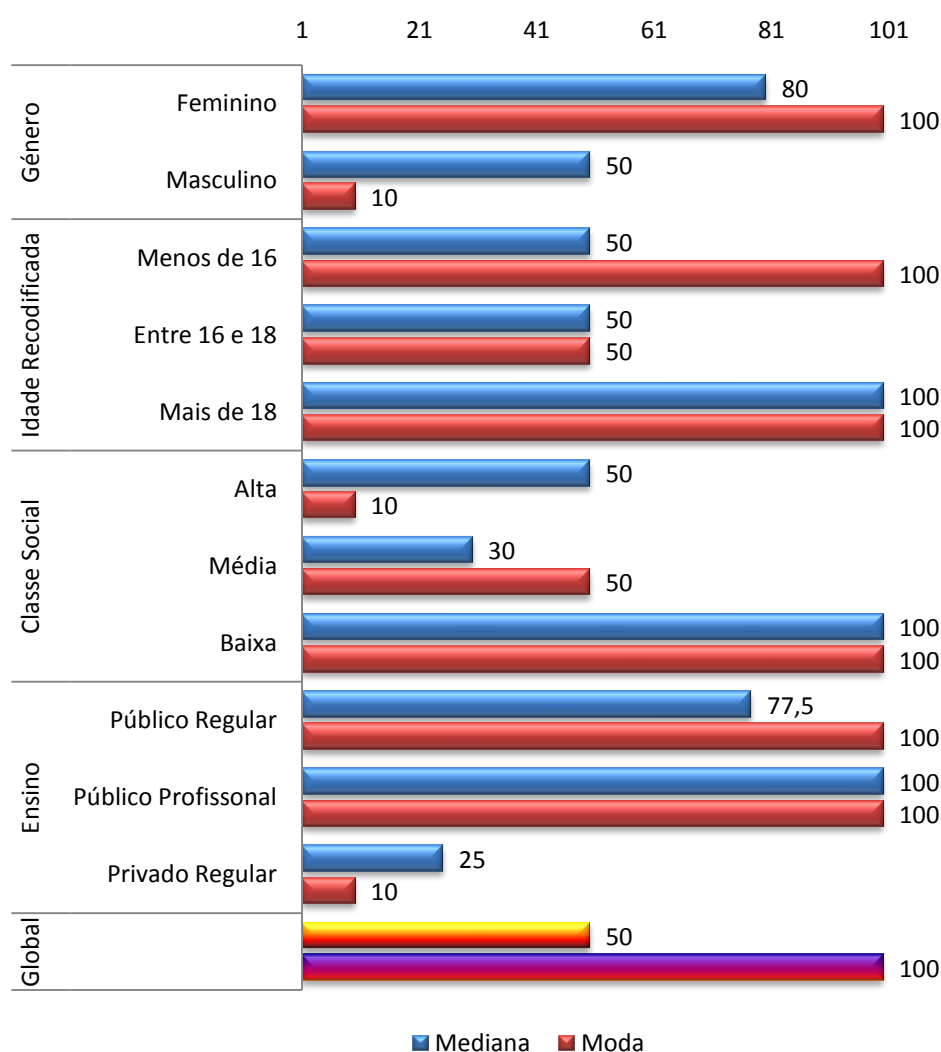
A escola onde os alunos estão inseridos está associada ao número de alunos que utilizam o telemóvel para estudar/fazer trabalhos, contactar com amigos, pesquisar ou aceder às redes sociais. Em todos os casos são os alunos da escola privada que o fazem em maior número. Os alunos da escola privada são os que mais utilizam o telemóvel para estudar/fazer trabalhos e pesquisar. E são os alunos da escola profissional que menos utilizam o telemóvel para contactar com amigos, pesquisar ou aceder às redes sociais.

Tabela 8. Proporção de alunos que utilizam o telemóvel/smartphone nas diferentes funções por sistema de ensino (%)

	Pública Regular	Pública Profissional	Privada Regular	χ^2 (2, N=745)	p
Estudar/fazer trabalhos	12,3	16,0	24,6	15,687	,000
Jogar	55,2	55,1	52,9	0,349	ns
Ouvir música	84,5	78,8	82,4	2,367	ns
Contactar com amigos	92,1	84,6	94,1	11,728	,003
Filmes/séries/vídeos	25,2	30,1	29,8	1,980	ns
Pesquisar	44,5	41,7	55,9	10,850	,004
Redes sociais	72,6	64,7	77,6	8,243	,016
Não costuma utilizar	3,8	5,1	8,0	3,623	ns
Todas as funções anteriores	7,3	10,3	15,1	9,383	,009

O número de mensagens escritas (SMS) enviadas por dia pelos inquiridos foi também analisado como indicador da interação que estes estabelecem com o telemóvel. Em média os alunos indicam enviar 116 mensagens por dia. No entanto, uma análise mais detalhada aos dados permitiu verificar que a variabilidade entre os resultados é muito grande ($DP=150,00$), o que coloca em causa a análise dos dados com base na média. Por essa razão, neste caso optou-se por analisar a mediana e a moda (dado serem parâmetros menos sensíveis ao enviesamento dos dados) e para analisar a relação com as variáveis sociodemográficas recorreu-se a testes não paramétricos como o Mann-Whitney U e o Kruskal-Wallis. Assim, no seguimento da análise descritiva verifica-se que metade dos alunos inquiridos refere enviar até 50 mensagens por dia. No entanto, o valor mais frequente é de 100 mensagens por dia. Treze por cento dos alunos referem enviar em média 100 mensagens por dia.

Gráfico A2. Mediana e moda relativas ao número SMS enviados por dia



O teste de Mann-Whitney indica existirem diferenças estatisticamente significativas entre raparigas e rapazes no número de mensagens enviadas diariamente ($U=36603,500$; $p=,001$). De

facto, 50% das raparigas diz enviar pelo menos 80 mensagens por dia. Entre os rapazes esse valor é de 50. Se considerarmos a moda, verificamos que o número de mensagens mais frequente entre as raparigas é 100 o que corresponde a 16,8% das raparigas, enquanto entre os rapazes a moda é 10, o que corresponde a 11,5% dos rapazes.

De acordo com o teste Kruskal-Wallis não se verificam diferenças estatisticamente significativas quanto ao número de mensagens enviadas pelos diferentes escalões etários ($H(2)=4,326$; $p=,115$). O mesmo não se verifica em relação à classe social ($H(2)=25,197$; $p=,000$) e à escola ($H(2)=52,779$; $p=,000$). Um olhar mais detalhado sobre a classe social permite verificar que é entre os alunos oriundos da classe social mais desfavorecida que se enviam mais mensagens. Cinquenta por cento dos alunos oriundos da classe social baixa enviam pelo menos 100 mensagens por dia. Em seguida, surgem os alunos da classe social mais elevada: 50% destes diz enviar 50 mensagens por dia. No entanto, entre este grupo o número mais frequente de mensagens é 10 (moda). Por último, surgem os alunos da classe média, sendo que metade destes diz enviar pelo menos 30 mensagens por dia, embora o número mais frequente de mensagens enviadas entre estes jovens seja de 50 mensagens.

Quanto à análise por escola, verifica-se que é entre os alunos da escola profissional que se encontram os maiores utilizadores de mensagens por SMS. Metade destes alunos diz enviar pelo menos 100 mensagens por dia (mediana). Este é também o número de mensagens mais frequente (moda). Em oposição a este grupo surgem os alunos do ensino privado. Neste caso, metade dos alunos diz não enviar mais do que 25 mensagens por dia. E o número mais frequente de mensagens por dia é 10. Ocupando uma posição intermédia encontram-se os alunos da escola pública regular. Neste caso, metade dos alunos indica enviar pelo menos 78 mensagens por dia. Entre estes alunos o número mais frequente de mensagens é 100.

Competências e hábitos incorporados relacionados com o consumo de energia

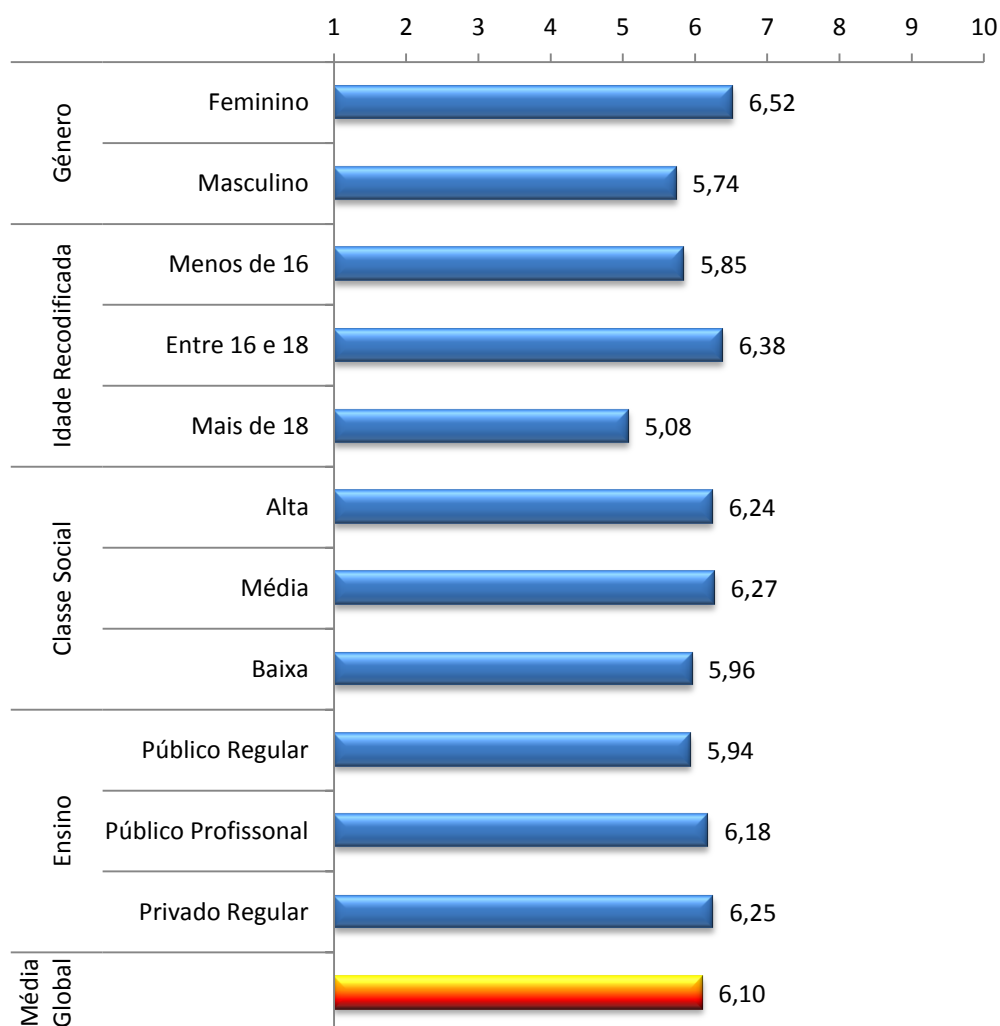
Para além de explorar de que forma os media eletrónicos passaram a fazer parte da vida quotidiana dos jovens, que espaço ocupam hoje em dia e de que forma são utilizados nas rotinas diárias e nos processos de interação social, é muito relevante para os objetivos deste projeto procurar compreender até que ponto esta utilização é influenciada por considerações sobre o consumo de energia. É sabido que os conteúdos escolares procuram explorar estas áreas e promover a integração do uso eficiente da energia nas práticas quotidianas, mas até que

ponto esse conhecimento transmitido na escola (e em alguns casos também em casa) é depois integrado nas rotinas diárias dos jovens, nomeadamente nas práticas que requerem a utilização de media eletrónicos? Este é o tema central desta secção. Com efeito, o conhecimento e a competência para gerir o consumo de energia dos diversos equipamentos utilizados pelos adolescentes é fundamental para compreender as perceções e o consumo real de energia associados aos media eletrónicos.

A gestão das baterias, tendencialmente mais marcada no telemóvel do que noutros media eletrónicos, mas também muito presente em relação ao computador portátil, por exemplo, é um aspeto muito relevante que pode determinar a possibilidade de os utilizar, quando necessário. Para além dos impactos nas rotinas do quotidiano e na sociabilidade dos jovens, a forma como as baterias são geridas tem impacto no consumo de energia. Neste contexto, uma das questões colocadas aos jovens foi o número de vezes que carregam a bateria do telemóvel. Em média, a bateria do telemóvel é carregada 6 vezes ($DP=3,28$) por semana. De acordo com os dados, são as raparigas que mais vezes carregam o telemóvel ($M=6,51$; $DP=3,45$) entre os rapazes esse valor é ligeiramente inferior ($M=5,74$; $DP=3,08$), no entanto essa diferença é estatisticamente significativa ($t(718)=3,204$; $p=,001$). Tal não será de estranhar, uma vez que, como analisado anteriormente, as raparigas tendem a usar mais o telemóvel do que os rapazes. Além do género, também a idade tem impacto no número de vezes que os inquiridos carregam as baterias dos seus telemóveis por semana ($F(2,718)=4,749$; $p=,009$). Os jovens entre os 16 e os 18 anos são os que carregam mais vezes os seus telemóveis ($M=6,38$; $DP=3,51$), seguido dos jovens com menos de 16 anos ($M=5,85$; $DP=2,99$). São os alunos mais velhos (mais de 18 anos) que menos vezes carregam o telemóvel por semana ($M=5,08$; $DP=3,51$). De facto, os testes à posteriori indicam que existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos entre os 16 e os 18 anos e os alunos com mais de 18 anos. A classe social e a escola não têm impacto no número de vezes que os alunos carregam os seus telemóveis por semana.

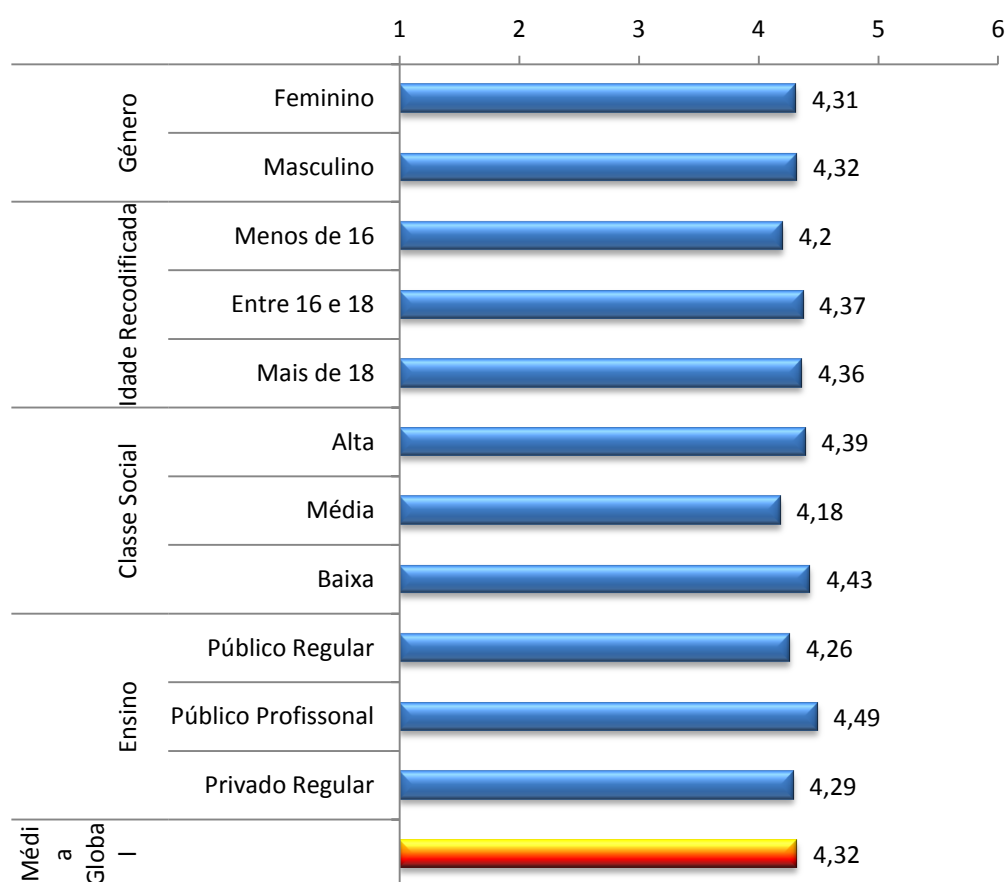
Ao passarmos do carregamento em si, para questões sobre a gestão que fazem para manter o seu acesso aos media eletrónicos ao longo de cada dia, os inquiridos admitem ser frequente gerir as funções do telemóvel para que a bateria dure mais tempo ($M=4,23$; $DP=1,59$). No entanto, os mesmos também admitem ser frequente deixar o carregador ligado à corrente elétrica mesmo quando não está a ser utilizado ($M=3,64$; $DP=1,88$) e pouco frequente ter o computador em standby quando não está a ser utilizado ($M=3,24$; $DP=1,44$). Os inquiridos indicam ainda ser frequente não poderem utilizar o telemóvel por ter ficado sem bateria ($M=3,57$; $DP=1,74$).

Gráfico A15. Média do número de vezes que carrega a bateria do telemóvel por semana



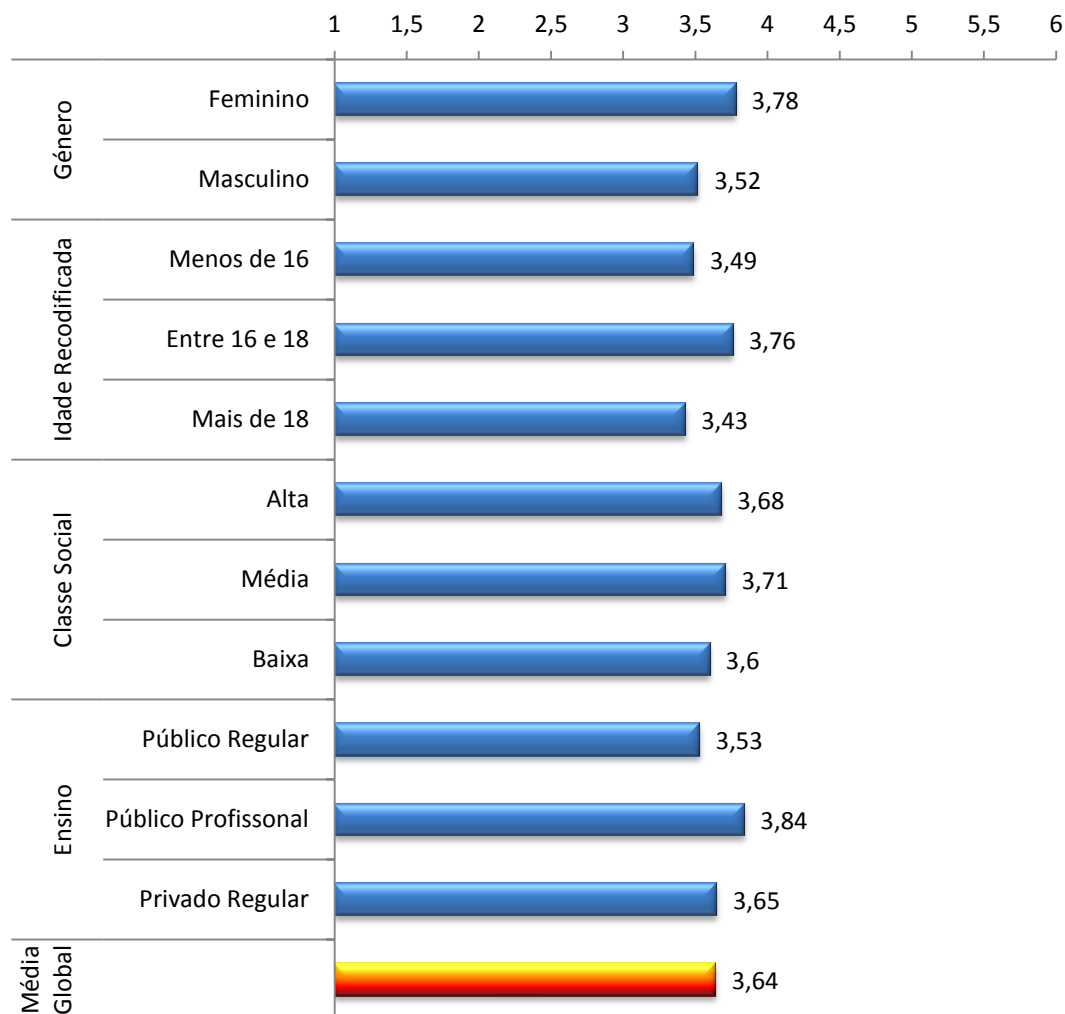
Num olhar mais detalhado verificamos que no que respeita à gestão das funções do telemóvel este é um comportamento partilhado por todos os adolescentes não se verificando diferenças estatisticamente significativas ao nível do género ($t(739)=-0,032$; $p=,975$), da idade ($F(2,739)=0,918$; $p=,400$), da classe social ($F(2,687)=1,708$; $p=,182$) ou da escola onde os alunos estudam ($F(2,742)=1,232$; $p=,292$).

Gráfico A16. Média da frequência com que gere as funções do telemóvel para que a bateria dure mais tempo



O mesmo se verifica em relação à frequência com que deixam o carregador ligado à tomada quando não estão a utilizá-lo. Independentemente do género ($t(739)=1,833$; $p=,067$), da idade ($F(2,739)=2,067$; $p=,127$), da classe social ($F(2,686)=0,208$; $p=,812$) ou da escola ($F(2,742)=1,422$; $p=,242$) todos os alunos indicam que é frequente deixarem o carregador ligado à tomada quando não o estão a utilizar.

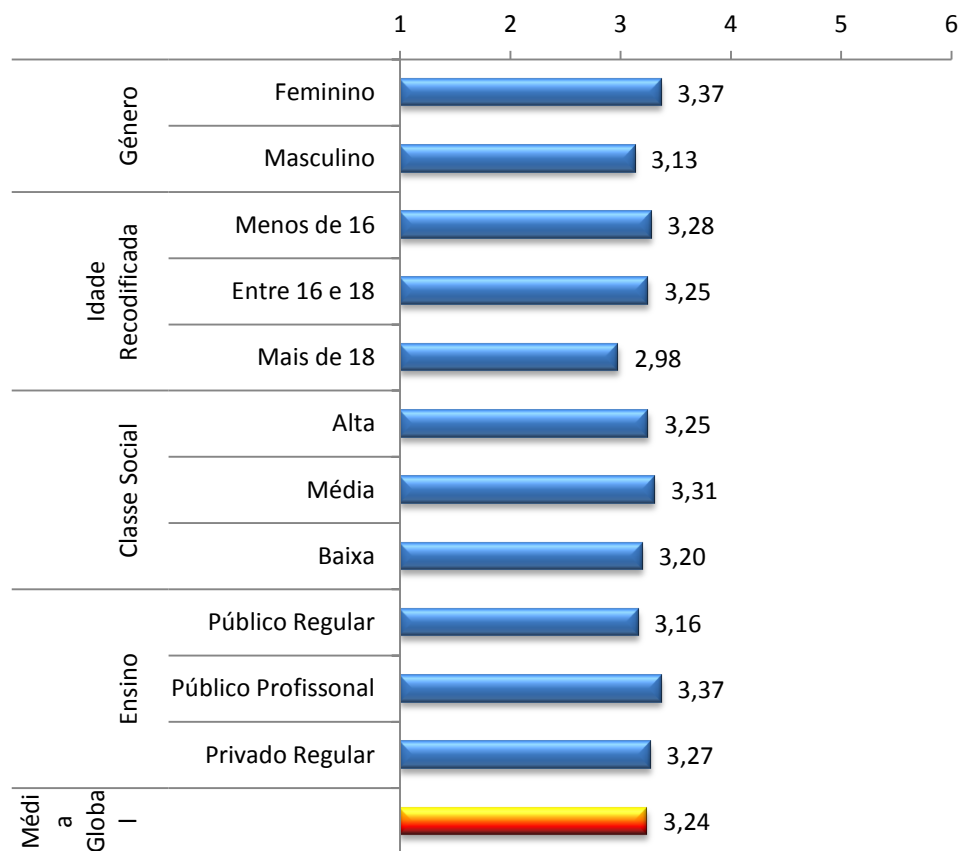
Gráfico A17. Média da frequência com deixa o carregador de telemóvel ligado à tomada elétrica quando não está a ser usado



No que respeita à eficácia da gestão da bateria do telemóvel de modo a evitar ficar impedido de o utilizar por falta de bateria, verificamos que apenas o género tem impacto nesta variável ($t(737)=2,301$; $p=,022$). De acordo com os dados, esta situação é mais frequentemente entre as raparigas ($M=3,37$; $DP=1,436$) do que entre os rapazes ($M=3,13$; $DP=1,423$).

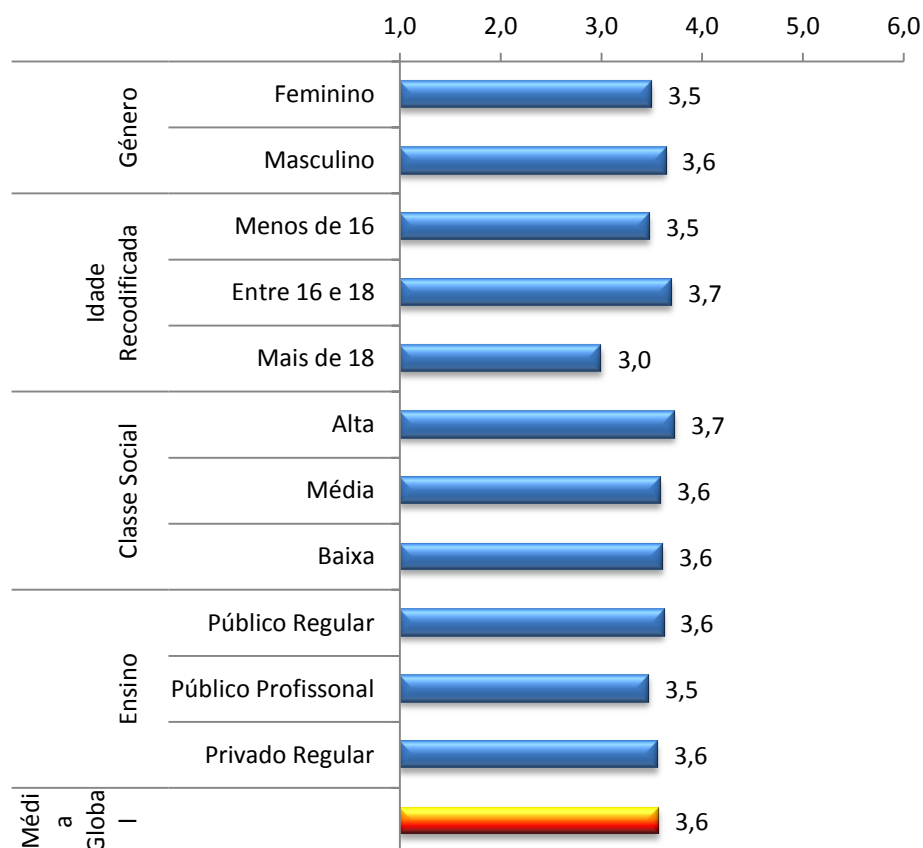
Não se observam diferenças estatisticamente significativas em relação às categorias das restantes variáveis sociodemográficas em análise, nomeadamente a idade ($F(2,737)=0,975$; $p=,378$), a classe social ($F(2,685)=0,363$; $p=,696$) ou a escola que os alunos frequentam ($F(2,740)=1,285$; $p=,277$).

Gráfico A18. Média da frequência com que fica impossibilitado de utilizar o telemóvel por ter ficado sem bateria



Quanto ao computador, é pouco frequente que fique em standby quando não está a ser utilizado ($M=3,24$; $DP=1,44$). Em termos de variáveis de caracterização, a idade é a única variável que tem impacto nesta questão ($F(2,736)=4,383$; $p=,013$). A análise descritiva dos dados permite verificar que são os mais velhos (mais de 18 anos) que deixam com menos frequência o computador ligado em standby quando não estão a utilizá-lo ($M=3,00$; $DP=1,754$). Por outro lado, é entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos que esse comportamento mais se repete ($M=3,70$; $DP=1,726$). A diferença entre estes dois grupos é estatisticamente significativa. Os alunos mais novos (até aos 16 anos) ocupam uma posição intermédia ($M=3,48$; $DP=1,743$), não se verificando diferenças estatisticamente significativas entre este grupo e os restantes grupos etários. O género ($t(736)=-1,099$; $p=,272$), a classe social ($F(2,682)=0,442$; $p=,643$) e a escola ($F(2,738)=0,409$; $p=,664$) não tem impacto neste comportamento.

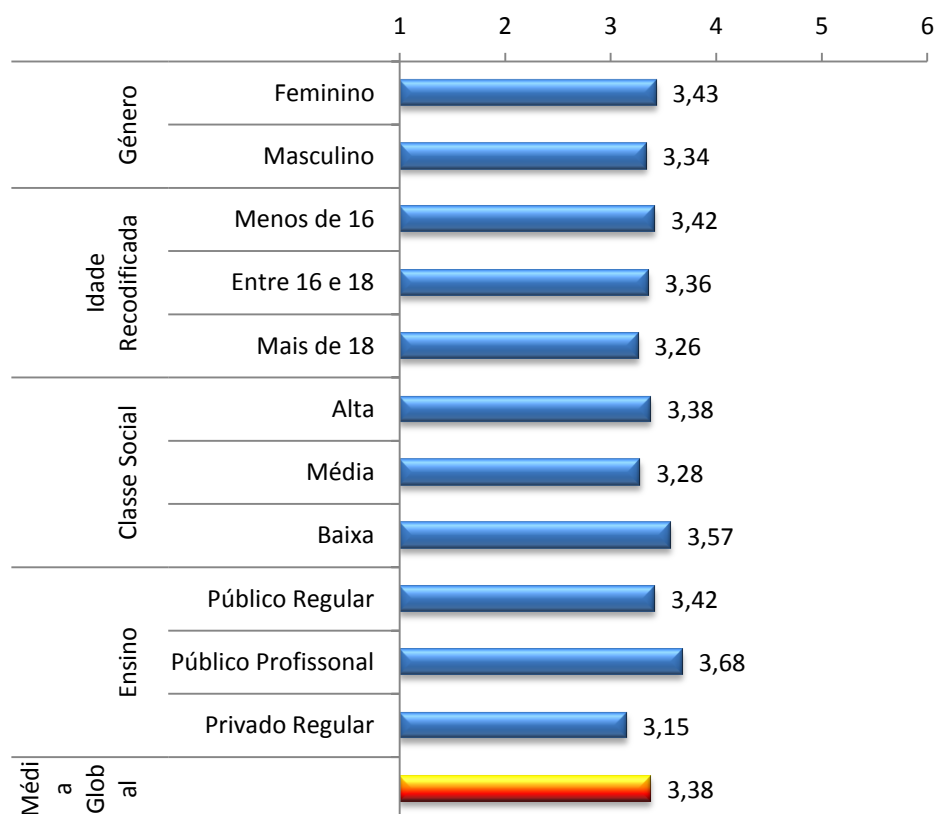
Gráfico A19. Média da frequência que tem o computador em standby quando não está a ser utilizado



Foi também perguntado aos alunos se em casa costumam ser alertados para desligar a televisão ou o computador quando não estão a ser utilizados. Numa escala de 1 a 6, em que 1 corresponde a nunca e 6 a sempre, os alunos indicam ser pouco frequente serem chamados à atenção para desligar o computador/televisão quando não estão a usá-los ($M=3,38$; $DP=1,78$).

O género não tem impacto nesta variável ($t(741)=0,690$; $p=,491$). O mesmo se verifica em relação à idade ($F(2,741)=0,209$; $p=,812$) e à classe social ($F(2,688)=,p=,193$). A escola é a única variável que gera diferenças na frequência com que os jovens são chamados a atenção por não desligarem o equipamento quando já não o estão a utilizar ($F(2,744)=4,494$; $p=,011$). Uma análise mais detalhada permite verificar que as diferenças são geradas entre os alunos que frequentam o ensino privado ($M=3,15$; $DP=1,66$) e o ensino profissional ($M=3,68$; $DP=1,94$). São estes últimos que indicam serem chamados à atenção com maior frequência. Entre os alunos do ensino público ($M=3,42$; $DP=1,78$) regular e os restantes grupos não se verificam diferenças estatisticamente significativas.

Gráfico A20 – Média da Frequência com que são chamados a atenção por não desligarem o computador ou a televisão se não estou a usá-lo

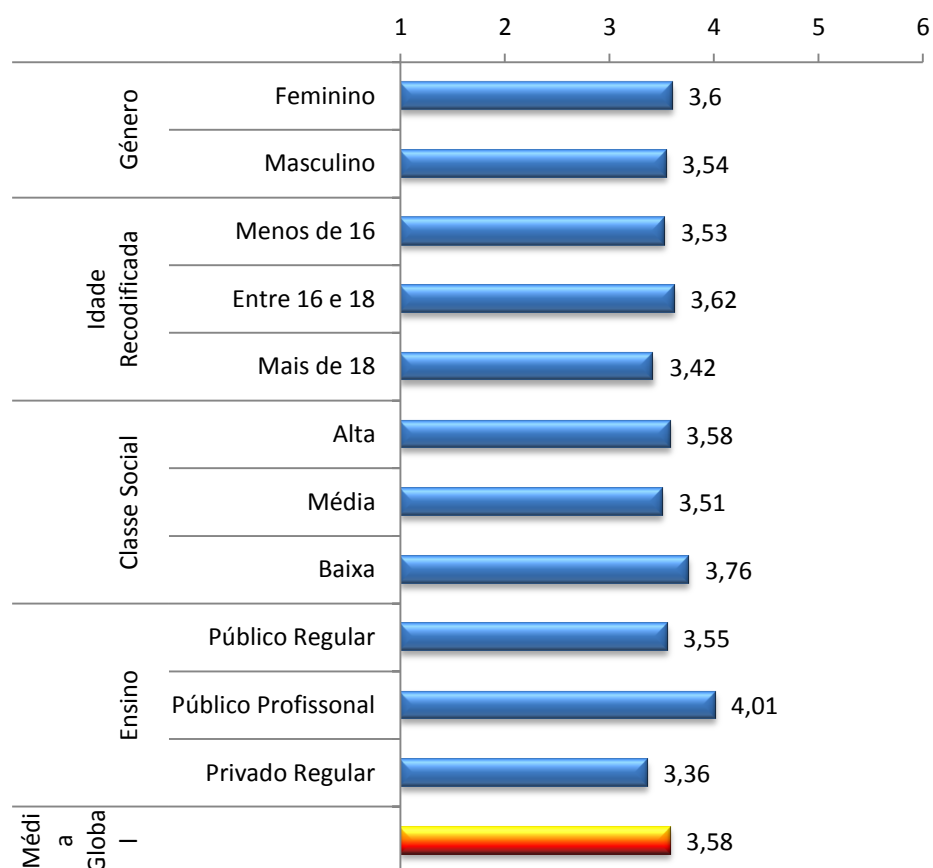


Que comportamentos os jovens já adotam no sentido de minimizar o consumo de energia dos equipamentos que utilizam? As respostas às perguntas que se seguem indicam que tal é pouco frequente entre os alunos. Em média os alunos referem ser pouco frequente dar atenção ao consumo de energia quando escolhem um novo equipamentos ($M=3,58$; $DP=1,73$). Em relação a procurar informação sobre como usar as baterias com mais eficiência ($M=2,16$; $DP=1,41$) ou modificar as opções do computador para reduzir o consumo ($M=3,11$; $DP=1,81$), tal acontece apenas raramente.

A análise pelas diferentes variáveis sociodemográficas permite verificar que a escola é a única variável que tem impacto na frequência com que os alunos dão atenção ao consumo de energia quando adquirem um novo equipamento ($F(2,740)=7,058$; $p=,001$). Os testes post-hoc permitem verificar que entre os alunos do ensino profissional há uma maior preocupação com o consumo de energia quando compram um novo equipamento ($M=4,01$; $DP=1,833$) comparativamente aos alunos do ensino regular publico ($M=3,55$; $DP=1,715$) ou ensino privado ($M=3,36$; $DP=1,633$). As restantes variáveis o género ($t(7333,949)=0,485$; $p=,628$), a idade

($F(2,737)=0,429$; $p=,651$) e a classe social ($F(2,685)=1,1389$; $p=,250$) não têm impacto na atenção dada ao consumo de energia durante a compra de um novo equipamento.

Gráfico A3 – Média da frequência que dá atenção ao consumo de energia quando escolhe um equipamento eletrónico novo

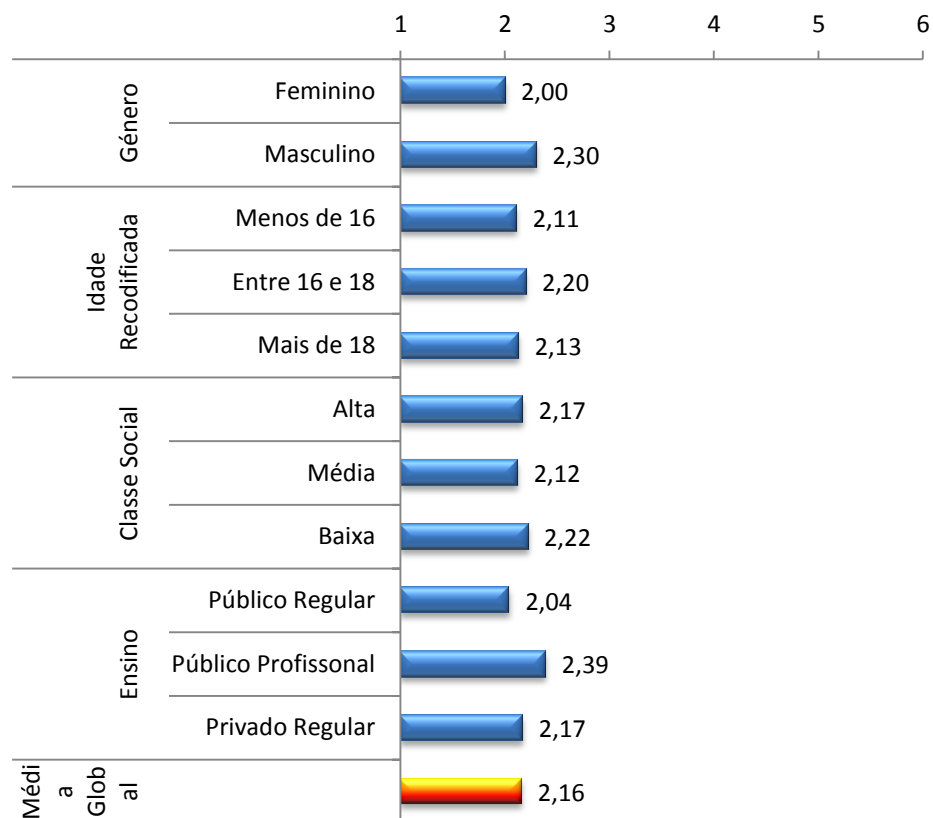


Quanto à procura ativa de informação sobre como usar as baterias com mais eficiência, registam-se algumas diferenças entre raparigas e rapazes ($t(725,004)=-2,873$; $p=,004$) e em relação ao tipo de ensino no qual os alunos estão inseridos ($F(2,732)=3,293$; $p=,038$).

Os rapazes ($M=2,30$; $DP=1,53$) indicam procurar informação sobre como usar as baterias com maior frequência do que as raparigas ($M=2,00$; $DP=1,219$). Essa diferença é estatisticamente significativa. Relativamente ao tipo de ensino, verifica-se que os alunos do ensino profissional são os que com maior frequência procuram informação sobre como melhor gerir as baterias ($M=2,39$; $DP=1,607$). Os alunos do ensino público regular são os que menos se preocupam com esta questão ($M=2,04$; $DP=1,370$) registando assim diferenças estatisticamente significativas entre estes dois grupos. Os alunos do ensino privado ocupam um lugar intermédio ($M=2,17$; $DP=1,310$), não se observando diferenças estatisticamente significativas entre estes alunos e os

alunos de outras escolas. A classe social ($F(2,676)=0,293;p=,746$) e a idade ($F(2,729)=0,346;p=,708$) não influenciam a frequência com que os alunos procuram informação para melhor gerir as baterias.

Gráfico A4. Média da frequência que procura informação sobre como usar as baterias com mais eficiência



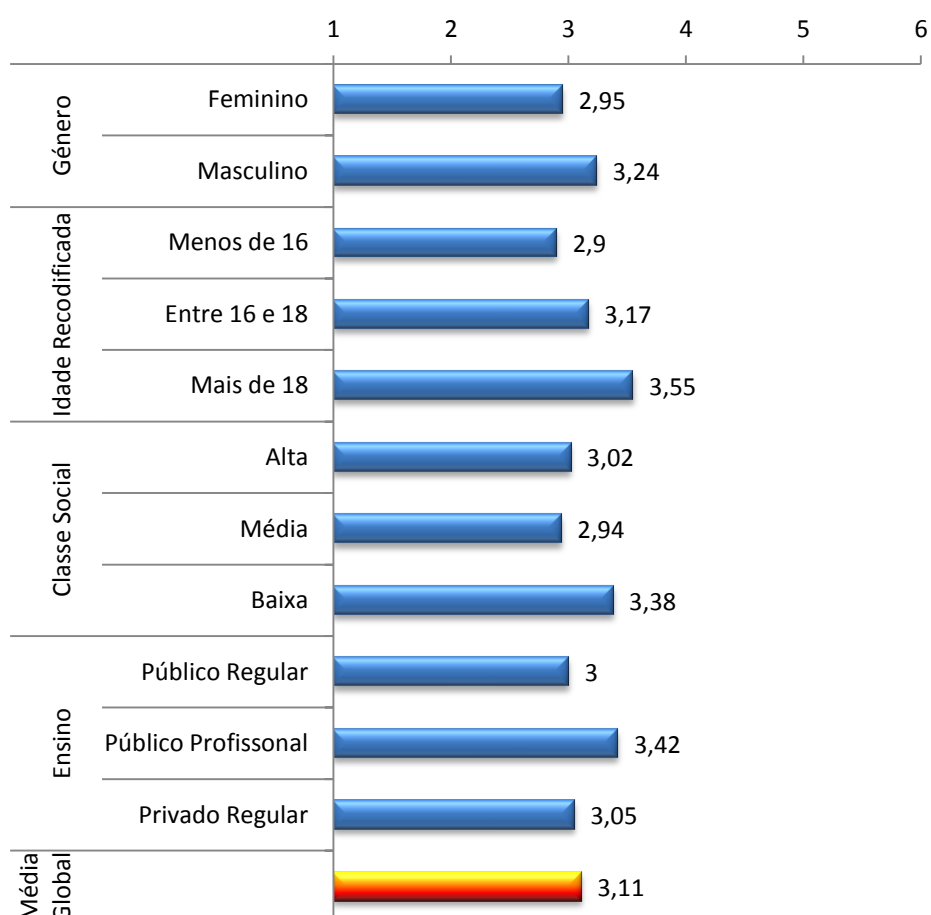
Modificar as opções de energia do computador para que consuma menos energia é um dos comportamentos mais heterógenos entre os alunos, registando diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis sociodemográficas consideradas nesta análise – género ($t(741)=-2,179$; $p=,030$), idade ($F(2,741)=3,470;p=,032$), classe social ($F(2,687)=4,154;p=,016$) e escola ($F(2,743)=3,080;p=,047$). A análise descritiva indica que são os rapazes que mais frequentemente modificam as opções do computador de forma a reduzir o consumo de energia ($M=3,24$; $DP=1,83$) – raparigas ($M=2,95$; $DP=1,78$).

Quando considerada a idade, verifica-se que quanto mais velhos os inquiridos maior a frequência com que os alunos modificam as opções de energia do computador para que consuma menos. Assim, é entre os alunos com 16 ou menos anos que esta prática é menos frequente ($M=2,90$; $DP=1,812$), em contraste com os alunos mais velhos – maiores de 18 anos

($M=3,55$; $DP=1,927$). Os alunos com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos ocupam um lugar intermédio ($M=3,17$; $DP=1,789$).

No que respeita à classe social, verifica-se que é entre os alunos oriundos das classes mais baixas que a prática de modificar as opções do computador para poupar energia é mais frequente ($M=3,38$; $DP=1,796$). É entre os alunos da classe média que se verifica menor preocupação com a gestão das opções do computador para poupar energia ($M=2,94$; $DP=1,712$), observando-se assim diferenças estatisticamente significativas entre estes dois grupos. Os alunos da classe alta ocupam um lugar intermédio nesta questão ($M=3,02$; $DP=1,845$), não se verificando diferenças estatisticamente significativas entre os alunos da classe alta e os alunos das outras duas classes.

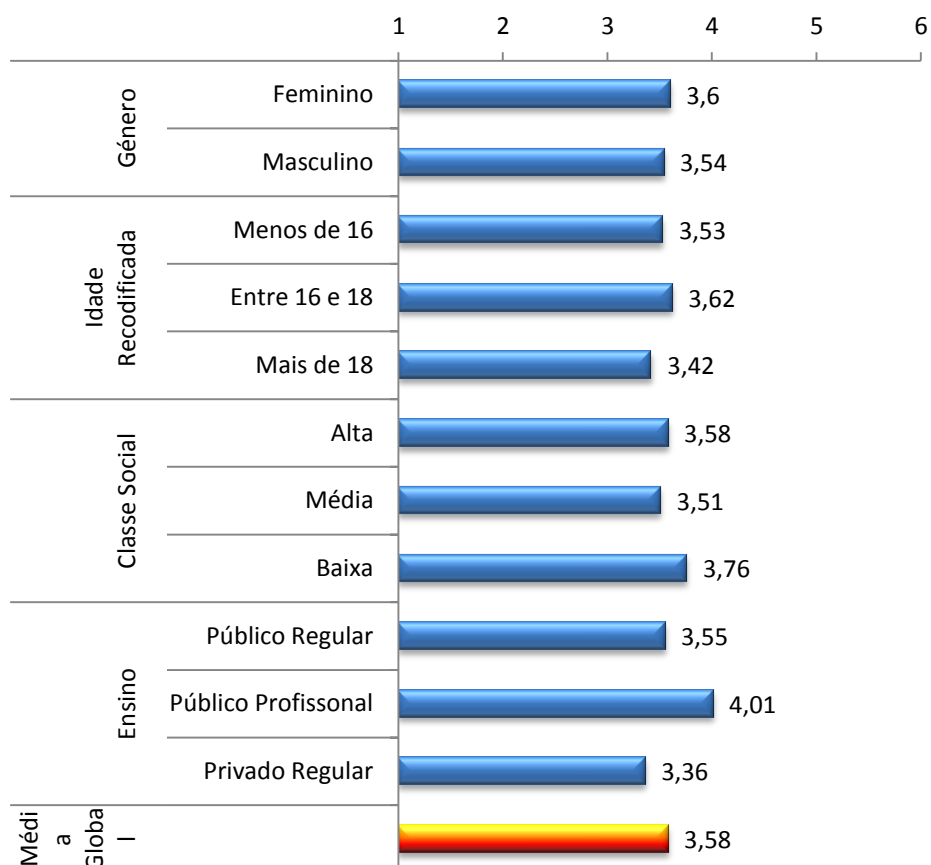
Gráfico A5. Média da frequência com modifica as opções de energia do computador para que consuma menos



No que concerne ao tipo de ensino que os alunos frequentam verifica-se que a grande diferença encontra-se entre os alunos do ensino público regular ($M=3,00$; $DP=1,784$) e do

ensino público profissional (M3,42 DP=1,925). Neste caso são os últimos (ensino publico profissional) que indicam modificar as opções do computador para reduzir o consumo de energia com maior frequência. Entre estes dois grupos, ocupando desta forma uma posição intermédia, encontram-se os alunos do ensino privado (M=3,05; DP=1,761).

Gráfico A24. Média da frequência com que dá atenção ao consumo de energia quando escolhe um equipamento eletrónico novo



Quanto a dar atenção ao consumo de energia quando escolhem um novo equipamento, verifica-se que tal é pouco frequente (M=3,58; DP=1,73), sendo que a escola é a única variável que tem impacto na frequência com que os alunos dão atenção ao consumo de energia quando adquirem um novo equipamento ($F(2,740)=7,058; p=,001$). Os testes post-hoc permitem verificar que entre os alunos do ensino profissional há uma maior preocupação com o consumo de energia quando compram um novo equipamento (M=4,01; DP=1,833) comparativamente aos alunos do ensino regular público (M=3,55; DP=1,715) ou ensino privado (M=3,36; DP=1,633). O género ($t(7333,949)=0,485; p=,628$), a idade ($F(2,737)=0,429; p=,651$) e a classe social

($F(2,685)=1,1389;p=,250$) não têm impacto na atenção dada ao consumo de energia durante a compra de um novo equipamento.

Anexo III. Retratos sociológicos

No âmbito do projeto Electroteen foram realizadas 22 entrevistas individuais, cujo conteúdo foi já previamente integrado na análise realizada. Contudo, perante a riqueza dos discursos recolhidos e a clara existência de padrões diferenciados ao nível das práticas de utilização dos media eletrónicos, considerou-se relevante partilhar alguns testemunhos. Assim, nas próximas páginas serão apresentados resumos dos testemunhos de alguns dos entrevistados que representam, de forma mais ou menos aproximada, diferentes padrões de utilização dos media eletrónicos pelos jovens.

Este olhar em pormenor para alguns testemunhos tipo procura sublinhar as diferentes configurações que estas práticas podem assumir, expondo as conjugações de fatores que contribuem para a sua constituição, continuidade e mudança, numa área em constante (aparente) alteração, em grande parte, devido à rápida obsolescência dos equipamentos e à etapa de desenvolvimento em que os jovens se encontram.

Neste contexto, as práticas de utilização dos media eletrónicos e o seu enquadramento serão abordados nos testemunhos através da descrição do seu primeiro contacto com as tecnologias, dos usos mais comuns, do tipo de equipamentos e da sua presença no quotidiano dos jovens, da visão dos jovens sobre o papel que os media eletrónicos representam na sua vida e na dos outros (em comparação com a geração dos pais e a geração mais nova), das regras que existem, ou não, impostas por outros ou definidas pelos próprios, para a sua utilização, bem como a forma como encaram o consumo energético e o impacto ambiental mais alargado associado à produção e uso de media eletrónicos.

Nas 22 entrevistas é possível identificar diferentes padrões de utilização, mas ficando sempre claro que os media eletrónicos assumem, de facto, uma enorme relevância no quotidiano dos jovens. Se para uns o telemóvel é o mais importante, para outros pode ser o computador ou a televisão. De qualquer modo, a sua presença é constante e o reconhecimento da sua importância para a vida quotidiana dos jovens é um elemento transversal nas entrevistas. Ainda assim, se para alguns a utilização se tem mantido constante, para outros houve alterações, decorrentes ou da pressão familiar, ou mesmo da própria reflexão sobre o espaço que o uso destes equipamentos deveria ocupar na necessária divisão dos tempos alocados a cada tarefa do dia-a-dia. Há outros ainda que associam um menor uso de alguns destes equipamentos ao facto de os que possuem não serem atuais e não permitirem aceder a funcionalidades que são hoje comuns entre os jovens. Também ao nível do controlo familiar existem padrões muito diversificados, que se estendem entre uma quase completa liberdade (com exceção de um ou outro reparo) até à restrição do acesso à internet em diferentes divisões da casa.

O cuidado com o consumo energético decorre, no essencial, da procura de garantir a conectividade, ou seja, nas entrevistas não é possível identificar práticas correntes e sistemáticas de poupança ou economia de energia por razões ambientais ou até mesmo financeiras (não obstante ser referido por alguns jovens que notaram alguns reflexos da crise nas dinâmicas de consumo da família). A gestão que é feita das diferentes opções dos equipamentos eletrónicos, ou o cuidado com o carregamento das baterias, surgem, no essencial, como estratégias para estender ao máximo o tempo de utilização dos equipamentos e evitar ficarem “incontactáveis” para a sua família e amigos.

Mas nada mais elucidativo do que deixar que os jovens expressem a sua opinião e a sua vivência através das suas palavras para compreendermos a riqueza inerente às práticas de utilização dos media eletrónicos por parte dos jovens.

1º retrato

Rapariga, com 16 anos, estuda animação sociocultural numa escola pública. A mãe tem um café e o pai é montador fotográfico (por conta de outrem).

Em casa têm televisões em todos os quartos e na sala, pelo que ela também tem uma televisão no seu quarto, já há muito tempo. No seu quarto tem ainda uma Playstation, mas que usa muito pouco, e um computador, porque a mãe acha importante para a escola.

Refere que no acesso aos media eletrónicos sempre teve limites: “foi uma coisa que desde sempre na nossa família [se] ensinou mas com limites, só a partir dos 10-11 anos começaram «Vá, agora toma lá o teu telefone». Porque eu por exemplo tenho telefone desde os sete anos, para aí. Porquê? Porque a minha mãe desde sempre trabalhou muito e então ela precisava de ter um meio para comunicar comigo, nem foi «Mãe, dá-me um telefone», não, foi mesmo preocupação. Então ela arranjou-me telefone desde sempre para eu poder falar com ela”. No início era a mãe que lhe lembrava que tinha que carregar o telemóvel, para poder comunicar com ela.

Tem tido, praticamente, um telemóvel por ano porque acaba por os estragar devido a muito uso (caem; vão-se deteriorando fisicamente), ou perda. No entanto, não é a própria que pede, mas a mãe que se prontifica a dar-lhe outro: “eu não costumo pedir, ela própria vê, pronto, sabe como é que eu sou.” A mãe nunca lhe impôs regras de utilização do telemóvel, mas ela impõe-se algumas regras a si mesma (por exemplo à mesa).

Nunca foi advertida quanto ao consumo de energia, ainda que use várias tecnologias ao mesmo tempo – telemóvel, televisão, computador. Adormece com a televisão ligada: “Eu meto temporizador, meto no mínimo porque eu preciso de pôr para dormir, mas meto no mínimo para sentir ali uma presença”. Em geral, em casa não há uma grande preocupação com a poupança de energia (há mais com a água), pois a televisão da sala tende a estar quase sempre ligada quando estão em casa e muitas vezes a do quarto dela também. Costumam deixar os equipamentos em standby.

Considera que a próxima geração ainda vai ser mais dependente destes equipamentos do que a dela: “Eu hoje vejo crianças super pequenas – em vez de andarem como eu andava, por exemplo, nos restaurantes com uma barbiezinha a brincar – com tablets na mão. E então a minha prima com 9 anos agora tem 10, não, foi com 9, foi com 8, ela via o meu telefone «Deixa-me jogar no teu telemóvel, deixa-me brincar, como é que se mexe?». E então eu ensinava-a (...)”

Em termos de riscos para a saúde associados à utilização dos media eletrónicos, considera que quem passa o dia todo ao computador pode desenvolver problemas de visão ou que quem ouve música alta pode vir a ter problemas de audição. Refere ainda problemas na coluna. Em relação às radiações, reconhece que há um risco, mas opta por ignorá-lo: “eu não penso nisso! Eu sei que existe mas eu não penso nisso. Tanto que há uns tempos eu vi uma reportagem [a dizer] que fazia mal ter o telefone por exemplo debaixo da almofada, por causa das radiações. E eu durmo com o telefone debaixo da almofada! Mas é que já é tão estranho não o ter que não consigo, não consigo. Uma pessoa acaba por também não pensar nisso, nas doenças que podem acontecer, na saúde.”

Em termos de conselhos de poupança de energia, consegue identificar o que deve ser feito, mas reconhece que ela própria não o faz: “quando não estão a utilizar por exemplo um computador ou uma televisão, (...) podem desligar alguma coisa para poupar energia por exemplo (...). Estar a ver um programa, eu faço mas estar a ver um programa não precisa de estar com o computador ligado, porque eu faço [isto] mas tenho noção.. às vezes dou por mim a fazer isso mas eu «vá, vou apagar a televisão!» estou a sentir que isto estão aqui a ficar muitas tecnologias. Eu penso mesmo assim, eu estou a falar disso porque sei, só que depois acabo por fazer o mesmo.”

Não parece valorizar a questão das marcas (iPhone, Apple) ou ter o último modelo, por achar que se gasta muito dinheiro em algo que se pode estragar e cujas funcionalidades podem ser garantidas por equipamentos mais baratos e antigos. Tem preferência pela Nokia ou pela LG, mas a funcionalidade é o principal. “(...) o meu telefone já não está assim tão bom mas vou aproveitando e ainda vou usar (...). Enquanto der não preciso de estar a comprar uns acima ou

os que estão mais na moda.” Refere que o seu grupo de amigos também segue a mesma linha e considera que quem vai atrás das marcas é fútil: “eu acho que há aquelas pessoas que são um bocado fúteis. E eu sou um bocado, em relação a isso sou um bocado... não é contra, é não gosto muito de andar com pessoas fúteis, porque eu não sou fútil. Então não, somos super normais, pode ser giro mas a gente diz «ah, tão giro» mas não é aquele tipo de pessoal «Ah, vou comprar igual, ou vou comprar melhor». Não, não é nada assim.”

Critica os colegas que usam muito os media eletrónicos e considera que reduziu o seu uso recentemente por sua vontade: “porque eu vejo amigas minhas que às vezes estou a falar com elas e... eu estou a falar e elas ao telefone e eu a querer falar! Faz confusão. Se calhar eu às vezes também faço isso mas faz confusão. Mas sim, acho que... mais ou menos igual. (...) mas às vezes vejo amigos meus a usar excessivamente, mesmo. Passo por eles e em cada intervalo se for preciso estão ao telefone. Assim, uma coisa incrível.”

Usa essencialmente o telemóvel para as mensagens, para jogar, para ouvir música e tirar fotografias (queixa-se que por vezes o telemóvel fica cheio) e valoriza o facto de que tem acesso à internet, o que “ajuda a passar o tempo”. Vê o telemóvel logo de manhã (é o despertador) e ouve música durante o trajeto para a escola. Fala com a mãe várias vezes ao longo do dia. Tem pessoas com quem comunica mais – mãe, pai e namorado. Quando está com alguma destas pessoas tende a usar menos o telemóvel. Tem receio de perder o telemóvel, não pelo equipamento, mas porque perde os contactos e as imagens: “agora vou ter de começar tudo de novo”.

Faz a gestão da bateria (tem uma aplicação de poupança) e leva o carregador quando se esquece de pôr a carregar no dia anterior, mas não é muito ativa a esse respeito. Nunca se esquece do telemóvel porque ele está sempre por perto e por vezes questiona a sua própria dependência: “Eu às vezes dou-me conta de estar a pegar no telefone, carregar no botão para desbloquear e olhar só para ele. É muito estranho. Eu às vezes dou-me conta disso e fico... «parece que estás a ficar maluca».” Contudo, por vezes satura-se e coloca o telemóvel de lado: “é um bocado «eu não paro de mexer nisto, eu estou...» parece que uma pessoa fica a pensar «o que é que se estar a passar [que] eu não largo isto. Mas que estranho.» E acabo por desligar um bocado do mundo e pensar, vou largar um bocado esta tecnologia, vou um bocado para o mundo.”

Utiliza o computador mais para os trabalhos da escola e para o Facebook, mas é raro.

Considera que os media eletrónicos são importantes por causa da comunicação e do acesso a muitas coisas e numa situação extrema em que tivesse que optar, ficaria com o telemóvel e o

computador (que até não usa muito), porque este permite ver televisão e ainda aceder a outras funcionalidades. Considera que uma vida sem as tecnologias é uma vida sem conhecimento: “acho que não ia ter tanto conhecimento como tenho. Porquê? Porque se for preciso eu agora estou a passar na rua, vejo uma coisa que não sei o que é e chego a casa por exemplo e escrevo o nome da coisa que vi e a partir daí eu sei tudo sobre o que eu vi. E se por exemplo não tivesse, lá está, essa tecnologia, eu ia ou ter de perguntar a alguém que soubesse e se ninguém soubesse eu ia ficar a pensar na coisa ou ia ficar sem saber o que é que era. (...) E acho que também é importante para saber o que se passa por exemplo, na televisão, nos jornais, sabemos tudo, ou seja, acho importante por causa do conhecimento, da informação, da maneira como podemos socializar e comunicar com as pessoas.”

2º retrato

Rapaz, tem 19 anos e frequenta um curso de instalações elétricas numa escola pública profissional. Vive com o pai (que tem 50 anos e trabalha na construção civil por conta própria, tem a 4ª classe) e com o irmão de 17 anos. A mãe faleceu quando tinha 9 ou 10 anos. Têm quatro televisões e dois computadores (um portátil e um fixo) em casa, sendo que partilha os computadores com o irmão.

Já foi um jogador online quase profissional (participou em encontros nacionais sobre o tema – convenções, “Lands” onde se juntam para jogar e até ganhou uns prémios), mas entretanto deixou de jogar tanto. Começou a jogar quando era pequeno na Playstation (com 7/8 anos), mas depois passou para o computador e deixou a Playstation, que entretanto vendeu. Refere que as pessoas mais viciadas em jogos jogam com outros online para melhorarem, mas também é uma forma de conhecerem outras pessoas (ele começou por jogar com um grupo de pessoas e agora conhece-as pessoalmente). Foi através dos amigos que foi conhecendo o mundo dos jogos e foi participando em diferentes níveis (primeiro jogava só em casa ou em casa de amigos na Playstation, depois passou para o computador, descobriu os clãs e depois foi para o multigame e depois as lands (com 17/18 anos). Quando jogava a sério conseguia passar o fim de semana a jogar e só parava para comer e dormir. O pai e o irmão criticavam-no por ele passar o tempo todo a jogar, sem fazer mais nada. Considera que o computador é mais útil do que a Playstation porque permite ir à internet, fazer trabalhos, etc., é mais multifuncional.

Também já seguiu várias redes sociais, mas diz que atualmente já não o faz. Desinteressou-se, já estava saturado – encerrou a conta aos 17 anos. Atualmente gosta de ver televisão e não fazer mais nada, ou então ir jogar à bola com os amigos. Vê os media eletrónicos como uma forma

de aproximar pessoas, de as pôr em contacto e de aceder a informação (refere a questão de os trabalhos serem mais fáceis agora por causa da possibilidade de pesquisar informação). Atualmente consegue passar meio-dia entre o computador e a televisão, sem fazer mais nada, principalmente nas férias e nalguns fins de semana.

Considera que não precisa de um novo telemóvel porque só fala e manda mensagens. Já criticaram o seu telemóvel por não ter tantas funcionalidades como os dos colegas, mas considera que não precisa de internet no telemóvel porque tem-na no computador: "Sim, porque só uso para isso e eles usam para ir à internet e sei lá mais o quê. Desde o Instagram e isso e eu não, uso o telemóvel só para isso, fazer chamadas e receber mensagens e mais nada. Eles ouvem música pelo telemóvel também." Teve o primeiro telemóvel entre os 7 e os 9 anos. Já teve uns 5 ou 6, pois perdeu alguns e outros foram roubados. Tem algumas regras de utilização à mesa e nenhum membro da família atende o telemóvel ou faz chamadas durante esse período. Mas não gosta de imaginar o quotidiano sem telemóvel, sem poder comunicar rapidamente com os amigos.

Já ensinou amigos e o irmão a trabalhar com o computador. Considera que aprendeu quase tudo sozinho. Quando não sabia ia pesquisar na internet e em fóruns. Vai experimentando até descobrir o que é que cada botão ou opção fazem.

Não parece muito sensível aos consumos em standby, prefere garantir que as coisas são práticas. Por exemplo, tem o carregador do telemóvel sempre ligado na ficha tripla: "eu sei que está a gastar, mas quando chego a casa quero meter a ficha e não ir lá abaixo meter o coiso". Mas não é comum a televisão estar ligada se ninguém está a ver e compraram lâmpadas economizadoras como forma de poupar. Quando compram um eletrodoméstico têm em atenção o consumo de energia, mas o mesmo não acontece com os computadores. Aí o importante são as características técnicas, como o processador. Refere ter sentido algum impacto devido à crise, pois teve que comprar menos coisas e quando compraram as televisões tiveram em consideração o consumo de energia.

3º retrato

Rapariga, tem 17 anos e estuda numa escola pública. Vive com a mãe (professora de música) e os dois irmãos (o irmão tem 22 anos e a irmã 19). O pai (engenheiro de comunicações) está fora do país a trabalho. Tem várias atividades extracurriculares – estuda violino e toca numa orquestra, estuda teatro e pratica equitação. Esteve num colégio privado até ao 9º ano. Quer seguir a linha do Teatro (pondera ir estudar para fora).

O uso de media eletrónicos teve sempre regras, sendo que o pai só a deixou ter Facebook aos 13/14 anos. Só têm uma televisão porque a mãe acha que a hora da refeição é para estarem a conversar e que os quartos são para descansar e estudar e também que se cada um tivesse uma televisão não saiam de lá e a conta da eletricidade seria muito maior. Para além disso, assim têm que negociar entre eles o que querem ver.

Os irmãos têm computadores portáteis nos quartos e todos têm aparelhagens e telemóveis. Têm ainda um computador da casa que está no escritório que é usado por ela e pela mãe (mas principalmente pela mãe). O pai acha que ela ainda não precisa de um computador e só lho comprará quando ela precisar mesmo (ela concorda, pois é uma questão de necessidade que ela ainda não sente, já que no telemóvel consegue fazer a maioria das coisas). Também não considera os tablets interessantes, pois diz que consegue fazer tudo no telemóvel.

A mãe não é grande fã das tecnologias e sabe o mínimo de que necessita, não explora e prefere aprender outras coisas. Existem regras e a mãe chega a retirar-lhe o telemóvel à noite, quando acha que são horas de deitar, devolvendo-lho só no dia seguinte. Mas nem sempre as regras são seguidas, "é só quando a mãe se lembra". Também só podem ver televisão depois de terem estudado e de estar tudo arrumado (mas há exceções). Em termos de standby, têm que desligar sempre os computadores (não podem deixar a hibernar) e a televisão só pode estar ligada se alguém estiver a ver e não podem estar a fazer outra coisa ao mesmo tempo. Desligam a box "lá atrás" nos fios. Desligam tudo também porque a mãe não gosta de ouvir o zumbido dos aparelhos. Têm um contratoque inclui telefone fixo, televisão e internet, mas não têm internet em toda a casa, porque o pai não quis que tivessem internet nos quartos (tal como não têm televisão). Tende a esquecer-se do carregador do telemóvel ligado na tomada (embora a mãe lhe diga para tirar). Diz que é um pouco esquecida.

Recebeu o primeiro telemóvel quando foi para o 5º ano. "Porque ia para o 5º ano, ia começar a andar um bocadinho mais sozinha e começava a sair da escola sozinha de autocarro para casa, depois também tinha os horários do violino um bocadinho mais puxados, muitas vezes tinha de mandar mensagens aos meus pais do telefone da minha professora a dizer para me irem buscar àquelas horas, e com o telemóvel não." Inicialmente só usava para ouvir música, jogar e falar com os pais. Só começou a ter os contactos dos amigos quando os pais a deixaram começar a combinar coisas.

Teve computador desde sempre em casa e usava-o raramente para coisas da escola e um pouco mais tarde para jogar, quando a mãe não via (jogava com o irmão).

Considera que as diferentes gerações usam os media eletrónicos de formas muito diferentes. Dá o exemplo da mãe que tem um telemóvel que nem é topo de gama e está bem, ao passo que as gerações mais jovens querem ter o último modelo para aceder a todas as funcionalidades e integrá-las no seu dia-a-dia. É da opinião que esta diversidade de aplicações, por exemplo, leva a uma maior utilização dos media eletrónicos e a uma dificuldade de resistir à tentação, tornando as reações mecanizadas e sem necessidade de pensar ou raciocinar sobre elas: “Repare que tenho que estudar e tenho o telemóvel ao lado e estou a estudar e recebo uma mensagem, o impulso não é ignorar e continuar, é chegar, fazer, ver a mensagem, responder, pousar e continuar. Acho que já não há, sei lá, esse controlo e já não há... e já há aquele impulso de ir ver e depois deixo isso para mais tarde.”

Preocupa-a que a forma como os jovens acabam por se divertir com os media eletrónicos represente uma diminuição da qualidade do divertimento (menor comunicação e contacto): “Sim, era diferente. Era um nível diferente. Porque nós aqui, agora que estou a falar nisso, é que estou-me a aperceber bem do que está a acontecer. Nós estávamos sentados, estávamos em cada casa e nós: «Olha, vamos tomar um café» ou então «Vamos sair hoje» - não houve esse convite. Porque nós estávamos tão divertidos que cada vez acho que os nossos critérios são mais baixos, cada vez nos divertimos com mais que é menos.”

Preocupa-a também que os jovens percam a capacidade de ultrapassar as suas limitações (por exemplo as pessoas menos comunicativas ou extrovertidas), que acabam por não desenvolver capacidades que lhes seriam importantes para uma vida ativa produtiva (por exemplo ser capaz de falar em público ou saber estar numa entrevista de emprego): “E tenho colegas meus que não são assim tão extrovertidos e são um bocadinho mais tímidos e mais resguardados e que se nota que já tinham pouca capacidade social e agora com isto ainda têm muito menos. Porque ficam agarrados a isto, é como um porto seguro, «Aqui ninguém me chateia, aqui estamos nós na nossa e não temos que responder a ninguém sem nós querermos».”

Também refere que há amigos que dão uma grande importância à vida social que vivem através dos media eletrónicos, ao passo que ela considera que o resto é mais importante. Dá um exemplo da diferença que vê: “E depois o que eu reparo muito é que pessoas que, por exemplo são minhas amigas no Facebook, se eu as vir na rua se calhar não cumprimento porque não tenho assim essas confianças, está a perceber? E eu acho isso super irónico porque o Facebook é uma coisa em que nós expomos coisas sobre a nossa vida e depois chegar frente a frente e não cumprimentar é um bocado estranho.”

Têm a prática de desligar o telemóvel quando saem em grupo (pelo menos em alguns dias) para poderem desligar-se um pouco: “Nós muitas vezes à noite vamos para um bar que há em

Picoas, (...) nós nas sextas-feiras à noite nós obrigamos a desligar os telemóveis para nós podermos falar mais e também estar um bocado à parte do que está a acontecer lá fora; (...) nós estávamos todos a divertir-nos imenso, éramos um grupo gigante, e depois (...) na mesa ao lado estavam uns rapazes sentados, a mexer no telemóvel e não falavam.”

Está ciente de alguns riscos inerentes à utilização das redes sociais (o pai informou-a de alguns aspetos). Acha que as pessoas têm informação, mas nem sempre a usam. Refere que na escola (aulas de Tecnologias de Informação e Comunicação) já abordaram esse assunto. Critica a necessidade que as pessoas sentem de partilhar tudo na internet: “(...) às vezes é uma necessidade tão grande de mostrar que estivemos lá, que aconteceu, que saímos, que fizemos isto e aquilo... Há uma necessidade tão grande de mostrar que às vezes até nos esquecemos de viver e de... «Já estou cá, OK, vou mostrar umas fotografias e depois vamos embora». Isto é inconsciente das pessoas, quando as pessoas o fazem é inconsciente e acho que é... e acho que só caímos em nós mesmos quando alguém nos diz: «Olha, viste o que é que estás a fazer, estás aqui a tirar fotografias em vez de estares aqui a divertir-te».” Refere que a necessidade de filmar e fotografar pode ser usada para coisas boas e para coisas más (por exemplo para o cyberbullying). Refere ainda que as pessoas cada vez pensam menos no que fazem antes de o fazer: “Cada vez mais a sociedade só pensa no que faz a seguir. Não vê as consequências, não vê os meios para chegar aos fins. E cada vez isso acontece mais, cada vez nós só nos apercebemos que fizemos asneira quando a porcaria já está feita.” Considera que ela própria tem de pensar melhor, pois já lhe aconteceu colocar nas redes sociais coisas que pensava que eram inócuas e depois ter alguém a dizer-lhe que não (tendo acabado por as retirar).

Já teve 7 telemóveis, alguns deles caros. O que tem agora tem dois anos. Considera que os telemóveis são cada vez menos resistentes ao uso, embora sejam mais caros. Acha que as empresas fazem isto para que haja mais negócio.

Em relação à crise acha que há muitas pessoas que não conseguem distinguir entre necessidades básicas e necessidades secundárias: “há miúdos da minha idade que passam certas necessidades de não conseguirem ter... de terem de tomar o pequeno almoço na escola, que a escola tem um programa, o SAS, que é dar desconto nas refeições da escola, nos livros, e depois afinal de contas têm um telemóvel melhor do que o meu, que sou uma pessoa que graças a Deus não tenho falta disso, não tenho falta de alimentação nem tenho nenhum programa especial para diminuir as contas de casa - e têm um telemóvel melhor do que o meu. E têm umas colunas portáteis que têm um som muito bom. E têm uns ténis que podem ser melhores do que os meus. Não estou a dizer que não os possam ter, mas no momento em que

têm dificuldades básicas, de necessidades básicas, e investem noutras coisas que são secundárias.”

Telemóvel e computador são os media eletrónicos mais importantes. O iPhone permite fazer quase tudo o que um computador faz e sublinha que “cada vez mais o computador é substituível pelo telemóvel”, mas também acha que o computador já substitui a televisão.

Carrega o telemóvel todas as noites durante toda a noite, pois de outra forma não tem bateria para todo o dia seguinte. Por vezes leva o carregador (nos dias em que acha que irá usar mais) e faz a gestão das aplicações, do histórico e da luminosidade quando se encontra em situações urgentes. Usa-o como despertador e logo que acorda vai para a casa de banho (onde consegue apanhar internet) ver o Facebook e o Instagram. Responde a mensagens durante as aulas quando acha que são urgentes (que pode ser alguém a querer convidá-la para um café). Também faz os resumos da matéria no telemóvel, e não em papel, e nos testes chegam a mandar mensagens a perguntar quais são as respostas às questões x ou y. Começou a usar a internet quando começou a usar o Facebook – 12/13 anos – primeiro no computador e mais tarde (15 anos) no telemóvel.

4º retrato

Rapaz, nasceu em Cabo Verde, mas vive em Portugal desde os 10 anos. Estuda numa escola pública. Vive com a mãe, que tem 39 anos e é empregada doméstica (tem o 1º ciclo). Pratica Kung Fu, pois gosta muito de artes marciais. Tem computador, televisão e telemóvel e não parece valorizar muito os media eletrónicos. Diz que quem tem mais media eletrónicos acaba por valorizá-los mais, pois usa mais.

A mãe chama-lhe a atenção por ele ver tanta televisão e passar tanto tempo ao computador, mas ele refere que fora isso (ver televisão e usar o computador), não tem nada para fazer.

Teve o seu primeiro computador há dois anos, porque pediu para poder fazer os trabalhos (uma tia viajou e deu-lho). Entretanto aquele estragou-se e a mãe trouxe outro da patroa que já não estava a utilizar, mas só dava mesmo para fazer trabalhos. Ambos eram de torre. Agora tem um mais recente, portátil de que gosta bastante porque permite-lhe ter jogos com muitos gigas e os gráficos no máximo, para além de não encravar. Recebeu o primeiro telemóvel por volta dos 10/11 anos, que lhe foi dado para que pudessem saber se estava bem e onde estava. Até agora teve 3 telemóveis.

A mãe usa muito pouco o telemóvel (neste momento nem tem) e por vezes usam o Skype para falar com os familiares.

A mãe não lhe coloca regras, mas ele impõe-se algumas (por exemplo, não atende quando está a almoçar ou jantar e por vezes desliga os media eletrónicos e vai fazer algumas tarefas da casa).

Tem uma Nintendo, mas já não fazem jogos para a que ele tem. Tem uma Wii, mas não lhe achou graça e quer devolver. Acha que os media eletrónicos não gastam muita energia porque são pouco usados ou estão desligados quando não estão em uso (o computador e a televisão são desligados na ficha). Só a box é que está sempre ligada porque acha que não gasta muito e demora muito tempo a ligar de novo.

Em termos de cuidados com o consumo, mãe e filho lembram cuidados um ao outro. Têm lâmpadas economizadoras, mas é frequente que ele tenha o computador e a televisão ligados ao mesmo tempo.

Aprendeu a utilizar o computador na escola a partir do 5º ano (em particular nos anos a seguir e no 9º ano quando teve aulas de Tecnologias de Informação e Comunicação) e com uma prima, que tinha computador. Também teve um amigo que gosta muito de informática e que também o ajudou a aprender a utilizar o computador (instalar e desinstalar programas, etc.). Refere a importância do YouTube para aprender a fazer coisas, porque permite ver como se faz. A aprendizagem do telemóvel foi semelhante à do computador, através de familiares e amigos.

Considera que usa os media eletrónicos menos do que os colegas, pois vê-os sempre agarrados ao telemóvel e ao computador: “na escola estão sempre nos telemóveis e se não estão nos telemóveis, se não estão nos portáteis em casa, estão sempre nos telemóveis também. Podem não utilizar muito o portátil para ir às redes sociais mas estão sempre nas redes sociais através do telemóvel.” Critica alguns amigos pelo que considera um uso exagerado: “porque às vezes estou com uma amiga, estamos os dois, e ela até a andar está com o telemóvel (...), está sempre com o telemóvel. É que é o dia inteiro! Chega à escola, sai da escola, sempre a enviar mensagens com o telemóvel, eu disse «qualquer dia ainda cais!» a brincar com ela.”

Refere que sentiu a mudança da presença do telemóvel a partir de 2001 e 2002, pois antes brincavam e jogavam mais. Ele considera que ainda mantém essas práticas, mas mostra-se preocupado com os mais jovens e o efeito que os media eletrónicos podem ter sobre eles: “sim, vão ficar muito presos neles mesmos, só através de mensagens e às vezes também redes sociais... e às vezes também traz alguns problemas, às vezes podem conhecer alguém que é um

anónimo, numa rede social, como já tem acontecido há tempos atrás, depois vão encontrar-se e pronto, acontece-lhes alguma coisa.”

Usa a televisão e o computador diariamente. O que usa menos é o telemóvel. Usa pouco o telemóvel porque já é muito antigo: “não porque não é daqueles telemóveis touch de agora. Tenho este telemóvel há quê? 5 anos? Por isso... é daqueles antigos, mas se eu tivesse um destes de agora se calhar usava um bocadinho mais, um pouco mais”, e refere que gostaria de ter internet no telemóvel. Não está muito satisfeito com o seu telemóvel porque é antigo e quando o comprou não tinha muita informação e não ligou a questões como a memória ou a qualidade da máquina fotográfica (comprou-o porque o achou giro). Em contrapartida, a bateria dura muito tempo (só dura menos quando utiliza o telemóvel para jogar).

Não usa media eletrónicos desde que se levanta até chegar a casa da escola, exceto quando usa o computador da escola.

Não fica muito preocupado perante o cenário hipotético de ter de deixar media eletrónicos, desde que o rádio e o telefone fixo se mantenham. Refere que se podiam contactar por carta e que “pelo menos estavam todos mais comunicativos socialmente. Pelo menos isso.”

5º retrato

Rapariga, tem 15 anos e vive com os pais (que são originários de África). Está no 10º ano numa escola pública. O pai tem 50 anos (tem o 12º ano de um curso profissional) e a mãe tem 39 (7º ano e é cozinheira). Tem oito irmãos, mas alguns estão em Londres a estudar e trabalhar.

Gosta muito de ver televisão – sobretudo séries, BBC e MTV – e também usa o computador (Facebook, falar com os amigos, seguir os ídolos, jogar), mas muito menos. Sente-se muito atraída pela televisão.

Têm duas televisões em casa (uma na sala e outra no quarto dos pais). Já tiveram na cozinha, mas estragou-se e como a mãe achava que prejudicava as refeições, não foi substituída. Ela gostava muito de ter uma no quarto, mas não tem. Para além das televisões, têm rádio com colunas, DVD e a Wii. Têm dois computadores fixos e Mp3. Já tiveram um tablet, mas estragou-se e não considera essencial que seja substituído. Diz que é mais prático do que o computador, mas que podem usar o computador em alternativa. A mãe utiliza o telemóvel, mas só no essencial. O pai tem mais curiosidade em aprender e pede conselhos aos filhos.

A mãe tem uma postura positiva em relação à tecnologia, mas acha que é um problema estarem sempre a sair coisas novas e, muito embora as pessoas tenham coisas ainda funcionais, estejam

sempre a pensar em comprar algo mais recente: "A minha mãe acha que esse é o problema das tecnologias, gasta-se muito dinheiro a pensar o que o outro tem... pronto, [o que tem] é bom, mas já quer o outro porque é melhor, tem mais coisas, mais aplicações, mais jogos. Muitas coisas." Também acha que os media eletrónicos distraem os filhos do estudo.

Teve o primeiro telemóvel só dela já com 15 anos (a partir dos 13 a mãe emprestava-lhe às vezes um para levar para a escola). Insistiu muito para ter um só para ela, para poder ter privacidade e por considerar que na sua idade já é difícil não ter, quando todos têm: "sim, insisti, já estava naquela idade, «epá...», eles queriam que eu continuasse mais até que chegasse a idade de trabalhar, mas não vamos chegar a essa altura que já estamos no século XXI, já não há mais disso. Eu vi toda a gente a ter. Eu ficava só com o telemóvel da minha mãe por um período de tempo, não era o suficiente. Gostaria de ter o meu mesmo para ter a minha privacidade. Então eu aí insisti e eles lá me deram." Queria que fosse um touch e é, mas já está a dar alguns problemas, pois encrava muito (acha que pode ser das aplicações que tem).

O computador recebeu-o aos 12/13 anos e era do programa e-Escola. Entretanto estragou-se e os pais compraram-lhe outro. Passou a ter internet em casa entre os 11/13 anos, quando a irmã recebeu um portátil com banda larga.

É uma grande utilizadora de televisão e em particular do envio de mensagens pelo telemóvel (é muito criticada em casa porque passa muito tempo a enviar mensagens em vez de estar com a família). Acorda com o telemóvel como despertador e depois liga a televisão para ver a meteorologia. Quando vai no autocarro ouve música no telemóvel. Durante o dia envia algumas mensagens e no regresso ouve música de novo e envia algumas mensagens. Quando chega a casa coloca o telemóvel no quarto e vai ver televisão ou ouvir música (só se tiver que estudar é que vai ao computador). Ao fim de semana levanta-se mais tarde e vê televisão.

Para a família tende a ligar e para os amigos envia mensagens: "Os amigos é mais as mensagens que eles agora têm a mania que não gostam de falar ao telefone, então pronto. Não vale a pena ligar é logo uma mensagem instantânea eles já responderam e já está".

Acha que os mais novos ainda vão ser mais marcados pelos media eletrónicos e dá o exemplo do irmão: "Às vezes ele está a jogar e nós temos vontade de lá ir. Domina. É como o computador do meu pai, como disse, essas novas crianças que estão a nascer estão no meio de tecnologias. Bastantes. O meu irmão consegue mexer no computador, mais do que o meu pai. Ele consegue. Tem 5 anos, só e vê-se. Só olhando para nós, [para] ele já é suficiente. Ele chegar ao computador do meu pai, ligar, ir na internet e começar a jogar. Ele ao ponto de fazer isto e

chegar até lá. Eu às vezes fico surpreendida mas... é de se imaginar. Há aquela mania de querer fazer igual e então pronto.”

Crítica o facto dos media eletrónicos atuais serem mais frágeis do que os mais antigos: “a minha mãe, ela tem o telemóvel de teclas, não tem um touch e está com esse telemóvel há um bom tempo. E até agora não estragou. Agora vamos ver... um tátil chega a um tempo que ele para de funcionar bem. Ou vai e cai ao chão e já começa a ter problema. São mais sensíveis. Agora fazem mesmo de maneira, ou às vezes estão a fazer de maneira, que chega a um prazo que aquilo já não funciona mais. Há que se comprar um novo que eles dizem que duram mais tempo.”

Quando compra um equipamento valoriza a marca, e gosta de já a conhecer e saber que é boa. Também valoriza a qualidade, o aspeto e as funcionalidades, quantas mais melhor.

O pai preocupa-se mais com a poupança de energia e a mãe mais com a água. Recentemente implementaram algumas práticas para reduzir o consumo de energia – por exemplo, desligar a televisão na ficha. Também têm tomadas de corta-corrente em toda a casa, mas confessa que por vezes se esquece de as usar. Têm a regra de desligar tudo (televisão, jogos) às 22h durante a semana.

6º retrato

Rapariga, tem 15 anos, estuda num colégio privado e vive com os pais e com uma irmã de 5 anos. A mãe é dona de casa (tem o 4º ano) e o pai é licenciado em engenharia e trabalha por conta de outrem. Têm 3 televisões, três computadores e um tablet. Ela tem um computador portátil e o telemóvel. Há televisões em quase todos os quartos menos no dela, porque ela tem que estudar e acha que é melhor assim, mas durante as férias pode utilizá-la. O computador fixo está sempre ligado, para o caso de quererem ir ver qualquer coisa.

O pai não gosta que ela tenha o telemóvel com ela quando está a estudar, porque acha que ela se distrai (e ela concorda que se desconcentra um pouco sempre que chega uma notificação ou uma mensagem). Existem regras pois não podem usar durante as refeições e quando está a ajudar a mãe ou a estudar com o pai tem que deixar o telemóvel de lado. Mas não há horários fixos, nem número de horas, ainda que haja uma hora específica para deitar. Os pais criticam o facto de ela estar sempre com os media eletrónicos e acham que devia era socializar mais.

Teve o primeiro computador – Magalhães – ainda durante o primeiro ciclo. Foi nessa altura que aprendeu a usar o computador. Usava para jogar e para fazer os trabalhos da escola (levava

para a escola para a professora lhes ensinar). Mas antes disso, quando ia para casa da madrinha, também já tinha tido algum contacto com computadores, pelo que não lhe foi difícil compreender o Magalhães. Antes disso o pai trazia o do trabalho, mas ela não usava. Quando o Magalhães se estragou passou a usar o fixo da casa e há cerca de um ano recebeu o portátil que tem agora. O telemóvel foi-lhe oferecido quando foi para o 5º ano porque passou a ir de transportes com os colegas e os pais acharam melhor. Teve ao todo quatro telemóveis e este é o segundo com acesso a redes sociais (mudou o segundo telemóvel porque os colegas já tinham acesso às redes e ela também queria). Gosta mais do atual porque tem um ecrã maior e uma câmara frontal que permite tirar selfies.

A partir do 5ª ano também começou a aceder à internet (já tinha antes, mas não utilizava) para fazer os trabalhos de grupo. A madrinha ensinou-a a criar as redes sociais, o que também a levou a usar mais a internet. Em relação ao resto, diz que aprendeu tudo sozinha. Já lhe aconteceu explicar coisas aos pais, até porque é a utilizadora mais intensiva: "Às vezes o meu pai pergunta-me «como é que acedes ou fazes download disto» ou «como é que fazes isto» e às vezes eu vou lá explicar-lhe ao computador dele. Às vezes a minha mãe também me pergunta por exemplo, como é que eu corto uma fotografia ou faço uma montagem e eu explico-lhe algumas coisas."

Acha que para os jovens é muito importante estar atualizado e saber o que se está a passar no momento, daí que ter um telemóvel recente seja importante para poder aceder a todas as funcionalidades e possibilidades.

Ainda que nunca tenha ouvido comentários, reconhece que sente alguma pressão por estar numa escola onde as pessoas são mais ricas que ela e muitos têm iPhones, que é o telemóvel que ela gostava de ter, mas não tem (tem um android do qual diz gostar muito): "Talvez agora aqui nesta escola, porque são pessoas mais ricas (eu andava numa escola pública), eu senti que se calhar era um bocado diferente dos outros, porque eles têm iPhones e eu não. Continuo a não ter, mas não sei, é diferente. Na minha escola antiga não era assim. Não havia essa pressão." (...) "Um iPhone, porque é um telemóvel diferente, apesar de ser mais caro, toda a gente quer ter um. Eu acho que toda a gente quer ter um iPhone".

Usa os media eletrónicos para procurar coisas do seu interesse, para fazer trabalhos e para aceder às redes sociais. Quando faz resumos ouve música, mas quando está mesmo a estudar fica no silêncio.

Não se considera uma grande utilizadora dos media eletrónicos (apenas usa um pouco mais ao fim de semana). Durante a semana refere usar por volta de uma hora, até porque tem que

estudar. O media eletrónico mais importante para ela é o telemóvel porque permite fazer muitas coisas, em particular desde que passou a ter acesso à internet. Usa todas as funções do telemóvel, mas valoriza mais poder enviar mensagens e fazer chamadas. Usa todas as restantes funções, mas acha que estas são as básicas e mais importantes. Considera que o computador é mais fácil de utilizar (é maior, tem um teclado, etc.), mas usa mais o telemóvel.

O telemóvel é o despertador e vai logo ver se tem notificações. No caminho para a escola (ida e vinda) usa um iPod para ouvir música. Durante o dia de aulas costuma ir à internet em alguns intervalos. Durante o almoço preferem conviver (mas refere que também não costuma conseguir aceder à rede onde almoçam, mas os colegas conseguem). Quando chega a casa liga a televisão para não se sentir sozinha, mesmo que vá estudar. Depois de fazer os trabalhos, se tiver tempo vai ao computador falar com os antigos colegas da escola onde andava antes ou vai às redes sociais. Utilizam o rádio e a televisão como companhia, porque vivem numa zona onde há algum receio de assaltos. Assim é uma forma de não se sentir sozinha: "Porque eu vivo num sítio em que há o medo de assaltarem [a casa] e eu prefiro estar com algum som quando estou sozinha, que é para não me sentir tão sozinha e não ter tanto medo. Normalmente ponho uma série, algo com imagem para ter a sensação de companhia".

Há cerca de três anos teve a Wii e jogava bastante, principalmente ao fim de semana e nas férias. Agora já não joga tanto porque acha que já não tem jogos para a idade dela. Gostava de ter tido uma PSP, mas nunca teve. No verão costuma usar muito mais o computador e o telemóvel, ainda que saia com os amigos em diferentes programas e interaja com os primos.

Raramente se esquece do telemóvel, pois tem uma relação muito próxima com o aparelho: "Normalmente o telemóvel está sempre ao pé de mim, mas eu sinto, eu sinto. Quando não tenho o telemóvel, quando me esqueço de algo eu sinto, porque é como se eu não tivesse algo ao pé de mim e então... É uma sensação... como ele está sempre ao pé de mim, quando ele não está no bolso é uma sensação e então eu lembro-me". Quando fica sem bateria considera que é muito chato, mas arranja forma de avisar a mãe de que isso aconteceu.

Considera que estar sem acesso à internet é disruptor: "quando vou de férias, às vezes acontece não apanharmos net nalgum sítio e é um bocado chato, porque só temos televisão. Às vezes não há nada para fazer. Mas é complicado quando não temos net. Não posso falar com ninguém, não tenho nada para fazer, é aquela sensação «estou sozinha, sou uma desatualizada» é só isso. É essa sensação".

Os pais chamam-lhe a atenção quando ela deixa as luzes ligadas e costumam falar sobre os custos associados nesse contexto. Em geral os equipamentos domésticos estão em standby e só são desligados quando vão de férias.

Refere as radiações como um risco para a saúde, mas acha que os media eletrónicos não colocam um desafio ambiental maior do que outras áreas da vida: "Acho que qualquer coisa está associada ao problema ambiental, porque tudo tem algo retirado da natureza, por isso acho que não são só os media eletrónicos".

Não sentiu muito a crise, pois a família sempre foi poupada. Nunca foram de gastar muito, mas sabe de colegas que passaram por fases complicadas: "Acho que às vezes alguns colegas meus do ano passado sentiam-se mais em baixo porque diziam «Ai eu agora não posso ir às compras» e nós compreendíamos, mas sim, alguns dos meus colegas passaram por fases complicadas".

7º retrato

Rapariga, tem 15 anos e estuda num colégio privado. Vive com a mãe (que é secretária da direção de uma empresa de energias renováveis e tem o 12º ano), o padrasto (que é agente comercial) e um irmão do novo casamento da mãe. O pai é estafeta e tem o 12º ano.

Possui um computador, uma televisão e um telemóvel que são só dela. Em casa têm uma televisão grande na sala e home cinema, para além da consola do irmão. A mãe tem um iPad que todos usam. Teve o primeiro telemóvel aos 8 anos (só fazia e recebia chamadas e foi-lhe oferecido porque os pais já não se estavam a dar muito bem e assim era uma forma de conseguir falar com os dois) e o primeiro computador aos 12 (foi oferecido pelo pai para ela fazer apresentações orais – antes usava o da mãe).

O último telemóvel que teve durou 5 anos e só foi trocado porque as teclas começaram a saltar. A mãe referiu que o novo (que é muito atual) tem que durar até ela ir para a faculdade. Já teve 4 telemóveis (sendo que o segundo foi rapidamente roubado).

Há sempre uma certa contenção de custos (se é para comprar alguma coisa) e a mãe estabelece limites.

Não pode usar o telemóvel à mesa e também não pode usar durante muito tempo. Como a mãe sabe que ela usa muito o computador para estudar, não existem tantas regras, mas a televisão é só mesmo se não tiver que estudar.

Retira sempre o carregador da ficha, após carregar o telemóvel e só o coloca a carregar quando fica mesmo sem bateria. Devido à ocupação profissional da mãe, têm bastantes cuidados em casa com a energia.

O seu anterior telemóvel, que já tinha há cinco anos, chegou a ser criticado pelos colegas (já lhe saltavam peças), mas ela refere que não se importava: “aquele dava para aceder à Internet mas muito lentamente. Não me importava. Para já, era a minha cor favorita, cor-de-rosa, e depois era muito básico e não tinha metade do uso que tenho hoje do telefone. Dava para ouvir música e tal, mandar umas mensagens mas nunca quis saber muito.” Diz que sempre lhe incutiram o valor de que os equipamentos são para durar e critica os colegas que num dia têm um equipamento novo, estragam-no rapidamente e ganham logo outro a seguir: “Tenho colegas meus que partem o telefone hoje e amanhã têm um novo. A mim sempre me foi incutido que aquilo que me for oferecido tem de durar, por isso é que ele durou. Só mudei mesmo porque saltaram as teclas”. Os que têm telefones antigos são por vezes criticados: “sim, às vezes eu acho que são gozados mas eu não gozo porque tive um telefone daqueles. Mas sinto, sim, que colegas meus são gozados. Mas acho que temos sempre que ver o lado da outra pessoa. (...) Não sabemos se [não] tem possibilidades ou [se] aquele telefone foi herdado. Nós nunca sabemos porque aquela pessoa... Não estamos em posição para criticar. (...) Há colegas meus que têm um assim mais antigo porque querem. É daqueles que pode cair ao chão trinta vezes e continuam bons. Outros que queriam um telefone bom mas os pais ofereceram aquele «agora tens de esperar para ter um novo». Acho que há as duas coisas.” “Às vezes estamos a tirar uma fotografia ou uma coisa assim e «epá esse telefone é da idade da pedra ou uma coisa assim». (...) sim, é mais esses comentários «o teu telefone da idade da pedra, já não tem...».

Critica os colegas que tem telefones muito caros e com muitas funções, porque considera que para a idade deles e para o uso que dão, não necessitam de algo tão avançado. Refere que têm porque está na moda e não porque precisem ou façam um bom uso: “Aqui, não na minha turma mas tenho muitos colegas meus que têm assim, por exemplo, o iPhone saiu ontem e hoje já têm. E tinha o anterior, que saiu há seis meses. Há aquele exibicionismo de já tenho um novo, já tenho um melhor. Eu não ligo, mas há pessoas assim.” Diz que tem colegas que “ainda há pouco tempo receberam um [telemóvel] parecido com o meu e agora já têm iPhones”. Por vezes não precisam ou não usam muito, mas querem ter porque “é fashion”. Ou “só porque é mais recente ou mais giro”.

Tem um certo saudosismo do século XX por causa de uma série que vê e acha que nessa altura as pessoas comunicavam mais e passavam mais tempo em família: “A família era muito mais unida e tinham mais tempo juntos e tempo de qualidade e para fazer coisas juntos e passearem

e jogarem, jogos de tabuleiro. Acho que era mais giro. Ok, era trabalhoso, muitas coisas como eletrodomésticos que há agora não havia mas acho que acabava por ser muito melhor porque as pessoas mesmo não estando juntas todos os dias havia a preocupação e [podia-se] mandar uma carta e saber como a pessoa estava. Agora temos os telefones e a pessoa está lá longe e falamos de três em três meses e está bom.”

No futuro acha que cada vez se vai usar mais a tecnologia e acha que isso não é necessariamente bom. Pode haver coisas que se tornem mais fáceis, mas refere que há muitas coisas que se perdem e dá o exemplo do irmão que com 10 anos, já praticamente não lê um livro, ao passo que ela devorava livros.

Acha que no futuro os equipamentos vão gastar menos energia, mas a fatura poderá manter-se igual, pois se calhar as pessoas vão comprar mais coisas.

Não teve grandes dificuldades a lidar com os seus telemóveis e acha que a bateria do seu novo telemóvel se gasta muito mais depressa do que a do anterior, mas também reconhece que usa muito mais. “Mas pronto, já estou habituada, já sei como tenho de gerir para que a bateria dure o dia todo.” Procura fazer a gestão da bateria porque vai sozinha para casa e a mãe costuma ligar-lhe ao fim da tarde. Carrega a bateria todos os dias, exceto ao sábado (porque ao fim de semana diz quase não usar o telemóvel).

Associa aos media eletrónicos entretenimento e informação, mas também sublinha os seus perigos, por exemplo, pelo uso excessivo. Gosta de ver o telejornal todos os dias para estar informada e usa as redes sociais para falar com os amigos, mas este ano criaram (ela e os colegas) um grupo para estudarem através das redes sociais e disponibilizam lá fichas informativas. Também refere que é uma boa forma de comunicar com o pai, que tem horários diferentes.

Em termos de media eletrónicos, os mais importantes são a televisão, o computador e o telemóvel. Considera que usa menos os media eletrónicos do que os colegas: “Há aquela preocupação de a cada momento têm de escrever qualquer coisa no Facebook ou pôr uma fotografia ou pôr qualquer coisa. Sinceramente ponho fotografias muito ocasionalmente, só mesmo quando me pedem ou qualquer coisa do género, acho que não tenho aquela necessidade. Uso as redes sociais, sim, maioritariamente no telefone e uso o meu telefone durante o dia mas não é constantemente.”

De manhã não usa media eletrónicos e normalmente só consulta o telemóvel por volta das 10h, durante o primeiro intervalo. Durante o dia não usa muito, mas quando ao fim do dia vai estudar, muitas vezes tem o computador ligado ou o telemóvel para ver se há alguma coisa

nova na página do colégio (onde os professores podem colocar coisas para eles) ou para poder consultar os conteúdos do grupo que criaram para estudarem em conjunto.

Ao fim de semana usa mais o computador porque estuda durante mais horas e quando não tem que estudar (o que é raro) aproveita para ver filmes e séries. A televisão do quarto é também para ver as séries que não pode ver na televisão da sala porque o irmão está lá a ver bonecos. Ao fim de semana não costuma falar ao telemóvel com os colegas e nas férias costuma estar mais com os amigos e não usa tanto os media eletrónicos.

No telemóvel o mais importante são as mensagens, aceder à internet e ouvir música. Em termos de aplicações, usa essencialmente aquelas que têm ligação à escola. Prefere mandar mensagens a ligar, porque não gosta da sua voz e porque grande parte das pessoas da família trabalha e não podem atender. Assim, envia mensagens e eles respondem quando puderem. Com os amigos por vezes liga, principalmente quando estão a fazer trabalhos. Não fica muito ansiosa se por acaso se esquece o telemóvel. Tenta é avisar a mãe (pede a um colega).

Já sentiu necessidade de se desligar e ao fim de semana, se não tem que estudar ou mesmo quando tem, muitas vezes desliga o telemóvel e o computador (neste caso, mais quando não tem que estudar: “Agora quando temos de estudar, o telefone está sempre a tremer, é o não sei o quê do Facebook, depois das mensagens... desligo tudo. Na segunda-feira quando ligo logo vejo o que me mandaram.”

Em termos de receios, refere que há sempre a possibilidade de alguém aceder ao seu telemóvel ou aos seus equipamentos: “esta coisa do Big Brother quando as pessoas.... Tudo bem é o nosso equipamento e nós é que utilizamos mas há sempre alguém que pode aceder ao que estamos a fazer. Isso assusta-me um bocadinho, mas tirando isso não. Uso bem. De facto não estou a usar e a pensar nisso mas de vez em quando penso com as coisas que se ouvem na televisão, as chamadas intersestadas e alguém que viu o histórico... de vez em quando preocupa-me”. Tem um desbloqueio com código. Já falaram sobre as questões da segurança dos equipamentos elétricos e eletrónicos nas aulas de informática.

8º retrato

Rapariga, tem 15 anos e estuda num colégio privado. Vive com os pais e o irmão mais novo (13 anos). Os pais têm ou estão a tentar obter o doutoramento (não sabe bem). A mãe trabalha na área do marketing e o pai faz projetos na área do desporto, trabalhando muito com outros países.

Tem um telemóvel, um computador portátil, uma televisão no quarto e uma câmara de filmar. Há mais três televisões em casa (no quarto dos pais, do irmão e na sala, que é a mais usada) e todos têm computadores portáteis. Têm um iPad e uma máquina fotográfica (do pai). Têm duas consolas de jogos (uma dela e outra do irmão), mas ela já não a usa (porque se chateia de estar a ligar aquilo tudo, pelo que quando quer jogar vai à do irmão).

Os pais criticaram o tempo de utilização que ela dá aos media eletrónicos e por essa razão ela começou a impor-se limites e regras, como não os usar às refeições ou quando está a falar com alguém. O irmão é um grande utilizador (por exemplo da consola), mas os pais controlam-no menos (faz desporto e a escola ainda não é tão exigente). Os pais nunca impuseram limites às horas de utilização, mas ela acha que o ideal é ser ela própria a descobrir o que é equilibrado e o que não é. Refere que a mãe não lhe permite deixar o telemóvel ligado durante a noite por causa das radiações.

Teve telemóvel pela primeira vez no 5º ano porque pediu aos pais (os outros tinham), mas usava muito pouco. Depois teve vários telemóveis, sendo que atualmente tem um iPhone5. Recebeu o primeiro computador quando estava no 2º ciclo, mas depois instalou alguma coisa e ele estragou-se. Agora tem um Toshiba (ambos portáteis).

Critica a forma como os mais novos usam os media eletrónicos e as redes sociais. Acha que não faz sentido crianças terem iPads e que é importante que eles compreendam a importância de gerir o tempo para as diferentes coisas. Está também muito preocupada porque há cada vez mais crianças a utilizarem redes sociais e ela considera que estas podem ser perigosas e que é preciso ter um conjunto de cuidados, nomeadamente, com quem se fala: "Eu por exemplo, não falo com pessoas que não conheço nas redes sociais. Só falo com pessoas que conheço ou já as tenho na rede social há muito tempo e sei mais ou menos como é que elas são. Mas os mais novos não têm tanto essa noção, por isso é mais preocupante. Cada vez há mais pessoas a usar as redes sociais como maneira de chegar às outras pessoas. Acho que aí é que devíamos ter mais atenção e não tanto no tempo."

O pai ensinou-lhe a usar o Facebook e informou-a de todos os cuidados que deveria ter para evitar problemas (não colocar fotos, não falar com pessoas que não conhece, etc.). Costuma falar sobre o assunto com os colegas, principalmente por verem tantas crianças com iPads e iPhones.

Critica um pouco as pessoas que estão mais viciadas nos media eletrónicos: "Tenho amigas minhas, nós víamo-nos muitas vezes quando andávamos na mesma turma, mas agora que já não estamos, há vezes que nos vemos e eu tento, pelo menos, não usar tanto os aparelhos

eletrónicos para aproveitar o tempo que temos juntas, mas eu vejo que elas às vezes não conseguem aguentar e têm que ir às redes sociais e eu acho que elas são um bocadinho viciadas”.

Utiliza os media eletrónicos para fazer trabalhos, para o entretenimento (ouvir música, ver séries e filmes). Os mais importantes são o telemóvel e o computador.

De manhã por vezes vai verificar se tem mensagens ou notificações pois há colegas que “parece que nunca dormem”. Por vezes liga o rádio para ter companhia quando toma o pequeno almoço e quando está na escola vai ver o telemóvel frequentemente (está inscrita em várias redes sociais), mas nunca durante as aulas, pois não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo, nem sabe como é que os colegas conseguem.

Ao almoço não costuma usar, porque tem esse hábito em casa. Quando chega a casa muitas vezes vai ao computador para trabalhar ou vai para o iPad ver vídeos ou para o telemóvel para as redes sociais. Diz que usa o telemóvel entre uma hora e meia a duas horas por dia. Só pode deixar o telemóvel no quarto se ele estiver em modo de voo por causa das radiações.

Ao fim de semana tende a usar mais porque os amigos também andam mais pela internet. Usa mais o iPad e o Skype e Snapchat se for para coisas mais longas. Usa cerca de 4 horas, mas uma parte pode ser para trabalhos da escola (quer no iPad, quer no Skype). Quando está com a família ao fim de semana, não usa telemóvel nem outros media eletrónicos. Nas férias tende a usar mais as redes sociais, mas por vezes também usa as férias para tirar férias das redes e fica mais a ver vídeos para se manter a par das tendências.

Começou a ter Facebook no 7º ano, mas no ano passado deixou, pois descobriu outras redes (gosta mais do Twitter) e muitas das pessoas com quem se comunicava também já não estão lá. Refere também que a família se juntou, o que também não foi favorável à sua continuação na rede.

Passou a usar menos os media eletrónicos por pressão dos pais, mas também porque reconheceu que estava a gastar muito tempo (deu conta quando as notas começaram a baixar): “eu acabei por perceber que isso me tirava muito tempo e então comecei a usar menos. Continuei a usar, mas a usar menos. E também aprendi a dividir o tempo, o tempo que estou, o tempo de lazer e o tempo de trabalho, porque eu o ano passado confundia os dois tempos e estava a estudar e recebia uma mensagem e respondia logo. E agora não, se estou a estudar tenho o telemóvel no silêncio e quando acabo de estudar vou ao telemóvel ou aos outros equipamentos.”

Quando teve o primeiro telemóvel ainda leu o manual, mas desde então tem usado mais a experiência de pessoas que já têm, ou o facto de já ter visto outros a usarem. Também usa o YouTube para aprender e considera que a transição para o touch foi muito fácil. Quando tem dúvidas sobre algo pergunta ao pai ou a alguém de confiança que domine a área. Também faz pesquisa no YouTube.

Considera que o mais importante do telemóvel é poder comunicar com as pessoas, mas gosta muito do facto do iPhone lhe permitir fazer muito mais do que isso: "Com o telemóvel faço chamadas, envio mensagens, acedo às redes sociais (que estão aqui nem é preciso ligar o computador). E coisas da escola assim rápidas. Quer dizer, uma apresentação não é rápida, mas assim coisas pequeninas também dá para fazer. Também oiço música e tiro fotos." De qualquer modo, a forma como prefere comunicar com os amigos é através das redes sociais (chats).

Gosta muito do telemóvel que tem, pois foi ela que escolheu "tem tudo e está perto de tudo". A única questão que a preocupa é que, como tem muitas fotos, por vezes fica com a memória cheia. Considera importante ter um modelo atualizado para poder aceder às coisas de forma rápida. No telemóvel valoriza a duração da bateria, a memória, o design e a possibilidade de usar capas. Também considera muito importante que, sendo touch, funcione bem ao toque. Nunca criticaram o seu telemóvel, mas já ouviu críticas a outros telemóveis, principalmente colegas que têm ou preferem ter telemóveis mais antigos.